



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

TÂNIA CARLA DA SILVA MONTEIRO

**FILIGRANAS DA MEMÓRIA: A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS DE
HISTÓRIAS DE VIDA NA EJA – Vol I**

BELÉM
2018



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

TÂNIA CARLA DA SILVA MONTEIRO

**FILIGRANAS DA MEMÓRIA: A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS DE
HISTÓRIAS DE VIDA NA EJA – Vol I**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), área de concentração “Linguagens e Letramentos”.

Orientador: Prof. Dr Thomas Massao Fairchild

BELÉM
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M772f Monteiro, Tânia Carla da Silva.
FILIGRANAS DA MEMÓRIA: A CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIAS DE VIDA NA EJA / Tânia Carla da Silva Monteiro. — 2018.
305 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Thomas Massao Fairchild
Dissertação (Mestrado) - Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

1. Memória. 2. Consciência. 3. Narrativa. 4. Produção escrita. 5. EJA. I. Título.

CDD 400

TÂNIA CARLA DA SILVA MONTEIRO

**FILIGRANAS DA MEMÓRIA: A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS DE
HISTÓRIAS DE VIDA NA EJA – Vol I**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), área de concentração “Linguagens e Letramentos”.

Orientador: Prof. Dr. Thomas Massao Fairchild

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thomas Massao Fairchild
Presidente – Universidade Federal do Pará

Prof. Dr^a. Sulemi Fabiano Campos
Membro externo – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof^a. Dr. Fernando Maués de Faria Jr.
Membro interno – Universidade Federal do Pará

Dedico este trabalho às pessoas que são a minha base, sem as quais eu nada seria: minha mãe Jacinira, meu marido Marcelo, meus filhos Luigi e Maísa e minhas irmãs Thaís, Vânia e Soraia

AGRADECIMENTOS

Para que uma “missão”, como foi este trabalho, seja cumprida, nunca se trabalha sozinho. É necessário muito conhecimento, investimento de tempo e recursos, estímulo, garra e fé. E para que tudo isso se junte e possa convergir para o resultado final, contamos com muitas pessoas e instituições que, por diversas razões, se dispõem a contribuir. Assim, quero – com imensa gratidão e humildade – agradecer a cada uma delas. Agradeço

Ao meu Deus, que sempre conduziu todos os meus planos e fez o impossível acontecer quando o meu possível não era o suficiente.

A minha mãe, minha heroína, de quem todos os sacrifícios resultaram no meu acesso à educação.

Ao meu amado marido, cujo amor, companheirismo e apoio foram minha força nos momentos mais necessários.

Aos meus amados filhos, pela paciência com a minha ausência, nesse período.

A minha amada família, por sempre estar disposta a me ajudar. Especialmente Thaís, Vânia, Ivaldo, Soraia, Adriana e Heliton.

A Família Ruth Almeida, pelo apoio em todas as suas formas.

Aos meus queridos amigos Patrícia Campos, Dilma Lisboa, Ronaldo Nogueira e Andreza Pereira, pela amizade sincera e disposição em ajudar e compartilhar conhecimento.

A todos os queridos colegas de turma, pelas maravilhosas tardes que muito contribuíram para que a pressão do curso fosse suportável.

Aos meus alunos, filhos do coração, que direta ou indiretamente, me ajudaram.

A todos os competentes professores do Mestrado Profissional em Letras, que, com maestria, compartilharam um pouco do seu conhecimento com a turma.

A minha querida Cláudia, que sempre nos atendia com gentileza e solicitude.

Ao meu exigente e competente orientador, pela condução singular na realização desse trabalho e pela compreensão de sempre.

Aos membros da banca, pelas contribuições que aperfeiçoaram esse trabalho.

As Coordenações regional e nacional do Profletras, pela organização e apoio ao longo de todo o curso.

A Capes, pela concessão da bolsa, que muito nos auxiliou.

A Secretaria Executiva de Educação do Pará, pela licença concedida.

RESUMO

A presente pesquisa foi realizada em duas turmas da EJA de uma escola da rede estadual localizada na periferia de Belém e trata da produção de narrativas de memórias pelos alunos. O enfoque teórico baseia-se no embricamento entre memória e consciência, de acordo com o embasamento fornecido pelas obras *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*, de Mikhail M. Bakhtin/Voloshínov (2014), e *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, de Ecléa Bosi (1994). Na obra de Bakhtin/Voloshínov, buscamos os conceitos de signo e consciência, e na de Bosi, o conceito de memória. Buscamos mostrar que essas noções se articulam à medida que, ao se reconstruir a memória, se procede à construção de discursos que refletem e refratam a realidade da sociedade na qual está inserido o sujeito. A questão norteadora é: *Como ensinar escrita por meio de narrativas de memórias de alunos da EJA?* O objetivo geral é contribuir para o aperfeiçoamento da escrita desses alunos, a fim de superar a resistência em relação a essa modalidade de produção de textos, levando-os a aprimorarem suas habilidades em relação ao uso da língua portuguesa. Como objetivos específicos, pretendemos: a) diagnosticar as dificuldades existentes na produção de textos; b) superar a resistência dos alunos em relação à narração dos fatos de sua vida na construção de suas memórias; c) desenvolver habilidades de reescrita para melhorar seus textos no que diz respeito à estrutura narrativa e ao conteúdo e d) discutir a situação paradoxal em que esses alunos se encontram, estando ao mesmo tempo incluídos e excluídos na sociedade. A metodologia adotada consistiu na realização de uma pesquisa-ação aplicada em dois momentos. Na primeira, a pesquisa-piloto, trabalhamos com: escrita, orientação individualizada, gravação de áudios das memórias e reescrita. Os resultados da pesquisa-piloto serviram para aperfeiçoar a pesquisa final. Na segunda, a pesquisa final, trabalhamos com: escrita, estudo da estrutura narrativa, leitura literária, gravação de áudio, correção textual-interativa e reescrita. Como resultado final, constatamos que é possível ensinar escrita por meio de narrativas de histórias de vida, uma vez que, ao se narrar, ao mesmo tempo em que reconstitui as filigranas de sua memória, o aluno aprimora suas habilidades linguísticas e reflete sobre si e sobre o *outro*, revendo as ideologias que formam sua consciência e seu espaço na sociedade.

Palavras-chave: Memória. Consciência. Narrativa. Produção escrita. EJA.

ABSTRACT

The present research was carried out in two classes of the EJA of a school of the state network located in the periphery of Belém and deals with the production of narratives of memories by the students. The theoretical approach is based on the bundling between memory and consciousness, according to the foundation provided by Bakhtin / Voloshinov (2014) and Ecléa Bosi (1994). In the work of Bakhtin / Voloshinov (2014), we seek the concepts of sign and consciousness, and Bosi's, the concept of memory. We try to show that these notions are articulated to the extent that, when the memory is rebuilt, we proceed to the construction of discourses that reflect and refract the reality of the society in which the subject is inserted. The guiding question is: How to teach writing through EJA student memories? The general objective is to contribute to the improvement of the writing of these students, in order to overcome the resistance to this type of text production, leading them to improve their skills in relation to the use of the Portuguese language. As specific objectives, we intend to: a) diagnose the difficulties in the production of texts; b) overcome the students' resistance to the narration of the facts of their life in the construction of their memories; c) develop rewriting skills to improve their texts regarding narrative structure and content, and d) discuss the paradoxical situation in which these students meet while being included and excluded in society. The adopted methodology consisted in the accomplishment of an action research applied in two moments. In the first, the pilot research, we work with: writing, individualized guidance, audio recording of memories and rewriting. The results of the pilot research served to perfect the final research. In the second, the final research, we work with: writing, study of the narrative structure, literary reading, audio recording, textual-interactive correction and rewriting. As a final result, we find that it is possible to teach writing through narratives of life stories, since, in narrating, while reconstituting the filigrees of his memory, the student improves his / her language skills and reflects upon himself and on the other, reviewing the ideologies that form their consciousness and their space in society.

Keywords: Memory. Consciousness. Narrative. Written production. EJA

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Comparativo dos fatos das duas versões da Aluna “A”.....	89
Quadro 2: Comparativo dos fatos das três versões da Aluna “B”.....	95
Quadro 3: Modelo básico de narrativa de memória.....	103
Quadro 4: Grade diagnóstica para avaliação do texto narrativo “Mem 5”.....	109
Quadro 5: Grade diagnóstica para avaliação do texto narrativo da “Mem 21”.....	110
Quadro 6: Personagens do texto “Mem 5”.....	135
Quadro 7: Espaço no texto “Mem 5”.....	138
Quadro 8: Tempo no texto “Mem 5”.....	141
Quadro 9: Organização do Enredo no texto “Mem 5”	146
Quadro 10: Ocorrências dos tipos de discurso na “Mem 5”.....	152
Quadro 11: Problemas linguísticos mais recorrentes “Mem 5”.....	153
Quadro 12: Assuntos e temas do texto “Mem 5”.....	154

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 PERCURSO TEÓRICO – A CAMINHO DO DIALOGISMO BAKHTINIANO	16
1.1 CRÍTICA ÀS DUAS ORIENTAÇÕES DO PENSAMENTO FILOSÓFICO-LINGUÍSTICO.....	19
1.1.1 Subjetivismo idealista	19
1.1.2 Objetivismo abstrato	20
1.2 A PERSPECTIVA DIALÓGICA.....	21
1.2.1 A consciência	28
2 A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA	35
2.1 O ENVOLVIMENTO DO PESQUISADOR NA MEMÓRIA DO PESQUISADO.....	35
2.2 TEMPO E MEMÓRIA.....	39
3 A LINGUAGEM EM AÇÃO NA COMPOSIÇÃO DOS TEXTOS DE MEMÓRIA	44
3.1 A DISTINÇÃO ENTRE AS AÇÕES LINGUÍSTICAS.....	44
3.2 A LINGUAGEM EM USO NO TEXTO: redação ou produção textual?....	46
3.3 E A ESCRITA, COMO DESENVOLVÊ-LA? COMO <i>DOM</i> , <i>CONSEQUÊNCIA</i> OU <i>TRABALHO</i> ?.....	51
3.4 REESCRITA NA ESCOLA: uma reflexão sobre os sentidos do texto.....	53
3.5 A CORREÇÃO: um diálogo de mão dupla na relação professor – aluno.....	55
4 LEITURA LITERÁRIA E MEMÓRIA: LER, REFLETIR, NARRAR	57
4.1 DO OUTRO LADO DA FRONTEIRA: um dos caminhos possíveis.....	59
4.2 DO OUTRO LADO DA FRONTEIRA: outro caminho possível.....	62
5 METODOLOGIA: DO NORTE ESTABELECIDO À APLICAÇÃO	66
5.1 A PESQUISA E A AÇÃO CAMINHANDO JUNTA.....	66

5.2	O CONTEXTO: A periferia – a escola – a educação pública.....	69
5.3	OS SUJEITOS: os jovens e a EJA – um novo perfil.....	72
6	A PESQUISA-PILOTO: TURMA “EJA-MEMO-1”.....	75
6.1	RELATÓRIO DAS AULAS PARA COLETA DE DADOS.....	75
6.2	ANÁLISE DAS ETAPAS E DOS DADOS DA PESQUISA NA TURMA “EJA – MEMO – 1”.....	85
6.2.1	Primeira etapa da pesquisa: avaliação diagnóstica da turma.....	85
6.2.2	Segunda etapa da pesquisa: produção de texto de três temas escolhidos pela turma.....	86
6.2.3	Terceira etapa da pesquisa: intervenção 1 – orientação individual.....	87
6.2.4	Análise dos dados e da pesquisa na turma “EJA – MEMO – 1”.....	88
6.2.5	Quarta etapa da pesquisa: intervenção 2 – gravação de áudio.....	92
6.2.6	Quinta etapa: análise após reescrita com apoio dos áudios	93
6.3	CONCLUSÕES SOBRE A PESQUISA-PILOTO – TURMA “EJA – MEMO – 1”.....	99
7	A PESQUISA FINAL: TURMA “EJA – MEMO – 2”.....	102
7.1	AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA.....	102
7.2	RELATÓRIO DAS AULAS PARA COLETA DE DADOS DA TURMA “EJA – MEMO – 2”.....	105
7.3	AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DA TURMA “EJA – MEMO – 2”.....	108
7.4	PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA TURMA “EJA – MEMO – 2”.....	111
7.5	APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: relatório de aulas.....	113
7.6	ANÁLISE DE TEXTOS DE MEMÓRIA PRODUZIDOS NA TURMA “EJA – MEMO – 2”.....	122
7.6.1	Análise da construção do narrador na “MEM 5”	132
7.6.2	Análise da construção das <i>personagens</i> na “MEM 5”	135
7.6.3	Análise da construção do <i>espaço</i> na “MEM 5”	138
7.6.4	Análise da construção do <i>tempo</i> na “MEM 5”	140

7.6.5	Análise da construção do <i>enredo</i> na “MEM 5”	144
7.6.6	Breves considerações sobre a forma do texto “Mem 5”	151
7.6.7	Os temas do vivido – <i>ter o que dizer</i>	154
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	158
	REFERÊNCIAS	160
	ANEXO A	164
	ANEXO B	165
	ANEXO C	166
	ANEXO D	185
	ANEXO E	203
	APÊNDICE	282

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, muitas pesquisas voltam o olhar para a aprendizagem baseada na prática de produção textual, o que pode ser atribuído ao fato de que a escrita exerce importante papel na aquisição do conhecimento, na interação comunicativa do aluno com o mundo, bem como na fixação de saberes variados, com base nos quais se processa a elaboração de sua identidade enquanto ser social e culturalmente inserido em uma sociedade. Ao escrever, o aluno precisa buscar uma forma de organizar suas ideias para tentar transmiti-las de maneira compreensível ao leitor – inclusive, o leitor pertencente a outros grupos sociais que não compartilham os mesmos sistemas de referência, nem uma predisposição para aceitar as referências culturais e linguísticas mobilizadas pelo produtor do texto.

Sob essa perspectiva, este trabalho focará na produção de narrativas de histórias de vida, pretendendo mostrar que a atividade de reconstrução de memórias dos alunos está imbricada com a aprendizagem da língua materna, uma vez que é por meio da palavra que o aluno rememora os fatos de sua vida em forma de textos orais e escritos. Ao buscar resgatar suas memórias para trazê-las para o papel, dessa forma, ele exercitará o uso da língua e seus fenômenos, já que lidará com signos carregados de ideologias, com as quais emergirão possibilidades de esse aluno se narrar, mostrando (inclusive para si mesmo) a forma como se vê inserido no contexto em que vive, o que implicará na percepção do modo como a sociedade o vê.

Esta pesquisa teve sua origem em nossa experiência de sala de aula, como professora de Língua Portuguesa em duas escolas públicas da capital paraense, uma na periferia e outra no centro. Ambas recebiam alunos advindos de classes socioeconômicas menos favorecidas e, portanto, com menos oportunidade de acesso à cultura e, por vezes, menos estímulo a uma participação mais ativa na sociedade. Era possível perceber, por meio da interação oral e nas atividades de leitura e escrita, que a maioria desses alunos criava uma resistência a práticas de interação comunicativa que envolvessem suas vivências pessoais. Além disso, observamos que a maioria dos alunos demonstrava dificuldade para estruturar textos escritos, quando o estudo da língua requeria essa modalidade.

Dessa forma delineou-se, assim, o contexto para uma intervenção mais direcionada, que unisse a prática de produção escrita e, ao mesmo tempo, propiciasse ao aluno oportunidade de resgatar suas raízes e, com base nelas se compreender e usar a palavra para dizer o que tem a dizer, indo além daquilo que a escola, representada, na sala de aula, pela figura do professor, espera ouvir ou ler, pois

Para mantermos uma coerência entre uma concepção de linguagem como interação e uma concepção de educação, esta nos conduz a uma mudança de atitude – enquanto professores – ante o aluno. Dele precisamos nos tornar interlocutores para, respeitando-lhe a palavra, agirmos como reais parceiros: concordando, discordando, acrescentando, questionando, perguntando, etc. (GERALDI, 2012, p. 128)

Assim, vimos a necessidade não apenas de elaborar uma atividade didática, mas sim uma análise mais profunda das condições sociais e, portanto, culturais em que tais dificuldades se davam para, posteriormente, elaborar formas de intervir para solucionar ou, ao menos, amenizar as dificuldades identificadas.

A delimitação do tema veio em sequência, quando pensamos na memória como um cabedal de experiências que nos poderia fornecer material vasto para, ao mesmo tempo conhecer os sujeitos, trabalhar com a linguagem e levá-los a se conhecerem melhor. Então, a fim de resgatar essas memórias e compartilhá-las, registrá-las, colocá-las no papel, permitir que outros ouçam ou leiam, escolhemos trabalhar com narrativas. Por outro lado, ao escolher o enfoque sobre o qual pesquisariamos, pensamos para além da prática da linguagem na produção de textos narrativos. Almejávamos analisar, sociologicamente, o modo como esse aluno se vê inserido na sociedade. Para isso, neste trabalho relacionamos os conhecimentos teóricos aos conhecimentos didático-pedagógicos com a finalidade de habilitar os alunos a produzirem textos usando sua língua materna como forma de aquisição de um repertório de conhecimento cultural da sociedade em que estão inseridos.

No que diz respeito aos sujeitos escolhidos para nossa pesquisa – 4ª etapa da Educação de jovens e Adultos – a experiência de sala de aula nos mostrou que havia uma resistência por parte de muitos deles no que diz respeito à produção de textos escritos. Isso se torna mais evidente quando se verifica que esta não é uma prática tão corrente quanto deveria, nas aulas de língua portuguesa, e que problemas como organização das ideias, comprometimento dos aspectos estruturais de determinado tipo de texto, questões linguísticas, entre outros, são comuns nos textos. Consideramos que a resistência e as dificuldades possivelmente resultam da própria história de escolarização do aluno, marcada pela escassez de práticas anteriores de escrita, pela ênfase dessas em temas conflituos com os valores e referências dos alunos (temas moralizantes, “politicamente corretos” etc.) ou que os coloquem em situação de escrever sobre o não vivido. Outras influências para isso também podem ser vistas, como a ínfima quantidade de atividades que envolvam produção de textos nos livros didáticos elaborados para esse nível educacional – os quais, da apresentação da obra até o final, mantêm o foco em um ensino voltado para o utilitarismo, para a aquisição, ao menos teoricamente, de habilidades que visem preparar esse sujeito, muitas vezes em condição de

retorno à escola depois de longo tempo ou de estar com idade acima da adequada para aquela série, para a sua inserção no mercado de trabalho.

Assim, este trabalho procurou responder à seguinte questão: *Como ensinar escrita por meio de narrativas de memórias de alunos da EJA?*, com base na qual, tivemos como objetivo geral contribuir para o aperfeiçoamento da escrita desses alunos, a fim de superar a resistência em relação a essa modalidade de produção de textos, levando-os a aprimorarem suas habilidades em relação ao uso da língua portuguesa. E como objetivos específicos, pretendíamos: a) diagnosticar as dificuldades existentes na produção de textos; b) superar a resistência dos alunos em relação à narração dos fatos de sua vida na construção de suas memórias; c) desenvolver habilidades de reescrita para melhorar seus textos no que diz respeito à estrutura narrativa e ao conteúdo e d) discutir a situação paradoxal em que esses alunos se encontram, estando ao mesmo tempo incluídos e excluídos na sociedade.

Em consonância com os objetivos descritos, levantamos as hipóteses de que os alunos da 4ª Etapa da EJA: a) apresentam dificuldades ao produzirem textos narrativos na modalidade escrita e não dominam procedimentos de reescrita; b) podem apresentar diversas formas de resistência no que diz respeito à interação comunicativa que envolva suas memórias e, em face das relações estabelecidas na sociedade em que estão inseridos, o aluno produz um discurso de mais aceitação por parte da escola; c) se envolverão de forma mais intensa e participativa naquilo que narram, se os levarmos a narrar suas memórias na modalidade escrita, pois assim estaremos intervindo de forma produtiva, levando o aluno a refletir, intervir e transformar a realidade em que está inserido.

Visando cumprir os objetivos elencados, desenvolvemos nossa pesquisa em dois momentos, num processo de aperfeiçoamento das ações metodológicas. No primeiro, aplicamos uma pesquisa-piloto, a fim de coletar dados, analisá-los, diagnosticar os problemas no que se refere à produção de textos inspirados em memórias de histórias de vida, criar estratégias de intervenção, aplicá-las e aferir os resultados. Esse primeiro momento, aplicado no ano de 2016, foi pensado tão somente como forma de verificar quais das ações que aplicamos tiveram êxito, a fim de traçar nossas metas de forma mais precisa e aperfeiçoada para a pesquisa principal, que seria aplicada posteriormente, no ano de 2017. Os dados coletados serviram de base para a qualificação deste trabalho.

Esse primeiro momento, no ano de 2016, em síntese, foi desenvolvido com as seguintes etapas: construção de seis produções, entre a primeira versão e a reescrita. Para a primeira, o tema foi escolhido por cada aluno, com a única recomendação de que fosse a narrativa de algo que lhes causasse interesse. Para as três produções seguintes, foram

escolhidos três temas, sugeridos e votados em sala, pelos alunos – “Primeiro amor”, “Minha infância” e “Brincadeiras da infância”. Após cada produção, foi feita a correção e uma intervenção individual. Depois, cada aluno escolheu um dos textos. Em seguida, foi feita a gravação de um áudio, em que o aluno recontava a história narrada no texto escolhido. Em seguida, ele recebeu o áudio para ouvir e reescrever o texto, acrescentando os detalhes que emergiram no áudio, mas não haviam aparecido no texto escrito.

No segundo momento, já no ano seguinte, após observar os resultados das estratégias da pesquisa-piloto, aplicamos a pesquisa principal, contando com colocações e sugestões dos professores componentes da banca da qualificação, bem como das nossas próprias observações sobre a dinâmica da escola e dos sujeitos. Assim, para este segundo momento, planejamos e executamos, na medida do possível, estratégias que julgamos que trariam resultados melhores. Trabalhamos com uma única proposta de produção textual, para as três versões produzidas, na qual não definimos um tema específico a ser desenvolvido na narrativa, cada aluno escolheu o seu, baseado em fatos de sua vida; exploramos mais os conhecimentos teóricos sobre a construção de narrativas; exploramos textos literários, por meio da leitura e discussão; gravamos áudios dos alunos; utilizamos a correção dos textos e orientação por meio dos bilhetes textual-interativos e propusemos a reescrita.

Para aprofundar essa discussão e dar melhor contextualização ao que se propôs este trabalho, nos fundamentamos em duas obras que se entrecruzam e se complementam para formar o objeto da pesquisa. Assim, desenvolveremos como principais aportes teóricos as obras *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*, de Mikhail M. Bakhtin/Voloshínov (2013), e *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, de Ecléa Bosi (1994). Na obra de Bakhtin/Voloshínov, buscamos os conceitos de signo e consciência, e na de Bosi, embora esta tenha mantido o foco em um público com faixa etária mais avançada, para a qual a memória tem valor mais acentuado, trabalharemos com a parte teórica, na qual buscamos o conceito de memória. Tal embasamento se dará com a finalidade de relacionarmos esses conceitos, buscando mostrar que se articulam entre si à medida que, ao se reconstruir a memória, inevitavelmente se procede à reconstrução de lembranças permeadas por discursos presentes na sociedade, e que tais discursos refletem e refratam a realidade dessa sociedade, na qual está inserido o falante da língua.

Essa noção da memória como construção discursiva orienta o tipo de pesquisa escolhido: a pesquisa-ação, desenvolvida em sala de aula, em uma escola da periferia de Belém. A escolha desse método baseou-se no fato de que ele visa a transformação do meio pesquisado, modificando-o a fim de melhorá-lo.

Sobre esses dois pilares de nosso trabalho: consciência e memória, refletiremos no primeiro e no segundo capítulo, respectivamente. Em seguida, no terceiro capítulo, refletiremos sobre a linguagem em ação, onde abordaremos questões como: as ações *com*, *sobre* e *da* linguagem, conforme os estudos de Geraldi (2013); sobre o uso da linguagem no texto sob a forma de *redação* ou *produção de texto*, de acordo com Geraldi (2013); sobre as formas de desenvolvimento da escrita, como *dom*, *consequência* ou *trabalho*, de acordo com as proposições de Fiad (2006) e Sercundes (1997); sobre reescrita, conforme Riolfi et al. (2014) e, por fim, refletiremos sobre a correção textual-interativa Ruiz (2013) . No quarto e último capítulo do embasamento teórico, abordaremos questões que relacionem a leitura literária e a memória em contextos adversos, para isso partiremos dos conhecimentos de Candido (1995) e Petit (2009). Nos capítulos de 5 a 7, mostraremos a aplicação da pesquisa na etapa diagnóstica e na proposta de intervenção e analisaremos os dados selecionados. E, no último capítulo, faremos nossas considerações finais sobre este trabalho.

1. PERCURSO TEÓRICO – A CAMINHO DO DIALOGISMO BAKHTINIANO

Não há como se pensar no papel da escola e, mais particularmente, do professor de língua portuguesa, sem se pensar no seu papel enquanto mediador na construção do conhecimento do aluno. Aliado a isso, não há como se separar a construção da capacidade linguística desse aluno da sua formação enquanto cidadão participante da sociedade em que está inserido. A formação cidadã, no entanto, não pode ser entendida como uma simples adaptação às condições de existência “dadas” ao aluno, especialmente quando elas pressupõem a exclusão de sua participação nos processos de produção e circulação da cultura e do conhecimento, e nos processos políticos de tomada de decisão que o afetam. Neste sentido, a função do professor é criar o ambiente propício à interação verbal, sem, no entanto, afastar-se do fato de que esta interação se fará com o intuito de realizar a comunicação por meio da linguagem, dentro de uma sociedade, na qual se estabelecem diversas relações, inclusive as de opressão e exploração, construídas com base nas ideologias socialmente constituídas.

Não se pode esquecer, portanto, que a linguagem é permeada por ideologias, criadas e convencionadas pela sociedade, e das quais não há como o usuário da língua se afastar. Cabe ao professor levar o aluno a problematizar a dimensão ideológica inerente ao uso da língua, da criação do discurso concernente ao contexto de produção, à sua intenção, às ideologias que impregnam todo ato comunicativo e se materializam através dos signos, das palavras. Assim, o professor pode preparar o aluno para lidar com os elementos presentes na interação verbal.

Na produção deste trabalho, é possível notar, nos discursos dos alunos participantes, os efeitos de “reflexão” e “refração” de ideologias convencionadas pela sociedade, para utilizar os termos de Bakhtin/Voloshínov. Por meio de seu uso da língua, os alunos reconstituíam momentos passados de sua história e produziam textos nos quais deixavam marcadas diversas formas de relação estabelecidas na sociedade, ora de opressão, ora de exclusão, ora de comodismo e aceitação das situações vividas, e diversas outras formas de inserção desse sujeito no seu meio social. Muitos exemplos disso aconteceram durante a pesquisa, especialmente na etapa em que foram gravados áudios dos próprios alunos contando suas histórias. Nesses momentos, as memórias de histórias de vida, que inicialmente haviam sido narradas de forma escrita, foram contadas de forma oral e enriquecidas por detalhes que demarcavam claramente a forma como esses sujeitos se veem e como pensam que são vistos pelo outro no mundo. Por exemplo, um dos alunos, ao rememorar um momento de sua

infância, contou que, aos dez anos de idade, trabalhava para ajudar no sustento de casa, vendendo pasteis na rua e que era comum ouvir de muitas pessoas, que por ele passavam, o questionamento sobre onde estava sua mãe e que ela não deveria deixá-lo trabalhar, porque ainda era uma criança. O interessante a se observar é que, nesse momento do relato oral, ao ser questionado se concordava com a opinião exposta por aquelas pessoas na rua, o aluno disse que não concordava e justificou, afirmando que o fato de trabalhar desde muito cedo fez com que o jeito de ser dele mudasse seu caráter. A constatação trazida junto com o relato do aluno foi a de que, para ele, é um fato natural o ato de uma criança trabalhar, demonstrando a relação de aceitação de uma situação que, socialmente não é bem aceita por muitos, tendo em vista que, de acordo com a lei deste país, vai contra o Estatuto da Criança e do Adolescente. Nas palavras dele, “tinha gente que falava mal da mamãe. Eles não achavam certo eu tá trabalhando naquela idade”, o que reforça as contradições ideológicas que envolvem a situação do trabalho infantil e a atitude da mãe de ter permitido que ele, ainda criança, fosse para a rua trabalhar. Os valores construídos pelo aluno em sua experiência no mundo contradizem o valor do “senso comum” e do discurso oficial. Assim como nesse exemplo, em muitos outros momentos da pesquisa, foi possível constatar ideologias distintas daquelas legitimadas na escola, tomando forma nas narrativas dos alunos, seja de maneira explícita, como no relato desse aluno, seja de maneira implícita.

O surgimento de manifestações dos alunos, como essas que exemplificamos, é um exemplo do modo como, por meio da prática de produção de textos, pode-se transformar a sala de aula em um espaço de circulação de discursos que afetam os alunos, conferindo-lhes a oportunidade de refletir e trabalhar sobre certas imagens, papéis e expectativas que os tocam enquanto sujeitos. Como entendemos que esses discursos são ideológicos, o papel da escola é propiciar ao aluno um espaço democrático de aprendizado, seja dos conhecimentos inerentes à língua, seja de conhecimentos de quaisquer outras áreas, despertando nesse aluno a capacidade de ser um sujeito ativo na construção e aquisição desses conhecimentos, mais particularmente no uso da língua, entendendo que, por meio dela, ele constantemente molda seus pensamentos e convicções. A atividade linguística possibilita a exposição concreta da forma como o sujeito se vê inserido nas diversas esferas em que circula, bem como influencia na forma como recebe o discurso do outro com relação a si.

Nos discursos dos alunos, em todo caso, era possível perceber também uma certa resistência por parte deles em expor fatos de sua vida que não condizem com aquilo que “normalmente” é esperado pelo professor ou pela escola. Assim, nos textos escritos como diagnóstico, percebemos que eles relatavam certos fatos superficialmente. Quando, no

segundo momento da pesquisa, passamos à fase da gravação dos áudios, percebemos que, para além do que estava na superfície do texto, havia situações e discursos que emergiram com maior naturalidade na fala, mas que não se adequavam exatamente àquilo que talvez a escola esperasse da parte do aluno. Algumas dessas informações não foram passadas para as versões escritas dos textos, o que pode indicar um movimento de seleção, por parte dos alunos, controlada por um projeto de criar uma imagem “pública” de si por meio do texto escrito.

Consideramos o risco de que esses textos se transformassem em uma simples “confissão” ou desabafo, sem que levassem a uma melhora nas habilidades de escrita. Por essa razão, enfocamos a reescrita como forma de conduzi-los à prática de produção textual. Assim buscamos elaborar formas de analisar linguisticamente o material fornecido pelo aluno, que mostrassem, em contexto real, a utilização da língua e a necessidade pontual de intervenção para tornar os relatos das memórias de vida dos alunos mais claros, organizados e interessantes para o leitor. Nesse sentido, conduzimos este trabalho sob o viés da perspectiva interacionista da linguagem.

Para transformar o espaço da sala de aula em um ambiente de reflexão tanto sobre a prática do professor, no momento de trabalhar com a língua, como sobre a prática do aluno, ao aprender a moldá-la sob as mais diversas formas de composição e segundo diferentes intenções, buscamos criar um ambiente em que isso se concretizasse como um processo dinâmico, em que a interação verbal fosse uma constante, bem como levasse o aluno a repensar suas palavras e, com isso, a si mesmo. Assim, buscamos embasamento na perspectiva discursiva, originada nos estudos do Círculo de Bakhtin. Explicaremos, neste capítulo, as concepções de Bakhtin/Voloshínov sobre linguagem, tendo como referência primordial a obra *Marxismo e Filosofia da linguagem* (2014) e como complementar a obra *Estética da criação verbal* (1997).

Nosso percurso iniciará com as críticas feitas pelo filósofo a duas correntes do pensamento filosófico, as quais direcionavam os estudos sobre linguagem no século XX, o *subjetivismo individualista* e o *objetivismo abstrato*, para chegarmos à proposta dele sobre uma outra forma de estudar a linguagem, a *perspectiva dialógica*. Então, chegaremos a conceitos essenciais dos estudos de Bakhtin/Voloshínov (2014), que tão fortemente se relacionam ao viés proposto para este trabalho, como *signo*, *ideologia* e *consciência*.

1.1 CRÍTICA ÀS DUAS ORIENTAÇÕES DO PENSAMENTO FILOSÓFICO-LINGUÍSTICO

Em sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*, Bakhtin/Voloshínov (2014) faz uma crítica a duas correntes de pensamento que embasavam a perspectiva de linguagem no início do século XX, para posteriormente defender o que ele chama nessa obra de “método sociológico”. Essas correntes são chamadas por ele de *subjetivismo individualista* e *objetivismo abstrato*.

1.1.1 Subjetivismo idealista

Para o *subjetivismo idealista*, a essência da língua é a fala, a criação individual. Dessa forma, a enunciação seria criação exclusivamente individual. O centro do discurso, no ato de comunicação, seria o indivíduo e o contexto social não seria considerado como fator determinante na enunciação – esta seria resultado da consciência individual. Essa corrente tem como seus principais representantes Wilhelm Humboldt e Vossler. Suas contribuições influenciaram, inclusive, a linguística atual. O fluxo enunciativo se formaria no meio interno ao indivíduo para se dirigir para o externo. Sob esse viés, a linguagem se concretizaria como monológica, ou seja, não se considera o contexto sócio-histórico em que a comunicação ocorre como um fator determinante, tampouco o papel do outro envolvido no ato comunicativo; nega, dessa forma, a interação verbal, constituindo-se o sujeito como ser psicológico. Quanto à língua, essa orientação, que é criticada por Bakhtin/Voloshínov, tem quatro posições fundamentais, que são:

1. A língua é uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção (“energia”), que se materializa sob a forma de atos individuais de fala.
2. As leis da criação linguística são essencialmente as leis da psicologia individual.
3. A criação linguística é uma criação significativa, análoga à criação artística.
4. A língua, enquanto produto acabado (“ergon”), enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética), apresenta-se como um depósito inerte, abstratamente construída pelos linguistas com vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto para ser usado. (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2014, p. 74-75, grifos do autor).

Para essa primeira orientação, a língua se realizaria, portanto, por meio de um ato individual e o contexto social no qual o indivíduo está inserido e interage não é levado em consideração. São consideradas unicamente suas capacidades individuais e psicológicas, sendo o indivíduo considerado o centro no ato da comunicação.

1.1.2 Objetivismo abstrato

Para a segunda orientação do pensamento filosófico-linguístico, o *objetivismo abstrato*, o centro organizador de todos os fatos da língua, o que faz dela uma ciência bem definida, situa-se no sistema linguístico, o sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua. Para essa orientação, a língua é “um arco-íris imóvel” que domina um fluxo de atos de fala ininterrupto. Por isso

Cada enunciação, cada ato de criação individual é único e não reiterável, mas em cada enunciação encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores. E são exatamente esses traços idênticos que são normativos para todas as enunciações. Esses traços são fonéticos, gramaticais e lexicais e são eles que garantem a unicidade de uma dada língua e sua compreensão por todos os locutores de uma mesma comunidade. (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2014, p. 79)

Para essa segunda orientação, o sistema linguístico é completamente independente de todo ato de criação individual, de toda intenção ou desígnio. Essa orientação não admitiria afirmar que a comunicação depende de uma criação refletida da língua pelo sujeito falante. Estaria de um lado o indivíduo e, de outro lado oposto, a língua, como norma indestrutível, definitiva, que o indivíduo só pode aceitar como sistema já pronto: qualquer mudança nele vai além dos limites de sua consciência individual. Não há como fazer qualquer distinção ideológica, de caráter apreciativo: é pior, é melhor, etc. Só existe um critério linguístico: está certo ou errado; além do mais, por correção linguística deve-se entender, nessa perspectiva, apenas a conformidade a uma dada norma do sistema da língua. Não se admitiria, nessa orientação, falar-se em “gosto linguístico” nem em verdade linguística. Essa segunda orientação pode ser sintetizada nas seguintes proposições:

1. A língua é um sistema estável, imutável, de formas linguísticas submetidas a uma norma fornecida tal qual à consciência individual e decisiva para esta.
2. As leis da língua são essencialmente leis linguísticas específicas, que estabelecem ligações entre os signos linguísticos no interior de um sistema fechado. Estas leis são objetivas relativamente a toda consciência subjetiva.
3. As ligações linguísticas específicas nada têm a ver com valores ideológicos. Entre a palavra e seu sentido não existe vínculo natural e compreensível para a consciência, nem vínculo artístico.
4. Os atos individuais de fala constituem, do ponto de vista da língua, simples refrações ou variações fortuitas ou mesmo deformações das formas normativas. Mas são justamente estes atos individuais de fala que explicam a mudança histórica das formas da língua; enquanto tal, a mudança é, do ponto de vista do sistema, irracional e mesmo desprovida de sentido [...]. (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2014, p. 85).

Segundo Bakhtin/Voloshínov (2014), a visão da língua como sistema de signos arbitrários e convencionais, essencialmente racionais, foi elaborada de forma simplificada já

no século XVIII pelos filósofos do Século das Luzes. As ideias do objetivismo abstrato precedem essa visão. A chamada escola de Genebra, com Ferdinand de Saussure, mostra-se como uma expressão mais recente (na época em que Bakhtin/Voloshínov escrevia) do objetivismo abstrato. E o autor explana essas concepções e seus fundamentos teóricos:

Saussure parte do princípio de uma tríplice distinção: le langage, la langue (como sistema de formas) e o ato da enunciação individual, la parole. A língua (la langue) e a fala (la parole) são os elementos constitutivos da linguagem, compreendida como a totalidade (sem exceção) de todas as manifestações – físicas, fisiológicas e psíquicas – que entram em jogo na comunicação linguística. Para Saussure, a linguagem não pode ser o objeto da linguística, pois lhe falta unidade interna e leis independentes, autônomas. (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2014, p. 87).

Para Saussure, não se deve separar língua e fala, pois dessa forma, se separa o que é social do que é individual, já que

A **língua** não é função do sujeito falante, ela é um produto que o indivíduo registra passivamente.

A **fala** é, ao contrário, um ato individual de vontade e de inteligência no interior do qual convém distinguir *primeiramente* as combinações pelas quais o sujeito falante utiliza o código da língua para exprimir pensamento pessoal; *em segundo lugar*, o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar estas combinações. (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2014, p. 89).

Dessa forma, para essa segunda corrente, o falante receberia um sistema pronto, por meio do qual se comunicaria, sobre o qual não poderia exercer nem um tipo de atividade constitutiva. A língua seria um código independente do indivíduo e teria como base uma rede de relações formadas por um sistema e suas regras combinatórias. Portanto, para o objetivismo abstrato, o fator primordial da linguagem é o estrutural.

1.2 A PERSPECTIVA DIALÓGICA

Para Bakhtin/Voloshínov (2014), ambas as orientações do pensamento filosófico-linguístico de sua época deixavam de abordar fatores importantes da linguagem. Ao ressaltarem somente o individual ou só o estrutural, negligenciavam a interação verbal, fator essencial para a compreensão da linguagem, visto que, para entendê-la, faz-se necessário levar em consideração suas duas faces: social e individual. Foi nesse sentido que os estudiosos do Círculo de Bakhtin/Voloshínov fizeram uma grande contribuição aos estudos filosófico-linguísticos, ao trazerem ao centro de sua teoria o conceito de interação.

Ao criticar as duas correntes de pensamento anteriores, Bakhtin/Voloshínov dá origem a uma outra perspectiva sobre a linguagem, na qual a palavra não é considerada uma construção puramente individual ou estrutural, mas como constituindo-se em relação ao “outro”. É nesse sentido que se constitui a noção de dialogismo, pois, com base na organização social dos indivíduos, ocorre a interação linguística entre eles. A enunciação, segundo essa perspectiva, levará em consideração o contexto social, bem como as enunciações anteriores e posteriores.

No viés em que nos propomos a trabalhar nesta pesquisa, cabe-nos destacar o aspecto da interação verbal entre o enunciador e o enunciatário, no espaço do texto, conforme a perspectiva dialógica. Nessa perspectiva, o aluno, ao narrar na e para a escola episódios de sua vida pessoal encontra-se numa relação dialógica entre o eu e o tu, ou entre o eu e o outro, no texto. Assim, é condição necessária considerar o papel do “outro” na constituição do sentido. Em outras palavras, entendemos que o sentido não é originado no instante da enunciação, espontaneamente – ele faz parte de um processo contínuo, histórico, sendo o tecido que compõe o texto formado por diversos fios dialógicos de vozes.

Bakhtin/Voloshínov afirma que “o discurso escrito é, de certa maneira, parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.” (Bakhtin/Voloshínov 2014). Entendemos que é a essa discussão ideológica maior que os textos dos alunos participantes da pesquisa se integram, mesmo que isso não se dê na forma de uma tomada de consciência, visto que esses textos carregam marcas das inúmeras relações vivenciadas por eles. Essas marcas são impressas tanto no conteúdo dos seus relatos quanto no modo como esses relatos são feitos. Ao rememorar fatos de sua história de vida, o aluno é constituído por suas palavras, mas ao mesmo tempo reflete sobre elas para compreendê-las, dando início a um processo de ressignificação de si mesmo perante o mundo. Nessa dinâmica, eles exercitaram a construção de discursos permeados por conceitos, opiniões, visões de mundo – e outras constituintes ideológicas – suas e do “outro”. Em virtude disso, a compreensão se dava, muitas vezes, no confronto entre as ideias da sua consciência e daquela formada ao seu redor, constituída pelo olhar ou pela escuta dos demais, criando uma rede de referências marcada pelo encontro entre os valores, saberes e conhecimentos do aluno, dos colegas e também do professor. Nesse sentido, cabe lembrar

[...] o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica. Entretanto, o enunciado

está ligado não só aos elos que o precedem mas também aos que lhe sucedem na cadeia da comunicação verbal. [...] Os outros, para os quais meu pensamento se torna, pela primeira vez, um pensamento real (e, com isso, real para mim), não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal. (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 1997, p.)

Assim, chegamos ao ponto central da perspectiva interacionista – a enunciação – que, segundo Bakhtin/Voloshínov é o produto da interação de dois indivíduos socialmente. Mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. Na enunciação, a palavra tem uma orientação em função do interlocutor, pois ela comporta duas faces: se origina em alguém e vai em direção a outrem. Dessa forma, ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Nesse processo, exercerão papel relevante, na escolha dos signos, os participantes mais imediatos da enunciação – por exemplo, os colegas de classe, o professor, entre outros. Além disso, não se pode prescindir do contexto em que essa interação ocorre, dissociando o enunciado e a situação que o suscita – no nosso caso, a sala de aula, ela mesma constituída como espaço de interlocução no seio da cultura escolar.

Nessa incursão pela perspectiva Bakhtiniana, que embasará a visão assumida em nossos trabalhos, temos que dar a devida relevância ao conceito de *signo*, o qual concretiza a materialidade do ato comunicativo. De maneira simplificada, o *signo* é o suporte por meio do qual a comunicação se realiza. Pode compor-se por qualquer corpo físico, instrumento de produção ou de consumo e não existe apenas como parte de uma realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade externa a ele. Assim, no método marxista, discutido e analisado em Bakhtin/Voloshínov (2014), os signos são tidos como objetos materiais que exercem função na vida social, emergindo das relações sociais estabelecidas por um grupo organizado e daí passando a carregar significados que vão além de suas particularidades materiais.

Segundo Bakhtin/Voloshínov (2014), os signos são objetos naturais, específicos. Todo produto natural, tecnológico ou de consumo, pode tornar-se signo e adquirir um sentido que vá além de suas particularidades. O autor exemplifica esta afirmação com a foice e o martelo, emblema da União Soviética, que assumem sentido puramente ideológico (símbolo), mas nem por isso o instrumento torna-se ele próprio um signo (um martelo continua sendo, também, uma ferramenta que serve para pregar etc.). O signo não existe só como parte de sua realidade, mas também pode refletir outra. Assim, pode distorcer essa realidade, ser relativamente fiel a ela, observá-la de outro ângulo etc. Ainda segundo o autor, os signos estão sujeitos a critérios de avaliação ideológica, podendo assim admitir-se como verdadeiros,

falsos, corretos, justificados, bons, entre outros. Para reforçar esse ponto de vista, ele afirma que tudo que é ideológico é semiótico, ou seja, surge com base em um signo interpretado de acordo com o papel social que exerce, com os sentidos que esse signo pode assumir na realidade social que o utiliza.

Como um exemplo dessa característica ideológica de signo podemos citar uma situação ocorrida durante a coleta de dados para a pesquisa realizada para este trabalho. Após reconstruir, de maneira oral, suas memórias sobre o seu “Primeiro amor”, uma aluna afirmou que ele era um rapaz “de turma”, expressão usada por ela para dizer que o rapaz fazia parte de um grupo de jovens que, por razões diversas, travam brigas nas quais se digladiam armados com diversos objetos, como pedaços de paus, facas e armas. Em uma análise voltada para as concepções de Bakhtin/Voloshínov (2014), é possível perceber o caráter social exercendo papel relevante na expressão utilizada pela aluna. O sentido ideológico que permeia a expressão “turma” carrega uma carga de preconceito na interpretação de uma parte da sociedade. No entanto, isso pode ocorrer em maior ou menor grau, conforme o contexto no qual for utilizada. Na realidade da aluna, pareceu ser amenizado o peso negativo de sentido ao optar por usar “turma” ao invés de outra palavra com peso negativo maior – “ganguê”, por exemplo – o que pode ter ocorrido devido ao fato de estar a aluna inserida num contexto e em uma classe social em que, aparentemente, se convive com tal acepção mais “naturalizada” da expressão escolhida. Para depreender, portanto, o sentido que emerge da expressão “turma” no relato da aluna, é necessário que se considere sua relação com a consciência que se forma a respeito de certos fatos sociais por meio dos signos que se utilizam para falar (e pensar) sobre eles. Por isso é importante que o professor instrumentalize o aluno com relação aos sentidos que socialmente os signos usados por eles, no momento da comunicação, poderão assumir.

No contexto em que a aluna está inserida, ambos os termos, “turma” ou “ganguê”, refletem e refratam uma realidade. Mas para que se possa perceber os efeitos da ideologia nos signos utilizados pelo falante, é preciso causar nele um estranhamento, levando, por exemplo, a aluna a olhar a situação em que ela está inserida por outro ângulo. Isso implicaria levantar questões como: a) a possibilidade de o leitor do seu relato não entender a que ela se refere quando afirma que o rapaz que namorava era “de turma”; b) a possibilidade de o leitor construir uma imagem negativa da personagem, ou da própria autora do relato, devido se tratar de narrativas baseadas em sua história de vida, por não aprovar a atuação das “turmas”. A própria aluna demonstrou ter noção, mesmo que não sistemática, do peso de significados que a ação de pertencimento a um desses grupos de jovens carrega na sociedade, pois ao final da gravação do áudio, fez questão de esclarecer, de forma oral, mesmo sem que o tenhamos

solicitado, que o fato positivo de ela e o atual marido terem ficado juntos foi que ele deixou de fazer parte “de turma”, junto com isso – ainda segundo ela – deixou de praticar assaltos e de consumir drogas, fatos que ela não havia citado ao longo da gravação.

Percebemos, portanto, que o signo só existe por meio de uma matéria que o constitui e revela um fenômeno ideológico, expressando valores sociais e históricos, a *ideologia*. Esta não pode ser explicada como um fato interior à consciência individual, pois seu verdadeiro lugar é o ambiente social dos signos criados pelo homem. Sua especificidade reside exatamente no fato de se situar entre indivíduos organizados, configurando-se como meio de comunicação entre eles. Para Bakhtin/Voloshínov, não basta simplesmente colocá-los frente a frente para que se comuniquem, é necessário que sejam socialmente organizados, formando um grupo, uma unidade social, constituindo-se, assim, um sistema de signos e um meio ideológico e social, dentro do qual esses indivíduos construirão sentidos socialmente convencionados.

Um exemplo desse princípio dado por Bakhtin/Voloshínov (2014) é o caso da fome. Embora este possa parecer um fenômeno puramente biológico, Bakhtin diz que cada indivíduo ou grupo reage à fome de formas distintas, com base em uma ideologia, isto é, do modo como a fome é “encarada” como parte da realidade percebida pelo sujeito. A forma como se toma consciência da fome pode ocasionar diversas sensações que poderão alterar o comportamento humano, dependendo do contexto social vivido por aquele que a experimenta. Para alguns, a fome pode estar relacionada a extrema pobreza. Ela pode causar resignação e uma certa paciência de se conviver com ela, se for percebida como uma fatalidade, uma condição inevitável da existência do homem. Para outros, no entanto, a fome pode advir de uma escolha pessoal como forma de dominar seus desejos e apetites da carne (como é o caso de pessoas espiritualizadas, estando assim, relacionada a ideologias religiosas, por exemplo). Dessa forma, seja qual for a motivação, mesmo uma sensação corporal como a fome será sempre determinada pelo ambiente social no qual o indivíduo estiver inserido; concomitantemente, será significada conforme uma ideologia.

A palavra é, para Bakhtin/Voloshínov, o fenômeno ideológico por excelência, pois é um produto vivo que funciona em qualquer situação social, comportando os diversos valores sociais presentes na interação. Por isso, ela é o objeto fundamental do estudo das ideologias. Para ela, Bakhtin/Voloshínov (2014), postula cinco propriedades:

1. **Pureza ideológica**, que diz respeito à capacidade da palavra de funcionar como signo ideológico, funcionando e circulando em toda e qualquer esfera.

2. **Neutralidade ideológica**, já que a palavra pode assumir qualquer função ideológica – estética, científica, moral, religiosa, etc. – ou seja, é neutra em relação a qualquer função específica.

3. **Implicação na comunicação humana ordinária**, pois é uma parte muito importante da comunicação ideológica que não pode ser vinculada a uma esfera ideológica particular. A palavra é o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana.

4. **Interiorização**, que diz respeito ao fato de a palavra ser o material semiótico da vida interior, da consciência. Ela é o primeiro meio da consciência individual. A palavra constitui o meio de contato entre o conteúdo interior do indivíduo e o exterior, ambos formados por palavras. A interiorização ocorre como uma palavra nova criada a partir do confronto entre o contato do interno com o externo.

5. **Acompanhamento consciente obrigatório**, pois a palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não-verbais – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isolados nem totalmente separados dele. Embora nem um desses signos ideológicos possa ser plenamente substituído por palavras, é acompanhado por elas, exatamente como no caso do canto e de seu acompanhamento musical.

Essas cinco propriedades fazem da palavra o objeto central para o estudo das ideologias. Por meio dela, se poderá analisar as leis, formas e mecanismos que estão envolvidos na construção da consciência pelos signos linguísticos. A palavra é claramente o produto vivo das ideologias, agindo em todas as situações sociais e, por isso mesmo, ideológica. Assim:

Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2014, p. 117)

Bakhtin/Voloshínov (2014) afirma ainda que, para que um objeto entre no horizonte social de um determinado grupo, é necessário que ele esteja ligado às condições socioeconômicas do grupo. Dessa forma, ele desencadeará uma reação semiótico-ideológica. O objeto não pode adquirir significado tendo como base o arbítrio individual; é necessário que adquira uma significação interindividual para formar um signo. Dessa forma, o signo adquire valor social e entra no domínio da ideologia, toma forma e cria raízes.

A realidade que propicia a formação de um signo é chamada de tema, na perspectiva Bakhtiniana. Cada signo e cada manifestação verbal tem seu tema. O tema ideológico possui um valor social, que chega à consciência individual, ela mesma toda ideológica. Esse índice de valor social é interindividual, não ocorrendo de maneira natural, mas sim criado pelo social e depois chega ao individual através da interação, da qual depende.

Esse aspecto do signo linguístico já foi exemplificado pelo caso da palavra “turma”, usada por uma aluna para referir-se ao fato de seu “primeiro amor” ter sido um rapaz envolvido em atividades criminosas. Tomemos agora como exemplo da criação do índice de valor de um signo, que constitui a ideologia, a expressão “social”, que também surge, em uma das narrativas dos alunos, para referir-se a um contexto muito específico. Vejamos como a conceitua o dicionário Houaiss da língua portuguesa.

Social

Separação silábica: **so-ci-al**

Adjetivo

Sociável; que prefere estar na companhia de outras pessoas.

Que diz respeito à sociedade e aos cidadãos que dela fazem parte: política social.

Formal; em que há solenidade: traje social.

Relacionado com uma empresa ou instituição comercial que se constitui por duas ou várias pessoas: razão social.

Refere-se ao lugar que as pessoas ocupam numa sociedade: posição social. Que caracteriza uma ação de entretenimento ou caridade: evento social. Refere-se aos sócios de uma organização ou instituição.

Substantivo masculino

Coletivo; que pertence a um grande número de pessoas.

Que se refere ao povo, normalmente, aos mais desfavorecidos.

Substantivo feminino; reservado somente aos sócios.

Previdência Social. Instituições governamentais ou medidas que, em caso de velhice ou doença, buscam amparar o empregado e suas famílias, por meio de pensões ou aposentadorias.

Etimologia (origem da palavra **social**): do latim socialis.

(Disponível em <https://www.dicio.com.br/social/> - grifos nossos)

Dos tantos significados acima, atribuídos pelo do dicionário à palavra “social”, nem um deles daria conta de atribuir inteiramente sentido ao signo “social” no texto do aluno Igor¹. Em seu texto, o aluno utilizou a expressão “social” carregada de ideologias do contexto em que foi utilizada, assimilando um significado que, por assim dizer, poderia ser uma extensão de “reservado aos sócios”, como definiu o dicionário Houaiss. No texto do aluno, o índice de valor que se constituiu é contraditório, pois se impregna de diferentes conteúdos ideológicos, de acordo com o contexto em que é utilizado. Vejamos um fragmento da terceira versão do texto do aluno, na qual ele explica o que seria uma “social”, para, em seguida,

¹ Os nomes citados ao longo do texto são pseudônimos criados pelos alunos quando da produção textual.

observarmos os sentidos e o valor construídos com o uso do signo em questão, conforme o meio social em que se insere.

“Parei no supermercado e comprei uma garrafa de vinho, uma carteira de cigarro e fui para uma social (uma festa que os jovens de 12, 13 anos em diante vão pra se divertir. Rola de tudo, bebida, drogas e sexo. É na casa de alguém que convida uma galera e cobra entrada. Às vezes tem social na casa de algum rival e o dono da outra denuncia pra policia e os caras invade)”

Conforme a explicação dada pelo aluno, é possível perceber a ideologia e analisá-la do ponto de vista do contexto em que a palavra foi utilizada, já que cada expressão refrata a realidade de uma forma diferente. Assim, podemos notar como dentro desse signo linguístico se deu a luta de classes a que se refere Bakhtin/Voloshínov, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, pois essa mesma palavra pode comportar um sem número de acentos apreciativos, entonações, comportamentos ético-sociais. No contexto usado pelo aluno, é possível se perceber a refração e reflexão de ideologias que vão de um grupo social a outro, em que há uma diversidade de fios ideológicos que se entrelaçam.

Assim, das diversas possibilidades de interpretação da palavra “social”, a que foi utilizada pelo aluno em seu texto, refrata uma realidade perpassada por todo um contexto que para ele se realiza como bastante usual, cujo sentido aparentemente não parece lhe causar estranhamento, já que é um tipo de festa que muitos jovens frequentam, sem dificuldade de acesso, independente de idade, para fazer aquilo que para eles é tido como diversão. Por outro lado, é vista de outra maneira por uma parte da sociedade, que pode ver nesse tipo de festa uma forma de subversão à lei, especificamente ao Estatuto da Criança e do Adolescente, em que há vários artigos que visam resguardar o menor de situações nas quais eles estejam expostos a produtos que possam causar dependência e protegê-los de ambientes nos quais estejam expostos a risco ou situação de vulnerabilidade. Temos, portanto, a construção de índices de valor contraditórios por meio de uma rede de ideologias que se constitui nos ambientes sociais de uso do signo.

1.2.1 A consciência

Um dos pontos que mais nos interessa nessa perspectiva é que Bakhtin/Voloshínov (2014) defende que a consciência é construída socialmente por meio do signo linguístico. Para entender isso, podemos pensar na forma como cada indivíduo interpreta e assimila uma

determinada situação. Para exemplificarmos, analisemos dois excertos transcritos do texto de uma aluna participante da pesquisa por ocasião do projeto-piloto.

“[...]eu era bem baixinha e tinha o cabelo cacheado e ela era alta do cabelo liso [...] todos os meninos que chegavam gostavam da minha irmã e ninguém me olhava devido minha aparência pois eu tinha muito complexo com minha aparência, e também eu ficava muito triste pois todos só davam atenção pra ela.

[...]

Com um tempo fui mudando, meu corpo mudou, fiquei diferente, Meu cabelo ficou muito cheio, fiquei muito magra, feinha, todos me zuavam me chamavam de capelo de capacete, eu não me enturmava mas ia ficando triste, com vergonha da minha aparência porque todo mundo me achava feia.

[...]

Com um tempo eu fui mudando minha aparência mudou, meu cabelo se ageitou, meu corpo mudou, aí os meninos começaram a olhar pra mim, só que eu já não queria mas que me olhassem pois quando eu era feia todos rião de mim.

[...]”

Analisando os fragmentos, é possível perceber a afirmação que ela faz quando diz que todos a achavam “feinha” e só olhavam para a sua irmã, que era alta e de cabelos lisos. A situação narrada pela aluna retrata a forma como ela interpretava e assimilava tal situação, tendo como pano de fundo a concepção de beleza que permeia a sociedade, que dita que o padrão é a mulher alta, corpo esbelto e de cabelos lisos, estereótipo do “belo”. Estando fora daquele “padrão”, a aluna afirma ter criado um “complexo”, ficando triste e com vergonha da sua aparência. No entanto, ao mesmo tempo, seu texto é também um movimento de ruptura com esse estereótipo, já que ao longo da narrativa é refeita a imagem que ela e as outras pessoas faziam dela e, com uma visão mais positiva, quando ela deixa claro que, depois, os meninos, que só olhavam para sua irmã, passaram a olhar para ela, o que reforça um movimento de rever sua forma de inserção no seu meio, sendo percebida de outra maneira, talvez mais próxima do “padrão”, portanto, mais bem aceita.

Esse exemplo reforça a crítica de Bakhtin/Voloshínov (2014) às duas orientações do pensamento filosófico-linguístico, quando afirma que no uso real da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor não tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma linguística. Para o falante, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores de sua comunidade e das diversas enunciações de sua própria prática linguística – pode-se pensar isso sobre a palavra “feinha”, que, para a aluna do exemplo acima, não é apenas o “diminutivo do adjetivo ‘feia’”, mas também o termo eufemístico com o qual ela interpreta a posição conferida a ela pelo

olhar do outro. Observa-se, portanto, no discurso da aluna, a construção de um emaranhado de vozes: dela, da mídia, da sociedade, dos meninos, das outras pessoas que a olhavam, constituindo a consciência que ela molda de si permeada pela visão dos outros, concretizando o dialogismo.

Quando optamos por trabalhar a partir de memórias de vida de alunos da EJA, estamos partindo do pressuposto de que a produção desses textos trará à tona, em parte, um processo de formulação e reformulação da “consciência” dos alunos. Isso se dá à medida que os alunos precisam organizar nos textos as experiências vividas e lembradas.

Cabe ressaltar a importância de que o aluno entenda e se situe em relação ao papel que exerce no corpo social, para, dessa forma, compreender a influência que a linguagem exerce em sua vida. Isso passa por uma relação com o signo linguístico que não seja de “pura identificação” – o aluno tem que “estranhar” o signo linguístico, isto é, estranhar as palavras que se apresentam a ele como sendo “suas” para contar a “sua” vida, as “suas” memórias e, com isso, estranhar a própria consciência (que é produzida pelo signo linguístico). Um exemplo disso, já mencionado acima, é o ocorrido quando um aluno relatou ter percebido que, quando vendia pasteis na rua, algumas pessoas diziam que a mãe dele estava errada por permitir que ele trabalhasse. A posição dele, no entanto, vai no sentido oposto, visto que, inserido na situação social menos favorecida economicamente, ele considerava necessário exercer aquele trabalho, mesmo sendo criança, e via nisso uma forma de se desenvolver como pessoa. Sua consciência desse fato é produzida, tanto pelas condições de vida que colocam o trabalho como meio de subsistência e amadurecimento pessoal, quanto pelo confronto dessa posição com o olhar avaliativo de outros. Existem, portanto, dois posicionamentos ideológicos em conflito. O das pessoas que olhavam a situação de fora, que criticavam a mãe por tê-lo deixado trabalhar na infância, representando um ponto de vista contrário a essa prática, baseadas em dispositivos jurídicos e sociais, que impõem que crianças não devem trabalhar, e a ideologia do envolvido na situação, que via o exercício daquele papel como uma necessidade e mesmo como uma vantagem, já que, na situação em que estava inserido, de dificuldade financeira por parte da família, para ele era uma ação natural uma criança ajudar no sustento da casa por meio da prática de atividade remunerada.

Esses exemplos tocam num ponto importante que permeia nossa pesquisa: o relevante papel da consciência no que tange ao uso da linguagem para a reconstituição das memórias do sujeito pesquisado. Assim, vejamos o que é e como se forma essa consciência.

Bakhtin/Voloshínov expressa grande interesse na relação entre consciência e linguagem (signo) e, como vimos no capítulo 1.1, faz uma crítica às correntes teóricas que

entendem que a consciência seria formada no indivíduo, anteriormente ao discurso. A esse respeito, o autor explica que “a filosofia idealista e a visão psicologista da cultura situam a ideologia na consciência. Cada elemento da consciência representa alguma coisa, é o suporte de uma função simbólica.” (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2014, p.33).

Para contrariar esse ponto de vista, ele afirma que

a própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade a partir da encarnação material em signos, visto que para compreender um signo, é necessário se aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos. Assim, a compreensão é o resultado do diálogo entre os signos; um signo por meio de outros. O signo emerge de uma consciência individual interagindo com outra. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e isso só ocorre no processo de interação social. (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2014, p. 34).

Vemos, portanto, que é a materialização do signo impregnado de ideologias que constitui a *consciência*. Para que ela surja e tome forma, é necessário que se crie uma cadeia semiótica na qual se aproxima um signo conhecido de outro, para que ocorra a compreensão. Qualquer signo, seja ele a imagem, a palavra ou o gesto significante, sem a consciência, permanece apenas como simples ato fisiológico, desprovido do sentido que os signos lhe conferem. São as relações sociais de um grupo organizado que criam e formam a existência da consciência através dos signos.

A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. [...]A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo, fora do qual há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem. (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2014, p. 36).

A maioria dos alunos da EJA vem de classes sociais menos favorecidas, moram em bairros da periferia e, por um conjunto de fatores, têm mais dificuldade de acesso a meios que possam lhe garantir ascensão social e educação de qualidade. Foi recorrente, ao longo de nossa pesquisa, observar que, de forma simbólica, há todo um contexto em que passa a ser comum lidar com palavras e expressões que delimitem um lugar para eles na sociedade. Este lugar é, algumas vezes, inferior, subalterno em relação a quem tem maior poder aquisitivo e/ou pertence a outras classes sociais, como se de lá eles jamais pudessem, ou mesmo, não tivessem o direito de sair. Sem a devida reflexão, a própria atividade linguística dos alunos acaba sendo uma prática pela qual se reforçam suas crenças em uma certa identidade e um certo destino social e solidifica uma consciência permeada por essas ideologias.

Podemos observar isso no texto do aluno Giovani², em que ele rememora seu envolvimento com um grupo de amigos que, segundo ele, faziam “coisas erradas”. Um desses amigos roubou alguns celulares e foi até a casa de Giovani para perguntar se ele queria comprar os celulares. De posse de um revólver, o amigo, então, o convidou para baterem fotos portando aquela arma, para mostrarem para as moças. As fotos ficaram no celular do amigo, até que um dia a polícia parou o grupo na rua para revistá-los e encontrou a foto de Giovani posando com a arma. Isso deu início ao conflito da narrativa do aluno, na qual é possível perceber o movimento de construção da consciência por meio do uso da linguagem escrita. Vejamos alguns fragmentos de duas versões do texto do aluno.

“Eles mostraram a foto para mim e falaram: ‘Agora diz que não é tu esse da foto!’ Eu pensei: ‘Caramba, agora é sal pra mim!’ Eles começaram a me dar socos, chutes e corronhadas. Eles falaram que iam me matar e tal. Eu pensava só na minha mãe e na minha irmã. ‘E agora? O que vai ser da minha mãe e da minha irmã quando falarem pra elas que eu morri?’ Lembro que um dos policiais me colocou de joelhos de frente para uma parede e ele falou: ‘Agora eu vou te matar, moleque!’ Colocou a arma dele na minha cabeça e apertou o gatilho e pá! barulho da arma, mas não saiu nenhuma munição. Ela travou ou estava descarregada! Não sei! O policial falou: ‘É moleque, agora não é tua hora, mas bora ver depois!’ E me deu uma corronhada na nuca. Fiquei tonto. Depois, me colocaram, eu, o Farinha, o Jhon e o Rubilight na viatura. Era escura dentro dela, não dava pra ver nada e nem aonde estavam levado a gente.

Depois, chegamos em uma mata, na Coab, no Tenoné. Chegando lá eles abriram a mala: ‘Cadê aquele moleque?’, falou o policial focando uma lanterna. Eles me puxaram. Eles estavam encapuzados, Eu pensei: ‘Jaera pra mim!’ Eles me levaram para frente da viatura e começaram a me bater, como socos, chutes. Eles colocaram um saco na minha cabeça tentando me sufocar. Depois perguntaram: ‘Cadê a arma?’ eu falei que não tinha. Então eles falaram: ‘Mata logo ele!’ Pegaram uma arma 38 e o policial falou que ia atirar. O outro falou: Não! É melhor a facada! Quero ver ele pedindo para viver’. Depois, eles falaram: ‘Não! É melhor passar coma viatura em cima dele!’ Me colocaram de joelhos. Depois, no rádio deles, falaram sobre uma denuncia pelas proximidades. Eles falaram: ‘Sabe, moleque, aqui é a Rotam! Quando a gente encontra jovens como tu, a gente dá esse susto para vocês pensarem melhor antes de seguir a vida errada. Agora ve se pensa antes de bater foto com a arma dos outros!’

Soltaram meus amigos e fomos embora.

Depois disso, eu e meus amigos fomos para casa. Eu falei para eles o que tinha acontecido.

Mesmo assim, eles seguiram o caminho errado.

Depois disso, eu parei de sair com eles e me afastei.

Eu soube pela minha irmã que três deles saíram para assaltar uma van em Icoaraci. Dois deles forma presos: Jhon e Rubilight. O outro que era primo deles foi solto por ser menor. No dia seguinte, ele foi roubar na Marambaia e acabou sendo morto por um policial, fiquei sabendo por um colega conhecido deles.”

(excerto da versão 3 do aluno Giovani)

“Hoje eu penso em estudar ser alguém na vida, hoje eu sou muito melhor do que era antes, se caso eu continuasse igual a eles hoje eu poderia tá morto ou preso.

Mas hoje eu tenho uma pessoa maravilhosa na minha vida: minha esposa Carol com ela tou sendo muito feliz tenho muitos momentos felizes ao seu lado e com ela vou vivendo.”

² Pseudônimo criado para a produção da terceira versão dos textos da segunda turma participante desta pesquisa. Utilizado também para adaptar a V1 e a V2, de modo a manter em sigilo a identidade do aluno. Foi escolhido pelo próprio aluno.

(Desfecho da Versão 2, suprimido na Versão 3, do aluno Giovani)

A produção de Giovani configura-se como um texto em que é possível perceber uma cadeia de vozes que comportam várias ideologias – dos amigos, da mãe, da irmã, da sociedade, das autoridades – que influenciam, de formas distintas, na formulação da consciência do aluno em relação aos fatos vivenciados, o que se dá ao longo dos diversos momentos da narrativa: antes de ser “encostado” pela polícia junto com os amigos, durante esse momento e depois disso.

Anteriormente àquele acontecimento, pelo relato do aluno, é possível crer que a consciência formada por ele o levava a pensar que era normal andar em companhia daqueles jovens que, mesmo fazendo “coisas erradas” conforme a visão negativa da sociedade, das autoridades, das leis, em relação a determinados comportamentos, explicados por ele, no áudio, como usar drogas, roubar, etc. mesmo assim, eram seus amigos.

Já no momento em que está sendo agredido pelos policiais, se observa um movimento de reformulação da consciência se iniciando. Naquele momento, passou a refletir sobre o que sua família, sua mãe e sua irmã, pensariam, como o julgariam, demonstrado preocupação com a forma de julgar do “outro” e, diante disso, já começa a demonstrar uma certa mudança na visão que tinha da companhia dos amigos. Isso se concretiza, por fim, quando afirma que, depois daquele episódio, se afastou dos amigos e só ficou sabendo do assalto, da prisão e da morte que os envolvia por intermédio de outro amigo em comum. Depois disso, refez sua vida. Nesse momento, a reflexão do aluno faz emergir uma ideologia social que ele parece ter assimilado, que diz respeito a um padrão de comportamento das pessoas “de bem”, segundo ele afirmou na gravação do áudio, bandido só tem dois fins “cadeia ou morte”, por isso é necessário estudar para “ser alguém na vida” e casar para ter alguém e “ser feliz”.

No universo do texto de Giovani – ao qual retornaremos oportunamente mais adiante, na seção de análise dos dados de nossa pesquisa – nota-se a construção de uma consciência influenciada conforme o momento, em que traz à tona fatos de sua memória, pelas ideologias às quais ele vai sendo submetido, que vão, ao longo do tempo, moldando as diversas formas de compreender-se e compreender seu entorno, suas ações e pensamentos, bem como as dos outros, como os amigos, por exemplo. Não há como negar que ele fez um movimento de “estranhamento” da condição em que vivia e decidiu mudar, para sair dela.

Logo, a construção da consciência tem total imbricamento com a memória, o que se faz de maneira dialógica, ao se considerar a rede de referências que compõem a comunicação,

que é tecida pela interação entre os sujeitos, num determinado contexto social e as ideologias presentes nele. Assim, vejamos de maneira mais precisa o que é a memória, por sua vez, e suas implicações em nossa pesquisa.

2. A CONTRUÇÃO DA MEMÓRIA

Instar o aluno a produzir textos inspirados em sua memória é conduzi-lo por um caminho que o levará a uma rede de referências com base na qual ele refletirá sobre os fatos vividos, de modo a organizá-los e, por vezes, reformular sua compreensão daquele fato e sua forma de senti-lo. Desse modo, buscaremos, neste capítulo, abordar, de maneira breve, a constituição e essência da matéria-prima que serviu de inspiração para o que se materializou em linguagem na construção das narrativas de história de vida, em nossa pesquisa: a memória. Para isso, discutiremos ideias desenvolvidas por Bosi (1994), na constituição de sua obra *Memória e sociedade – Memórias de velhos*. E, embora a pesquisa a que se propôs tal obra e este trabalho tenham sido elaborados pensando em públicos distintos, no que diz respeito à faixa etária, optamos por fazer uma breve explanação pela abordagem teórica e constatações a que a autora chegou ao final de sua pesquisa, por considerar as semelhanças existentes entre as duas experiências.

2.1 O ENVOLVIMENTO DO PESQUISADOR NA MEMÓRIA DO PESQUISADO

Iniciaremos nossa incursão pela obra retomando um esclarecimento relevante que a autora faz sobre a coleta das memórias, quando ela afirma que

Não é preciso dizer que o motivo da pesquisa foi explicado com toda clareza ao sujeito, e que ele sempre teve autoridade sobre o registro de suas lembranças e consciência de sua obra.[...] A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está *no que foi lembrado*, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida. (BOSI, 1994, p. 37 – grifos da autora).

Ao chamar a atenção para o fato de que os sujeitos pesquisados sabiam do objetivo de sua pesquisa e tinham autonomia sobre os fatos que decidiram compartilhar, a autora reforça a ideia de que há uma seleção dos fatos que são contados no momento em que qualquer pessoa é solicitada a rememorar acontecimentos de sua vida. Também ocorreu assim em nossa pesquisa, em que trabalhamos com a escrita de histórias de vida inspiradas nas memórias de alunos da EJA. No entanto, como procedemos primeiramente a uma etapa em que essas memórias foram registradas por meio da escrita, pudemos observar que, por uma série de fatores, que mais adiante serão explorados, essa seleção de fatos se concretizou de uma maneira pouco detalhada, razão pela qual recorreremos ao recurso complementar da gravação de sessões de áudios, nos quais instamos os informantes a fornecer informações

pormenorizadas sobre os enredos narrados nos textos escritos, com o objetivo de, posteriormente, no momento da reescrita dos textos, os alunos pudessem enriquecer a narrativa e torná-la mais atrativa para o leitor.

Outro fator relevante que marca uma diferença entre possibilidades de se valorar as memórias é que o idoso parece guardá-las com muito zelo e apego, já que elas dizem respeito a algo que não volta mais e que não será mais vivido, lembrança de um tempo que passou e que deixou resquícios marcantes na sua personalidade atual. Já para um jovem, com idade de 17 anos, em média, como foi o caso da maioria dos alunos participantes da nossa pesquisa, a memória parece ter um valor diferente. Talvez porque seja ainda recente. Muitas vezes, a memória ainda não é tida como algo que leva à uma reflexão sobre a forma como se concretiza em experiência para a formação da personalidade. Isso pode ser percebido quando Bosi (2014) trata das lembranças das pessoas idosas em comparação com as das pessoas jovens.

[...] no estudo das lembranças das pessoas idosas[...] é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que uma pessoa de idade. (BOSI, 1994, p.60).

Ao explicar o principal esteio de seu método de abordagem, Bosi (1994) nos leva a constatar uma coincidência, podemos dizer, necessária ao trabalho com memória, que também se deu em nossa pesquisa. Segundo ela, o esteio de sua abordagem foi a formação de um vínculo de amizade e confiança com os recordadores. Em relação a isso, é importante destacar que sem estreitar os laços com os sujeitos da pesquisa, permanece difícil, se não impossível, entrar no mundo do sujeito – no nosso caso o aluno – que cria resistência em compartilhar suas lembranças de vida. Isso foi, muitas vezes, percebido durante nosso trabalho de coleta de dados, especialmente na produção dos textos, na qual, por vezes, as memórias trazidas à tona beiravam a hostilidade ou mesmo a produção de uma atividade por simples obrigação.

Exemplo disso temos no texto de um aluno, que fez parte do projeto piloto, que disse não ter “nada de interessante” para contar sobre a infância e entregou um texto com apenas oito linhas, no qual contava fatos poucos desenvolvidos. Mesmo com pouco detalhamento, em todo caso, nota-se que havia muita coisa a ser dita e desenvolvida nas entrelinhas daqueles fatos. Vejamos o texto do aluno abaixo transcrito na íntegra.

“Quando eu era criança eu sempre gostava de me vestir de soldado. Eu sempre quis seguir a carreira de Militar que nem meu pai, gostava de ler Histórias de Guerra, Eu sempre fui muito fanático Por Guerra, todas as machas que tinha em minhas Escolas Eu sempre pedia para o meu pai me fantasiar de Soldado.

Sempre gostava de passear com minha família no Bosque. De ir ao cinema com a minha irmã: gostava de bater bola com os meus colegas, E gostava de brincar de policia e ladrão”

Após o desenvolvimento de laços de aproximação maior, bem como de criação de um ambiente mais propício, o mesmo aluno, no momento da gravação do áudio em que buscamos registrar as memórias de maneira oral para depois usá-las na reescrita do texto, nos contou em detalhes de sua infância, com fatos marcantes, demonstrando um nível muito maior de envolvimento emocional, bem como de apropriação dos fatos selecionados, inclusive nos surpreendendo com um fato que não havia aparecido naquela versão escrita: o fato de que ele era filho adotivo de um casal, mas não sabia e, na ocasião da separação deste casal, a mãe adotiva contou isso a ele e perguntou se ele gostaria de saber quem era sua mãe biológica. Ele disse que sim e ela contou que ele era filho da irmã do pai adotivo. Contou também que, quando ele nasceu, a avó não o aceitou porque a mãe biológica já tinha outros filhos. Assim, o pai adotivo foi buscá-lo no hospital e o criou como se fosse um filho biológico. E é esse pai que exerce influência para que o aluno queira seguir carreira militar, pois ele é policial. Outra informação que não aparece tão definida nesse primeiro texto do aluno, mas que pôde ser notada de forma bastante sensível, foi a admiração do filho pela figura desse pai, que vai muito além da influência na carreira pretendida. Este fato exemplifica a colocação feita por Bosi (1994) quando ela cita uma reflexão de Roman Jakobson

[...] a observação mais completa dos fenômenos é a do observador participante. Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. E ela será tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias na situação do observado, mas participar de sua vida. A expressão “observador participante” pode dar origem a interpretações apressadas. Não basta a simpatia (sentimento fácil) pelo objeto da pesquisa, é preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida muito semelhantes. Não bastaria trabalhar alguns meses numa linha de montagem para conhecer a condição operária. O observador participante dessa condição por algum tempo tem, a qualquer momento, possibilidade de voltar para sua classe, se a situação tornar-se difícil. (BOSI, 1994, p. 38).

Nesse sentido, cabe registrar que, durante nossa pesquisa de memórias, precisamos desenvolver esse trabalho de aproximação com os alunos, de um modo geral, visando conquistar sua confiança e quebrar sua resistência em participar ativamente da pesquisa, para, então, compartilhar suas lembranças mais íntimas e, por vezes, surpreendentes, com a figura de um professor no ambiente da escola; pessoa e contexto, na maioria das vezes, inesperados

para o compartilhamento de situações pessoais. Constatamos que os laços afetivos e de efetivação de nossa participação, nos moldes citados por Jakobson (apud Bosi 1994) foram, de fato, concretizados, quando se percebe a qualidade e profundidade do material coletado ao longo das duas etapas de pesquisa. Conseguimos que os alunos, de certa forma, vencessem a resistência em relação à produção de textos e em relação ao fato de falarem de si, produzindo textos que recontassem fatos de sua vida. Ao longo do tempo, percebemos uma disposição maior por parte deles de contribuir com nossa pesquisa, compartilhando situações pessoais, que no início não eram citadas ou o eram, mas com poucos detalhes, pouco desenvolvidas. São memórias que advêm de situações que acreditamos que, raramente, os alunos contariam a qualquer pessoa e em qualquer situação, dado o seu conteúdo extremamente pessoal e, por vezes, até confidencial. Nos áudios, no entanto, isso ficou mais evidente quando se constata fatos ditos sob a forma de denúncia, crítica, desabafo, etc. como o foi com a aluna que, ao longo da gravação, enquanto falávamos sobre sua infância, se emocionou ao contar que, quando criança, sofrera abuso, o que nos levou a interromper a gravação do áudio.

Outra colocação pertinente é feita por Bosi (1994) quando esclarece que denominar os participantes da pesquisa de “objeto da pesquisa” pode repugnar aqueles da área de ciências humanas por parecer que se estabelece uma relação tão objetiva que o levaria a ser tratado como uma coisa, que perderia sua qualidade de ser para tornar-se compatível com a ideia de objeto experimental. No entanto, assim como agiu Bosi em sua coleta de dados, também o fizemos em nossa pesquisa, visto que também buscamos nos colocar na posição de sujeito e de objeto. Ora como sujeito, instigando os alunos a falarem sobre os fatos que já havíamos lido em seus textos e elencados um a um, estimulando-os através de perguntas, solicitações de esclarecimentos e detalhes, demonstrando interesse em ouvir suas histórias; ora como objeto, ouvindo, apreendendo, tal qual um instrumento que serve para salvaguardar a essência do partilhado por alguém. Assim como se descreve a autora no percurso de sua pesquisa

Nesta pesquisa fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças. (BOSI, 1994, p. 38).

Para buscar, grosso modo, conceituar a memória, matéria essencial de nossa pesquisa, buscamos a seguinte explicação de Bosi (1994)

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloravam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito. (BOSI, 1994, p. 39).

Também, em nossa pesquisa, isso ocorreu. Exemplo desses fatos que afloravam em momentos em que não se estava registrando os fatos através da gravação, ocorreram com a aluna que contou sobre o abuso sexual e com a aluna que contou que seu atual companheiro usava drogas e praticava assaltos, mas parou de fazê-los quando ela engravidou.

2.2 TEMPO E MEMÓRIA

Para analisar a questão tempo e memória, Bosi (1994) lança mão das concepções de Bergson e de sua obra *Matière et mémoire*, que pelas proposições provocou “reações que ajudaram a psicologia social a repensar os liames sutis que unem a lembrança à consciência atual e, por extensão, a lembrança ao corpo de ideias e representações que se chama, hoje, correntemente, ‘ideologia’ ”(BOSI, 2014, p. 44).

Encontramos nas concepções de Bergson (apud BOSI, 1994), um conceito de memória, que, no entanto, mais adiante será descartado pela autora. Memória seria uma reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida. Assim, ele segue explicando o processo de construção da memória:

“Aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então apenas algumas indicações, meros ‘signos’ destinados a evocar antigas imagens”. [...] começa-se a atribuir à memória uma função decisiva no processo psicológico total: a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva [...] seria o “lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas” (BERGSON, 1959 apud BOSI, 1994, p. 46 – grifos do autor).

Essas memórias emergem através da palavra, do interior da consciência para a realidade material, na qual se concretizarão sob a forma de texto, escrito ou oral, carregado de sentidos. Bosi (1994) chama essas memórias de *imagem-lembrança*, que traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida. Reconstruir fatos do passado seria construir uma organização móvel cujo elemento de base ora é um aspecto,

ora outro do passado. Disso nasce, portanto, a diversidade dos sistemas que a memória pode produzir em cada um dos espectadores do mesmo fato. Nesse sentido, podemos identificar uma proximidade entre a concepção de consciência proposta por Bergson e o subjetivismo idealista explanado por Bakhtin/Voloshínov, devido conceber a consciência como algo individual, próprio de cada indivíduo, e também descartado por ele.

De um ponto de vista sociológico, diferente daquele tido por Bergson (1896 apud BOSI, 1994), há Halbwachs (1856) que vai estudar não a memória, mas “os quadros sociais da memória”. Ele defende que “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”. Podemos notar, portanto, que a visão de Halbwachs se afina mais com Bakhtin/Voloshínov ao conceber a consciência como algo relacionado à interação do indivíduo com o meio em que está inserido e sua forma de percepção desse meio.

Ele vai, então, realçar que a vida atual do sujeito toma lugar relevante ao se desencadear o curso de sua memória. Na visão desse sociólogo, as relações interpessoais alcançam um grau de relevância maior, visto que instituições sociais das quais o indivíduo faz parte é que são as responsáveis pela sua formação. Para ele, se lembramos de algo, é porque a situação atual em que estamos inseridos nos leva a isso. Ele afirma, inclusive, que nossas lembranças nos vêm quando somos impelidos, por nossos pais, amigos ou outras pessoas, a trazê-las à tona. Situação que, em sala de aula, por exemplo, o professor pode desempenhar. Assim expressa Halbwachs:

[...]lembrar não seria reviver, mas sim refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (HALBWACHS, 1956 apud BOSI, 1994, p. 55).

Criticando Bergson, Bosi (1994) concorda com Halbwachs (1956)

A lembrança bergsoniana, enquanto conservação total do passado e sua ressurreição, só seria possível no caso (afinal, impossível) em que o adulto mantivesse intacto o sistema de representações, hábitos e relações sociais da sua infância. A menor alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da memória. Por essa via, Halbwachs amarra a memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade. (HALBWACHS, 1956 apud BOSI, 1994, p. 55).

A posição de Halbwachs sobre a memória alinha-se à concepção dialógica da linguagem de Bakhtin/Voloshínov, já que ao externalizar a memória, o sujeito a exporá à forma de interpretação do outro, que formulará, sobre os fatos dessa memória, julgamentos de valor baseados no contexto atual e não mais apenas no momento passado em que tal fato ocorreu. Desse modo, uma nova significação será dada aos fatos rememorados, por meio da forma como o narrador dos fatos se vê no momento atual, bem como a forma como o outro o vê, dentro de um contexto sócio-histórico, construindo, dessa forma, uma rede de referências nas quais a consciência dos participantes tomará lugar e estará carregada de valores, as ideologias, por meio dos signos, que permeiam o ato comunicativo.

Detendo-se em estudar detalhadamente a forma como se reconstrói a memória, Halbwachs (1956 apud Bosi) cita como exemplo a releitura de um livro. Não se pode afirmar que uma segunda ou terceira leitura seriam iguais à primeira. Especialmente se essa releitura for feita tempos depois da primeira. O leitor poderia criar a expectativa de que se depararia com as mesmas ideias e reflexões no livro, mas isso não ocorreria, tendo em vista que sua visão de mundo teria mudado, o que o levaria a perceber de maneira diferente determinadas palavras, passagens e implícitos que antes não houvesse notado. O mesmo ocorreria com sua percepção da estrutura psicológica dos personagens: o ângulo de observação seria diferente do anterior. Tratar-se-ia de um adulto lendo uma história para crianças, mas escrita por um outro adulto. O leitor saberia, na releitura, que o autor teria se adaptado à linguagem e à idade mental do público-alvo. Disso, decorre, muitas vezes, que o leitor, nessa releitura, entremeia sua visão mais crítica e sua percepção, alterando profundamente essa nova leitura. Para corroborar essa ideia, Halbwachs (apud Bosi 1994) afirma que

Quanto mais o adulto está empenhado na vida prática, tanto mais aguda é a distinção que faz entre fantasia e realidade, e tanto mais esta é valorizada em detrimento daquela. Não se lê duas vezes o mesmo livro, isto é, não se relê da mesma maneira um livro. O conjunto de nossas ideias atuais, principalmente sobre a sociedade, nos impediria de recuperar exatamente as impressões e os sentimentos experimentados a primeira vez. (BOSI, 1994, p. 58).

Do mesmo modo, se pode pensar na reconstrução da memória. Ao instar o indivíduo a trazer à tona suas memórias da infância, do primeiro amor ou das brincadeiras de sua infância, por exemplo (temas trabalhados na fase piloto de nossa pesquisa), já é de se supor que, baseado em nova visão do mundo que o cerca, de novas ideologias e conhecimentos, tais fatos serão vistos por outro ângulo, bem como sua percepção do momento passado certamente sofrerá alteração. Além disso, falar da infância na escola, em uma situação pública, não é o

mesmo que lembrar-se silenciosamente da infância: tem-se, neste caso, o olhar dos outros, um jeito diferente de “escutar a si mesmo” e refletir sobre aquilo que já se passou, há a própria instituição escolar envolvendo a tudo.

Cabe aqui ressaltar, no que tange à área de interesse deste trabalho, a relação existente entre a consciência, com seu papel ideológico, e a memória, tendo em vista que a matéria, da qual a memória é composta, se organiza e é exposta com base no cabedal que é guardado em forma de lembrança.

Nesse processo de conceituar a memória e seu processo de construção, Bosi (1994) atém-se também a outros autores, como Barlett (1932) ao qual une as concepções de Halbwachs (1956). Bosi (1994) afirma que uma conquista comum das duas reflexões é a percepção do fato de a vida atual ser inerente ao processo de reconstrução do passado. Ela afirma que a memória das pessoas depende de um longo processo no qual “fica” o que significa, às vezes de forma intacta e, outras vezes, de maneira profundamente alterada – o que nos faz pensar na propriedade ambivalente atribuída ao signo linguístico por Bakhtin/Voloshinov, de “refletir” e “refratar” a realidade.

Como uma última análise vejamos a função do “estofa” da memória, a lembrança, e sua função. Vejamos o que Bosi (1994) cita sobre Stern (1957).

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo. (STERN, 1957 apud BOSI, 1994, p. 68).

Diante dessa afirmação sobre o papel da lembrança e das diversas teorias sobre a memória, buscaremos convergir para a constatação feita por Bosi (1994), antes de partir para a análise de suas memórias de velhos, e adotaremos prática semelhante.

[...] qual a forma predominante de memória de um dado indivíduo? O único modo correto de sabê-lo é levar o sujeito a fazer sua autobiografia. A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a *sua* memória. (BOSI, 1994, p. 68).

Divergimos, unicamente, nesse ponto, sobre a escolha da estrutura textual a ser proposta para a produção dos textos que comporão o corpus deste trabalho. Enquanto Bosi (1994) optou por designar o que os sujeitos de sua pesquisa produziram por autobiografia, optamos por propor aos alunos a produção de narrativas de histórias de vida. Esclarecemos por que consideramos concretizar tal opção. Para isso, vejamos o que seria a Autobiografia.

Autobiografia é a vida de uma personagem real contada por ela mesma. É o retrato do próprio narrador, um relato dos episódios em que esteve envolvido, uma descrição dos lugares que conheceu e dos costumes de sua época. São recordações, que nos mostram como se fez a sua educação, como se formou o seu caráter, que nos falam das influências que sofreu, que nos revelam os seus conflitos íntimos, as suas crenças políticas e religiosas, os seus interesses, ambições, idiossincrasias, conquistas, derrotas, frustrações, seu anseio de felicidade. (GARCIA, 1996, p. 245 - grifos do autor).

Assim, consideramos que os textos que compõem nosso corpus, produzidos pelos alunos, não se compatibilizam completamente com as nuances que delineiam uma autobiografia, visto que não buscávamos, com a produção textual proposta neste trabalho, caracterizar o autor por meio de descrições pormenorizadas e reconstituição de sua vida em detalhes relevantes para este gênero discursivo, como, por exemplo, onde e quando nasceu, quem são seus pais, como foi sua educação e formação, etc., que levassem a sua identificação. Pensamos sim em uma espécie de recorte que comportasse um fato marcante de sua vida. Isso pode ser constatado quando se observa, no comando da atividade diagnóstica (vide Anexo A), em que propusemos que eles produzissem um texto no qual contassem um fato interessante de sua vida e, após produzido o texto, se verificou que, realmente, o que eles narraram foi um fato marcante, mesmo nos casos em que houve mudança de fato narrado de uma versão para outra ou acréscimo de outros fatos ou detalhes ao que já fora narrado antes. E, muitas vezes, nem identificação do aluno por meio do seu nome houve, o que seria uma característica básica para a composição de uma autobiografia.

Assim, concebendo a ideia de que este trabalho se realizará sob a óptica da produção de textos que visarão narrar fatos da vida dos alunos, sem, no entanto, estar preso a um determinado gênero discursivo, nos ateremos somente às características do tipo textual narrativo. Dessa forma, façamos algumas considerações sobre as ações da linguagem, a produção textual, a escrita, a reescrita e as formas de correção, que comporão a forma de intervenção escolhida para os problemas diagnosticados.

3. A LINGUAGEM EM AÇÃO NA COMPOSIÇÃO DOS TEXTOS DE MEMÓRIA

3.1 A DISTINÇÃO ENTRE AS AÇÕES LINGUÍSTICAS

Depois de explorarmos as concepções pilares do trabalho – consciência e memória – cabe-nos retomar a perspectiva bakhtiniana que embasa este trabalho para esclarecer algumas noções mais especificamente relacionadas ao trabalho com a língua na escola. Considerando a perspectiva interacionista e suas implicações no uso da linguagem, cabe mencionar o importante papel de Geraldi como difusor das ideias do Círculo de Bakhtin no campo da educação e do ensino-aprendizagem de língua portuguesa. Geraldi (2013) chama a atenção para o fato de que se deve pensar nesse ensino à luz da linguagem. Para isso, o foco deverá recair sobre o fenômeno da interlocução. Isto posto, ele postula que

Focalizar a linguagem a partir do processo interlocutivo e com este olhar pensar o processo educacional exige instaurá-lo sobre a singularidade dos sujeitos em contínua constituição e sobre a precariedade da própria temporalidade, que o específico do momento implica. Trata-se de erigir como inspiração a disponibilidade para a mudança. (GERALDI, 2013, p. 5-6).

Dessa forma, ratifica-se que a interlocução ou a interação verbal é o lugar em que a produção de linguagem e os sujeitos se constituem. Para isso, é necessário que se admita que a língua não está pronta, mas constrói-se e reconstrói-se na interação; que o sujeito não está pronto, mas constitui-se nas interações por meio de um trabalho social e histórico seu e dos outros; por fim, que as interações se dão nos limites de um contexto social e histórico, do qual sofre influências, controles e seleções.

Para que isso se concretize, Geraldi (2013) propõe que há três tipos de atividades linguísticas: ações que se realizam *com* a linguagem, ações *sobre* linguagem e ações *da* linguagem.

As ações *com* a linguagem são as ações linguísticas, que ocorrem entre um *eu* e um *tu* no próprio processo de interação verbal. São ações direcionadas conforme o que se pretende obter por meio do uso da linguagem – fazer um pedido ou dar uma ordem, expressar um determinado ponto de vista (e convencer sobre sua validade) etc. Assim, o locutor pode representar uma realidade de diferentes formas, de acordo com o interlocutor e com o que pretende com seu discurso. Nesse processo, a interação verbal se constitui como um jogo, segundo Geraldi (2013). O resultado desse jogo é que as ações com a linguagem incidem

“sobre o outro”, podendo atingi-lo de diferentes formas, fazendo-o mudar sua opinião, seu julgamento, etc. Assim

As atividades linguísticas são aquelas que, praticadas nos processos interacionais, referem ao assunto em pauta, “vão de si”, permitindo a progressão do assunto. As reflexões que aqui se fazem, tanto no agenciamento dos recursos expressivos pelo locutor quanto na sua compreensão pelo interlocutor, não demandam interromper a progressão do assunto de que se está tratando. [...] elas demandam, na compreensão responsiva, um certo tipo de reflexão que se poderia dizer quase “automática”, sem suspensão das determinações do sentido que se pretendem construir na intercompreensão dos sujeitos. (GERALDI, 2013, p. 20).

Vale ressaltar que Geraldi (1997) faz uma diferenciação entre as ações coercitivas e as ações linguísticas. Aquelas incidem sobre as ações do sujeito e estas sobre as motivações do sujeito para agir. Nesse sentido, os sujeitos não são cristalizados e, podem, portanto, ser modificados pelos processos interlocutivos, o que significa dizer que, falando (ou escrevendo), podem-se alterar as relações entre os sujeitos que interagem verbalmente. Nesse contexto de interação, o sujeito vai construindo os liames que comporão seu campo de referência para a formação de sua consciência, formulando, conseqüentemente, sua compreensão de mundo, pois conforme Bakhtin/Voloshínov, a consciência se constitui no universo do discurso.

As ações *sobre* a linguagem, que podemos aproximar ao que Geraldi designa como ações epilinguísticas, mesmo tendo os interlocutores presentes, tomam como objeto de discussão os recursos linguísticos, mas também objetivam atingir os interlocutores e a produção de sentidos. Assim como ações *com* a linguagem, as ações *sobre* a linguagem se configuram, para Geraldi (1997) como trabalho, visto que são operações que tomam recursos expressivos que sozinhos não conseguem estabelecer sentido – trata-se, portanto, de situações em que algum tipo de negociação sobre as próprias palavras, percebidas como suficientes por si só para expressar uma mensagem ou realizar uma ação, se torna necessário. Dessa forma, Geraldi (2013) afirma que

As atividades epilinguísticas são aquelas que, também presentes nos processos interacionais, e neles detectáveis, resultam de uma reflexão que toma os próprios recursos expressivos como seu objetivo.
[...] independente da consciência ou não, tomando as próprias expressões usadas por objeto, suspendem o tratamento do tema a que se dedicam os interlocutores para refletir sobre os recursos expressivos que estão usando. Seriam operações que se manifestam nas negociações de sentido, em hesitações, em autocorreções, reelaborações, rasuras, pausas longas, repetições, antecipações, lapsos, etc. (GERALDI, 2013, p. 20).

Já as ações *da* linguagem são as ações que a linguagem realiza sobre o sujeito que a utiliza, ou seja, a forma como, usando a linguagem – falando, escrevendo, etc. – o sujeito sofre a influência das palavras, para além do seu controle, o que remete à ideia de Bakhtin quando afirma que o signo linguístico produz a consciência. Assim, Geraldi (2013) afirma

Não só a linguagem se constitui pelo trabalho dos sujeitos; também estes se constituem pelo trabalho linguístico, participando de processos interacionais.[...] as ações da linguagem, quer em sentido estrito de interferência nas próprias possibilidades de percepção e de raciocínio linguístico-discursivo, quer em sentido mais amplo de constituição de um modo de ver o mundo (na construção de sistemas de referências), limitam-se a estabilizar formas de raciocínio e formas de compreensão do mundo. (GERALDI, 2013, p. 51-55).

Observa-se, portanto, que as três ações ocorrem concomitantemente, visto que são fenômenos que ocorrem em conjunto no momento da interação verbal.

Esclarecidas as ações que Geraldi (2013) mostra possíveis *com* e *sobre*, bem como as ações da linguagem sobre o sujeito, vejamos agora como elas podem ocorrer na construção de textos, quando tais ações são colocadas em prática, tendo em vista que elas tiveram seu lugar de destaque ao longo das atividades que desenvolvemos nessa pesquisa.

3.2 A LINGUAGEM EM USO NO TEXTO: *redação* ou *produção textual*?

Geraldi (2013) afirma que *redação* seria o exercício simulado de produção de discursos, ou seja, de textos. Dessa maneira, os textos produzidos em situação escolar estariam sempre exercitando o aluno para um futuro, em que ele supostamente precisaria fazer uso da linguagem em situação concreta, desconsiderando que a escola já é um espaço concreto de uso da linguagem, e portanto, descaracterizando o aluno como sujeito que se constrói ao usar a linguagem. Assim para Geraldi, “Na redação, não há um sujeito que diz, mas um aluno que devolve ao professor a palavra que lhe foi dita pela escola.” (GERALDI, 2013, p. 128)

A *redação*, sob esse aspecto, priva o aluno das características básicas da linguagem, a saber: sua funcionalidade, a subjetividade de seus locutores e seu papel mediador na relação do homem com o mundo (BRITTO apud GERALDI, 2013, p.128). Vemos, portanto, que isso contraria a concepção interacionista, perspectiva sob a qual erigimos essa pesquisa. Cabe-nos, dessa forma, descartar tal proposta, já que toma a linguagem e seu uso como resposta pronta do aluno ao professor.

Uma vez abandonada a ideia de se produzir redações, partamos, então, de um novo horizonte em busca do que converge para o norte que pretendemos dar às atividades desenvolvidas no trabalho com a linguagem a que nos propusemos. Ao procurar um ponto de partida para essa nova busca, vejamos o que nos propõe Geraldi (2013)

Considero a produção de textos (orais e escritos) como ponto de partida (e ponto de chegada) de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua. E isto não apenas por inspiração ideológica de devolução do direito à palavra às classes desprivilegiadas, para delas ouvirmos a história, contida e não contada, da grande maioria que hoje ocupa os bancos escolares. Sobretudo, é porque no texto que a língua – objeto de estudos – se revela em sua totalidade quer enquanto conjunto de formas e de seu reaparecimento, quer enquanto discurso que remete a uma relação intersubjetiva constituída no próprio processo de enunciação marcada pela temporalidade e suas dimensões. (GERALDI, 2013, p. 135).

Alinhamo-nos com tais concepções de uso da linguagem na construção de textos e do papel relevante que tal prática adquire no ensino/aprendizagem da língua portuguesa. Isso porque, para além de propor que os alunos produzissem, de forma mecânica, textos sobre fatos por eles talvez nunca vividos, visávamos possibilitar a eles que, por meio da língua, e fazendo uso das diversas ações que a linguagem possibilita em face da criação de discursos – sejam estes escritos ou orais – concretizem uma relação deles com o texto, com os leitores e com o mundo que o cerca.

Primordialmente, almejávamos dar a esse aluno a oportunidade de fazer emergir-se enquanto usuário da língua, enquanto cidadão, enquanto aluno, enquanto leitor e escritor, fazendo-o enunciar-se como quem retoma a palavra que lhe fora tomada ao ser colocado, muitas vezes, na condição de quem precisa escrever para cumprir um papel em que não se reconhece plenamente ou mesmo não lhe sendo permitido dizer aquilo que não seria bem aceito no ambiente educacional ou pelo professor, por não ser “adequado” para tal contexto. E isso se dando por diversas razões, seja pelo conteúdo do que ele teria a dizer, seja pela forma como se diria ou mesmo pelo uso de uma variação da língua que não seria a “adequada” para o ambiente da escola.

Partindo do pressuposto de que nossas experiências só são significativas se se relacionarem com nossas vivências, o ensino da língua, na escola, precisa levar a relações anteriores, nossas memórias. Se os conhecimentos a serem estudados forem significativos, serão feitas relações anteriores e a aprendizagem será mais verdadeira. Nesse contexto, a despeito de toda forma de impedimento, buscamos fazer real, ao longo de todo nosso processo de pesquisa, a concepção de construção de textos em que a palavra é devolvida ao aluno para ser o protagonista daquilo que quer dizer.

Ao propor a produção de narrativas de histórias de vida, sem enquadrá-las em um gênero discursivo fechado, com características próprias e definidas, bem como permitindo que eles se narrassem – se construindo e se reconstruindo por meio da linguagem – oportunizamos a eles retomarem o direito de fazer diferente de tudo aquilo que habitualmente se espera deles na escola; que construam discursos considerando estarem inseridos em contextos fictícios que não mantêm vínculos com o vivenciado, o experienciado, tão pouco consideram a interlocução com um possível leitor.

Assim, vejamos que, segundo Geraldi (2013), para a produção de textos em qualquer modalidade, é necessário que

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz [...];
- e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d). (GERALDI, 2013, p. 137).

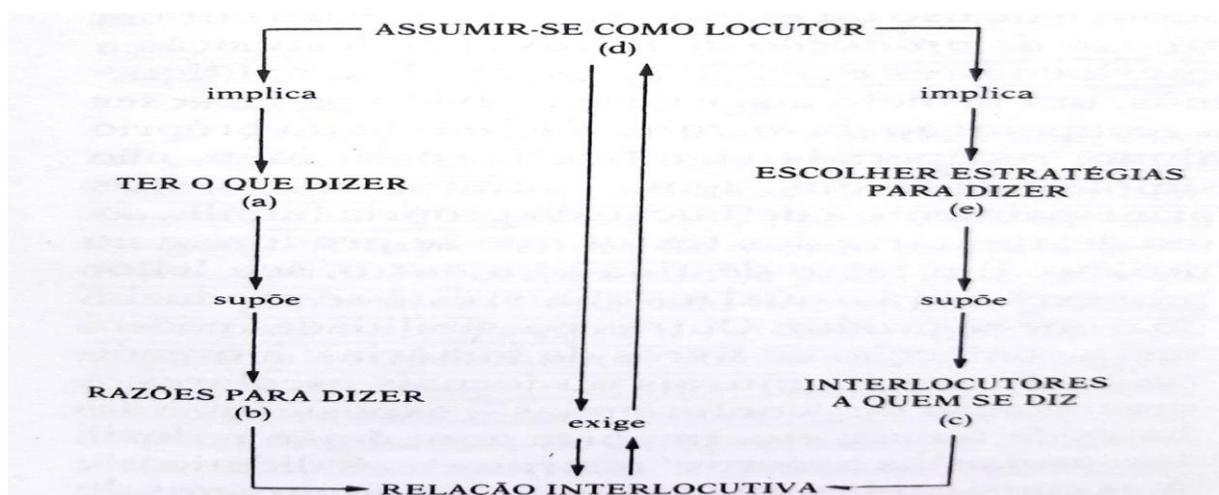
Com base nesses parâmetros para que se realize a produção de textos, o autor critica o que se produz em sala, quando afirma que há muita coisa escrita, mas pouco texto, ou seja, pouco discurso, tendo em vista que há uma divergência de respostas que os alunos constroem em sala para essas necessidades. Costuma-se observar que, para cada uma dessas exigências, a resposta é diferente do que seria, se o discurso fosse construído em situação de interlocução real, já que interessa ao aluno apenas executar uma tarefa que lhe fora solicitada. Assim, por exemplo, com relação a “o que dizer”, ao se solicitar que o aluno escreva um texto no qual conte sobre uma relação familiar e ele constrói um texto em que mostre uma relação conflituosa vivida por ele com seus familiares, ele entende que o que vai dizer emergirá de situações vivenciadas, carregadas de sentido, dentro de um contexto em que o interlocutor imediato, o professor, ao solicitar aquela atividade e aplicar atividades que precedem a produção do texto, se colocará no papel de interlocutor ativo, participando da construção dos sentidos que o texto assumirá na sala de aula, por exemplo. Do contrário, o aluno não toma parte inteiramente no processo dialógico, ao não assimilar seu papel de locutor que construirá um enunciado levando em consideração um interlocutor em contexto determinado.

Para que essa assimilação se concretize efetivamente, Geraldi (2013) propõe que se deve tornar relativas as posições assumidas pelo professor e pelo aluno, as quais têm sido cristalizadas pela escola. Ao se relativizar tais papéis, recuperar-se-iam, no discurso de sala de

aula, sujeitos que se disporem a explorar um objeto a conhecer e compartilhar visões de mundo, a fim de construir o conhecimento, num processo de troca. Tendo este processo como pano de fundo, é necessário asseverar que

A devolução da palavra ao aluno faz deste o condutor de seu processo de aprendizagem, assumindo-se como tal. Isto não quer dizer a decretação de um “nada a fazer ou a declarar” para o professor. Fora isto, e teríamos a desconsideração pela palavra, o que significa, na verdade, uma não devolução da palavra ao *outro*. (GERALDI, 2013, p. 161 – grifos do autor).

Retomando a palavra, o aluno estará, então, assumindo papel relevante no processo de ensino/aprendizagem, assumindo parte no processo de interlocução que se dará no ambiente da sala de aula e, desse modo, a interação verbal será tomada como princípio básico, já que, ao assumirem-se como locutor/interlocutor, aluno e professor estarão numa relação de interlocução, realizada por meio da discussão de temas, da leitura de textos, da explanação de características textuais, da exposição da proposta a ser desenvolvida, entre outros elementos que precederão o trabalho de redigir, propriamente, o texto. Com base nessa relação, Geraldi (2013) propõe o seguinte esquema:



(GERALDI, 2013, p. 161)

O esquema acima é explicado por Geraldi do seguinte modo:

[...] assumir-se como locutor implica estar numa relação interlocutiva. Assumindo-se, pois, a relação interlocutiva como princípio básico a orientar todo o processo, a ação do professor poderá se dar, ele também locutor/interlocutor, tomando cada um dos aspectos à direita ou à esquerda como “tópicos” do processo de ensino/aprendizagem. (GERALDI, 2013, p. 161-162).

Considerando esse processo interlocutivo do qual os atores do processo educacional fazem parte, para que o texto produzido pelo aluno se concretize como *produção textual* e não *redação*, é relevante levar em consideração os tópicos, componentes do esquema, que se fazem necessários à criação dos textos. Buscando devolver a palavra ao aluno, devolvendo a ele o direito de usar a linguagem e, por meio dela, (re)constituir-se, acedemos a uma proposta de produção de textos, nos quais, de posse da palavra, torna-se mais importante o conteúdo do que é dito do que somente os problemas de ordem gramatical que nele possam ocorrer. Dito isto, pretendemos não anular o sujeito, já que não é isso o que o tornará mais proficiente no uso adequado da linguagem.

Ao contrário, é abrindo-lhe o espaço fechado da escola para que nele ele possa dizer a sua palavra, o seu mundo, que mais facilmente se poderá percorrer o caminho, não pela destruição de sua linguagem, para que surja a linguagem da escola, mas pelo respeito a esta linguagem, a seu falante e ao seu mundo, conscientes de que também aqui, na linguagem, se revelam as diferentes classes sociais. (GERALDI, 2013, p. 130-131).

Vejamos um fragmento que ilustra o processo de devolução da palavra ao aluno, permitindo a ele dizer o que para ele tem significado, trazendo seu mundo e seu jeito próprio de dizer com as suas palavras, revelando diferenças entre classes sociais, mas nem por isso menos significativa, com menos sentido.

“[...] Ele roubou alguns celulares e foi até a minha casa me oferecer alguns. Eu morava no Sevilha. Eu não quis. Então, ele resolveu bater umas fotos com a arma que ele tinha. Ele Falou: ‘Fala, Fumaça, bora bater umas Fotos para mostrar pras periquitas’ – meninas na linguagem dele. Eu falei: ‘Jaé já!’ A gente bateu.”

Tomando a palavra para si, o aluno demonstra ter entendido que o espaço do seu texto lhe pertencia e que nele era possível fazer uso da variante linguística que ele traz de fora do ambiente escolar para dizer o que quer dizer, o que para ele faz sentido, com suas referências, seus saberes, suas experiências. Pensemos nesse mesmo aluno diante de uma proposta bem delimitada de produção dentro de uma situação de sala de aula, na qual precisasse devolver a palavra que lhe fora dada pronta. Será que ousaria nas suas escolhas? Mostraria toda a desenvoltura com a linguagem que demonstra nesse trecho, ao transitar entre dois universos aparentemente incompatíveis – o de uma contracultura subversiva, oposta ao “Estado de Direito”, e o da escrita oficial, escolar, potencialmente delatora – com tamanha fluidez? Ou, pelo contrário, jogaria o jogo da escola, ocultando um lado da moeda?

Acreditamos que, entre outras coisas, mudaria o conteúdo do que diz, bem como selecionaria o vocabulário a ser utilizado, evitando, por exemplo a expressão “periquitas”, que usa, mas faz questão de explicar, o que já demonstra de que forma foi construída sua consciência; já como uma palavra incerta, mas com mais de um valor – aceitável e expressiva em um contexto, mas quase proibida em outro. O comentário do aluno pode indicar uma preocupação de sua parte em explicar que não era a sua forma de falar, mas sim do amigo; talvez, numa outra hipótese, a ideia, ao explicar o significado, fosse considerar que o leitor não tivesse esse conhecimento. Em qualquer hipótese, o aluno está inserindo seu texto na perspectiva dialógica ao considerar o julgamento do outro, as diversas vozes que permeiam seu texto e o contexto de interação.

Assim, a fim de dar liberdade ao aluno, portanto não o limitar à escrita de uma *redação*, escolhemos devolver a palavra a ele. Assim, decidimos nortear nosso trabalho com a escrita embasando-nos nas concepções que definem o processo de produção de textos, segundo Geraldi. Vejamos, no próximo item, como a escrita pode ser desenvolvida.

3.3 E A ESCRITA, COMO DESENVOLVÊ-LA? COMO *DOM*, *CONSEQUÊNCIA* OU *TRABALHO*?

A escrita passou por várias concepções ao longo dos períodos históricos e das diretrizes que a educação tomava em dado momento. O trabalho com a produção escrita, ao longo do tempo, passou por diversas reformulações. Lembremos, por exemplo, de momentos passados em que a escrita era feita em vários formatos: a cópia, o ditado, a resolução de questões discursivas, muitas das quais com respostas apenas transcritas da superfície textual, ora por meio de cópia, ora de paráfrase. Em todos estes casos, limitava-se o aluno a ser o repetidor de ideias prontas. Essa forma de trabalhar a escrita vai contra o que afirma Fiad (2006) quando diz que a escrita precisa ser um processo e não apenas um produto.

No entanto, com o passar do tempo, estudos foram se desenvolvendo e foram surgindo diversas outras formas de analisar a relação do sujeito usuário da linguagem com a modalidade escrita. E, assim, novas formas de produção da modalidade escrita foram chegando à sala de aula. Dessa forma, a construção de sentidos por parte do aluno, sob a forma de textos, foi emergindo com força suficiente para pôr em destaque as dificuldades existentes nesse processo.

Para algumas perspectivas, ao longo do tempo, a intervenção do professor se fazia com preocupação maior de correção gramatical, deixando para segundo plano o conteúdo, o

estilo, a intenção etc. e no qual o professor era o detentor do conhecimento e o aluno o receptor deste. Muito distante de qualquer interação pensada para o processo de aquisição da língua. Naquelas perspectivas, não se considerava o aluno com suas experiências vividas fora do ambiente escolar. Era como se ele entrasse na escola sem nada saber da língua ou de qualquer outro assunto.

Uma vez escolhido nosso ponto de partida e de chegada – o texto – e para que a produção escrita deste contemple o processo dialógico da linguagem, constituindo-se num processo de variados fios ideológicos, composto por diversas vozes, numa construção linguística que prima pela reflexão, cabe-nos agora escolher a concepção de escrita que converge para essa perspectiva. Nesse sentido, Sercundes (1997) faz acepção a três linhas metodológicas: escrita como *dom*, escrita como *consequência* e escrita como *trabalho*.

Na primeira concepção, a escrita como *dom*, “é necessário simplesmente ter um título, um tema e os alunos escrevem, praticamente não há atividade prévia para se iniciar um trabalho de produção.” (SERCUNDES, 1997, p. 98). Essa concepção vai de encontro ao que Bakhtin/Voloshínov (2013) postula como Subjetivismo abstrato, pois nela claramente se vê que se concebe a linguagem como expressão do pensamento. Por meio dela, se entende que somente quem recebe o “dom divino” está apto a produzir textos escritos, restando aos demais apenas lamentar. Na escrita como *dom*, não se cria relação do aluno/produtor com a situação de produção, resultando apenas em uma atividade sem finalidade, nem interlocutores definidos.

A segunda concepção, escrita como *consequência*

tem como ponto de partida o saber oral que conduzirá a uma escrita, a um registro, muitas vezes homogeneizado desse saber, verificando-se que esse registro é consequência do trabalho realizado. Basta ler um texto, ver um filme, dar um passeio etc. para que se tenha um pretexto para a produção escrita. (SERCUNDES, 1997, p. 99).

Esta abordagem reflete a visão defendida pelo Objetivismo abstrato ao definir que o falante receberia um sistema pronto, o qual usaria para se comunicar, com ele não podendo interagir. Semelhante a essa visão, na escrita como *consequência*, é suficiente que o sujeito domine as estruturas linguísticas para ser capaz de construir um texto escrito, porque o resto (os temas, as razões para se dizer etc.) viria de outro lugar.

Esta concepção é assim denominada pelo fato de que o texto é o resultado, ou seja, a *consequência* de uma atividade proposta pela professora fora do ambiente da sala de aula, por exemplo, faz-se um passeio, uma visita etc. com posterior escrita sobre o que se viu, não

tendo como finalidade interagir verbalmente a fim de aprender a usar a língua e seus recursos, mas sim ser lido e corrigido pelo professor.

E, por último, vejamos no que se concretiza a escrita como *trabalho*. Essa perspectiva

parte do saber oral, com grande diferença de que esse é reconhecido, trabalhado pelo professor, já que a produção escrita é tida como uma contínua construção de conhecimento, ponto de interação entre professor/aluno porque cada trabalho escrito serve de ponto de partida para novas produções, que sempre adquire, a possibilidade de serem reescritas, de apresentarem uma “terceira margem”. (SERCUNDES, 1997, p. 99).

A escrita como *trabalho* compreende, então, etapas que farão do processo de ensino/aprendizagem uma constante, colocando o aluno em uma situação real de interação. O *trabalho* se dá por meio das atividades prévias que prepararão este aluno para o momento crucial da produção de textos. No espaço desse trabalho, dialogarão o aluno, o professor e o texto, o que associa esta concepção de escrita à perspectiva interacionista da linguagem, sendo assim a escolhida para fundamentar nossa proposta com a EJA, em que a produção escrita implicasse no resultado de um processo de uso da linguagem no contexto da interação, seja nas leituras prévias feitas em sala, seja nas discussões para compreensão e interpretação dos textos, seja no planejamento do texto, na gravação dos áudios, na escrita, na avaliação pelo professor, na reescrita, enfim, criando-se um ambiente propício à interação, da qual faça parte o movimento de alterar, acrescentar, suprimir, do qual esperamos que resultem as versões do texto de memória, que fujam de uma compreensão estanque do mundo, mas sim que revelem o protagonismo do aluno.

3.4 REESCRITA NA ESCOLA: uma reflexão sobre os sentidos do texto

Como etapa que merece destaque no processo de escrita como trabalho a que professor e aluno, contribuindo mutuamente, se dispõem, está a reescrita. Nela, o professor poderá conduzir o aluno/produtor do texto a repensar suas escolhas linguísticas, a organização de suas ideias, a forma de dizê-las e outras possibilidades que lhe serão viáveis no papel de interlocutor mais imediato, na busca pela construção dos sentidos do texto. Essa etapa envolve movimentos que vão de ações mais simples, pensadas e executadas pelo próprio aluno, como o uso do líquido corretivo, das rasuras, das anotações na própria superfície textual no primeiro momento de produção do texto, até ações mais complexas como a avaliação pelo professor, que sugerirá contribuições para o aluno passar o texto a limpo fazendo alterações, que

resultarão de dinâmicas como: retirar, acrescentar, reformular a forma de dizer, a fim de levar o leitor a alcançar o sentido pretendido e, por vezes, até outros talvez nem pensados por esse locutor, já que lidar com palavras envolve sempre o risco de que elas digam muito mais do que se pretendia. Nesse sentido, Riolfi et al. reforçam essa possibilidade quando afirmam que

Como se trata de um acontecimento que se realiza na linguagem e por meio dela, a produção de sentidos de uma peça escrita é o lugar do imprevisível, é campo movediço. Não há formas seguras e garantidas de que em um texto escrito exista somente aquilo que se quis escrever.

Esse caráter mágico da escrita atravessou o tempo. Escrever sempre exigiu cuidado, já que as palavras têm a terrível força de dizer além do que se quis dizer. A escrita guarda um caráter silencioso até o momento de sua revelação. Quando posta a nu, quando entregue para o outro, ela trabalha, desnuda, traz à tona o dito e o não dito. (RIOLFI et al., 2014, p. 115).

Isso reforça, portanto, a condição em que o produtor do texto se encontra; condição de quem busca um sentido que pode ir além do pretendido e por essa razão o trabalho não se finaliza após a primeira versão de um texto, tão pouco da última, mas possibilita a ele conhecer novas formas de usar a linguagem, criando uma atmosfera de aprendizado contínuo dos recursos linguísticos a serem explorados e de exercício da consciência que vai se reformulando a cada nova leitura do mundo e do texto produzido.

Por essa razão, a reescrita configura-se como importante passo rumo ao dizer do aluno na modalidade escrita. E, para que isso se concretize como prática efetiva, é importante que, na sala de aula, seja instaurado um espaço reflexivo, em que aluno e professor irão desempenhar todo o processo de forma ativa, visto que

A concretização de um texto exige o reconhecimento de que a escritura advém do esforço solitário – que não deixa de ser mediado pela palavra do outro: o professor que ensina, o conjunto possível de leitores –, não só da luta com as palavras mas também da luta pela liberdade e coragem de assumir o que se quer ou não dizer sobre determinado assunto. (RIOLFI et al., 2014, p. 124).

Por essa razão, faz-se necessário que o aluno seja estimulado a debruçar-se sobre seu texto e refletir sobre o que pretende dizer e de que recursos linguísticos poderá lançar mão para atingir seus objetivos. E esse trabalho de reescrita pode ser claramente visto

[...] quando temos acesso às versões prévias, aos rascunhos, aos documentos que registram o planejamento do texto, encontramos pistas que podem indicar o trabalho realizado pelo autor do texto. Não podemos afirmar exatamente qual foi o percurso feito pelo escritor, mas podemos fazer algumas hipóteses sobre suas dúvidas, suas preocupações, suas escolhas, sobre as possibilidades de que dispunha, sobre os conhecimentos linguísticos que tinha, sobre os recursos expressivos da língua que estavam ao seu alcance. (FIAD, 2006, p. 29).

Nos rascunhos com marcas de rasuras ou outras anotações, pode-se encontrar um espaço privilegiado em que aluno e professor podem trabalhar conjuntamente a linguagem em prol da melhoria do texto, já que são

um material muito rico, pois possibilitam perceber as dúvidas, as tentativas de acerto ou os acertos, os conhecimentos e os desconhecimentos dos aprendizes de escrita. [...]

Um outro aspecto que essas marcas nos ensinam é que passamos a querer entender esses “erros” cometidos [...] e passamos a não mais condená-los e a corrigi-los sem buscar explicações para a sua ocorrência. (FIAD, 2006, p. 30).

Nesse trabalho, exerceram papel importante as contribuições do professor feitas por meio da correção, já que aliada a reescrita, foi uma das formas de intervenção que escolhemos para o problema diagnosticado na produção de narrativas de história de vida da EJA. Adotando a correção aliada à reescrita, visávamos evidenciar a ideia de que a reescrita poderia trazer excelentes resultados no trabalho com produção de textos, já que a reescrita

não se restringe à correção. Pelo contrário, muito do que se reescreve não tem como objetivo eliminar formas erradas. Boa parte do trabalho de reescrita tem outros objetivos: tornar o texto mais interessante, adequá-lo melhor ao leitor, torná-lo mais enfático, enfim, objetivos que envolvem a exploração dos recursos expressivos da língua. (FIAD, 2006, p. 33).

Assim, devido a sua característica multifacetária de influenciar de forma pontual na produção escrita, a reescrita foi um dos pilares da intervenção proposta nesta pesquisa, que mais a frente explanaremos.

3.5 A CORREÇÃO: um diálogo de mão dupla na relação professor – aluno

Em face do percurso que buscamos para este trabalho, percorremos até aqui um caminho pautado na interação. Em vista disso, selecionamos, a fim de contribuir para a intervenção nas dificuldades dos alunos na produção dos textos, um caminho nesse mesmo viés, que estabeleça uma relação entre a concepção interacionista de linguagem e a prática de correção de textos na escola, já que se trabalhará numa linha em que interagirão os sujeitos que farão parte mais diretamente da situação de comunicação, aluno e professor, por meio da linguagem do próprio texto escrito pelo aluno e uma outra, a linguagem acerca do texto, escrita pelo professor. Assim, para a tarefa de correção dos textos, nos embasamos na proposta de Ruiz (2010), da qual selecionamos duas das formas de correção, que são: a

correção resolutiva e o bilhete textual-interativo. Associamos os dois por considerar que eles se complementam. Para apresentar suas propostas de correção, Ruiz começa dizendo que

Bakhtin define o *enunciado* (ou o discurso, ou o texto) como a unidade real da comunicação verbal, cujas fronteiras são determinadas pela alternância dos sujeitos falantes (ou seja, dos locutores) tanto na língua oral como na escrita. Sendo, pois, *dialógico* por natureza, todo texto demanda uma reação por parte do interlocutor, uma *atitude responsiva*. (RUIZ, 2010, p. 79 – grifos da autora).

Dessa maneira, na intervenção feita pelo professor no texto do aluno, há uma interação em que se pressupõe a presença de um *outro*, pelo fato de que o locutor, nesse caso o professor, diz algo que requer uma interpretação do *outro*, que é o aluno. Assim, tem-se a voz do professor a direcionar as alterações s serem feitas na reescrita, momento em que o professor dá a voz ao aluno. Assim “A voz do *aluno/outro* mostra-se, entrevê-se no próprio texto interventivo, revelando a perspectiva dialógica do discurso de correção. Nesse sentido, seu texto é, pois, *dialógico*.” (RUIZ, 2010, p. 80).

A correção indicativa

[...] consiste em marcar junto à margem as palavras, as frases e os períodos inteiros que apresentam erros ou são pouco claros. Nas correções desse tipo, o professor frequentemente se limita à indicação do erro e altera muito pouco; há somente correções ocasionais, geralmente limitadas a erros localizados, como os ortográficos e lexicais. (RUIZ, 2010, p. 36).

Devido a correção indicativa atuar somente nesses níveis da construção do texto e, além disso, levarmos em consideração o tempo de aplicação da pesquisa, o contexto e as dificuldades dos alunos da EJA, optamos por utilizar esse tipo de correção. No entanto, visando garantir resultados melhores na reescrita dos textos, acrescentamos à correção indicativa os bilhetes textual-interativos, que são “comentários mais longos do que os que se fazem na margem, razão pela qual são geralmente escritos em sequência ao texto do aluno” (RUIZ, 2010, p. 47), nos quais visualizamos a possibilidade de intervir de maneira ainda mais dialógica ao intervir na maneira como a construção do sentido global dos textos estava ocorrendo.

4 LEITURA LITERÁRIA E MEMÓRIA: LER, REFLETIR, NARRAR

Não podemos deixar de considerar que o contexto em que a pesquisa foi realizada trata-se de um ambiente em que, ao mesmo tempo em que se busca oferecer ao aluno conhecimentos sobre a língua, sob as multifacetadas concepções, buscando torná-lo apto ao convívio na sociedade letrada, da qual faz parte, com as exigências desta, também se busca resgatar nesse aluno sua percepção de pertencimento a esta sociedade, buscando compreendê-la e compreender-se, tendo em vista que, muitas vezes, ele está retornando ao ambiente escolar, depois de algum tempo, carregando consigo experiências vividas lá fora, tanto positivas quanto negativas, as quais constroem a visão de mundo desse sujeito que, muitas vezes, já é um adulto. Consoante a isso, é importante pensar no que Candido (1995) defende

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. [...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. (CANDIDO, 1995. p. 122).

Tais afirmações sustentadas pelo crítico ressaltam que a luta por direitos humanos precisa estar pautada em uma situação que permita que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura. É sob esse viés, portanto, que ele assevera que uma sociedade que seja de fato justa “pressupõe o respeito pelos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CANDIDO, 1995, p. 126).

Dessa forma, embora o foco de nossa pesquisa seja a escrita, entendemos que devemos garantir o “direito à literatura”, trazendo para o trabalho – como complemento à produção de narrativas – a leitura, uma vez que devemos partir do texto para a ele retornar. Assim, buscamos proporcionar aos alunos da EJA, a leitura de textos literários. Para isso, nos ancoramos nas proposições da obra “A arte de ler – *Ou como resistir à adversidade*”, de Michèle Petit³, elaborada com base em sua experiência, adquirida ao visitar, em vários países, projetos de mediação da leitura em contextos de crise. Assim, ela reflete sobre a atuação da leitura em lugares onde a crise é particularmente intensa, como situações de guerra e violência, contextos de deslocamentos populacionais, recessões econômicas entre outras.

³ Antropóloga francesa, pesquisadora do Laboratório de Dinâmicas Sociais e Recomposição dos Espaços, do Centre National de la Recherche Scientifique, na França, no qual coordena um programa internacional sobre "a leitura em espaços de crise"

Isto posto, para corroborar o “direito à literatura”, pode-se acrescentar o que afirma Petit (2009) quando diz que “os recursos culturais, de linguagem, narrativos e poéticos são tão vitais quanto a água”, sendo assim, essenciais ao ser humano, já que contribuem de forma positiva em sua vida, especialmente, em contextos críticos, como a autora afirma, tendo em vista que

em algum momento da vida, cada um de nós é um “espaço em crise”. Os seres humanos têm, diga-se, uma predisposição originária, antropológica, à crise: nascendo prematuros, nós somos marcados por uma fragilidade cujos vestígios permanecem ao longo da vida. Porém, saídas nos são oferecidas para que não sejamos atingidos pelos componentes destrutivos daquilo com que somos confrontados. (PETIT, 2009, p. 33).

E, no contexto da EJA, cuja realidade é paradoxal, estando o sujeito que dela faz parte à margem da sociedade, sendo incluído e excluído ao mesmo tempo, parece haver imensa probabilidade de que esse sujeito seja um “espaço em crise”, devido às inúmeras situações que a ele são impostas. Ele faz parte de um sistema que o insere e o aparta, a um só tempo. Exerce seu direito à educação, previsto em lei, por meio da oferta de vagas na rede pública de ensino, para seu nível educacional, mas com condições estruturais, por vezes precárias, que frequentemente resultam em aquisição deficiente das habilidades de leitura e escrita. Por outro lado, parece ser colocada a ele a condição de que precisa logo terminar os estudos para se inserir no mercado de trabalho, já que está atrasado para aquela série, e esse movimento, muitas vezes, empurra-o para situações como desinteresse pelos estudos; evasão escolar, podendo levá-lo a tornar-se alvo fácil para a prática de ações ilícitas; inserção no mercado informal entre outras. Somada a tudo isso, há a condição de sobrevivência no contexto de onde ele vem, no qual muitas vezes, lhe são tirados direitos civis que ele aprende na escola que são básicos, como alimentação, saneamento, segurança, etc., muitos dos quais ele só conhece no papel. E é nesse contexto que ele vivenciará situações que formarão sua consciência e que permearão os conhecimentos que ele trará para a escola e que esta, por diversas razões, por vezes, não considerará apropriados para aquele ambiente. Então, como não ser lugar fértil para esse “espaço em crise”? Mas é nessa atmosfera problemática, de equacionamento de conflitos, que a leitura pode exercer papel fundamental, já que

as leituras abrem para um novo horizonte e tempos de devaneio que permitem a construção de um mundo interior, um espaço psíquico, além de sustentar um processo de autonomização, a construção de uma posição do sujeito.
[...] Muito além do fornecimento de informação ou de um apoio à educação formal. Para os cidadãos vivendo em condições normais de desenvolvimento, um livro pode ser uma porta a mais que se abre; para aqueles que foram privados de seus direitos

fundamentais, ou de condições mínimas de vida, um livro é talvez a única porta que pode permitir-lhes cruzar a fronteira e saltar para o outro lado. (PETIT, 2009, p. 32 e p.75).

O dito sobre a leitura de livros completos também se adéqua à leitura de fragmentos, textos ou imagens, que, quando não são regidos pelo utilitarismo, têm a capacidade de tocar as experiências desse sujeito, levando-o a “atravessar a fronteira” e usufruir de uma leitura com fruição e liberdade, dando a ele a capacidade de apropriação e construção dos sentidos, não se tratando de imposição ou algo de que se precisam prestar contas, assim tornando esse sujeito capaz de repensar as suas relações com o mundo e com ele interagir, sendo tocado pelas palavras, pois

É nessas interações, e depois nessas intersubjetividades primárias, nesse diálogo das atenções, nesses ajustes mútuos, que se encontra o cerne de nossa experiência, de nossa vida psíquica, de nosso pensamento. E é talvez esse cerne que é tocado, as primeiras experiências recuperadas, reativadas, nos encontros em torno da leitura quando esta não é regida pela utilidade. (PETIT, 2009, p. 57).

Assim, buscamos proporcionar aos alunos da EJA, a leitura de textos literários, visando conduzi-los a atravessar para o outro lado por intermédio da leitura e encontrar, no mínimo, dois caminhos possíveis para usufruir dos benefícios dessa experiência que a leitura literária pode prover. O primeiro caminho possível é que esse sujeito passe a conhecer-se melhor e, assim, passe a entender a sua relação consigo e com o seu entorno, dando novos sentidos as suas próprias experiências e transformando-as, refazendo, dessa forma, sua consciência em relação a si e àquilo que lhe afeta. E o segundo caminho possível é que ele passe a refletir sobre o que o outro conta, buscando dentro de si, nas filigranas de sua memória, “retalhos” que lhe tocam e que lhe permitirão reconstruir sua história por meio da narrativa – espécie de ação para a qual todo ser humano parece já nascer predisposto – como diz um dos pioneiros das ciências cognitivas Jerome Bruner (apud PETIT, 2009, p. 123).

4.1 DO OUTRO LADO DA FRONTEIRA: um dos caminhos possíveis

Uma vez cruzada a porta e atravessada a fronteira por intermédio da leitura, o sujeito estará do outro lado. Logo, ao se proporcionar a leitura em turmas de EJA, cujos alunos vivem em contextos paradoxais, críticos, se está abrindo não simplesmente uma porta a ser cruzada por eles, mas uma abertura para um outro lugar, onde a fuga para encontrar o devaneio, o pensamento, a lembrança e a imaginação de um futuro tornam-se possíveis. Dessa forma, por

exemplo, “Em contextos violentos, uma parte deles já não é mais feita refém; ela escapa à lei do lugar ou aos conflitos cotidianos. (Petit, 2009, p. 76). Assim, o sujeito poderá encontrar seus desejos, seus medos, regiões que ele mesmo não tenha explorado antes ou não saiba expressar. A esse respeito, Petit (2009) afirma que

Ao longo da vida, procuramos as bolas que nos são lançadas e que nos permitirão discernir melhor o que existe ao redor de nós, e mais ainda o que acontece dentro de nós e não conseguimos exprimir. Precisamos do outro para ‘revelar’ nossas próprias fotografias. (PETIT, 2009, p. 51).

Esse papel pode ser exercido pelos escritores que devolvem às palavras o seu poder de expressar o mais recôndito da experiência humana, carregando de sentidos os textos, que são caracterizados por Petit (2009) como “conservatórios de sentido típicos da sociedade em que vivemos”. Então, num processo dialógico vemos que

Mitos, contos, lendas, poesias, peças de teatro, romances que retratam as paixões humanas, os desejos e os medos ensinam as crianças, aos adolescentes, aos adultos também, não pelo raciocínio, mas por meio de uma decifração inconsciente, que aquilo que os assusta pertence a todos. São tantas as pontes lançadas entre o eu e os outros, tantos os vínculos entre a parte indizível de cada um e a que é mostrada aos outros. (PETIT, 2009, p. 116).

Assim, é contando com a solicitude das palavras de um outro, da forma de articular as ideias de um outro, da visão de mundo de um outro, que cada sujeito se faz perceber naquilo que escreve. Isso ocorre porque, segundo Petit (2009, p. 108), a leitura abre caminho em direção à interioridade, aos territórios dos sentimentos, que acabam por ser divididos com o autor ou com quem empresta a voz para a leitura, abrindo um espaço íntimo nesse sujeito, verbalizando seus sentimentos. A leitura, então, viria como o despertar, dentro do sujeito, daquilo que dorme ou é deixado lá propositalmente por lhe machucar, resgatando “pedaços de histórias, fragmentos de memórias, os vapores de sensações esquecidas”, já que “a leitura e a vida são tão estreitamente vinculadas [...] pouco interessa ‘diferenciar o que pertence ao leitor do que pertence ao escritor. A leitura, ao inspirar a vida interior, instaura um processo terapêutico discreto, cujo poder talvez não consigamos medir’” (PETIT, 2009, p. 113-114). Assim,

É por meio de intersubjetividades gratificantes que surge o desejo de ler, e o ato de dividir é inerente à leitura como a todas as atividades de sublimação. Mesmo se leio sozinha no meu quarto, quando viro as páginas, quando levanto os olhos do livro, outros estão ali ao meu lado: o autor, os personagens cujas vidas ele narra ou aqueles que ele criou, se se tratar de uma ficção (e talvez aqueles que o inspiraram), os

outros leitores do livro, de ontem e de amanhã, os amigos que dele me falaram ou a quem imagino que eu poderia recomendar. Mas também os que construíram a minha vida ou que a compartilham hoje, cujos rostos, brincadeiras, traições ou generosidade estão prontos para aparecer nas entrelinhas. Sozinha, sou muito povoada dentro de mim mesma. (PETIT, 2009, p. 139-140).

Sob esse viés, nos remetemos novamente ao dialogismo bakhtiniano, por meio do qual notamos que se faz clara a constituição de sentidos da leitura, ao lançar, entre o inconsciente do leitor, as palavras do escritor e todas as demais vozes que tecem o texto, uma ponte que comprova que aquilo que toca um dos lados da ponte, também afetou outro lado e assim vão se constituindo os fios de significação, pelos quais vão transitar as opiniões e visões de mundo de cada um desses lados, porque

Não importa o meio onde vivemos e a cultura que nos viu nascer, precisamos de mediações, de representações, de figurações simbólicas para sair do caos, seja ele exterior ou interior. O que está em nós precisa primeiro procurar uma expressão exterior, e por vias indiretas, para que possamos nos instalar em nós mesmos. Para que pedaços inteiros do que vivemos não fiquem incrustados em zonas mortas do nosso ser. De outra forma, não temos condições de fazê-lo. (PETIT, 2009, p. 115).

Vale ressaltar, em relação à experiência com leitura em contextos de crise vivenciada por Petit (2009) alguns pontos análogos com nossa pesquisa. Muito embora, à primeira vista, os contextos em que a pesquisadora trabalhou sejam bem mais críticos, guardadas as devidas proporções, há muitos pontos em comum. Por exemplo, o fato de ambas as pesquisas terem como foco sujeitos que, por alguma razão, são estigmatizados, porque fazem parte de um grupo subjugado, por exemplo. Além disso, outro traço em comum pode ser constatado quando ela afirma que, para que a mediação pela leitura seja eficiente, é necessário haver hospitalidade, por parte do mediador, bem como é importante que o sujeito seja reconhecido em sua singularidade; que seja chamado pelo nome, ouvido, o que buscamos fazer na atmosfera de nossa pesquisa, pois acreditamos que, sem essa postura, não conseguiríamos nos aproximar deles a ponto de entrar em seu mundo, conhecer um pouco de sua vida e poder intervir no que fosse necessário para o aperfeiçoamento de seu texto. Além do mais, ela cita que, muitos desses sujeitos vêm de contextos, familiares ou mesmo, escolares – em nosso caso – em que ele não tinha muito contato com a leitura. Dessa forma, alguém tem que emprestar sua voz para que eles entendam aquela que o livro carrega.

Para finalizar nossas colocações acerca do primeiro caminho possível pela leitura, não podemos deixar de citar Petit (2009) quando se refere a uma imagem interessante criada

por Didier Anzier⁴, que pensava que “por meio do sonho, se refizesse a cada noite o envelope psíquico vital que os pequenos traumatismos do dia haviam crivado de furos” (PETIT, 2009, p. 114-115). A essa imagem sobre o sonho ela relaciona a leitura, afirmando que

Talvez a leitura também recupere, no dia a dia, o que se esgarçou e controle aquilo que é estranho, inquietante. A ordenação sequencial, a elaboração estética contida nos textos tranquilizam: o tempo é ordenado, os acontecimentos contingentes ganham sentido em uma história vista em perspectiva. E é como se, mediante a ordem secreta que emana da literatura, o caos do mundo interior pudesse assumir uma forma. (PETIT, 2009, p. 114-115).

Portanto, a leitura literária não é somente um acréscimo, um bálsamo para as dores da vida, um exercício para a atividade psíquica, mas algo de que se usufrui furtivamente, como que pela apropriação indébita, mas que, no entanto, deveria ser acessível a qualquer ser humano, desde a mais tenra idade e ao longo de todo o seu percurso de vida, podendo este servir-se dela na hora que tivesse vontade e, por meio dela, ver o que antes não via, dar sentido a sua vida e representar o já vivido, pois dessa maneira se permite ao sujeito

Elaborar um espaço onde encontrar um lugar, viver tempos que sejam um pouco tranquilos, poéticos, criativos, e não apenas ser o objeto de avaliações em um universo produtivista. Conjuguar os diferentes universos culturais de que cada um participa. Tomar o seu lugar no devir compartilhado e entrar em relação com outros de modo menos violento, menos desencontrado, pacífico. (PETIT, 2009, p. 289)

4.2 DO OUTRO LADO DA FRONTEIRA: outro caminho possível

Além de levar o leitor a mergulhar no mais fundo de si e refletir sobre o que está no seu interior e no seu exterior e encontrar formas de se compreender melhor, a leitura também torna possível ao leitor elaborar a atividade de narração, estabelecendo vínculos entre os pedaços de memórias, atuando e ao mesmo tempo reconstruindo sua história, assim elaborando sua própria narrativa. Daí Petit (2009) dizer que “Somos seres da narrativa[...]”. Essa afirmação encontra reforço em suas experiências, quando ela cita Ivan Almeida que afirmou que

“Através das histórias, nós procuramos, em algum lugar do nosso coração, domesticar o sofrimento. Um relato é sempre um relato de uma busca [...] se posso contar para mim mesmo o que perdi, isso quer dizer que encontrei uma forma diferente de possuí-lo para sempre”. (ALMEIDA apud PETIT, 2009, p. 126).

⁴ Psicanalista francês

Ou, sob a mesma perspectiva, quando cita Pascal Quignard:

“Somos uma espécie escrava da narrativa. [...] Nossa espécie parece ser escrupulosamente guiada pela necessidade de uma regurgitação linguística de sua experiência. [...] Essa necessidade da narrativa é particularmente intensa em certos momentos da existência individual ou coletiva, quando de uma depressão ou uma crise, por exemplo. A narrativa fornece um recurso quase único”. (QUIGNARD apud PETIT, 2009, p. 126-127).

Ou quando cita Alejandro Rojas-Urrego, psicanalista colombiano:

“Sempre haverá, é claro, momentos vividos que permanecerão sem tradução possível, mas a tentativa de formar uma história com eles, de vê-los não como uma sequência de destroços um sentido é certamente, em tais condições, a única alternativa possível, a única abertura para a vida”. (ROJAS-URREGO apud PETIT, 2009, p. 127).

Assim, constata-se o fato de que é inerente à natureza humana a ação de narrar e que, mesmo em contextos de crise, pessoal ou social, o ser humano pode organizar o que viveu e que, por vezes, está “arquivado” na memória de maneira destrocada, por meio da narrativa, de modo a processar melhor os acontecimentos e o modo como isso lhe atingiu, dando a essa narrativa coerência e, ao mesmo tempo em que a guarda para si, a compartilha. E a leitura, por exigir uma atitude responsiva diante do que é lido, sob a forma de simbolização, de pensamento, de associações, de indignação, de reflexão vai relacionando isso a sua vida, o que “coloca mais palavras” na narração de sua própria história. Daí decorre a afirmação de Petit (2009) de que, mesmo os participantes dos projetos com que teve contato durante sua pesquisa que não tenham se tornado necessariamente grandes leitores, tiveram como resultado o fato de que os livros já não lhes punham mais medo ou não lhes deixavam mais enfadados. Mesmo a estes, a leitura ajudou

a que colocassem mais palavras em suas histórias, a tornarem-se mais atores delas. Isso não seria suficiente para modificar radicalmente a linha de seus destinos sociais, mas contribuiria para que evitassem certas armadilhas. Entretanto, somos seres de linguagem e seres de narrativas, e estas possuem um valor reparador. (PETIT, 2009, p. 48).

Ao nos depararmos com a experiência de Petit (2009), podemos confirmar que uma vez exposto à leitura, sendo permitido a esse sujeito expressar de que forma ela o tocou ou mesmo ficar em silêncio sobre suas reflexões, ele é levado a juntar as pontas dos fios de sua memória e, inspirado nela, se narrar. E nesse processo, a antropóloga destaca algo que foi uma

observação recorrente em nossa pesquisa também, quando diz que um dos resultados disso é que “Fala-se na família como jamais anteriormente, da vida familiar, dos amigos, da separação dos pais.” (PETIT, 2009, 104), demonstrando assim que eles estão organizando suas reflexões e que conseguem refazer, por meio da linguagem, aquilo que está lá no fundo de si. E isso se concretiza porque, ao escrever, o escritor possibilita ao leitor encontrar no texto coisas que nem mesmo ele sabia que havia colocado lá.

Ser escritor é falar de coisas que sabemos sem saber que o sabemos. Explorar esse saber e compartilhá-lo é um prazer: o leitor visita um mundo que é ao mesmo tempo familiar e miraculoso. Quando um escritor toma as suas feridas secretas como ponto de partida, outorga grande confiança a humanidade, conscientemente ou não. Minha confiança vem da crença de que todos os seres humanos são semelhantes, que outros carregam feridas parecidas com as minhas – e que, portanto, poderão compreender. (PETIT, 2009, p. 109-110).

Citando Vladimir Propp, Petit (2009) diz que, para ele, a narrativa representava uma tentativa de enfrentar tudo o que é imprevisto ou infeliz na existência humana.

“Uma história começa quando, na ordem das coisas, surge uma espécie de brecha que não esperávamos: é a *peripeteia* de Aristóteles. Alguma coisa não encaixa; do contrário, ‘não há nada para contar’.
[...] uma grande história nos convida a formular questões; ela não existe para nos dizer como resolvê-las. Ela nos fala de uma situação de crise, do caminho a percorrer, e não do refúgio ao qual ele conduz”. (PROPP apud PETIT, 2009, p. 126).

Foi desse pressuposto que partimos ao escolher os textos com que trabalhamos ao longo desta pesquisa, textos que “convidassem” os alunos a questionar, a relacionar ao seu mundo, a refletir, a discutir ou mesmo a silenciar, quando o que lhe tocasse fosse muito forte ou trouxesse à tona suas angústias, traumas, dores ou os conduzisse a um “espaço em crise”. Além disso, consideramos que as leituras orais são uma forma de dar voz a esse sujeito, indo ao contrário de situações em que apenas alguns detêm a palavra.

Com efeito, é muito mais difícil ter voz ativa no espaço público quando se é inábil no uso da cultura escrita, e essa é a segunda razão pela qual ninguém deveria ser excluído dela. Ter familiaridade com a leitura, assim como com a escrita, não é suficiente e não garante nada; mas quem está distante dela corre todos os riscos de ficar fora do jogo. (PETIT, 2009, p. 287-288).

Portanto, ao propiciarmos aos alunos o acesso à cultura escrita, buscávamos minimizar a exclusão, permitindo-lhes penetrar não só no campo do conhecimento e da informação, mas trazendo-os de volta ao “jogo”. E reforçamos que, ao trazer a leitura literária para o desenvolvimento dessa pesquisa não tivemos como objetivo transformar os alunos em grandes leitores. Se isso aconteceu, é gratificante, mas almejávamos oferecer a eles meios de reordenarem seu “espaço em crise”, repensarem sua visão de mundo, se humanizarem, aprenderem a lidar com seus pensamentos e emoções em relação aos contextos de adversidade em que vivem. Para isso, “emprestando nossa voz”, intermediamos as leituras, lhes instigando a resgatarem as filigranas de sua memória para as moldarem e se narrarem e assim também se compreenderem.

5 METODOLOGIA: DO NORTE ESTABELECIDO À APLICAÇÃO

Este trabalho procura responder à seguinte questão: *Como ensinar escrita por meio de narrativas de memórias de alunos da EJA?*

O objetivo geral desta pesquisa foi contribuir para o aperfeiçoamento da escrita desses alunos, a fim de superar a resistência em relação a essa modalidade de produção de textos, levando-os a aprimorarem suas habilidades em relação ao uso da língua portuguesa.

Como objetivos específicos, pretendíamos:

- a) diagnosticar as dificuldades existentes na produção de textos;
- b) superar a resistência dos alunos em relação à narração dos fatos de sua vida na construção de suas memórias;
- c) desenvolver habilidades de reescrita para melhorar seus textos no que diz respeito à estrutura narrativa e ao conteúdo.
- d) discutir a situação paradoxal em que esses alunos se encontram, estando ao mesmo tempo incluídos e excluídos na sociedade

Em consonância com os objetivos descritos, levantamos as hipóteses de que os alunos da 4ª Etapa da EJA:

- a) apresentam dificuldades ao produzirem textos narrativos na modalidade escrita e não dominam procedimentos de reescrita;
- b) podem apresentar diversas formas de resistência no que diz respeito à interação comunicativa que envolva suas memórias e, em face das relações estabelecidas na sociedade em que estão inseridos, o aluno produz um discurso de mais aceitação por parte da escola;
- c) se envolverão de forma mais intensa e participativa naquilo que narram se os levamos a narrar suas memórias na modalidade escrita, estaremos intervindo de forma produtiva, levando o aluno a refletir, intervir e buscar meios de transformar a realidade em que está inserido.

Em busca de responder à questão proposta para esta pesquisa, este trabalho visa desenvolver a metodologia abaixo detalhada, a fim de investigar e intervir no problema em questão.

5.1 A PESQUISA E A AÇÃO CAMINHANDO JUNTAS

O tipo de investigação adotado nesta pesquisa foi a pesquisa-ação com análise qualitativa de dados. Assim, em nosso trabalho, fizemos com que pesquisa e ação pedagógica

caminhassem juntas, a fim de chegar à transformação prática da situação analisada, buscando não somente compreender e descrever o universo em que a prática analisada ocorre, mas também transformá-lo.

Para isso, levamos em consideração a relativa imprevisibilidade das estratégias que emergem das situações que vão se delineando ao longo do processo, motivando a dinâmica de replanejar e refazer as estratégias anteriormente pensadas. Nesse tipo de pesquisa, há um caráter formativo e emancipatório, como afirmam Ghedin e Franco (2008), pois

[...]o sujeito deve tomar consciência das transformações que vão ocorrendo em si próprio e no processo. [...] e mediante a participação consciente, os sujeitos da pesquisa passam a ter oportunidade de libertar-se de mitos e preconceitos que organizam suas defesas contra a mudança e reorganizam sua autoconcepção de sujeitos históricos. (GHEDIN; FRANCO, 2008, p. 214).

Nota-se, então, que todos os sujeitos participantes da pesquisa terão a possibilidade de modificar o meio e se modificar também. Nesse sentido, a pesquisa-ação deve partir de uma situação social concreta: trata-se não só de buscar alterá-la, como também de estar disponível às transformações e elementos novos que irão surgindo ao longo do processo, como afirma Lewin (apud GHEDIN; FRANCO, 2008, p. 215): “os fenômenos sociais não podem ser observados do exterior, do mesmo modo que não podem ser observados em laboratório, de modo estático”. Tal afirmação se alinha com a visão de Bosi (1994), ao mostrar que, para se trabalhar com memórias, é necessário que o pesquisador desenvolva elos com o pesquisado, a fim de que este participe mais ativa e concretamente do processo. Dessa forma, para analisar e intervir na realidade em processo, o pesquisador precisa envolver-se na dinâmica para melhor entendê-la, não somente analisando-a de fora.

Para sintetizar a pesquisa-ação até aqui proposta para este trabalho, vejamos a definição de Ghedin e Franco (2008)

Para a pesquisa-ação realizar-se, deve haver a associação da pesquisa a uma estratégia ou proposta coletiva de intervenção, indicando a posição de pesquisa inicialmente como ação de intervenção, ação essa que imediatamente passa a ser objeto de pesquisa. Assume-se também que pesquisa e ação podem estar reunidas num mesmo processo, reafirmando a questão da *pesquisa com ação*, que vai aos poucos sendo igualmente *ação com pesquisa*. No desenvolvimento da pesquisa ação, há ênfase na flexibilidade, nos ajustes progressivos aos acontecimentos, fortalecendo a questão da pesquisa com ação. (GHEDIN; FRANCO, 2008, p. 236).

A pesquisa-ação também se articula com a proposta que encontramos em Geraldini (2014), no texto *Unidades básicas do ensino de português*, em que ele propõe que o professor

produza a aula a partir da leitura dos textos dos seus alunos e de uma constante análise dos discursos produzidos por eles na aula. Ele propõe que a rotina semanal da aula de português inclua atividades de leitura de textos, produção textual e análise linguística. São atividades que visam a articulação entre a atividade de sala de aula e a concepção sociointeracionista de linguagem. Observemos com um pouco mais de detalhe sua proposta para depois explicarmos que elementos da proposta de Geraldi se assemelham ao modelo de pesquisa-ação adotado por nós.

Para a prática de leitura, entre outras propostas, o autor apresenta a leitura de textos curtos em sala, sobre temáticas variadas e que, após a leitura, conseqüentemente se siga uma discussão sobre o tema tratado, a fim de romper com a forma como o aluno interpreta a realidade, dando a ele a possibilidade de interagir e construir uma visão de mundo diferente daquela que tinha anteriormente ou esclarecendo informações sobre temas que ainda lhe pareciam obscuros, participando de forma ativa na construção de uma reinterpretação de sua realidade.

Em relação à prática de produção de textos, Geraldi (2014) afirma criticamente que uma das causas do desinteresse dos alunos é o fato de essa ser uma atividade que foge do sentido primordial da comunicação escrita, já que os alunos escrevem para o professor, que vai ser o seu leitor único. Dessa forma, o emprego da língua acaba por se concretizar como artificial, pois o professor será o único a ler, depois avaliará e dará a nota. Para fugir dessa característica, a proposta é que os textos produzidos em sala tenham um destino diferente, assim haverá sempre um meio de divulgação daquilo que for produzido pelos alunos.

Em relação à forma de produção, ele propõe textos a serem produzidos com diferentes objetivos para cada série do Ensino Fundamental, que circulem entre os narrativos, descritivos, dissertativos, normativos e correspondências. Merecem destaque aqui as colocações feitas pelo autor.

Ao tomar como temas de redações dos alunos histórias “familiares”, foge-se ao autoritarismo pedagógico do professor. Afinal, ele também entrará na sala de aula para ouvir uma história que desconhece. Aprenderá com os alunos; (GERALDI, 2014, p. 67).

Essa fuga do autoritarismo pedagógico é o que também buscamos em nossa pesquisa, visto que, ao possibilitar que o aluno leia textos, discuta sobre eles, reflita e construa sua narrativa, não com base em uma proposta delimitada pelo professor, mas que se materializa tendo como conteúdo a sua história, também estamos possibilitando a ele que protagonize

uma narrativa que ele vivenciou e possa, a partir dela, repensar e reconstruir sua forma de interpretar tais acontecimentos.

No que diz respeito à análise linguística, Geraldi (2014) propõe práticas que partirão dos textos produzidos pelos próprios alunos em cada série. Cabe ressaltar aqui os esclarecimentos feitos por ele sobre a expressão “prática de análise linguística”: o autor esclarece que incluiria tanto o trabalho sobre questões tradicionais da gramática quanto questões amplas a propósito do texto, a fim de trabalhar com o aluno para que ele atinja os objetivos em relação aos leitores a que se destina seu texto. Como objetivo principal da análise linguística, o autor apresenta a reescrita do texto, não sendo o principal objetivo que o aluno domine a terminologia, mas que possa compreender o fenômeno linguístico estudado.

Enfatiza-se, com as atividades propostas para esse fim, a participação sempre ativa dos alunos, de forma a construir o conhecimento junto com o professor, sempre observando a ocorrência dos fenômenos linguísticos em seus próprios textos ou de seus colegas e buscando para eles uma solução, caso não estejam adequados. Dessa forma, partimos de algumas das considerações de Geraldi (2014) para aplicar uma pesquisa-ação, buscando integrar os sujeitos envolvidos na questão, de forma a levá-los a trabalhar junto conosco na busca por soluções para intervir nos problemas encontrados, tendo como objetivo transformar o fazer cotidiano do professor em sala de aula para resolver tais problemas. Por vezes, precisamos, para isso, reformular o planejamento em prol da dinâmica da escola, do aluno e da busca por melhores resultados.

5.2 O CONTEXTO: a periferia – a escola – a educação pública

Esta pesquisa foi realizada em escola pública de ensino fundamental e médio, na qual ministramos aulas há quase dez anos como professora efetiva da Secretaria Executiva de Educação. A escola fica localizada na periferia de Belém, em um conjunto habitacional cercado por comunidades carentes, das quais provêm muitos dos alunos nela matriculados. Atualmente, estão matriculados 1650 alunos, conforme dados fornecidos pela direção da escola. No ano de 2015, a escola teve como nota do IDEB 3,3, considerada uma nota baixa, visto que a meta a ser atingida era 4,8.

A estrutura física das 14 salas de aula mescla precariedade e tecnologia. De um lado, a gestão da escola empregou bem as verbas advindas de projetos destinados à melhoria do Ensino Médio, como o Projeto Jovem de Futuro, da Fundação Unibanco, que foi criado em 2007 e objetivava melhorar os resultados de aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio

das escolas públicas. Por meio de ações e verbas desse projeto, houve investimento na estrutura das salas de aula desse nível educacional, que foram climatizadas e tiveram a instalação de recursos audiovisuais para dar melhor suporte às aulas. De outro lado, embora a gestão invista os recursos financeiros em serviços básicos de manutenção, devido ser antiga, a escola necessita de reforma geral, uma vez que os ambientes já estão bastante deteriorados e a quantidade de espaços já não é suficiente para comportar todas as necessidades pedagógicas, tendo em vista que, ao longo dos seus anos, a escola passou por reformulações, pois foi construída para abrigar somente o Ensino Fundamental, mas um tempo depois, passou a atender ao público do Ensino Médio também.

Essa situação paradoxal é ilustrada concretamente pelo corredor que abriga o Ensino Fundamental, em que as salas possuem várias características que influenciam de forma negativa no desenvolvimento das aulas. Começando pela parte estrutural, encontram-se salas que, por não contarem com estrutura refrigerada, tornam o ambiente quente em todos os turnos, especialmente no turno da tarde, durante o qual os raios solares incidem diretamente em um dos lados da parede externa, sendo necessário fechar os balancins, o que torna a temperatura do ambiente ainda mais elevada e, muitas vezes, propicia a sensação de mal-estar em alunos e professores. Há, nessas salas, somente ventiladores de teto, muitos dos quais não funcionam devido à instalação elétrica, e mesmo quando funcionam, não têm potência suficiente de ventilação capaz de amenizar o calor, visto que o vento só atinge uma pequena área logo abaixo deles. Além disso, no lado oposto da sala, em que a parede é no corredor, não há janelas nem porta, e sim uma grade, que não impede de entrarem os sons externos à sala. Assim, qualquer barulho no corredor, no pátio da escola ou nas salas contíguas, influencia na aplicação de qualquer atividade feita em sala. No turno da noite, além de todas essas dificuldades estruturais, há também a questão de iluminação, já que há salas em que somente parte da quantidade de lâmpadas instaladas funcionam, dificultando a visão. À parte a questão estrutural, em comparação com as salas do Ensino Médio, as salas do Fundamental não contam com recursos tecnológicos como Datashow e recursos de áudio, que poderiam propiciar uma aula ainda mais dinâmica, em momentos em que o professor necessita ilustrar sua explicação com um documentário ou filme, por exemplo.

A escola conta com quadra poliesportiva, sala de leitura e sala de informática, ambas atualmente fechadas devido à falta de profissional lotado para esses espaços, e sala multiuso, atualmente utilizada para execução do Projeto Mundiar, articulado por meio de parceria do Ministério da Educação com a Fundação Roberto Marinho. Podemos afirmar que esse projeto vai contra o que se pode pensar para a melhoria na qualidade da educação pública, já que,

com o pretexto de acelerar o ensino para alunos com a chamada “distorção idade-série”, se faz uso de recursos que impossibilitam o aprendizado de maneira eficaz e vasta dos conteúdos, como uso de vídeos explicativos e da chamada multidocência, na qual um mesmo professor auxilia os alunos com todas as disciplinas, mas é sabido que nem um curso de licenciatura prepara um profissional com essas habilidades todas ao mesmo tempo e com o mesmo nível de desempenho, o que nos leva a questionar até que ponto isso seria produtivo para a formação do aluno e, conseqüentemente, para a sociedade que vai receber esse aluno, seja no mercado de trabalho, seja nas universidades, quando ele consegue ter acesso a um curso superior. Podemos, então, considerar que esse projeto se configuraria como uma técnica para, entre outros fatores, reduzir a de folha de pagamento, visto que um único professor trabalha por vários, sem, no entanto, dispor de toda a qualificação necessária para isso.

Devido ao fato de ser considerada pela comunidade onde se localiza como a melhor escola da redondeza, já que “possui índice de criminalidade muito baixo”, como se costuma ouvir, se comparado às demais instituições públicas do bairro, é bastante procurada. Há alunos que vem de comunidades um pouco mais distantes para poder estudar nessa escola, e afirmam que o fazem por confiarem em sua organização e na qualidade do ensino oferecido. Lá, há, pelo menos, duas situações que podemos chamar de peculiares àquela escola e que acreditamos que a fazem ser considerada diferenciada:

1. Primeiro, o fato de muitos professores da escola morarem nas redondezas, o que os aproxima do convívio com os alunos e com a realidade em que estes vivem, o que pode ser visto por dois ângulos: pelo fato de professor e aluno fazerem parte de um mesmo contexto em que a separação social em classes sociais diferentes não se estabelece; e pelo fato de relações de outras naturezas se estabelecerem entre alunos e professores – o professor, muitas vezes, é também amigo do pai, da mãe do aluno, vizinho etc. Há também os professores que não moram perto da escola, mas escolheram ser lotados lá, mesmo havendo outras escolas próximas as suas residências.

A gestão da escola constrói o Plano de Ação sempre contando com a participação dos demais membros da comunidade escolar, constituindo-se, portanto, como uma gestão participativa, atuante e que apoia projetos elaborados pelos discentes e técnicos com a finalidade de melhorar o ensino-aprendizagem. Isso se dá, na prática, através de várias ações, por exemplo com a participação ativa dos professores na construção do Projeto Político Pedagógico da escola, bem como do calendário e das atividades a serem desenvolvidas ao longo do ano letivo, entre as quais costumam entrar projetos criados pelos professores, para os quais a equipe pedagógica costuma dar apoio. Entre esses exemplos, podem ser citados

projetos como Gincana Cultural e Solidária, participação em projetos de cunho educacional para conhecimentos que vão além das matérias estudadas em sala, como projeto Fetran, da Polícia Rodoviária Federal, doação de sangue, em parceria com o Hemopa, o qual participa trazendo seu ônibus equipado com os recursos necessários para todas as etapas da doação de sangue, em que a coleta é feita na porta da escola; participação da comunidade escolar e externa à escola nas decisões via Conselho escolar, entre outros.

Assim, o contexto dessa escola é diferenciado, no entanto se observam muitos dos problemas comuns a outros ambientes escolares. Há a possibilidade de, com o auxílio da comunidade escolar e apoio da gestão, aplicar medidas de intervenção para melhorar a educação pública.

5.3 OS SUJEITOS: os jovens e a EJA – um novo perfil

Esta pesquisa foi desenvolvida com alunos de duas turmas da 4ª Etapa da Educação de Jovens e Adultos, do turno da noite, em dois momentos: primeiro em 2016 e, depois, em 2017. Na turma de 2016, aplicamos projeto-piloto, do qual os dados e resultados foram utilizados na qualificação, em fevereiro de 2017. Na turma de 2017, aplicamos projeto final, com base em adaptações necessárias observadas na pesquisa anterior. Para fins de identificação, chamaremos a turma de 2016 de “EJA-MEMO-1” e a turma de 2017 de “EJA-MEMO-2”.

Ambas as turmas têm mais características em comum do que diferenças. Ambas são compostas por alunos que consideramos estarem “à margem”, isto é, alunos a quem a educação é oferecida, mas que não têm somente o estudo como atividade, também trabalham, fazendo parte da classe trabalhadora, exercendo as mais diversas profissões, em sua maioria voltadas para o trabalho sem mão de obra qualificada, como mercado informal de trabalho. Assim, mais facilmente é inculcida neles a ideologia dominante de que seu lugar não seria na escola, que devem terminar logo os estudos para melhorar sua colocação no mercado e que, passar muito tempo estudando, visto que já estão atrasados, é perda de tempo. Logo, se constata a criação de uma situação paradoxal, ao mesmo tempo dentro e fora da escola, incluído e excluído.

As duas turmas ilustram um novo perfil para a Educação de Jovens e Adultos, visto que, em sua maioria, são compostas por alunos que se encaixam na “distorção idade-série”, mas que não estão afastados da escola por longo período, como se via em tempos passados. Também chama a atenção o fato de que a maioria das turmas, embora seja composta de

alunos que estão com idades avançadas em relação à idade adequada para este ciclo do ensino básico, há alunos muitos jovens. Na turma “EJA-MEMO-1”, perguntamos diretamente aos alunos e observamos que a turma era composta por uma aluna com 58 anos de idade, uma aluna com 39 anos, uma com 34 anos, três alunas com idades entre 21 e 24 anos e os demais alunos com 17 anos. Na turma “EJA-MEMO-2”, ao longo da etapa de nossa pesquisa em que gravamos áudios, perguntamos qual era a idade de cada um dos 22 alunos que participaram dessa atividade. Assim, obtivemos os seguintes resultados: treze alunos com idades entre 15 e 17 anos, oito alunos com idades entre 18 e 23 anos, e um aluno com 50 anos.

Nas duas turmas havia comportamentos semelhantes. Muitos dedicavam à escola menor tempo do que o necessário, devido necessitarem trabalhar para ajudar no sustento da casa ou por se desestimularem, faltando bastante às aulas, muitos frequentando somente em períodos de provas. Além disso, nas turmas de EJA dessa escola, há muitos casos de evasão escolar. Na turma “EJA-MEMO-1”, havia 45 alunos efetivamente matriculados, mas somente 16 frequentavam regularmente. Na turma “EJA-MEMO-2”, de 46 alunos matriculados, 11 nunca frequentaram as aulas, quatro desistiram ao longo do ano letivo, sete frequentavam somente em período de avaliações, 12 frequentavam com muitas ausências e 12 frequentavam assiduamente, com raras ausências.

As duas turmas consolidam um perfil de alunos muito jovens, diferente do que se via no passado. Pode-se observar que há um movimento institucional para levar alunos jovens para o turno da noite, para as turmas de EJA. Causas para isso não faltam, como a extinção do turno intermediário, o fechamento de escolas, a redução de carga horária de professores, muitas vezes devido à falta de formação de turmas em escolas onde esse professor trabalhava, a necessidade colocada para muitos desses alunos de acelerarem os estudos para entrarem mais rapidamente no mercado de trabalho, como muitos relataram durante a gravação de áudios em uma das etapas de nossa pesquisa piloto. E o projeto Mundiar, que já foi citado, é um dos meios pelos quais esse processo vem se concretizando.

Vendo isso, adotamos a postura de perguntar aos alunos com menos de 18 anos, no momento da gravação do áudio, por que eles estavam estudando à noite, já que eram tão jovens. A maioria respondeu que foram convidados pela escola a estudar na EJA, e haviam aceitado, já que estavam atrasados ou queriam terminar os estudos em menos tempo.

Os sujeitos de ambas as turmas são provenientes de comunidades circunvizinhas à escola. O ambiente hostil no qual estão inseridos, nos locais onde moram, e as condições socioeconômicas vivenciadas pelos alunos e constatadas no cotidiano de sala de aula, muitas vezes, interferem no desempenho escolar. Por vezes, é possível observar como a falta de

estímulo em casa e as privações a que são expostos interfere no fato de a maioria não gostar de ler e escrever e não enxergar tais práticas da linguagem como algo capaz de trazer a eles a apropriação de um repertório sociocultural.

No que tange à nota da escola no IDEB, é possível se pensar nisso como um indicativo das dificuldades de diversas naturezas enfrentadas pela comunidade escolar, o que provavelmente interfere na aquisição de habilidades de leitura e escrita dos alunos. Outro indicativo que consubstancia a necessidade de uma intervenção é a observação *in locu* das dificuldades inerentes às habilidades de leitura e produção de textos desses alunos.

6 A PESQUISA-PILOTO: TURMA “EJA-MEMO-1”

6.1 RELATÓRIOS DAS AULAS PARA COLETA DE DADOS

Data: 01/09/16

Atividade desenvolvida: Primeira entrada na turma

Ao entrar na sala, pude observar que a turma era composta por pessoas muito jovens, excetuando-se três alunas, que aparentavam ter entre 30 e 50 anos. Nesse primeiro contato, apresentei-me e informei que o meu objetivo inicial era coletar informações sobre as dificuldades que a turma tinha com relação ao aprendizado da língua portuguesa. Nesse momento, fiz breve comentário sobre a importância desse aprendizado, da necessidade de fazerem uso da língua materna de forma proficiente, nas mais diferentes situações de comunicação. Disse-lhes também que, para um bom desempenho linguístico, é preciso aperfeiçoar a habilidade escrita e, para isso, eles precisariam ter uma participação ativa nas aulas, envolvendo-se nas discussões e produzindo textos.

Em seguida, iniciei conversa visando promover uma maior interação entre os alunos e objetivando também conhecer seus hábitos culturais. Então, perguntei-lhes se gostavam de ouvir histórias, de assistir televisão, quais programas costumavam assistir. A maioria disse que assistia televisão e que gostava de filmes, novelas, programas de humor, entre outros. Nesse momento, quis saber se reconheciam que, nos programas que costumam assistir, também se contavam histórias. Diante do silêncio de uns e da confirmação de outros, expliquei-lhes que esses programas que costumam assistir são narrativas, estão presentes ali todos os elementos comuns a uma narrativa: personagens, ações, tramas, lugar, tempo. Informei-lhes que, numa outra aula, desenvolveríamos atividades, em que estudaríamos mais detalhadamente esses elementos da narrativa.

Posteriormente, indaguei-lhes se preferiam ler as histórias ou ouvi-las, contadas por alguém. Diante da reação dos alunos, pareceu-me que eles não estavam interessados em ler. Perguntei-lhes se na infância alguém lia para eles, ou se, na escola, isso acontecia. Responderam que não tiveram essa experiência em casa, mas que, na escola, isso costumava acontecer, que normalmente os professores liam para eles. Quis saber também se havia alguma história que fora marcante, para eles, a maioria respondeu afirmativamente. Então, pedi que falassem um pouco sobre essas histórias, fazendo resumos. Considerei que, dessa forma, os estimularia a pensar nos elementos da narrativa, e lhes proporcionaria oportunidade para que exercitassem suas habilidades para narrar.

Ao término da aula, que durou 50 minutos, combinamos que, na próxima aula, realizaríamos uma atividade escrita, combinamos que construiriam uma narrativa que poderia ser uma recriação de uma história da qual gostassem, poderia ser um filme, novela ou até mesmo uma história vivida por eles.

Data: 13/09/16

Atividade desenvolvida: Produção de texto narrativo sobre uma história de que eles gostassem

Como havia ficado combinado, em nosso encontro anterior, nessa aula, os alunos produziram textos que narrassem algum fato real ou fictício que eles achassem interessante.

Antes da produção, solicitei a eles que lembrassem em detalhes de alguma história da qual eles gostassem e que escrevessem o texto tentando detalhá-la o quanto pudessem. Foram produzidos 19 textos. Desses, 11 narravam enredos de filmes, sete de histórias pessoais e uma não contava história, era uma espécie de adivinha.

Percebi que os alunos tiveram certa dificuldade para colocar em forma de texto escrito aquilo que oralmente me contaram na aula anterior. Alguns escreveram de forma rápida e parecendo fazer somente porque eu havia pedido.

Data: 15/09/16

Atividade desenvolvida: Questionário

Neste encontro, expliquei aos alunos que gostaria de conhecer mais sobre eles, de saber seus hábitos em relação à leitura e escrita fora do ambiente da escola; o que eles costumavam fazer nas horas livres etc. Assim, pedi que eles anotassem as perguntas que eu colocaria no quadro, que depois respondessem e, em seguida, transformassem as respostas em um texto. E assim eles fizeram. Levamos um horário para concluir essa atividade.

Foram feitas perguntas sobre o porquê de eles estarem na EJA, se eles gostavam de ler e por que; se gostavam de assistir à televisão e, se sim, o que gostavam de assistir.

O interessante nessa atividade foi que a maioria deles teve dificuldades de construir o texto partindo das respostas.

Após essa atividade, expliquei a eles que a partir do nosso próximo encontro começaríamos a produzir textos com as memórias deles e que, para isso, seria interessante que fizéssemos isso partindo de temas escolhidos por eles. Ao final, ficaram definidos os seguintes temas: “Primeiro amor”, “Infância” e “Brincadeiras da infância”. Decidimos que esses temas seriam abordados um de cada vez, sequencialmente.

Pedi a eles que já fossem, ao longo da semana, lembrando de suas memórias sobre o tema a ser abordado na semana seguinte: “Meu primeiro amor”

Data: 22/09/16

Atividade desenvolvida: Produção de memórias sobre o tema “Meu primeiro amor”

Neste encontro, iniciei conversando com a turma sobre a importância das memórias que guardamos, que fazem parte de nossa vida e que, muitas vezes, contribuem para aquilo que somos e pensamos na vida adulta. Perguntei se eles lembravam da primeira vez que eles perceberam que sentiam por uma outra pessoa um sentimento de interesse diferente da amizade. Eles ficaram bastante intimidados, pareciam que não queriam se expor na frente da turma.

Nesse dia, nosso tempo seria mais curto por uma solicitação da escola para que cedesse um horário para o professor de outra matéria que, devido a intercorrências em seus dias aula, estava com o conteúdo atrasado. Passamos para a produção dos textos de memórias do tema previsto para aquele dia.

Os alunos pareceram inicialmente receosos de escrever sobre o tema. Percebi que alguns deles comentavam entre si que tinham vergonha de falar a respeito. Comentei que eles mesmos haviam escolhido aquele tema e que não precisavam ficar intimidados, porque o objetivo ali não era constrangê-los, mas sim observar como eles estavam escrevendo, que dificuldades apresentavam para poder ajudá-los. Após isso, pareceu-me que ficaram mais à vontade para produzirem os textos.

Data: 27/09/16

Atividade desenvolvida: Prova de recuperação semestral

Data: 04/10/16

Atividade desenvolvida: Explicação dos elementos básicos de uma narrativa

Nessa aula, expliquei, utilizando os recursos de quadro branco e pinceis, sobre as características e os elementos da narrativa. Não utilizamos material impresso. Optamos por escrever no quadro e levá-los a identificar tais elementos nos seus textos, produzidos na aula anterior, sobre o tema “Meu primeiro amor”.

Comecei explicando que, naquele dia, eu mostraria a eles que um texto em que se conta uma história, como aquele proposto a eles na aula anterior, chamava-se Texto Narrativo, o que muitos deles já sabiam. Mas, cheguei à conclusão de que, embora pareça um

conhecimento simples, tido por todos, não é assim. Perguntei se todos sabiam o que era um texto daquele tipo. A maioria respondeu afirmativamente, mas houve outros que disseram que não. Então aproveitei e expliquei que eles tinham contato com aquele tipo de texto há muito tempo, embora não soubessem o nome ou desconhecem, formalmente, suas características. Mostrei que, cotidianamente, eles circulavam, nos mais diversos suportes, nos espaços reais e também nos virtuais, por meio dos mais diversos gêneros textuais. Citei vários gêneros, como a fábula, o conto, a piada, a notícia entre outros. Disse que, até mesmo na vida pessoal, de maneira mais corriqueira, os textos narrativos apareciam, quando eles contavam a alguém ou ouviam um fato de alguém, quando assistiam às novelas, filmes, etc. Eles foram citando situações em que observavam isso. Citaram o fato de uma pessoa contar uma fofoca a outra. Todos rimos. Um aluno disse que tinha uma vizinha que parecia não dormir, porque sabia tudo o que acontecia na rua, com todos os moradores e que ela era uma boa narradora. Uma outra aluna disse: “Ei, professora, aqui na sala tem um monte de narradores!”. A turma inteira riu. Aproveitei a oportunidade e chamei a atenção deles para o fato de aquilo só confirmava minha afirmação de que o texto narrativo estava presente, em muitas, das situações mais comuns da vida deles, como naquela situação da fofoca.

Expliquei que um texto narrativo tinha determinadas características e elementos que ajudavam o leitor a melhor organizar suas ideias. Disse que eu não tinha dúvidas de eles já sabiam narrar, já que faziam isso sempre, mesmo que algumas vezes achassem que não tinham o que contar ou não tinham jeito ou afinidade com aquele tipo de texto. Mas que, tudo o que estudaríamos naquele momento poderia ajudá-los a organizar mais suas ideias e se expressar melhor por meio da língua que falam, para trazer mais clareza e organização para suas narrativas dali por diante.

Esta aula teve como principal objetivo despertar nos alunos o conhecimento sobre o fato de que cada narrativa que eles criam, seja a mais expressiva e interessante para o leitor ou ouvinte, dando melhores condições a eles próprios de reconstruírem suas memórias e coloca-las no papel.

A aula transcorreu de forma dinâmica, com a exposição no quadro, explanação do conhecimento teórico e identificação dos elementos nos textos produzidos por eles na aula anterior. Considerando que, do conhecimento teórico à prática da produção de narrativas com proficiência, a distância é grande, observamos que a atividade alcançou o objetivo inicial de trazer o conhecimento teórico. No entanto, a aplicação disso na prática só poderia ser melhor constatada posteriormente.

MÊS DE OUTUBRO COM MUITOS FERIADOS E, PORTANTO, COM POUCO ANDAMENTO NA PESQUISA.

Data: 18/10/16

Atividade desenvolvida: Produção de texto sobre o tema “Infância”

Mantendo as estratégias das aulas anteriores, antes de iniciarmos as atividades de produção textual, compartilhamos algumas experiências a respeito de nossas infâncias, como forma de estímulo para o trabalho escrito, voltado para esse tema. Nesse diálogo, pedi-lhes que falassem sobre suas maiores lembranças desse período, pedi-lhes também para darem opinião sobre a infância de hoje. Houve muitos comentários em torno das seguintes ideias: a infância hoje é muito diferente, porque as crianças não podem mais brincar nas ruas; pelo fato de agora os brinquedos serem todos eletrônicos, as crianças atualmente têm acesso mais facilmente a informações; muitas dessas informações, em tempos passados, eram restritas aos adultos. Tal tema chamou bastante a atenção de dona Lúcia, a aluna mais velha da turma. Ela lembrou de suas brincadeiras de rua, considerou que as crianças perdem logo o interesse pelas brincadeiras, chamando a atenção para o perigo de brincar nas ruas atualmente. Fiz breve comentário sobre a importância das memórias que mantemos da infância, de como elas são importantes para nossa construção como sujeitos, para a construção de nossa identidade. Nesse momento, percebi que dona Lúcia estava com os olhos marejados. Perguntei o que havia acontecido e ela disse estar emocionada lembrando-se do pai e de seus conselhos sobre a importância dos estudos.

Após essa discussão, os alunos construíram, durante 80 minutos, narrativas sobre o tema discutido. Ao término das atividades, enquanto todos entregavam seus textos, uma aluna aproximou-se de minha mesa, dizendo-me não poder falar sobre sua infância, pois eram lembranças muito dolorosas. Não insisti para que escrevesse. Marcamos uma conversa para depois. Encerrei a aula, informando-os sobre o próximo tema e pedindo que pensassem a respeito, para uma próxima produção.

Data: 20/10/16

Atividade desenvolvida: Produção de texto sobre o tema “Brincadeiras da infância”

Iniciamos este encontro introduzindo o tema que seria foco da produção a ser feita. Comecei perguntando se eles lembravam das brincadeiras de que participavam em sua infância. A manifestação da maioria deles foi afirmativa. Perguntei de que brincadeiras eles gostavam quando eram crianças. Surgiram respostas como “pira esconde” – chamada em

muitas regiões de “pic esconde”; brincadeira de casinha, boneca, peteca, jogos de tabuleiro, videogame, futebol entre outros. Falamos sobre como as brincadeiras mudaram daquelas do passado para os dias atuais. Dona Lúcia, a aluna mais velha da turma, comentou que observava que as brincadeiras que ela brincava na sua infância eram mais ativas do que as de hoje, que as crianças de hoje gostam de jogos eletrônicos e têm muito acesso a informações, devido à internet. E ela continuou dizendo que, por causa disso, ela achava que as crianças de hoje perdiam a inocência muito cedo. Ela citou o exemplo da sua neta, que aos 11 anos tem mais informação que ela e que já não se interessa mais por bonecas e passa o dia com o celular. A maioria dos alunos ficou apenas ouvindo o que ela dizia.

Perguntei à turma se eles concordavam. Uma aluna chamada Dayane comentou que concordava, que achava que antigamente, as crianças brincavam mais na rua, de várias brincadeiras que não precisavam de equipamentos eletrônicos, mas hoje elas quase não saem de casa e acabam ficando sedentárias. Perguntei por que ela achava que isso havia acontecido. Ela disse que os jogos e atividades que as crianças podem jogar no celular, no computador ou no tablet chamam mais a atenção deles do que as brincadeiras de rua. Ela disse que a maioria das crianças de hoje não conhece e nem se interessa por aquelas brincadeiras de rodinha com músicas que se cantava para brincar, as chamadas cantigas de roda.

Continuei a atividade do dia dizendo que gostaria que eles lembrassem das brincadeiras que costumavam brincar quando eram crianças. Pedi que procurassem do que brincavam, com quem, como era a brincadeira, como se sentiam quando participavam daquelas atividades e outros detalhes que julgassem interessantes para serem contados nos textos.

A turma levou por volta de 50 minutos para que todos concluíssem os textos

PERÍODO DE PROVAS – DUAS SEMANAS

Data: 29/11/16

Atividade desenvolvida: Primeiro encontro de intervenção – Leitura do texto “Os desastres de Sofia”

Para essa aula foram distribuídas 21 cópias, para os alunos, do texto “Os desastres de Sofia”, de Clarice Lispector, texto escolhido para o início da proposta de intervenção. Inicialmente, expliquei aos alunos que agora estávamos em outra fase da pesquisa, que, naquele momento, iríamos conhecer textos de autores que narram sobre memórias e faríamos leituras coletivas para refletirmos sobre como esses autores se narram e de que forma esse

conhecimento serviria para que eles construíssem seus próprios textos de memória. Informei-lhes também que a construção dos textos passaria por um processo de reescrita, e que, cada um deles, teria uma orientação individualizada. Esclareci que esse processo de refacção seria realizado em duas etapas: num primeiro momento eles realizariam a gravação de um áudio, em que contariam as histórias que haviam escrito; num segundo momento, com base nesse áudio, e nas minhas orientações, eles reescreveriam suas memórias.

Após essas explicações, distribuí as cópias entre os alunos, apresentei à turma o livro “A legião estrangeira”, de Clarice Lispector, disse-lhes que o conto que receberam, era parte desse livro. Pedi-lhes que me dissessem o título do conto, e que expectativas tinham da leitura, considerando seu título. Dona Lúcia disse achar tratar-se de um desastre. Dayane, outra aluna, achou que a história era sobre desastre com a matemática. Perguntei a Dayane por que pensava assim. Então, ela chamou a atenção para o quadro negro e as fórmulas matemáticas na capa do livro. Em seguida perguntei sobre quem seria a personagem da história. Eles responderam tratar-se de uma menina, por causa do nome, no título, e da menina que aparece na ilustração da capa.

Após essa conversa inicial, comecei a leitura do texto. Em vários momentos, realizei pausas para “trazê-los” para a história. Num primeiro momento, o aluno Railson, comentou que a menina parecia que estava querendo “ficar” com o professor. Alguns concordaram com aquela afirmação, perguntei por que pensavam aquilo. Muitos responderam, então, que era comum que as alunas gostassem do professor. A Dona Lúcia disse que ela, na sua juventude, já havia namorado seu professor, mas que na sala de aula, eles eram, simplesmente, aluna e professor. Ela disse que muitas alunas veem o professor como se fosse um troféu.

Observei que eles começaram interagindo bastante, entendendo o que se passava com a personagem, o porquê do mal comportamento da menina. No entanto, o prolongamento da narrativa, que é extensa, foi fazendo-os cansar e desviar a atenção da história. Eles passaram a não interagir tanto durante as pausas que fazia. Considerei que uma atividade longa de leitura é cansativa para alunos que chegam à escola depois de um dia exaustivo. Por isso, ao término da aula, combinamos que continuaríamos em momento posterior, mas que eles já adiantariam a leitura em casa, visto que levariam as cópias que lhes foram entregues.

Concluí a aula com a sensação de que o objetivo daquele dia não fora alcançado e que o texto escolhido, embora tematize memórias do primeiro amor, um dos temas de suas produções, não os tenha atingido como deveria.

Data: 01/12/16

Atividade desenvolvida: orientação individual

Considerando os objetivos não alcançados na aula anterior – o fato de não termos conseguido concluir a leitura do texto, decidi refazer a estratégia de intervenção e fazer a orientação individual dos alunos sobre como melhorar seus textos para depois voltar para a leitura do texto de Clarice Lispector. Assim, tivemos dois horários de 45 minutos cada. Não consegui conversar com todos os alunos naquele dia.

Procedi da seguinte forma: separei os textos que aquele aluno havia feito e que estavam comigo e o chamei para sentar ao meu lado, na mesa do professor. Fui lendo em um volume de voz que somente o aluno ouvisse e os demais alunos não. Em determinados pontos da leitura, eu parava e fazia as devidas intervenções sobre como o aluno poderia proceder para melhorar a expressividade de seu texto. Sugeri ações como detalhar melhor os fatos, mostrar de forma mais clara o que ele havia sentido no passado, no momento em que aqueles fatos aconteceram e, no presente, no momento em que precisaram trazê-los à memória para colocá-los no texto. Mantive o foco da correção nos fatos narrados e não nas questões linguísticas do texto. Decidi que o procedimento de reescrita dos textos seria dividido em duas etapas: uma primeira para revisão de aspectos do conteúdo do texto e uma segunda para revisão formal. Coloquei como objetivo a ser atingido, com essa intervenção individual, o aperfeiçoamento das narrativas das memórias, visando a conduzir o leitor para a história a ponto de que os fatos sejam narrados de forma tão próxima ao que aconteceu que desperte no leitor as emoções do narrador. Após as orientações, os textos foram devolvidos e eu solicitei a eles que os trouxessem novamente na aula seguinte, quando eles escolheriam um deles para refazer.

Data: 11/12/16

O professor de matemática precisou dos horários e por isso não ministrei aula.

Data: 13/12/16

Faltou energia na escola. Não houve aula.

Data: 15/12/16

Atividade desenvolvida: Aplicação da prova de terceira avaliação

A prova aplicada continha dez questões de leitura, compreensão e interpretação de textos e valeu 8,0 pontos que complementaram a pontuação dada pelas produções feitas para o

projeto. Receberam os dois pontos complementares os alunos que haviam feito, pelo menos, duas das três redações que foram produzidas como diagnóstico para o corpus da pesquisa.

Nas semanas seguintes, últimas do ano, ocorreram os jogos internos da escola durante uma semana e, na outra, foram comemoradas as festas de fim de ano, em que há recesso na escola. As atividades só voltaram a ser normais no início de janeiro de 2017.

Data: 03/01/17

Atividade desenvolvida: reescrita dos textos de memória

Os planos de dar continuidade à leitura do conto “Os desastres de Sofia” foram alterados devido a mudanças no calendário da Secretaria de Educação, o que resultou na redução dos dias letivos. Diante disso, por ter menos tempo para a pesquisa, decidi não mais continuar a leitura e iniciar a realização da gravação dos áudios sobre as produções dos alunos. Não consegui também realizar essa atividade, na sala em que estávamos, a fiação estava com problemas. Tivemos, então, que mudar de sala. Quando reiniciei as atividades, os alunos, surpreendentemente, recusaram-se, categoricamente, a fazer a gravação. Então tive que dar início à outra etapa do trabalho, a reescrita dos textos. Expliquei que eles deveriam escolher um dos textos que foram escritos na etapa diagnóstica e reescrevê-lo, com o objetivo de acrescentar fatos aos já narrados, bem como esclarecer aqueles que não estivessem claros e detalhar mais, buscando ser fieis às memórias.

A atividade foi iniciada em sala, mas, como o tempo foi mais curto do que o habitual, precisei deixar que eles levassem para casa o texto para concluírem a reescrita. Combinamos que eles não passariam a limpo, pois na aula seguinte eu daria orientações básicas sobre a parte formal do texto a ser melhorada e, só após, eles passariam a limpo para uma folha que eu daria a eles. Três alunos se recusaram a fazer a atividade proposta. Mesmo tentando convencê-los, a recusa foi definitiva.

Data: 05/01/17

Atividade desenvolvida: Passar a limpo o rascunho do texto reescrito

Cheguei à escola para tirar cópias de uma folha de produção de textos que preparei para entregar aos alunos, para a qual eles passariam o texto a limpo, de modo a ficar mais organizado, já que os textos estavam sendo feitos em folhas destacadas dos cadernos deles. No entanto, a máquina de xerox da escola não estava funcionando. Então, comprei folhas de papel com pauta para dar aos alunos. Diferente da aula anterior, eles estavam na própria sala,

o problema elétrico parecia ter sido resolvido, mas metade das lâmpadas da sala estava apagada.

Comecei a aula explicando que era muito importante, não só para a minha pesquisa, como também para que eu pudesse ajudá-los a melhorar a produção de suas memórias, que eles gravassem os áudios. Disse que não era obrigatório que eles fizessem aquilo, que deveriam fazer apenas se quisessem, se se sentissem à vontade para fazê-lo. Diferente da aula anterior, dos 14 alunos que estavam na sala, 11 se dispuseram a gravar.

Combinamos então que eu estaria na escola todos os dias da semana, no turno deles, e viria à sala buscá-los, um por vez, para gravarmos os áudios e que ficaríamos na biblioteca, pois eu já havia pedido autorização para a pedagoga responsável pelo turno da noite.

Prosseguimos a aula fazendo o que havíamos combinado na aula anterior. No quadro, expliquei como eles poderiam proceder para deixar o texto mais organizado e claro. Falei de alguns aspectos formais do texto, como por exemplo organização e margem dos parágrafos, translineação, rasuras, título, tema, bem como aspectos linguísticos, como uso de letras maiúsculas e minúsculas, pontuação, acentuação.

Tivemos três aulas de 40 minutos. Todos os 16 alunos que estavam na sala produziram. Dos dois que se negaram na aula anterior, dois estavam na sala e também fizeram.

De intercorrência, tivemos o fato de um aluno, Carlos Augusto, ter dito que não tinha nada de interessante para dizer. Seu texto foi curto, com apenas oito linhas. Ele não queria entregar, mas eu o convenci a entregar, com o argumento de que somente após a leitura eu poderia ajudá-lo a melhorar a narrativa.

Data: De 10 a 14/01/2017

Atividade desenvolvida: Gravação dos áudios

No período compreendido entre os dias 10 e 14 de janeiro, realizei a gravação dos áudios. Decidi fazer essa atividade na biblioteca, de forma individual. Considerei que, em um espaço isolado, em que não houvesse interrupções, os alunos ficariam mais à vontade para realizar a gravação de suas memórias.

Antes da gravação dos áudios, conversei com cada um dos alunos, explicando que o objetivo daquilo era registrar mais detalhes de suas memórias, para que depois eles pudessem ouvir e lembrar o que me disseram e, com base naquelas informações, eles pudessem reescrever seu texto de forma mais completa e próxima dos acontecimentos. Esclareci que, quando eu pedia para reescreverem, não era porque o texto não estava bom ou porque não

servia e por isso mereceria ser jogado fora – como alguns chegaram a comentar quando disse que reescreveríamos os textos – mas apenas por achar que eles poderiam fazer ainda melhor, partindo dos fatos que já estavam no papel para esclarecê-los, aprofundá-los.

Antes de iniciar, avisa-lhes que, durante a gravação, faria as interrupções que achasse necessárias para perguntar alguma coisa que, para mim, não ficasse clara. Observei que, no início, os alunos ficavam muito nervosos e, para deixá-los à vontade, eu começava a gravação dizendo o nome dele e perguntando sobre algum fato do seu texto. Desse ponto em diante eles começavam a contar suas histórias e, aos poucos, iam ficando mais tranquilos e seguiam narrando fatos que, muitas vezes eu nem havia perguntado, mas que eles se sentiam à vontade para narrar e eu os deixava seguir em frente, por considerar que poderiam contribuir para que suas histórias ficassem mais completas e envolventes.

Ao final de cada gravação, agradecia por terem aceitado compartilhar suas experiências pessoais e aproveitava para perguntar por que motivo estavam na EJA. A resposta foi quase unânime. Dos 11, dez disseram que queriam terminar os estudos mais rápido para conseguir trabalhar. A exceção foi a aluna de 58 anos que disse que queria terminar os estudos porque deveria ter feito isso quando estava na idade certa, que seu pai sempre a ensinou que os estudos eram algo que ninguém poderia tirar dela e que era a herança que queria ter deixado para ela.

6.2 ANÁLISE DAS ETAPAS E DADOS DA PESQUISA NA TURMA “EJA-MEMO-1”

6.2.1 Primeira etapa da pesquisa: avaliação diagnóstica da turma

Esta etapa foi desenvolvida em duas entradas com a turma. A primeira consistiu em conversa sobre narrativas com as quais eles haviam tido contato ao longo da vida, desde a infância. O objetivo era estimulá-los a perceber que a prática de contar histórias faz parte da vida deles de maneira muito bastante usual. Foi possível perceber que eles eram familiarizados com esse tipo de texto, na sua forma oral e escrita. Assim, ao serem questionados, eles levantaram vários filmes, novelas e textos lidos ao longo de sua vida.

Na segunda entrada, ainda nesta etapa da pesquisa, a fim de verificar a habilidade dos alunos em transformar aquilo que haviam narrado de maneira oral, na aula anterior, em texto escrito, solicitamos que eles escrevessem um texto em que contassem uma história sobre um fato que achassem interessante. Não era obrigatório que fosse a mesma história narrada antes. Houve alunos que demonstraram que só estavam fazendo a atividade porque eu havia

pedido, escrevendo pouco e entregando pouco tempo após a solicitação, e alguns não produziram os textos. A não realização das atividades por uma parte da turma é um fato constante nas aulas da EJA. Para se ter um exemplo, dos 47 alunos matriculados nesta turma, apenas 28 fazem as provas. Essa afirmação dá respaldo à impressão de que há uma cultura praticada por parte de alguns alunos das turmas de EJA que consiste em frequentar as aulas somente na semana que antecede as avaliações ou mesmo na semana de realização das provas. Dos 28 alunos que tinham nota nas provas quando iniciamos nossa pesquisa, observamos que apenas 18 produziram a narrativa.

6.2.2 Segunda etapa da pesquisa: produção de textos sobre três temas escolhidos pela turma

Nesta etapa da pesquisa, os alunos produziram narrativas inspiradas em sua história, que ilustrassem os três temas que foram escolhidos por eles em sala. Os temas eram: “Meu primeiro amor”, “Minha infância” e “Brincadeiras da infância”. Cada texto foi produzido em uma entrada com dois horários de aula. Dessa atividade, participaram 26 alunos produzindo textos sobre, pelo menos, um dos temas propostos. Foram 45 textos produzidos ao longo desta etapa, sendo que 19 alunos fizeram a produção sobre o tema “Primeiro amor”, 11 fizeram sobre o tema “Infância” e 15 sobre o tema “Brincadeiras da infância”.

É possível perceber que o primeiro tema foi o que mais teve textos produzidos pelos alunos. Todos os alunos presentes na sala naquele dia produziram o texto, mas muitos deles diziam que nada tinham de interessante para contar de sua infância.

Em relação ao total de produções feitas, observamos que uma parcela muito pequena da turma fez todas as produções propostas nesta etapa. Três alunos fizeram as três produções, 13 alunos fizeram duas produções e 10 alunos fizeram apenas uma produção.

Nos textos produzidos nesta etapa, havia casos em que, ao ser solicitado a escrever sobre suas memórias, alguns alunos não criavam narrativas que contassem histórias detalhadas, mas relatavam fatos como se estivessem enumerando-os apenas, com poucos detalhes, sem desenvolvê-los. Por exemplo, a maioria deles não nomeava lugares e personagens das narrativas, tão pouco situava o leitor no tempo. Havia muitos textos vagos, sem esclarecimentos. Não se conseguia verificar verossimilhança nos fatos, devido à forma como muitos deles eram narrados, com envolvimento não muito profundo.

Nesta segunda etapa da pesquisa, planejávamos estimular os alunos a escreverem sobre suas memórias, aprofundando sua narrativa e fazendo emergir, de suas lembranças,

fatos importantes que compusessem suas histórias daquele momento da vida. Assim, planejamos investir mais em superar duas formas de resistência observadas por meio do convívio com os alunos e da leitura de seus textos. Muitos deles não gostavam de escrever textos, reclamavam para fazê-lo, e muitos não gostavam de falar de si, de sua vida, suas histórias e experiências. Faziam alegações do tipo “Não tenho nada de interessante para contar!”.

Planejamos que nessa primeira etapa, ainda não faríamos observações e intervenções em relação às questões linguísticas; investiríamos primeiro no texto e na forma como essas memórias eram trazidas para o papel e, em outra etapa, faríamos a intervenção na parte linguística e na forma do texto.

Assim, após conversar com os alunos durante os contatos em sala e ler os textos escritos por eles, decidimos que faríamos uma intervenção visando aprimorar as produções das memórias. Ao invés de corrigir os textos sob a forma de marcações e bilhetes, decidimos fazer orientação oral e individual com eles.

6.2.3 Terceira etapa da pesquisa: intervenção 1 – orientação individual

Ao longo de algumas aulas, dedicamos o tempo à intervenção individualizada, a fim de conversar com cada um deles em separado, para orientar sobre como melhorar seu texto. Lemos cada um dos textos que o aluno havia produzido, fazendo pausas para explicar o que estava pouco claro ou precisava de mais detalhes; orientar sobre a organização dos fatos no texto; sugerir formas de torná-lo mais atrativo para o leitor e com maior expressividade no que diz respeito aos sentimentos que aquelas memórias despertavam no produtor do texto e que deveriam ser percebidos pelo leitor, etc. Ao final da leitura e das orientações, cada aluno recebia seus textos de volta para ler em casa e lembrar daqueles fatos com maior riqueza de detalhes, para que assim pudesse reescrevê-lo, na aula seguinte, com maior cuidado na reconstrução dessas memórias.

Na primeira aula que tivemos depois do período de orientações individuais, foi solicitado a eles que escolhessem somente um dos textos que haviam escrito sobre os temas previamente selecionados e o reescrevessem. Antes de eles procederem à reescrita, fizemos orientações no quadro branco, orientando sobre questões básicas como divisão de parágrafos, pontuação, título, uso de letras maiúsculas entre outras questões necessárias.

Observamos nesse processo de reescrita que a maioria dos alunos não tinha conhecimento do que seria reescrever. Notamos que eles pareciam ter entendido que se

solicitava que eles reescrevessem porque aquele primeiro “não havia ficado bom” ou “estava errado”, porque a maioria fez um outro texto, um novo texto, diferente do primeiro.

Planejávamos que, antes dessa fase da reescrita, pudéssemos trabalhar leitura de textos que tematizassem a produção que seria feita naquele dia. Iniciamos a leitura do texto “Os desastres de Sofia”, de Clarice Lispector, que aborda o tema “Primeiro amor”. Mas, devido aos vários empecilhos já comentados, tornou-se impossível finalizar a leitura do texto e trabalhá-lo como pretendíamos inicialmente. Assim, passamos à reescrita, que nos deu claras pistas de que este não é um procedimento ensinado na escola. Exemplo disso podemos ver nas duas versões do texto da Aluna “A” transcritas abaixo. Antes de passar a essa análise, ressaltamos que, a fim de comparar os resultados das intervenções feitas, serão analisadas as produções de duas alunas, uma que fez as duas versões do texto e a outra que fez as três versões.

6.2.4 Análise dos dados da pesquisa na turma “EJA-MEMO-1”

Dados da Aluna A

Tema: Brincadeiras de infância

Versão 1

Título: As brincadeiras da infância

“Uma das brincadeiras que gostava muito de brincar era de casinha e na minha casinha eu gostava de fazer comidinha, gostava de limpar e deixar tudo muito bem organizado e não gostava que ninguém bagunça-se e eu lembro também que até minha tia brincava comigo também que até minha tia brincava comigo também e ela já era adulta mas não era casada e nem tinha filhos e eu amava brincar com ela, tanto que quando eu fiquei sabendo que ela tinha se casado fiquei muito triste porque sabia que ela não ia mas ter tempo de brincar comigo mas mesmo assim eu tentava mas depois que ela casou reamente era aquilo mesmo que eu pensava nunca mas bricou comigo como agente brincava. Ela se chama Alice.

Eu também gostava muito de brincar de pira pega porque se reunia todas as crianças da rua onde agente morava e eu gostava muito de tá correndo subindo em arvores. Em fim eu tive pouco tempo pra brincar mas o pouco tempo que eu tive eu aproveitei bastante. Mas queria terido mas tempo, porque eu acho muito importante a criança ser criança brincar, pular e aproveitar isso é muito importante pra que ela não venha se tornar um ser humano sem infância e muito précosse. hoje Deus me deu duas filhas pra eu cuidar e educar e uma das coisas que elas mas fazem é brincar. E eu amo ver isso porque eu não tive a minha infância toda pra brincar. Ou seja eu não acho que o tempo que eu tive foi o suficiente pra eu aproveitar.”

Versão 2

Título: Minhas a venturas no sitio do vôvô

“Na minha infância as minhas brincadeiras eram, brincar de casinha. Eu Me lembro que na quele tempo minha mãe não tinha condições de dar brinquedos nem pra min, nem pros meus irmãos! Emtão nós brincavamos com o que tinha, ou seja improvizamos, brinquedos.

Quando nós moravamos no interior minhas bonecas eram feitas de vassouras de açai e as roupinhas nós pegávamos roupas velhas e fazíamos um monte de roupinhas.

Eu e meus primos adorávamos brincar de casinha nós mesmo fazia a nossa casa! Agente fazia a casinha de pal e folhas de açazeiro e folhas de bananeira.

Eu e minha prima gostavos de manter a casinha sempre bem limpinha e em ordem. Mas tinha um porem tudo era mentirinha, mas a nossa comida não! Ela era de verdade. Pelo fato da gente gostar tanto da nossa brincadeira e da nossa casinha nós passávamos quase o dia todo lá, só iamos pra casa quando nós chamavam nossos pais.

La nesse interior onde passei parte da minha infância era muito bom! Era o sitio do meu avô! Eu gostava muito de lá, tanto que quando fiquei sabendo que ele tinha vendido fiquei muito triste. lá eu fui muito feliz.

Além de brincar muito. Minha vida era uma aventura na quele lugar.

Nós íamos pro igarapé pegavamos peixe, subiamos nas magueiras pra pegar manga em fim lá era muito farto de tudo o que a natureza pode oferecer.

Muitas saudades desse lugar até hoje.”

Comparando-se as duas versões do texto da Aluna “A”, é possível afirmar que, ao invés de partir do texto estabelecido e aprimorá-lo, ela entendeu que deveria escrever um novo texto “falando mais” sobre o mesmo assunto. Analisemos os fatos narrados em cada um dos textos para observarmos as relações entre os conteúdos temáticos de cada um deles.

Quadro 1: Comparativo dos fatos das duas versões da Aluna “A”

FATOS DA VERSÃO 1	FATOS DA VERSÃO 2
Gostava de brincar de casinha	A brincadeira da infância era brincar de casinha
Gostava de fazer comidinha	
Gostava de deixar a casinha limpa	Gostava de deixar a casinha limpa
Gostava de deixar tudo organizado	Gostava de deixar a casa em ordem
Não gostava que ninguém bagunçasse a casinha	-----
A tia, que era adulta, brincava com ela	-----
Amava brincar com aquela tia, que se chamava Alice	-----
Ficou triste quando soube que a tia iria casar	-----
A tia não teria mais tempo para brincar	-----
Gostava de brincar de pira pega	-----
Chamava todas as crianças da rua	-----
Gostava de correr e subir em árvores	-----
Acha que teve pouco tempo para brincar	-----
Queria ter tido mais tempo	-----
Acha importante brincar, pular	-----
Acha que quem não brinca fica um ser humano sem infância e precoce	-----
Tem duas filhas	-----
Ama vê-las brincando	-----
-----	Naquele tempo a mãe não tinha condições de comprar brinquedos para ela e para os irmãos
-----	Eles improvisavam brinquedos
-----	Morava no interior
-----	As bonecas eram feitas de vassouras de açafá
-----	As roupinhas das bonecas eram feitas de roupas velhas
-----	Junto com os primos, gostava de brincar de casinha
-----	Eles mesmos faziam a casinha de pau, folha de açazeiro e de bananeira
-----	A comida era de verdade
-----	Gostavam tanto da brincadeira que passavam o dia inteiro lá

-----	O interior onde passou parte da infância era muito bom, era o sítio do avô
-----	Foi muito feliz naquele sítio e, quando soube que ele havia sido vendido, ficou muito triste
-----	Era um lugar de muitas aventuras
-----	Iam para o igarapé
-----	Pegavam peixe
-----	Subiam nas mangueiras para pegar manga
-----	Lá era muito farto de tudo o que a natureza pode oferecer
-----	Muitas saudades desse lugar até hoje.

Nas duas versões lidas acima, percebe-se que há fatos novos na segunda versão, o que atende à orientação que lhe foi dada de narrar “em mais detalhes”. Esperava-se que a aluna detalhasse melhor os fatos da versão 1 do texto, para esclarecê-los ou a eles acrescentasse outros, como lhe fora orientado, mas também se imaginava que o texto já elaborado permanecesse e fosse acrescido de detalhes. Observamos que poucos fatos permaneceram nos dois. Apenas a afirmação de ela gostar de brincar de casinha e o fato de gostar de mantê-la sempre limpa e arrumada, o que configura a versão 2 como a produção de um novo texto, que é uma paráfrase parcial do primeiro, com mais detalhes sobre a brincadeira de casinha, mas sem a conclusão de tom avaliativo do primeiro.

Ratificando a diferença entre os textos e o surgimento de elementos novos, podemos citar o fato de, na versão 2, terem entrado novos “personagens” que não apareceram na versão 1, como os primos, com quem ela brincava; a mãe, que não tinha condições de comprar brinquedos para ela; os irmãos e o avô, dono do sítio. Com essas inclusões, a aluna atende à parte da tarefa que consistia em acrescentar novos fatos. Por outro lado, a personagem chamada Alice, tia da aluna, apareceu na versão 1, com grande relevância, mas não reapareceu na versão 2. Chamamos a atenção para o fato de, nas duas versões, os personagens aparecerem sem os nomes. A exceção foi a tia, que não só tem seu nome revelado como também é bastante caracterizada do ponto de vista de sua relevância na infância da aluna.

O cenário onde os fatos aconteceram – o sítio – e o espaço geográfico onde esse sítio se situa – uma cidade do interior – também apareceram sem uma identificação concreta e não foram citados na versão 1, somente na 2. No entanto, podemos notar a delineação de um lugar social quando, na versão 1, ela traz à tona a discussão sobre “crianças precoces” e, na versão 2, sobre “não ter condições para comprar brinquedo”. Ambas as situações recobrem uma leitura do lugar social ocupado por ela e a intenção de mobilidade social (ter condições de permitir que a geração seguinte seja criança por mais tempo).

O tom dado às memórias da aluna nos dois textos foi muito próximo, um tom um tanto triste. Na versão 1, ela termina lamentando o fato de não ter tido muito tempo para aproveitar a infância. Já na versão 2, ela termina falando o quanto foi boa aquela fase da vida e como sentia saudade. Esses posicionamentos, no entanto, podem ser de caráter “diplomático”, já que ideias como a de que “criança deve brincar” ou que “infância é um período que deixa saudades” são valores ideológicos do discurso dominante.

Outra diferença que podemos perceber entre os textos e que podemos considerar como resultado de orientação dada na intervenção individual é o fato de, no segundo texto, as memórias serem focadas no momento da vida proposto para a atividade, a infância, diferente da versão 1, em que ela narra até os dias atuais, quando comenta que tem duas filhas e compara a infância delas com a sua. Nesse sentido, a segunda versão parece mostrar um movimento de revisão do foco e maior concentração no tema eleito em sala – a eliminação desse trecho na segunda versão é a supressão de uma digressão.

Pode-se perceber, quanto à organização da versão 2, que parece ter havido uma preocupação maior em dividir os fatos em parágrafos, como foi orientado no quadro, durante a aula, antes da reescrita dos textos. A versão 1 foi organizada em dois grandes parágrafos e a versão 2 foi organizada em nove parágrafos menores. No entanto, nem sempre a paragrafação está de acordo com a organização dos fatos; por vezes há uma segmentação das ideias, como pode ser visto na divisão dos dois parágrafos abaixo, em que uma ideia complementa a outra, mas estão separadas em parágrafos distintos.

“Eu e minha prima gostavos de manter a casinha sempre bem limpinha e em ordem. Mas tinha um porem tudo era mentirinha, mas a nossa comida não! Ela era de verdade. Pelo fato da gente gostar tanto da nossa brincadeira e da nossa casinha nós passávamos quase o dia todo lá, só iamos pra casa quando nós chamavam nossos pais.”

No exemplo acima, observamos que o período que compõe a ideia narrada no segundo parágrafo se coordena com a ideia do período anterior, que compõe o parágrafo anterior. Sendo assim, eles estão em parágrafos separados, quando deveriam estar no mesmo. A orientação de separar em parágrafos ficou perdida, tendo em vista que, embora a aluna tenha seguido a recomendação de dividir seu texto em parágrafos, a divisão feita segmentou as ideias.

Podemos afirmar que, embora não se perceba que houve a reescrita do texto propriamente dita, já que não se conservou o primeiro texto já elaborado com seus fatos para se fazer as inserções de fatos novos, houve a superação da resistência à produção escrita, já

que ela se dispôs a fazer duas versões do texto, preocupando-se em enriquecer suas memórias com mais fatos, maior envolvimento emocional, o que pode ser constatado na exposição de sentimentos como saudade daquela fase, lástima pelo fato de não ter tido tempo suficiente para aproveitar a infância como gostaria, desejo moralizante, quando comenta que a infância, que é uma fase importante da vida, deve ser aproveitada, do contrário, as pessoas que não aproveitarem, terão a sensação de que não tiveram infância e que acabem sendo precoces.

Ressaltamos que, como em muitos outros exemplos de nosso corpus, há ideologias presentes nas memórias dessa aluna. Vemos isso, por exemplo, no seguinte excerto:

“Eu Me lembro que na quele tempo minha mãe não tinha condições de dar brinquedos nem pra min, nem pros meus irmãos! Emtão nós brincavamos com o que tinha, ou seja improvizamos, brinquedos.”

Podemos perceber que emergem dessa afirmação uma certa percepção da condição de desprovido financeiro, como se fosse normal e aceitável uma criança não poder ter brinquedos, porque a condição financeira da família não permitia, como se fosse o justo para quem faz parte de determinada classe social.

6.2.5 Quarta etapa da pesquisa: intervenção 2 – gravação de áudios

Observando a necessidade de aperfeiçoar ainda mais as narrativas de memórias, de modo a fazer delas um registro o mais fiel possível das experiências de vida dos alunos, produtores dos textos, elaboramos uma terceira etapa, com o intuito de intervir mais uma vez nos problemas observados na etapa anterior, para enriquecer de detalhes a narrativa, bem como propiciando à pesquisa o registro de fatos e esclarecimentos mais relevantes.

Esta etapa consistia na gravação de áudios individuais com os alunos, em que conversaríamos sobre os textos deles para que eles esclarecessem os fatos de suas memórias mostradas nas narrativas. O objetivo dessa atividade era registrar a narrativa oral e os esclarecimentos deles sobre suas memórias. Dessa forma, eles poderiam ter, depois, acesso a informações de que lembrassem para escrever uma versão 3 do seu texto, aprofundando os fatos e reconstruindo suas memórias de maneira mais viva e próxima da forma como os fatos aconteceram, bem como resgatar sensações, emoções e sentimentos advindos com tais lembranças. Nessa etapa, vemos, previamente, cada um dos textos da versão 2 escritos pelos alunos para a etapa acima descrita. Foram 12 textos.

Antes de gravar os áudios, desconstruímos cada uma das versões 2 dos textos, separando os fatos, para observar a diferença entre o que era narrado na versão 1 e na versão 2. Também buscamos observar o que necessitava de esclarecimentos, o que poderia ser melhor explicado, o que poderia tornar o texto mais atraente para o leitor, dentro da verdade dos fatos.

Como as aulas ocorrem no turno da noite, gravávamos, em média, três áudios por noite. Cada um deles tem de 30 a 50 minutos. Ao longo da gravação, questionávamos sobre os fatos escritos para instigá-los a narrar mais detalhadamente. E, para garantir que os alunos ficassem mais à vontade para se narrarem, as gravações eram feitas na biblioteca da escola, que está desativada por falta de profissional lotado naquele espaço. Devido ao encurtamento do calendário do ano letivo, só conseguimos gravar áudios de onze alunos da turma.

6.2.5 Quinta etapa: análise após reescrita com apoio dos áudios

Para analisarmos se é possível perceber resultados na intervenção proposta com a finalidade de quebrar a resistência dos alunos em escrever e tratar de assuntos que envolvam suas experiências de vida, analisemos as três versões de uma aluna que gravou o áudio.

A aluna produtora das duas versões acima não participou dessa terceira etapa. Assim, analisaremos as três versões de uma outra aluna que participou de todas as etapas.

Dados da Aluna B

Tema: Minha infância

Versão 1

Título: Minha infância

“Minha infância foi assim: eu sempre fui muito calma, não gostava de Brincadeiras, Tipo, Futebol, Queimada, Volei, nada assim, gostava de brincar de elástico, dama, amarelinha.

Sempre fui muito sentimental, pois minha irmã mais velha, saía Tinha amigas e eu não podia, quando elas me levavam, me maltratavam não gostavam que eu ficasse do lado delas, então eu corria chorando pra casa. Adora dançar quadrilha, mas como eu era feinha, Tinha o cabelo cheio igual um capacete, Todos me encarnavam pois era feinha e eu ficava muito Triste, quando fui ficando bonitinha Todos falavam nossa como você mudou, mas eu já não gostava mas de fazer o que eles faziam, fiquei caseira, não saía, minha mãe me botou e desfile de modelo, desfilei, só que comecei a me envolver com mal amizades, comecei a namorar, minha mãe não conversava comigo sobre então, engravidei muito nova, mas quando estava com 3 meses e duas semanas de gravidez passei mal e perdi meu filho, foi quando comecei a me cuidar, Tomar remédio pra não engravidar, me amiguei, parei de estudar por muito tem, em 1994 voltei e hoje graças a deus, não me envolvo em nada de errado Trabalho, estudo e não dou mas dor de cabeça pra minha mãe, cuido, converso com meus irmãos mas novos pra estudarem pois e a melhor coisa os estudos.

Então esse é um resumo da minha infância até hoje.”

Versão 2

Título: Um tiquinho de mim

“Quando eu era pequena, sempre fui muito calma, tinha vergonha de tudo e de todos. Quando alguém me chamava pra bater foto eu me abaixava com medo, vergonha de bater foto.

Minha casa era um bar, então vivia cheio de gente lá. Aí eu e minha irmã mas venha aproveitavamos pra irmos Brincar em um carioquer, com todas as crianças da rua de minha casa. Como eramos crianças minha mãe adora arrumar eu e minha irmã como se fossemos gêmeas, só que eu era bem baixinha e tinha o cabelo cacheado e ela era mas alta e tinha o cabelo liso, Mas mesmo assim todos que viam agente pensavam que eramos gêmeas.

Depois em um belo dia minha mãe inventou de corta meu cabelo estaquiado, sendo que era Noite de lua cheia, e meu cabelo era cacheado. Resumindo ela estragou com meu cabelo! Todos diziam que noite de lua cheia o cabelo enche, Pois foi isso que aconteceu, meu cabelo encheu tato que ficou orrivel! Tive que mandar alizar, todo eu tinha que alizar porque ele não abaixava de jeito nem um.

Com 6 anos, minha Mãe me colocou na escola. Só que como eu não era acostuma fiz muita onda pois não queria ficar na escola, então minha unha era grande, eu arranhei todo o rosto da Minha Professora, dei muito trabalho pra poder me acostumar, Mas depois fui criando amizades lá dentro e amei ir pra escola, fiquei do Jardim I até a 4ª seria no colégio Paulo Freire.

Depois de um tempo minha mãe e Meu pai se mudaram pra uma outra casa, meus amigos que eu tinha cada um foi pra uma banda, e eu fui conhecendo novas amizades, conhecendo outras brincadeiras dai comecei tudo de novo. Só que eu fui mudando, meu corpo mudou, fiquei diferente. Meu cabelo ficou cheio, fiquei Magrinha, feinha. Todos me zuavam, me chamavam de cabelo de capacete, já não brincava mas ia ficando triste com vergonha da minha aparência porque todo mundo me achava feia.”

Versão 3

“Quando eu era pequena, sempre fui muito calma, tinha vergonha de tudo e de todos, principalmente de jogar futebol pois tinha vergonha de eu errar e todos acharem graça de mim, por isso eu nunca gostei de Bricar de Queimada, Volei, Futibol e etc. Quando alguém me chamava pra bater foto eu me abaixava com medo, vergonha de bater foto.

Eu gostava de brincar de elástico, dama, amarelinha e outras brincadeiras que eram mas meninas que brincavam do que meninos.

Minha casa era um bar, eu morava na rua duque de caxias, Sempre via cheio de gente lá. Então eu e minha irmã mais velha (Rosilene), mas todos chama ela de Karol, agente aproveitava para brincar em um carioquer, com todas as crianças da Rua da minha casa, como eramos crianças minha mãe adorava arrumar eu e minha irmã como se fossemos gêmeas, só que eu era bem baixinha e tinha o cabelo cacheado e ela era alta do cabelo liso, mas mesmo assim todos que viam agente, pensavam que eramos gêmeas.

Em um belo dia minha mãe inventou de cortar meu cabelo estaquiado, sendo que era noite de lua cheia, cacheado, Resumindo ela estragou com meu cabelo! Todos diziam que noite de lua cheia o cabelo encheu tanto que orrivel! Tive que mandar alizar, praticamente todo dia pois ele não abaixava de jeito nem um.

Eu era muito sentimental qualquer coisa que minha mão falava me brigando eu chorava muito, quando minha irmã se juntava com as amigas delas e eu queria ta do lado delas, só que tudo que acontecia eu corria para contar pra minha mãe sobre elas. Minha irmã cresceu e não queria mas que eu sai-se com ela, eu ficava triste porque só comigo que era assim, ela saia com as amigas, Quando elas arrumavam algum namoradinho e eu sabia quando eu ficava com raiva eu contava tudo pra mamãe.

Eu gostava de ver quadrilha e dançar, mesmo sendo vergonhosa eu adorava, eu me encantava vendo que nem ligava pra minha vergonha, e todos os meninos que chegavam gostavam da minha irmã e ninguém me olhava devido minha aparência pois eu tinha muito complexo com minha aparência, e também eu ficava muito triste pois todos só davam atenção pra ela.

Com 6 anos minha mãe me colocou na escola, só que eu não era acostumada fiz muita onda pois não queria ficar na escola e minha unha era grande, eu arranhei todo o rosto da minha professora, dei muito trabalho para poder me acostumar, mais depois fui amizades lá dentro e amei ir pra escola, fiquei do jardim I até a 4ª serie no Colegio Municipal Paulo Freire.

Com um tempo minha mãe, meu pai e eu e meus irmãos se mudamos pra uma outra casa Na Quinta linha que fica no Cordolina, e meus amigos que eu tinha cada um foi pra uma banda, e eu fui conhecendo novas amizades, pois as amizades antigas uns foram se mudando e outros se meteram em coisas erradas então todos de disbandaram. Então eu conheci novas amizades, novas brincadeiras dai comecei tudo de novo.

Com um tempo fui mudando, meu corpo mudou, fiquei diferente, Meu cabelo ficou muito cheio, fiquei muito magra, feinha, todos me zuavam me chamavam de capelo de capacete, eu não me enturmava mas ia ficando triste, com vergonha da minha aparência porque todo mundo me achava feia.

Quando meu Pai e minha mãe moravam na duque de Caxias meu pai bebia muito e chegou um tempo que ele queria bater na minha mãe, ele saia e deixava ela sozinha com eu e minha irmã, já chegamos a passar necessidade, como minha mãe chegou a fazer faxina pra ganhar um prato de comida. Meu Pai (Rosivaldo) e minha mãe (Dilene) já chegaram vender bombons na porta de festa pra dá alguma comida pra gente.

Depois meu pai comprou um terreno e montou uma sucata, depois se mudamos pra casa no Cordolina e minha mãe teve meu irmão (Rosicley) e minha irmã (Victoria), foi que meu pai mudou e começou a dá valor na família que ele tinha.

Com um tempo eu fui mudando minha aparência mudou, meu cabelo se ageitou, meu corpo mudou, ai os meninos começaram a olhar pra mim, só que eu já não queria mas que me olhassem pois quando eu era feia todos rião de mim.

Eu sempre conversava com meus irmão pois eu e minha irmã fomos criadas numa condição não muito boa e meus irmão não, eles sempre tiveram tudo que eles queriam, nunca passaram nem um necessidade por isso eles não dão valor no que meus pais dão pra eles, tipo eles são respondam não respeitam meus pais.”

Quadro 2: Comparativo dos fatos das três versões da Aluna “B”

FATOS DA VERSÃO 1	FATOS DA VERSÃO 2	FATOS DA VERSÃO 3
Era calma	Era calma	Era calma
Não gostava de brincadeiras como futebol, queimada, vôlei	Tinha vergonha de tudo e todos	Tinha vergonha de errar e todos acharem graça dela. Por isso, não jogava queimada, vôlei, futebol etc
-----	Quando alguém chamava para bater foto, se abaixava com medo e vergonha	Quando alguém chamava para bater foto, se abaixava com medo e vergonha
Gostava de brincar de elástico, amarelinha, dama	-----	Gostava de brincar de elástico, amarelinha, dama, que eram mais as meninas que brincavam
Era sentimental, chorona	-----	Era sentimental, chorona. Qualquer coisa que a mãe fala brigando, chorava muito
-----	A casa em que morava era um bar e vivia cheio de gente	A casa em que morava era um bar, ficava na avenida Duque de Caxias, e vivia cheio de gente
A irmã mais velha saía com as amigas e ela não podia ir	A irmã cresceu, não queria mais que ela saísse junto com ela. Ficava triste	A irmã cresceu e não queria mais que ela saísse com ela e suas amigas
Quando a levavam, a maltratavam	A irmã a deixava com raiva e ela contava tudo para a mãe	Ela corria para contar para a mãe tudo o que elas faziam. Quando elas arrumavam namoradinho, ela corria e contava tudo para a mãe
Gostava de dançar	-----	Gostava de ver quadrilha e dançar, mesmo sendo vergonhosa, adorava e se encantava, nem ligava para a vergonha
Achava-se feia		Todos os meninos só olhavam

Ela ficava triste	-----	para a irmã devido a sua aparência, tinha muito complexo e também ficava muito triste, pois todos só davam atenção para a irmã
-----	Junto com a irmã, brincava em um karaôquê com todas as crianças da rua	Junto com a irmã, de nome Rosilene, mas chamada Karol, brincava em um karaôquê com todas as crianças da rua
-----	A mãe arrumava as duas como se fossem gêmeas	A mãe arrumava as duas como se fossem gêmeas, porque eram crianças
-----	Tinha cabelo cacheado e era baixinha A irmã era alta e tinha cabelos lisos	Tinha cabelo cacheado e era baixinha A irmã era alta e tinha cabelos lisos
-----	A mãe “inventou” de cortar o cabelo estaqueado	A mãe “inventou” de cortar o cabelo estaqueado, em um belo dia
-----	Era noite de lua cheia	Era noite de lua cheia
-----	Dizem que o cabelo enche em noite de lua cheia	Dizem que o cabelo enche em noite de lua cheia
-----	Foi o que aconteceu: o cabelo ficou horrível	Estragou o cabelo
-----	Todo dia tinha que alisar todo dia, ele não baixava de jeito nem um	Todo dia tinha que alisar, praticamente todo dia, ele não baixava de jeito nem um
-----	Com seis anos, a mãe a colocou na escola	Com seis anos, a mãe colocou na escola
-----	Como não era acostumada na escola, “fez muita onda” para não ficar lá	Como não era acostumada na escola, “fez muita onda” para não ficar lá
-----	Tinha unha grande a arranhou todo o rosto da professora	Tinha unha grande a arranhou todo o rosto da professora
-----	Deu muito trabalho para poder se acostumar	Deu muito trabalho para poder se acostumar
-----	Depois, fez amizades e amava ir para a escola	Depois, fez amizades e amava ir para a escola
-----	A escola se chamava Paulo Freire	A escola se chamava Colégio Municipal Paulo Freire, ficou lá do Jardim até a 4ª série
-----	Os pais se mudaram para outra casa	Os pais, os irmãos e ela se mudaram para outra casa, que fica na Quinta Linha, no Cordolína
-----	Cada amigo foi “para uma banda”	Cada amigo foi “para uma banda”
-----	Fez novas amizades	Foi conhecendo novas amizades, pois as amizades antigas uns foram se mudando e outros “se metendo” em coisas erradas, então todos se “disbandaram”
-----	Conheceu novas brincadeiras	Conheceu novas amizades e novas brincadeiras
-----	Começou tudo de novo	Começou tudo de novo
-----	Foi mudando	Foi mudando
-----	O corpo mudou	O corpo mudou
-----	Ficou diferente	Ficou diferente
-----	O cabelo ficou cheio	O cabelo ficou muito cheio
-----	Ficou magrinha, feinha	Ficou muito magra, feinha
Todos encarnavam	Todos “zuavam”	Todos “zuavam”

A irmã a deixava com raiva e ela contava tudo para a mãe	Chamavam de “cabelo de capacete”	Chamavam de “cabelo de capacete”
-----	Já não brincava mais, foi ficando triste, com vergonha da aparência, porque todos a achavam feia	Não se enturmava mais, foi ficando triste, com vergonha da sua aparência, porque todos a achavam feia
Ficou bonitinha	-----	Com um tempo foi mudando a aparência
Conversa com eles para estudarem, porque é a melhor coisa	-----	Sempre conversava com os irmãos, porque ela e a irmã foram criadas numa condição não muito boa

O quadro acima mostra como da primeira versão para a segunda não houve reescrita, já que entraram mais fatos na segunda do que já haviam sido narrados na primeira versão. No entanto, da segunda para a terceira versão, os fatos são retomados e ampliados. Conseguimos identificar muitos fatos sendo retomados da versão 1 e da versão 2 e sendo ampliados na versão 3. E isso tornou o registro de memória da aluna mais completo e concreto, permitindo ao leitor a possibilidade de familiarizar-se melhor com as lembranças dela.

No que diz respeito à fidelidade à proposta, na versão 1, ela se manteve fiel ao tema, mas narrou para além da infância e a narrativa chegou aos dias atuais. Na parte da infância, manteve o foco na aparência e na figura da irmã. Pela forma como fala dos acontecimentos que envolvem essa irmã, nota-se que a incomodava a forma como as pessoas a tratavam ou a viam devido ao seu cabelo. Nessa primeira versão, não nomeia os personagens que circulam nas memórias narradas (mãe, irmãos, amigos, companheiro etc) nem os lugares onde os fatos acontecem. Essa narrativa se estende até a fase atual da sua vida, quando entram na narrativa outros irmãos e um companheiro.

Na versão 2, parece mais à vontade para se narrar, ampliando os detalhes dos fatos e criando um envolvimento maior com eles, mas não nomeia os personagens e lugares onde eles acontecem. A noção de passagem de tempo dentro da narrativa ficou um pouco perdida, uma vez que os fatos foram narrados sem indicação precisa e os fatos foram narrados em ordem aleatória, não houve sinalização clara para o leitor. Manteve o foco na fase da infância, mas continuou sem nomear os personagens. Apesar de ter havido um acréscimo de fatos, maior detalhamento, o texto não conservou tanto os fatos do texto anterior.

A perspectiva dada aos fatos na versão 1 foi uma e não se manteve na versão 2, uma vez que a irmã, personagem de muita relevância na primeira versão, passou a exercer papel secundário na segunda versão. Isso pode ser percebido quando se observa que, na primeira versão, teve muito destaque o fato de a irmã chamar mais a atenção pela aparência do que ela.

Já na segunda versão, aparece com menos importância, inclusive, surgindo no texto apenas no último parágrafo.

No segundo texto, em que fatos novos surgiram, é possível se perceber que houve um momento na infância, quando ela começou a ir à escola, que ela não gostava de lá. Isso é contrário ao discurso da aluna no final do primeiro texto, quando ela diz que conversa com os irmãos sobre a importância da escola. Podemos analisar isso como um momento de ressignificar sua percepção em relação à importância da escola na infância e na fase adulta.

Já a versão 3 da Aluna “B”, não só tem um número maior de linhas como também partiu dos fatos já narrados nos dois textos anteriores para reescrever a terceira versão. Há detalhamento e esclarecimento maior das memórias, feitas através de ampliação de informações que já estavam nos textos anteriores. Por exemplo em relação ao pai. Já aparecem informações mais concretas sobre quem ele era, o que fazia, como se comportava em relação a ela, à mãe e à irmã, como visto no excerto abaixo.

“Quando meu Pai e minha mãe moravam na duque de Caxias meu pai bebia muito e chegou um tempo que ele queria bater na minha mãe, ele saía e deixava ela sozinha com eu e minha irmã, já chegamos a passar necessidade, como minha mãe chegou a fazer faxina pra ganhar um prato de comida. Meu Pai (Rosivaldo) e minha mãe (Dilene) já chegaram vender bombons na porta de festa pra dá alguma comida pra gente.

Depois meu pai comprou um terreno e montou uma sucata, depois se mudamos pra casa no Cordolina e minha mãe teve meu irmão (Rosicley) e minha irmã (VICTORIA), foi que meu pai mudou e começou a dá valor na família que ele tinha.”

Vemos também, no excerto acima, a condição financeira vivida pela família e a realidade em que o pai e a mãe estavam inseridos, no mercado de trabalho.

Também podemos citar o fato de podermos perceber um texto permeado de discussões sobre ideologias construídas na consciência coletiva, que permeiam essa versão 3. Como, por exemplo, quando se nota que a aluna deixa expresso o complexo que sentia, que a deixava triste e com vergonha por ser fisicamente diferente do estereótipo tido como o do padrão de beleza, que seria a mulher alta, magra e branca. Enquanto a irmã era assim, ela se descreve como “feinha”, “de cabelo cheio”, “magra” etc. Sua aparência a deixava envergonhada, tanto que ela demonstra uma preocupação bem delineada no texto com o que as outras pessoas pensavam sobre ela, que a achavam feia, que os meninos não olhavam para ela, só para a irmã, que se encaixava naquele padrão.

6.3 CONCLUSÕES SOBRE A PESQUISA-PILOTO – TURMA “EJA-MEMO-1”

Para finalizar a análise de nossa pesquisa na turma “EJA-MEMO-1”, é relevante comentar que, nos textos analisados, observamos uma dinâmica de “deriva” da memória, tendo em vista que a cada nova produção sobre um mesmo tema, os alunos seguiam um percurso diferente para construir seu texto, mesmo se tratando da mesma pessoa e da mesma fase de sua vida. Esse processo pode ser percebido, por exemplo, quando se observa que houve no exemplo da Aluna A, cujos textos tratam de um mesmo tema, mas com abordagens diferentes, uma dinâmica de entrada e saída de personagens que não se entrecruzam nas narrativas, como se não fizessem parte do mesmo enredo. Um exemplo é o caso da personagem “tia”, que aparece no primeiro texto e não aparece no segundo, e do personagem “avô”, que aparece no segundo sem ter aparecido no primeiro. Essa dinâmica própria da memória, nos ajudou a compor as narrativas, o que permite criar diversas possibilidades de registro das lembranças. Ressaltamos que no trabalho com produções escritas de história de vida, suscitar a memória é importante como pré-texto, mas, uma vez que o texto atinja um patamar em que a narrativa esteja satisfatória no relato dos fatos, deve-se buscar trabalhar no texto em si, sob o risco de o objeto do trabalho limitar-se não à língua, mas à memória.

Podemos afirmar que a pesquisa obteve o resultado esperado, que era diagnosticar a situação em que estavam inseridos os sujeitos que pretendíamos pesquisar, tomar conhecimento de suas dificuldades em relação à produção escrita e aplicar medida interventiva, de modo a verificar o que funcionaria e o que não, para aperfeiçoar na pesquisa final. Dessa forma, verificamos o que funcionou e o que precisava ser aperfeiçoado e percebemos – com base em nossas próprias observações e nas contribuições da banca composta para a qualificação – que precisávamos fazer ajustes e planejamos de que forma realizar tais ajustes na próxima pesquisa, já com a outra turma.

Em nossas observações, constatamos que, na turma “EJA-MEMO-1”, as atividades não foram muito precisas, já que foram dados três temas e cada aluno reescreveu sobre um tema diferente. Também não houve um comando específico com base no qual o aluno pudesse observar o que estava sendo proposto a ele. Então, quanto a isso, elaboramos uma única proposta (Vide Anexo A), para a atividade principal de nossa pesquisa, que era a produção de textos inspirados em memórias. Assim, buscamos delimitar bem o que esperávamos dos alunos.

Ponderamos que, nessa primeira turma, não possibilitamos ao aluno a leitura de textos de narrativas inspiradas em histórias de vida. Ao não ler textos que mostrassem, na

prática, o que esperávamos deles, não demos a eles condições de observar como outras pessoas se narram, como registram suas memórias, como se identificam, como fazem ser interessante aquilo que querem contar. Também, dessa forma, “pulamos” uma etapa importante no trabalho de preparação do aluno para o momento da produção do seu próprio texto.

Tentando corrigir essa falha e, ao mesmo tempo, agregar mais conhecimentos à aula, proporcionando aos alunos algo que fora tirado deles, o “direito à literatura”, acrescentamos, ao que nos diz Cândido, o que nos mostrou Petit sobre a influência positiva da leitura de textos literários em contextos de crise. Com essa finalidade, selecionamos textos literários de autores que, inspirados em suas memórias, nos contam sobre suas histórias de vida. Dessa forma, buscávamos devolver ao aluno esse direito, promovendo a leitura de textos literários com fruição e liberdade para pensar e discutir, ampliando não só sua capacidade linguística como também sua habilidade de produção de sentidos. Selecionamos, então, os textos:

- ✓ “A velha”, do livro *200 Crônicas Escolhidas*, de Rubem Braga
- ✓ “Aniversário”, do livro *Memórias de menina*, de Rachel de Queiroz
- ✓ “Escola Antiga”, do livro *Memórias de menina*, de Rachel de Queiroz
- ✓ “Lembranças”, do livro *200 Crônicas Escolhidas*, de Rubem Braga
- ✓ “Os doidos”, do livro *Tantos Anos*, de Rachel de Queiroz e Maria Luiza de Queiroz
- ✓ “Pela Janela”, do livro *Nu, de botas*, de Antonio Prata
- ✓ “Promessa em azul e branco”, do livro *Aruanda e Banho de cheiro*, de Eneida de Moraes
- ✓ “Velas, por quem?”, de Maria Lúcia Medeiros
- ✓ Capítulo XI, “O menino é o pai do homem”, do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.
- ✓ Excertos do livro *Quarto de despejo – Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus

Todos eles podem ser lidos na seção Anexo C.

Também optamos por ensinar de forma mais sistemática a construção do texto narrativo escrito. E, embora narrar seja uma ação desempenhada de maneira natural, consideramos relevante proporcionar aos alunos esse conhecimento, com vistas a ajudá-los a organizar melhor a “matéria bruta” da narração e, conseqüentemente, se expressar de forma mais organizada e clara por meio da escrita, bem como estruturar melhor seus textos e construir de forma mais detalhada e interessante os fatos e os demais elementos da narrativa. Com esse intuito, elaboramos um material conciso, buscando ser claro e objetivo, tomando como embasamento as considerações feitas por Gancho (2006) e Platão e Fiorin (2006, 2007 e 2016) sobre o texto narrativo. Tais materiais englobam tópicos como: características do texto

narrativo, elementos básicos da narrativa, noções de verossimilhança e conflito, tipos de discurso e organização do enredo. Além disso, nos embasamos em material teórico elaborado e divulgado pela equipe da Olimpíada de Língua Portuguesa para explorar o gênero Memória literária, mesmo não querendo fazer dessa explanação uma definição de características fechadas para as produções textuais dos alunos, já que optamos por trabalhar de forma mais livre com texto narrativo sem especificar um gênero.

Aliado a isso, buscamos em Adam (1992), porém de forma bem mais simplificada, trabalhar com um esquema da sequência narrativa que, esperávamos, pudesse esclarecer e orientar os alunos na construção dos momentos de sua narrativa e com uma curva de tensão que ilustrava esses momentos. Também nos embasamos em Sabarich e Dintel (2014) para mostrar estratégias simples, mas que apostávamos que surtiriam um bom efeito no sentido de melhorar o texto narrativo dos alunos. Com isso, tencionávamos levá-los a aperfeiçoar suas habilidades de contar histórias e mais do que isso: de se narrarem.

Isto esclarecido, partamos para as explicações sobre nosso retorno à escola a fim de desenvolver a nova pesquisa, dessa vez com outra turma, com novos sujeitos, novas histórias de vida, nova resistência e novos desafios.

7 A PESQUISA FINAL: TURMA “EJA-MEMO-2”

A pesquisa final aconteceu no período de agosto a dezembro de 2017 e foi composta pelas etapas que aqui apresentamos. Primeiro apresentaremos a metodologia, depois o relato da realização e, em seguida, faremos análise dos resultados.

7.1 A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

Buscando mapear as dificuldades dos alunos em relação à escrita, foco do nosso trabalho, para posteriormente traçar estratégias pertinentes ao que pudesse ajudar na resolução de tais dificuldades, elaboramos uma etapa de avaliação diagnóstica. Para esta análise inicial, embasamo-nos na sugestão dada por Riolfi et al. (2008), em seu capítulo 10, em que se propõe um exercício diagnóstico da produção textual de alunos baseado em dez passos. Contudo, adaptamos os passos ao que pretendíamos analisar em nossa pesquisa, bem como reduzimos o número de passos de dez para oito, como vistos abaixo:

1. *Estabelecimento de parâmetros claros*, a fim de localizar no texto do aluno aquilo que lhe falta ensinar para atingir o ponto esperado após certo percurso de trabalho, reforçando que “Não se trata [...] de entrar no mérito de saber se o modelo de narrativa adotado pelo professor para compor o quadro diagnóstico está ou não em consonância com as teorias universitárias mais recentes.” (RIOLFI et al., p. 161, 2008), mas sim de delinear um ponto de partida e onde esperávamos que eles chegassem naquela primeira produção, para balizarmos o conhecimento que eles traziam em relação a produzir textos sobre a sua vida e podermos intervir de forma eficaz nos problemas que eles apresentassem.

2. *Criação de um quadro contendo as formas de figuração dos componentes básicos da narrativa*, para o qual partimos de um modelo elaborado por Riolfi et al. (2014), conservando alguns itens e criando ou adaptando outros. Assim, deu-se origem ao quadro abaixo.

Quadro 3: Modelo básico de narrativa de memória⁵

1.	Narrador: toda narrativa é escrita por um autor que escreve o texto, mas a organização interna dos fatos é dada pelo narrador, a voz que conta a história, que deve colocar-se na história de modo pessoal, já que se trata de contar fatos em que o narrador é também personagem.
2.	Personagens: devem ser apresentadas com clareza, preferencialmente com nome próprio ou outro tipo de designação. A descrição pormenorizada das características físicas e psicológicas das personagens é fundamental para compor o enredo da narrativa de modo coerente. Se, em virtude do enredo, uma nova personagem entrar ou sair da narrativa, é necessário explicitar no texto os motivos do ocorrido.
3.	Espaço: deve ser designado ou aludido quando se tratar de lugar existente no mundo real; se for um lugar que existe no mundo ficcional, deve ser descrito com riqueza de detalhes. O autor deve coadunar o espaço e as personagens que vivem nesses locais. Quando se decide, por exemplo, colocar uma personagem rica morando em um barraco, é necessário explicar como ela foi parar lá.
4.	Tempo: uma narrativa pode se passar em qualquer tempo, ou mesmo no tempo mítico, típico dos contos de fada, nos quais se supõe o “Era uma vez”. De qualquer modo, como no espaço, o autor deve fazer uma ligação entre o tempo eleito e as personagens no que diz respeito a vestuário, vocabulário, gestos possíveis etc.
4.1	Progressão temporal: do mesmo modo que se pode organizar a progressão textual de acordo com os moldes do tempo lógico, se pode fazê-lo segundo os moldes do tempo psicológico, mas, em ambos os casos, é necessário localizar o leitor por meio de marcas temporais explícitas.
5.	Enredo: o autor deve selecionar uma história que faça parte de suas memórias de história de vida, que valha a pena ser contada, ou seja, deve-se destacar dos acontecimentos irrelevantes do cotidiano um ponto que possa despertar interesse. É aconselhável se perguntar se vale a pena para alguém gastar tempo lendo esta história, se ela tem os elementos necessários para despertar alguma emoção no leitor.
5.1	Organização do enredo: em geral, as narrativas costumam ser estruturadas com base em momentos que visam organizar a tensão do enredo. Assim, tem-se os seguintes momentos: apresentação, complicação, clímax e desfecho.
5.2	Recorte: toda narrativa tem um limite material de tamanho, determinado pela tarefa proposta, pelo tamanho da folha, e assim por diante. Contar tudo não é possível, por isso é necessário fazer um recorte preciso do começo e do fim do segmento narrado. Um erro de avaliação do recorte pode pôr a perder uma boa história: curto demais, o leitor não entenderá o pretendido; longo demais, entediará.
6	Recursos estilísticos: contar histórias é uma arte. Às vezes, o fato selecionado é bom, mas a falta de habilidade do narrador é desanimadora. Após registrada a versão básica do enredo, é necessário burilar os recursos estilísticos fazendo uma série de operações típicas da fase de pós-escrita (anterior à revisão), como inserção de diálogos, imagens, inversão de partes do texto, acréscimo ou retirada de fatos ou detalhes, entre outros recursos.

⁵ Adaptado de Riolfi et. al., 2014, p. 162-163, o qual adaptamos para se adequar ao que buscávamos com esta pesquisa, mantendo o foco não somente nas características de uma “narrativa escolar”, como proposto por ela, mas sim nas características de uma narrativa de história de vida. Para isso, acrescentamos os itens relativos ao narrador e às propriedades gramaticais e adaptamos o item sobre o enredo e o subitem sobre a organização do enredo.

7 Propriedades gramaticais: a produção de textos escritos, ou seja, o uso da língua na sua modalidade escrita, deixa visível quais os conhecimentos do seu produtor em relação à norma utilizada, sua adequação ao contexto de produção, bem como seu conhecimento em relação às regras de escrita no que se refere à gramática da língua.

3. Organização da leitura de um texto que exemplificasse o que esperávamos deles nas suas produções. A aplicação desse passo será vista em detalhes mais adiante. Resumidamente, essa etapa se deu com a leitura da narrativa “Promessa em azul e branco”, de Eneida de Moraes. Após a leitura, procedemos à discussão sobre o texto, visando levar os alunos a observarem de que forma outras pessoas contam suas memórias, se narrando e tornando interessante aquilo que contam. Com base nos parâmetros estabelecidos, elaboramos proposta de produção de texto, na qual propusemos que eles produzissem um texto inspirado em um fato interessante de sua história de vida.

4. Produção de um texto que servirá como base para a análise, por meio do qual se diagnosticará os principais problemas.

5. Análise das redações de forma a identificar os principais problemas.

6. Construção de uma grade analítica que considerasse o modelo de narrativa de memória adotado. Esta grade será vista mais adiante, no momento da análise diagnóstica dos textos selecionados.

7. Cotejamento da análise dos textos. Este passo foi realizado com base na análise da grade elaborada, de modo a localizar os problemas, bem como os pontos fortes e fracos dos alunos na produção de textos.

8. Utilização da sistematização dos dados coletados, a fim de elaborar as próximas etapas de nossa pesquisa que dizem respeito à proposta de intervenção para os problemas observados.

Assim, uma vez esclarecidos os passos a serem seguidos na etapa inicial ou diagnóstica, vejamos como se concretizou a aplicação desses passos na prática.

7.2 RELATÓRIOS DAS AULAS PARA COLETA DE DADOS DA TURMA “EJA-MEMO-2”

No primeiro semestre de 2017, tentamos iniciar a pesquisa, mas por uma série de razões, só conseguimos ter acesso à turma no mês de maio. Iniciamos o trabalho dividindo a turma em equipes e distribuindo um texto diferente para cada equipe, para ser lido e discutido por todos os membros da equipe, para em seguida, ser socializado com o restante da turma. Os textos eram: “Lembranças”, de Rubem Braga, “Pela Janela”, de Antonio Prata, “Promessa em azul e branco”, de Eneida de Moraes, “Velas, por quem?”, de Maria Lúcia Medeiros e Capítulo XI, “O menino é o pai do homem”, do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

Tivemos apenas um encontro, no qual as equipes leram os textos, mas não chegamos a discutir a respeito deles, porque nos encontros seguintes ocorreram situações adversas como falta de energia, realização da primeira fase da OBMEP (Olimpíada Brasileira de Matemática), período de avaliações, entre outras que impediam a realização da aula. Dessa forma, o semestre terminou e não concluímos a pesquisa.

Data: 07/08/2017

Atividade desenvolvida: Leitura e discussão do texto “Promessa em azul em branco”, de Eneida de Moraes

Nesta aula, foi realizada a leitura do texto “Promessa em azul e branco”, de Eneida de Moraes. Antes da leitura, fiz alguns questionamentos, a fim de despertar o interesse deles pelo texto e estimulá-los a pensar a respeito do que faríamos mais adiante no momento da produção textual. Questionei se já haviam lido textos que fossem inspirados em história da vida de alguém; por que as pessoas escreviam histórias que falassem de sua vida; se quando lembravam de fatos já vividos, pensavam da mesma forma que na época do acontecimento; perguntei se eles conheciam alguém que já havia feito promessa alguma vez, etc. Busquei instigar a percepção deles em relação a sua história de vida e às intenções do texto de Eneida. Disse a eles que nós leríamos o texto e que depois conversaríamos sobre a história. Pedi que eles ficassem atentos e que depois nós pensaríamos a respeito do texto; sobre o que estava acontecendo, quem eram as pessoas que participavam, se eles achavam que aquilo havia acontecido mesmo, se era possível que aquilo acontecesse... que iriam pensar sobre o texto, o que acharam, e me dizer se gostaram, se não gostaram, do que gostaram, do que não gostaram.

Disse a eles que havíamos falado de promessas porque o texto se chamava “Promessa em azul e branco” e foi escrito por uma autora paraense, que se chamava Eneida de Moraes. Perguntei se eles a conheciam. Eles disseram que não. Expliquei a eles a trajetória dela, quem ela era, sua importância para a literatura e para a inserção da mulher na sociedade e o contexto em que ela viveu. Observei que eles ficaram muito atentos ao que eu explicava.

Ao final da leitura, discutimos acerca de questões como a forma como os adultos lidam com as crianças e suas vontades; falamos a respeito de uma reflexão da narradora sobre vestir com novas roupagens as memórias da infância ou olhá-las de outra forma com a consciência de adultos. Perguntei se eles haviam gostado do texto e a turma ficou dividida. Apenas o aluno Igor disse que não havia gostado. Perguntei a ele por quê. Lucas, o colega que estava ao lado dele, se antecipou em responder, dizendo: “Porque ele não gosta de nada, professora. Ele tem preguiça de ler.” A turma inteira riu. Eu perguntei do que, exatamente, ele não havia gostado. Ele disse: “Professora, eu não gosto de texto grande.” Disse a ele que, tanto os textos longos quanto os curtos, podem nos dizer coisas interessantes. (Um dado interessante sobre esse aluno é que, ao longo da pesquisa, ele passou a ficar muito atento à leitura e discussão dos textos, não faltava aula, fazia todas as atividades solicitadas e ia sempre me chamar na sala dos professores para começar logo a aula ou para dar aula quando a turma estava sem professor.)

Continuando a discussão sobre o texto, falamos sobre o fato de a menina ser “liberta”, como eles disseram, referindo-se ao fato de considerarem que o fato de ela ter que cumprir uma promessa que não fez a fazia presa. Alguns alunos disseram que haviam gostado, porque achavam que ela se sentia presa, que ela não entendia por que a avó dela tinha feito isso, que ninguém gosta de fazer alguma coisa porque é obrigado. Discutimos sobre lembrarmos das coisas de maneira diferente depois que aquele momento passa; sobre o que mais na história havia chamado a atenção deles; sobre o fato de muitos alunos acharem que aquela história havia mesmo acontecido. Aproveitei para explicar que há histórias que nós lemos, mas são criadas, que não aconteceram, que eram fictícias. Perguntei se eles conseguiram perceber se quem contava a história participava dela. A maioria respondeu que sim. Então, expliquei a eles a diferença entre “autora” e “narradora”. Discutimos sobre o que motivaria alguém a escrever um texto inspirado em sua história de vida. Expliquei que é importante escrever para pensar a respeito, para refletir, para olhar de outra maneira ou para deixar registrado para alguém um dia ler.

Finalizei dizendo a eles que o texto havia sido escrito pela Eneida autora, na vida de quem os fatos contados haviam sido inspirados, e que foram contados usando uma voz que

chamamos na narrativa de “narradora”. Disse a eles que havia outros textos inspirados em outros momentos da vida dela e mostrei o livro, que levei para mostrar a eles e de onde havia retirado o texto. Era o livro “Aruanda e Banho de cheiro”.

Data: 08/08/2017

Atividade desenvolvida: Produção de texto narrativo de memórias de histórias de vida

Para esse encontro, foi planejada a primeira produção, com base na qual procedemos à avaliação diagnóstica. Entreguei aos alunos e fizemos a leitura do material que havia preparado (Anexo A). Nele, havia a proposta de produção textual, que consistia em produzir um texto em que contassem um fato marcante de sua vida, de forma interessante e utilizando o foco narrativo em primeira pessoa. Após a leitura, fiz alguns comentários explicativos sobre a tarefa. Uma aluna perguntou quem iria ler os textos, se eu leria para toda a turma. Notei que eles não queriam escrever algo sobre a vida deles que depois fosse lida para todos. Expliquei que eles não precisavam se preocupar que eu só leria se eles autorizassem.

Expliquei que havia 42 linhas na folha onde eles escreveriam o texto e que eles poderiam ficar à vontade para escrever em todas elas ou escrever menos ou mais do que aquela quantidade. Brinquei dizendo que sabia que eles tinham histórias suficientes para escrever um livro, mas que naquele primeiro momento, escreveríamos aquele texto, que posteriormente seria reescrito e melhorado com o acréscimo de fatos e, depois sim, os colegas poderiam lê-los. E no caso de eles não quererem que os colegas os identificassem, nós usaríamos o recurso de mudar os nomes dos personagens. Finalizei a orientação dizendo a eles que teríamos uma hora para que desenvolvessem a atividade, já que aquele era o tempo que nos restava de aula. Ao final do tempo, eles ainda não haviam terminado e foi necessário deixá-los levar para terminar em casa, para entregarem na aula seguinte.

Na semana seguinte, foram ministradas as aulas referentes à recuperação paralela. E na outra, foram realizadas as provas de recuperação. No restante do mês de agosto, não consegui mais entrar nem uma vez na turma, porque durante uma semana houve aula somente até o segundo horário e após isso as turmas eram dispensadas para os professores e corpo técnico participarem do Conselho de Classe da escola.

No início de setembro, após assembleia da categoria, os professores da rede pública estadual deflagraram greve. Por algumas semanas, a escola teve sua rotina alterada porque, em reunião, os professores da escola decidiram que não dariam aula e sim promoveriam outras atividades na escola, visando manter a frequência dos alunos. Então, solicitei à direção da escola que, durante essas semanas, eu pudesse dar andamento à minha pesquisa, o que foi

autorizado. Retomei as atividades no dia 18 de setembro, quando finalmente consegui receber as produções da avaliação diagnóstica para dar andamento à análise desses textos e posterior articulação da proposta de intervenção.

7.3 A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DA TURMA “EJA-MEMO-2”

De todo o corpus coletado na produção diagnóstica e que nos serviu de base para a elaboração da proposta de intervenção, selecionamos e transcrevemos abaixo a produção diagnóstica de dois dos alunos participantes da pesquisa, ou seja, a versão 1, à qual nos referiremos a partir de agora como “V1”. É necessário explicar que, para a produção da V1, não havíamos solicitado que eles utilizassem pseudônimos – o que só foi feito na produção da terceira versão. No entanto, a fim de resguardar a identidade dos alunos, adaptamos as duas primeiras versões – “V1” e “V2” – substituindo os nomes verdadeiros por pseudônimos, escolhidos por eles mesmos e utilizados na produção da terceira versão – a “V3”. Ademais, discriminamos os textos de nosso corpus com a nomenclatura “Mem”, abreviação da palavra “memória”, seguida de um número de identificação, a fim de facilitar o trabalho durante nossa pesquisa.

Analisemos a primeira versão da “Mem 5”.

“Mem 5” V1

1. *Olá! Meu nome é Cristina, nasci em Belém do Pará no ano*
2. *de 1995, Tudo começou quando eu tinha 6 anos, assim que os*
3. *meus pais se separaram, quando completei 10 anos, minha mãe*
4. *conheceu alguém e eles começaram há se relacionar, nesse*
5. *momento minha vida ficou um TransTorno, minha mãe já não*
6. *ligava pra mim como antes, no decorrer desse Tempo ele foi*
7. *Transferido para morar em outro cidade, e é claro, minha*
8. *mãe queria ir com ele, foi ai! que minha tia disse á*
9. *ela que, eu poderia morar com ela, e prometeu,*
10. *que eu teria uma vida de princesa.*
11. *Eu claro achando que teria uma vida melhor, pois*
12. *eramos muitos humildes e como ela prometeu me uma*
13. *vida, boa, So que não foi bem assim, no passar do*
14. *Tempo minha tia começou mandar eu fazer os trabal-*
15. *hos domesticos, e seu eu não fizesse tudo corforme o*
16. *jeito dela, me batia demais, me insultava, dizia que eu*
17. *não seria ninguém, tudo de ruim que vim na sua*
18. *cabeça ela dizia pra min, eu sofria demais, chorava muito*
19. *pedia à Deus pra tirar eu de lá, não aguentava*
20. *aquela vida de humilhação toda as vezes que*
21. *a minha mãe ligava pra saber como eu estava, ela*
22. *dizia, pra minha mãe que, eu estava bem, assim que ela*

23. *passava o celular pra mim, eu chorava dizia Tudo, mas*
 24. *logo em seguida ela dizia pra minha mãe que era*
 25. *mentira, ate que um dia eu fugir de lá quando*
 26. *eu tinha 14 anos, meu irmão me tirou de lá,*
 27. *e fui morar com meu pai, ai vocês me perguntam*
 28. *tudo melhorou? que nada piorou.*
 29. *Mas hoje eu posso dizer sou feliz, Todo sofri*
 30. *Mento que passei gerou felicidade quando completei*
 31. *18 anos, agora tenho minha familia casei*
 32. *e não me tornei aquilo que minha tia desejasse*
 33. *que eu fosse, e o momento, que eu aceitei jesus*
 34. *deu mas sentido em minha vida.*
 35. *há! e a minha tia à perdoei, a vida me ensinou que o perdão cura as feridas do*
 36. *coração.*

Quadro 4: Grade diagnóstica para avaliação do texto narrativo “Mem 5”²

1. Narrador
1.1 Houve delimitação clara de um narrador que participa da narrativa como personagem? () 0 () 1 (X) 2
1.2 O narrador aparece como a voz que organiza os fatos internos da narrativa? () 0 () 1 (X) 2
1.3 Há presença de expressões que deixam clara a presença do narrador-personagem? () 0 () 1 (X) 2
1.4 É possível notar o envolvimento do narrador com os fatos narrados, tendo em vista que é inspirado em sua história de vida? () 0 (X) 1 () 2
2. Personagens
1.1 São as mesmas do início ao fim da narrativa? () 0 () 1 (X) 2
1.2 Compõem um todo orgânico no enredo? () 0 (X) 1 () 2
1.3 Estão caracterizadas física e/ou psicologicamente? () 0 (X) 1 () 2
1.4 Têm nome ou menção equivalente? () 0 (X) 1 () 2
2. Espaço
2.1 Está nomeado ou há alusão a esse aspecto? () 0 (X) 1 () 2
2.2 Foi descrito de modo verossímil? (X) 0 () 1 () 2
2.3 Foi pensado de modo a ser relevante para a construção da narrativa? (X) 0 () 1 () 2
3. Tempo
3.1 Está explicitado ou há alusão a esse aspecto? () 0 (X) 1 () 2
3.2 Foi trabalhado no que se refere à progressão temporal de modo que seja relevante para a construção da narrativa? () 0 (X) 1 () 2
3.3 Exerceu efeitos sobre a construção das personagens e de suas ações? () 0 (X) 1 () 2
4. Enredo
4.1 Foi selecionado um fato que vale a pena ser contado? () 0 () 1 (X) 2
4.2 O enredo escolhido é narrado com características de memórias de histórias de vida? (X) 0 () 1 () 2
4.3 O recorte do fato selecionado não está nem grande nem pequeno demais? () 0 (X) 1 () 2
4.4 Permite identificar cada uma das partes do enredo (apresentação, complicação, clímax e desfecho)? () 0 (X) 1 () 2
4.5 Possui um clímax interessante e explorado de modo a compor o momento de maior tensão da narrativa? () 0 (X) 1 () 2
4.6 A fim de deixar a história mais interessante e levar o leitor a tirar suas próprias conclusões, o narrador procura mostrar os fatos, ao invés de simplesmente dizê-los? (X) 0 () 1 () 2
5. Recursos estilísticos
5.1 Há presença clara de recursos estilísticos que denotam ter havido reescrita? () 0 (X) 1 () 2
5.2 Os recursos escolhidos são apropriados para criar efeitos no enredo? () 0 (X) 1 () 2
5.3 Os recursos escolhidos deixam entrever que o autor tinha clareza dos efeitos que pretendia causar no leitor (riso, tristeza, indignação, reflexão entre outros)? () 0 (X) 1 () 2

5.4 Há construção de imagens que possibilitem ao leitor se envolver na atmosfera das memórias narradas? () 0 (X) 1 () 2
6.5 O objetivo de usar recursos que levassem o leitor a se envolver com a história narrada foi atingido? () 0 (X) 1 () 2
Há construção dos tipos de discursos na narrativa? () 0 (X) 1 () 2
6.7 Se há, foram construídos com as características próprias de cada tipo? () 0 (X) 1 () 2
7 Propriedades gramaticais
7.5 A norma utilizada favorece a construção do sentido pretendido pelo aluno? () 0 () 1 (X) 2
7.6 Há presença de expressões que demonstrem o uso da norma comumente usada pelo aluno em seu dia a dia? () 0 (X) 1 () 2
7.7 Há desvios no que diz respeito às regras de escrita em quantidade considerável? () 0 (X) 1 () 2
7.8 A paragrafação está bem construída? (X) 0 () 1 () 2

Mem 21 V 1
<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Nossa como é a vida</i> 2. <i>Um garoto quando tinha</i> 3. <i>treze para quatorze anos, estudava numa</i> 4. <i>escola de marituba, ele era apaixonado por uma</i> 5. <i>mina da sua escola, toda vez que ele a via</i> 6. <i>seu coração acelerava, mas era tímido para</i> 7. <i>falar com ela toda vez que ele criava</i> 8. <i>coragem para falar com ela, ele ficava</i> 9. <i>com medo sua voz na saia da boca</i> 10. <i>como se ela tivesse sumido, até que</i> 11. <i>o passar dos tempos ele conseguiu chegar</i> 12. <i>nela eles comearão a conversar, papo</i> 13. <i>vai papo vem até que surgiu um</i> 14. <i>beijo para ele era o primeiro para ela</i> 15. <i>apenas mais um, até que ele pediu</i> 16. <i>ela em namoro, mas ela era entereceira</i> 17. <i>ela só aceitou porque o pai dele era</i> 18. <i>bom de vida</i> 19. <i>mas mal sabia ele que ela</i> 20. <i>namorava com muitos meninos, até que</i> 21. <i>caiu no ouvido dele que ela ia se</i> 22. <i>encontrar com um garoto atrás da</i> 23. <i>escola mas ele não quis acreditar, mas</i> 24. <i>um colega sabia mas ele quis contar</i> 25. <i>para não estragar a amizade</i> 26. <i>derepente esse Garoto vai atrás</i> 27. <i>da escola e ver sua namorada</i> 28. <i>com, quando ele viu ela com</i> 29. <i>outro bateu um sentimento de raiva e</i> 30. <i>rancor, mas ele apenas passou por eles</i> 31. <i>e disse Oi Imagine como ela ficou</i>

Quadro 5: Grade diagnóstica para avaliação do texto narrativo da “Mem 21”⁶

1. Narrador

⁶ Adaptada de Riolfi et. al., 2014, p. 168-169. Foram acrescentados os itens relativos ao narrador e às propriedades linguísticas e a segunda pergunta que consta no item “Enredo e recorte”.

A sequência numérica encontrada após cada pergunta corresponde à seguinte gradação: 0 = de modo insuficiente; 1 = de modo mediano; 2 = de modo satisfatório

1.5 Houve delimitação clara de um narrador que participa da narrativa como personagem? (X) 0 () 1 () 2
1.6 O narrador aparece como a voz que organiza os fatos internos da narrativa? () 0 (X) 1 () 2
1.7 Há presença de expressões que deixam clara a presença do narrador-personagem? (X) 0 () 1 () 2
1.8 É possível notar o envolvimento do narrador com os fatos narrados, tendo em vista que é inspirado em algo vivido por ele? (X) 0 () 1 () 2
2. Personagens
7.9 São as mesmas do início ao fim da narrativa? () 0 () 1 (X) 2
7.10 Compõem um todo orgânico no enredo? () 0 () 1 (X) 2
7.11 Estão caracterizadas física e/ou psicologicamente? () 0 (X) 1 () 2
7.12 Têm nome ou menção equivalente? () 0 (X) 1 () 2
8 Espaço
8.5 Está nomeado ou há alusão a esse aspecto? () 0 (X) 1 () 2
8.6 Foi descrito de modo verossímil? () 0 (X) 1 () 2
8.7 Foi pensado de modo a ser relevante para a construção da narrativa? () 0 (X) 1 () 2
9 Tempo
9.5 Está explicitado ou há alusão a esse aspecto? () 0 (X) 1 () 2
9.6 Foi trabalhado, no que se refere à progressão temporal, de modo que seja relevante para a construção da narrativa? () 0 (X) 1 () 2
9.7 Exerceu efeitos sobre a construção das personagens e de suas ações? () 0 (X) 1 () 2
10 Enredo e recorte
10.5 Foi selecionado um fato que vale a pena ser contado? () 0 (X) 1 () 2
10.6 O enredo escolhido é narrado com características de memórias de histórias de vida? (X) 0 () 1 () 2
10.7 O recorte do fato selecionado não está nem grande nem pequeno demais? () 0 (X) 1 () 2
10.8 Permite identificar cada uma das partes do enredo (apresentação, complicação, clímax e desfecho)? () 0 (X) 1 () 2
10.9 Possui um clímax interessante, compondo o momento de maior tensão da narrativa? () 0 (X) 1 () 2
11 Recursos estilísticos
11.5 Há presença clara de recursos estilísticos que denotam ter havido reescrita? (X) 0 () 1 () 2
11.6 Os recursos escolhidos são apropriados para criar efeitos de sentido no enredo? () 0 (X) 1 () 2
11.7 Os recursos escolhidos deixam entrever que o autor tinha clareza dos efeitos que pretendia causar no leitor (riso, tristeza, indignação, reflexão entre outros)? () 0 (X) 1 () 2
11.10 Há construção de imagens que possibilitem levar o leitor a imaginar as cenas? () 0 (X) 1 () 2
12 Propriedades linguísticas
12.5 A norma utilizada favorece a construção do sentido pretendido pelo aluno? () 0 (X) 1 () 2
12.6 Há presença de expressões que demonstrem o uso da norma comumente usada pelo aluno em seu dia a dia, demonstrando estar ele à vontade ao contar sua história? () 0 (X) 1 () 2
12.7 A linguagem utilizada obedece às regras de escrita formal? () 0 (X) 1 () 2
12.8 A paragrafação está bem construída? () 0 (X) 1 () 2
12.9 Há construção dos tipos de discursos na narrativa? () 0 (X) 1 () 2
12.10 Se há, foram construídos com as características próprias de cada tipo? (X) 0 () 1 () 2

7.4 A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA TURMA “EJA-MEMO-2”

Após observar e balizar as dificuldades dos alunos, por meio da produção diagnóstica, partimos para a elaboração da intervenção no problema. Consideramos, para isso, as observações pontuais feitas na pesquisa-piloto, bem como as sugestões pontuadas na qualificação. Assim, mantivemos alguns passos e acrescentamos outros, sem necessariamente aplicá-los na ordem em que estão dispostos. Elaboramos, portanto, os seguintes passos que nortearam a aplicação de nossa proposta de intervenção:

1. Correção da VI por meio de bilhetes textual-interativos, nos quais visamos orientar de forma pontual e clara sobre o que poderia ser melhorado na parte formal e intervir com

sugestões, a fim de tornar a narração dos fatos mais interessante e atrativa para o leitor, focando não somente em questões gramaticais, mas também nos sentidos do texto, de forma mais global;

2. *Orientação individual oral sobre as dificuldades observadas na avaliação diagnóstica*, de forma a dar maior força às orientações e sugestões dos bilhetes e esclarecer eventuais dúvidas, a fim de obter maior rendimento da atividade de correção dos textos;

3. *Aulas sobre texto narrativo (características, elementos, tipos de discurso, organização do enredo e formas de melhorar o texto narrativo)*, com o objetivo de levá-los a conhecer de forma mais aprofundada a estrutura de um texto narrativo, bem como, aperfeiçoar sua habilidade de narrar e, conseqüentemente, de se narrar;

4. *Leitura e discussão de textos literários inspirados em memórias de histórias de vida*, a fim de expor os alunos a textos com características comuns àquelas a serem produzidas em seus próprios textos de memória. Com a aplicação dessa ação, almejávamos levá-los a identificar e se familiarizar com os elementos de uma narrativa e outros recursos articulados em prol da transmissão das memórias de alguém, além da percepção sobre a forma como as pessoas se narram e como fazem suas histórias prenderem a atenção do leitor. Ademais, buscávamos, ao trazer a leitura literária para a sala de aula, melhorar a habilidade de leitura dos alunos, levando-os a refletir sobre os temas discutidos e relacioná-los a sua realidade, ao mesmo tempo em que criavam formas de resistir às adversidades vividas, construindo e reconstruindo sentidos e, conseqüentemente, organizando seu pensamento; se compreendendo e compreendendo melhor as experiências vividas e o mundo ao seu redor. Com isso, buscamos proporcionar a eles uma experiência transformadora por meio da leitura e a aquisição da cultura escrita.

5. *Gravação de áudios*, feita individualmente, após a produção do texto da versão 1, no qual os próprios alunos contassem suas histórias, instigados por nossas perguntas e solicitações de esclarecimentos, a fim de poder conhecer melhor a história de vida deles e poder auxiliar na seleção dos fatos a serem narrados, bem como possibilitar uma melhor delimitação do recorte a ser dado ao fato escolhido e maior possibilidade de pinçar detalhes interessantes que aparecessem nos áudios, mas não aparecessem na V1, necessários para tornar a narrativa clara e atraente;

6. *Audição dos áudios e construção de mapeamento da organização do enredo*, com objetivo de orientar cada aluno sobre a organização dos fatos em *apresentação, complicação, clímax e desfecho*, além de sugerir acréscimo de fatos e detalhes que não foram citados na V1, mas foram contados durante a gravação dos áudios. Nesta etapa, fizemos um mapeamento

escrito para cada um dos 22 alunos que gravaram os áudios, de modo a orientá-los sobre como organizar as partes do seu enredo.

7. **Reescrita da V1**, que deu origem à V2, com objetivo de expandir e melhorar a narrativa, por meio de artifícios como acréscimo, retirada ou mesmo substituição completa do fato narrado, caso fosse a vontade do aluno;

8. **Nova correção** utilizando os mesmos parâmetros anteriores;

9. **Atividade de análise linguística**, na qual escolhemos trabalhar com a construção dos tipos de discurso, explorando os recursos como utilização da pontuação e a seleção de expressões para criar efeitos de sentido na narrativa. Para isso, selecionamos fragmentos dos textos deles mesmo e adaptamos para ilustrar os tipos de discurso já estudados anteriormente.

10. **Produção da última versão**, a V3, com intuito de mais uma vez aperfeiçoar o trabalho. Por se tratar da última versão, que posteriormente figuraria na etapa de divulgação, com o objetivo de resguardar a identidade dos alunos, solicitamos que, ao reescreverem seus textos, eles substituíssem os nomes dos personagens e nomes de locais que julgassem necessários para não os identificar.

A seguir, relatamos as atividades realizadas no período em que realizamos a etapa de aplicação de nossa proposta de intervenção.

7.5 APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Data: 18/09/2017

Atividade desenvolvida: Identificação dos elementos da narrativa

Cada aluno recebeu um material (Vide Anexo D, Material B), no qual há três textos da terceira versão de memórias de alunas participantes da pesquisa piloto, da turma de 2016. A fim de que eles não identificassem quem eram as alunas que haviam escrito aqueles textos, adaptei apenas os nomes dos personagens, criando pseudônimos. Orientei que fizessem a primeira leitura de forma individual e silenciosa. Em seguida, fiz a segunda leitura com eles, em voz alta. Ao final da leitura, iniciamos uma discussão sobre o texto. Perguntei o que eles haviam achado do texto e se haviam gostado. Houve manifestação da turma, muitos falando ao mesmo tempo, e a resposta da maioria foi de que sim, haviam gostado, achado interessante. Perguntei o que havia chamado a atenção deles na história. E, a partir desses questionamentos, fomos discutindo sobre a organização do texto e os temas que eles perceberam que foram abordados nas versões, como o amor na adolescência, as dificuldades financeiras vivenciadas, a forma como as pessoas nos veem e como nós nos vemos, de que modo isso é importante

para o convívio em sociedade, por que as pessoas julgam as outras, por que colocam apelidos, como a pessoa que é vítima disso se sente, entre outros. Foi uma discussão bastante produtiva, com a participação dos alunos de forma bastante empenhada.

Observamos como cada nova versão ia ficando mais detalhada e como as alunas, por meio da voz da narradora, se viam, que identidade mostravam de si.

Data: 19/09/2017

Atividade desenvolvida: Comentários sobre os elementos do texto

No encontro desse dia, passamos mais ou menos uma hora juntos. Havia mais alunos do que no dia anterior. Suponho que tenha sido pelo fato de uns avisarem aos outros que, mesmo estando em período de greve, eu continuaria dando aulas.

Planejamos, com base nas versões da pesquisa piloto lidas na aula anterior, levar os alunos a identificarem que, para se contar uma história, é necessário que se construa cada um dos elementos básicos e também levá-los a perceber como a reescrita pode ajudá-los a aperfeiçoar a escrita e melhorar a história deles. Para isso, solicitei que eles lessem a terceira versão da aluna

Um acontecimento interessante que se deu nessa aula foi o fato de dois alunos, após a leitura, ficarem rindo entre si. Quando observei isso, perguntei o que havia acontecido e se eles gostariam de compartilhar com a turma alguma opinião sobre o texto. Eles disseram que estavam rindo dos “erros”, como disseram, da aluna no texto. Citaram como exemplo a palavra “carioquer” (Karaoquê), escrita no texto lido. Essa colocação deles fez com que o restante da turma risse também.

Eu perguntei a eles se sabiam o que era norma culta e coloquial da língua portuguesa. Eles me disseram que sim, que já haviam estudado isso com o professor de língua portuguesa. Falamos um pouco sobre variação linguística e eu observei que, de fato, eles sabiam do que se tratava. Aproveitei, então, para explicar a eles que o fato de uma pessoa não ter total domínio das regras de escrita e do uso da norma culta, não impedia que ela pudesse registrar de forma escrita sua história de vida. Citei o exemplo da autora Carolina Maria de Jesus, explicando que ela era uma mulher negra, favelada, que só havia estudado até a 2ª série do Primário, equivalente ao 3º ano do atual Ensino Fundamental, e que, mesmo com a formação educação ínfima que teve, ela escreveu livros, entre os quais está *Quarto de despejo – Diário de uma favelada*, no qual ela mostrava a realidade da vida na favela e que, ao longo do livro, escrito em forma de diários, organizado por datas, ela narrava inspirada em sua história de vida, ao longo da qual ela abordava vários temas como racismo, violência, desemprego entre outros. E

finalizei dizendo que o fato de ela ter estudado poucos anos não a limitou, não a impediu de escrever e publicar seu livro. Reforcei que assim seria com eles, que mesmo sem ter total domínio da norma culta e das regras de escrita, isso não os impediria de contar suas histórias de vida. Disse, ainda, que leríamos alguns fragmentos da obra de Carolina na próxima aula. Percebi que depois disso, aqueles alunos que estavam brincando com o fato de a aluna ter escrito a palavra com grafia diferente da regra, ficaram pensativos. Os demais alunos se mostraram muito interessados nos textos de Carolina.

Depois disso, retornamos à segunda parte do que fora planejado para essa aula – identificar os elementos que compõem a narrativa. Para estimulá-los a isso, coloquei no quadro branco algumas perguntas e solicitei que, com base nelas, eles observassem e anotassem, no próprio texto, as respostas que encontrassem, para que, em seguida, pudéssemos comentá-las. As perguntas eram: *O que aconteceu? Com quem aconteceu? Onde aconteceu? Quando aconteceu? Quem está contando os fatos?*

Após, mais ou menos, 25 minutos, os alunos começaram a indicar que haviam concluído a atividade proposta. Assim, passamos aos comentários das questões. Observamos que eles haviam tido certa dificuldade de identificar o que havia sido pedido. Assim, fomos auxiliando, perguntando e voltando à leitura do texto para que eles mesmos pudessem perceber o que estávamos procurando. Observei que eles se envolveram bastante na aula, fazendo colocações conforme eu ia fazendo as perguntas.

Data: 21 e 22/09/2017

Atividade desenvolvida: Leitura de fragmentos do livro “Quarto de despejo – Diário de uma favelada” (Vide Anexo C)

Ao entrar na sala para a aula no primeiro dia de leitura dos textos de Carolina Maria de Jesus, dia 21, fui surpreendida por um grupo de alunos perguntando: “Professora, a gente vai ler o texto daquela moça da favela, né?”. Eu disse que sim e notei que eles gostaram de saber. Dirigiram-se logo aos seus lugares, parecendo, de certa forma, ansiosos pela leitura. Entreguei a eles um material impresso contendo os fragmentos do livro a serem lidos naquela aula.

Iniciei chamando a atenção deles para observarem que a frente do material era uma cópia de uma das primeiras capas do livro de onde os fragmentos que leríamos naquele dia foram tirados. Disse a eles que ia lembrar, de forma bem breve, quem era Carolina Maria de Jesus, a autora do livro. Relembrei quem ela era, já que havíamos falado dela na aula anterior. Levei o livro e fiz com que passasse de mão em mão, para que eles pudessem ver e se

interessar em lê-lo. Disse a eles que nós leríamos e que, no final, eles me diriam sua opinião sobre a leitura. Disse que eu gostaria que eles pensassem em por que ela escreveu; o que ela registrou nesses excertos; O que perceberam sobre essa mulher que, até então, não conheciam, mas de quem leram algo escrito. Percebi que eles estavam muito atentos ao que eu dizia. Atribuí essa atitude ao fato de eles terem se identificado com o que eu havia falado sobre a autora. Pensei que o ambiente em que ela vivia, os temas que citei que ela tratava e as experiências que tinha, de alguma forma, haviam despertado neles um interesse. Fiz a leitura em voz alta e, em seguida, perguntei se eles haviam gostado, o que eles haviam achado do texto. A maioria havia gostado e a maioria das justificativas revelavam que era pelo fato de terem se identificado com a vida simples da personagem.

Discutimos sobre temas como: fome, desigualdade, falta de oportunidades, desemprego, a função de catador de lixo, os riscos que um morador de rua corre, a enorme quantidade de pessoas que passam fome no país entre outros que também perpassavam pelos textos, sempre ouvindo a opinião deles e levando-os a relacionarem as ponderações que faziam com a sua realidade e com a sociedade de um modo geral.

Citei alguns momentos do texto em que ela narrava que encontrava restos de alimentos no lixo e os descrevia, contava que preparava sopa ou guardava para outro dia. Perguntei se ela dizia claramente que estava com fome. Eles disseram que não. Expliquei que ela não dizia claramente que passava com fome, mas sim mostrava. Com isso, expliquei a eles que, em muitos momentos, quando vamos contar uma história, não precisamos dizer diretamente certas coisas. Para tornar a narrativa mais interessante e prender a atenção do leitor, podemos mostrar e levá-los a interpretar o que está acontecendo, sem precisar, necessariamente, dizer. Sugeri que usassem essa estratégia nos textos deles, pois dessa forma poderiam levar o leitor a imaginar o que estava sendo contado. Com isso, busquei introduzir o que mais adiante exploraria com eles sobre formas simples de melhorar a narrativa.

Chamei a atenção deles para o fato de a autora ter registrado suas memórias no livro, na década de 50, mais precisamente, no ano de 1958. Disse a eles que estávamos em 2017 e perguntei se havia mudado muita coisa em relação aos problemas de que ela tratava, como a fome, por exemplo. Eles disseram que não. Eu perguntei por que não mudava e o que faltava. Um aluno disse que faltava tudo. Perguntei o que era esse “tudo”. Ele disse que faltava atitude da parte das autoridades. Eu perguntei de quem, especificamente, era a atitude que faltava.

Lembrei a eles que lá no passado, ano de 58, ela falava do Serviço Social, dos políticos, do governo. Perguntei por que ela falava deles. Uma aluna disse que ela os apontava eles como culpados dos problemas da sociedade atualmente. Perguntei a eles quem eram os

culpados dos problemas da sociedade hoje. Uma aluna disse que eram os mesmos e que hoje estava pior, porque a população era maior e as autoridades não faziam o que deveriam para mudar. Nesse momento, alguns citaram problemas que viviam nos seus bairros, como filas para conseguir consulta nos postos de saúde, falta de segurança, problemas de saneamento básico, etc. Mostrei a eles que muitos desses problemas já aconteciam na época em que Carolina de Jesus escreveu suas memórias. Reforcei a ideia de que essa era uma das causas de ser importante registrar memórias, porque depois podemos compará-las, por exemplo, com outro momento, o momento atual. Disse que, com o passar do tempo, podemos repensar sobre elas. Exemplifiquei dizendo que eu achava que eles hoje viam e pensavam de uma forma diferente em relação às memórias que eles trouxeram para seus textos, diferente do momento em que os fatos aconteceram.

De um modo geral, os levei a perceber a perspectiva do “eu”, da identidade construída ao longo do texto, da pessoa que fala de si, a mulher, negra, pobre, favelada, seus sentimentos e pensamentos ao longo do texto, que mistura linguagem simples e rebuscada para retratar a realidade cruel e triste na favela, concretizando o que os críticos chamam de literatura-realidade.

Citei que havia alguns dos textos dos alunos em que eles começavam dizendo que não tinham coisas interessantes para contar. Expliquei que poderiam ser coisas que não fossem tão agradáveis, mas que faziam parte da vida deles, das suas experiências e que, por isso, mereciam ser registradas, como o fez Carolina.

Data: 25/09/2017

Atividade desenvolvida: Não houve aula, porque choveu muito e os alunos não conseguiram chegar à escola.

Data: 26/09/2017

Atividade desenvolvida: Agendamento da gravação dos áudios

Não era meu dia de aula. Estive na escola somente para fazer o agendamento da gravação dos áudios. Marcamos uma pessoa por dia.

Data: 27/09/2017

Atividade desenvolvida: Leitura e discussão dos textos “A escola antiga” e “Aniversário”, de Rachel de Queiroz

Para essa aula, preparei e entreguei aos alunos um material (Vide Anexo C), contendo dois textos de Rachel de Queiroz. Os textos são intitulados “A escola antiga” e “Aniversário”. Expliquei a eles que aqueles textos haviam sido retirados de um livro chamado *Memórias de menina*. Mostrei a eles o livro que havia levado. Deixei que manuseassem. Perguntei se eles conheciam a autora. Alguns disseram que sim, que já tinham ouvido falar e outros que não. Então, li com eles um pequeno texto de apresentação, que havia colocado no início do material, e que retirei da contracapa do livro.

Em seguida, lemos o primeiro texto: “A escola antiga”. Após a leitura, discutimos sobre como era a escola da qual a narradora falava na história. Eles observaram que era uma escola mais rígida e descreveram o que os levou, no texto, a pensar daquela forma. Perguntei se eles conheciam alguém que tivesse estudado numa escola daquele jeito, naquela época. Vários relataram experiências que seus pais ou avós contavam em família. Perguntei se eles achavam que daquela forma a educação era melhor. Houve debate, pois alguns achavam que sim e outros que não. Falamos, então, sobre as formas de castigo usadas naquela época, se funcionavam ou não; como era o aprendizado; o respeito aos pais e professores; entre outras coisas.

Depois, buscando fazê-los relacionarem o que lemos com o mundo ao seu redor, fui fazendo perguntas para instigá-los e assim se instaurou uma discussão sobre o que achavam da escola de hoje em comparação com a escola do passado, descrita no texto. Nessa discussão, passamos por várias questões pertinentes e que os levaram a se identificar, como a importância que é dada à escola por eles, pelas autoridades; as condições precárias da escola; como gostariam que a escola fosse; a postura dos alunos e dos professores na sala de aula, entre outras questões relevantes.

Como os textos eram curtos, conseguimos ler também o segundo, “Aniversário”. Após a leitura, perguntei a eles se haviam gostado do texto. A maioria disse que sim. Alguns disseram que aquele texto os fez recordar de quando eram crianças, de como era importante o dia do aniversário, que parecia demorar a chegar de um ano a outro. A partir desse momento, muitos relataram como eram seus aniversários. Ouvimos histórias tristes, em que não havia condições financeiras para comemorar e outras nem tanto, em que, mesmo de forma simples, se comemorava com “um bolinho para não passar em branco”, como alguns disseram, que é uma expressão dita por alguns e bastante utilizada, em Belém, para descrever uma festinha simples. Falamos também sobre os presentes e a importância que tem a comemoração quando se é criança em comparação com a fase em que estavam vivendo naquele momento.

Após a discussão sobre o que eles haviam percebido do texto e de que modo aquilo se relacionava com eles, analisamos, nos dois textos, a construção dos elementos da narrativa e observamos de que modo eles se articulavam para concretizar um texto de memória.

Data: a 29/09 a 06/10/2017

Atividade desenvolvida: Gravação dos áudios

Durante esse período, realizamos a gravação dos áudios, utilizando o mesmo modo de operação da pesquisa anterior. Iniciamos a preparação para essa fase da pesquisa lendo os textos dos alunos previamente, mapeando-os, de forma a enumerar os fatos narrados e verificar passagens que não estivessem suficientemente claras para o leitor ou que julgássemos que pudesse ser mais aprofundada e detalhada.

A concretização da gravação dos áudios, propriamente dita, foi feita conforme agendamento prévio, em que cada aluno escolheu o dia em que queria realizar tal atividade, sendo feito o atendimento de um aluno por vez, na biblioteca da escola, onde eu já o estava aguardando.

Todas as sessões foram iniciadas da mesma forma, esclarecendo a cada aluno ou aluna que o objetivo daquela atividade era registrar, oralmente, as histórias que eles haviam escrito na primeira versão de suas memórias; explicando a eles que a história contada no texto era bastante interessante e que, por essa razão, gostaria de saber mais sobre ela, bem como esclarecer algumas dúvidas ou lacunas que haviam ficado ao longo da leitura. Também expliquei que, após a gravação, eu ouviria aquele áudio e anotaria os fatos novos que eles tivessem narrado para esclarecer ou aprofundar o que já haviam narrado por escrito. E informei que, baseado na audição que faria, eu entregaria a eles, posteriormente, orientações escritas que visavam ajudar na produção da segunda versão do texto.

Após os esclarecimentos necessários, a gravação era iniciada. Usando um aparelho de celular, no qual havia instalado um aplicativo de gravação de áudios, e que eu deixava em cima da mesa, propositalmente, para que dele o aluno esquecesse e ficasse menos tenso, eu iniciava dizendo o nome do aluno ou aluna e, em seguida, começava afirmando que ele havia contado, em seu texto, uma determinada história e perguntava se ele ou ela poderia contar melhor aquilo. Normalmente, os alunos iniciavam um pouco nervosos e sem jeito, mas depois que começavam a contar aquela história que havia sido vivida por eles próprios, pareciam se sentir mais à vontade e se apropriar da palavra de forma incisiva, já que dominavam, mais do que ninguém, o fato a ser narrado. Além do que, procurei sempre construir uma relação de confiança que os permitisse se sentir à vontade para contar fatos que, talvez, em outro

contexto, no ambiente da escola mesmo, eles hesitassem em expor. Passado o nervosismo inicial, a narrativa oral fluía com clareza e eles traziam à tona fatos marcantes, que muitas vezes, tendia a uma conversa ou confissão. As narrativas se desenvolveram a tal ponto de, ao final, termos áudios com a duração média de 50 minutos.

Data: 11/09/2017

Atividade desenvolvida: Organização das partes do enredo e da curva de tensão e leitura e discussão do texto “A velha”, de Rubens Braga

Nessa aula, expliquei a eles que o enredo pode ser melhor organizado, se seguir a organização que leva em consideração os momentos da história. Disse que havia textos que não seguiam fielmente aquela ordem, mas que essa técnica poderia facilitar a produção de uma narrativa. Relembrei a eles quais eram essas partes e entreguei um novo material (Vide Anexo D, Material C), no qual consta uma curva de tensão, baseada nos momentos da narrativa, ilustrando que há um ou mais momentos em uma narrativa que são considerados culminantes, que despertam maior interesse do leitor em acompanhar os fatos para descobrir seu desfecho, que estudamos como o clímax. Para ilustrar de forma precisa o que estudamos, lemos o texto “A velha”, de Rubem Braga, sobre o qual discutimos e em seguida procuramos encontrar nele os momentos que compõem a curva de tensão.

A leitura e a discussão do texto de Rubem Braga foi bastante interessante. Falamos sobre o que leva as pessoas a terem determinados comportamentos diante de situações que elas vivenciam que, às vezes, parecem oportunidades, como o que aconteceu no texto. Falamos sobre civilidade, respeito, oportunismo, esperteza entre outros comportamentos.

Data: 16/10/2017

Atividade desenvolvida: Devolução de textos com correções, após áudio

Data: 17 a 27/10/2017

Atividade desenvolvida: Semana de realização das provas da 3ª Avaliação

Data: 26/10/2017

Atividade desenvolvida: Sugestões para melhorar a narrativa e leitura e discussão sobre o texto “Os doidos”, de Rachel de Queiroz e Maria Luiza de Queiroz

Nessa aula, entreguei a eles material (Vide Anexo D, Material D) com sugestões para melhorar a narrativa, tornando-a mais interessante, visto que era esse nosso objetivo. Para

produzir o material desta aula, utilizamos sugestões simples, mas que julgamos que poderiam ser eficientes para esse fim, baseadas em livro de Sabarich e Dintel (2014). Adaptamos as sugestões ilustrando cada sugestão com o fragmento de um dos textos lidos nas aulas até aquele dia.

Assim, fui explicando cada uma das sugestões e, em seguida, íamos lendo o exemplo e observando como, na prática, se dava aquela sugestão. Após isso, lemos e discutimos o texto “Os doidos”, de Rachel de Queiroz.

Data: 20/11/17

Atividade desenvolvida: Devolução da V2 e esclarecimentos sobre bilhetes orientadores

Nesse encontro, o único objetivo foi devolver a V2 corrigida, conforme as correções indicativa e resolutive, feita no próprio texto do aluno, em que marcamos o que julgamos que estava linguisticamente com problemas, ora indicando o problema, ora já mostrando a solução para ele. Além disso, cada aluno recebeu sua redação de volta anexada a um bilhete orientador, que tinha como principal objetivo apresentar uma sugestão de organização dos fatos do texto, a fim de que melhorassem na clareza e no detalhamento do enredo, qual buscamos unir informações sobre o que foi ouvido no áudio gravado pelo aluno ao que ele já havia escrito.

Os bilhetes entregues aos alunos poderão ser vistos na sessão “Apêndice”, mais adiante.

Data: 21/11/17

Atividade desenvolvida: Estudo dos Tipos de discurso

Entreguei a eles material (Vide Anexo D, Material E) com explicações sobre os tipos de discurso, os quais exemplifiquei com trechos adaptados retirados dos textos deles próprios. Percebi que eles gostaram, até se divertiram ao identificar suas palavras, em fragmentos de suas próprias histórias no material. A aula fluiu de forma bastante produtiva. Expliquei, em detalhes, como as características, para que servem os discursos e como construí-los. Depois, pedi que eles desenvolvessem atividade em duplas, identificando discursos nos textos deles e que refizessem, adequando às características de determinado tipo de discurso. Em seguida, pedi que alguns deles lessem em voz alta, para a turma, algum fragmento que tivessem achado interessante e que exemplificasse algum dos tipos de discurso. Pedi que fosse um aluno por vez ao quadro, para escrever como estava no texto e como achavam que deveria ficar após

reescrito. Terminamos a aula após ler, mais ou menos, dez exemplos de discursos, analisando o que foi alterado, qual a diferença, o que aconteceu e de que modo alterava o sentido.

Data: 11/12/17

Atividade desenvolvida: Orientações para produção da última terceira versão

Nesta aula, entreguei a eles o material com as orientações para a V3 (Vide Anexo B), fizemos a leitura do material e expliquei, detalhes, as orientações ali expostas.

Os alunos levaram para casa e entregaram as produções três dias depois.

7.6 ANÁLISE DE TEXTOS DE MEMÓRIA PRODUZIDOS NA TURMA “EJA-MEMO-2”

Para esta seção, selecionamos apenas um dos sujeitos participantes da pesquisa. A seleção se deu após a análise minuciosa de cada um dos 70 textos produzidos pela turma “EJA-MEMO-2”. Por meio desta análise, selecionamos as versões da aluna Cristina, que compõem a “Mem 5”, por considerar que o conjunto das versões fornecia material satisfatório para o que pretendíamos analisar.

Para esta análise, partiremos dos mesmos aspectos que serviram de base para a avaliação diagnóstica, dispostos no capítulo 7, na subseção 7.1, no Quadro 3. No entanto, aqui não o faremos com o auxílio de um quadro, com as informações dispostas na forma de perguntas, como avaliamos no Quadro 4 daquele mesmo capítulo. Trabalharemos com seis itens, dentro dos quais faremos incursões pelos sete aspectos do Quadro 3 e acrescentamos outros que julgamos pertinentes trazer à luz, por terem se destacado, ao longo da pesquisa, após a avaliação diagnóstica. Consideramos que dessa forma a análise foi mais produtiva, tendo em vista que, ao analisar profundamente a construção de uma narrativa, é inevitável não perceber que os elementos se imbricam, influenciando uns na construção de sentido dos outros.

A V1 da memória “Mem 5”, selecionada para esta análise, já foi lida por ocasião da avaliação diagnóstica, na subseção 7.3. No entanto, julgamos prudente relembra-la. Assim, prossigamos para a leitura das três versões da aluna selecionada, transcritas abaixo na íntegra, intercaladas com os bilhetes textual-interativos, utilizados como meio de intervenção na construção e ampliação dos sentidos do texto, bem como importante estratégia de aperfeiçoamento dos textos escritos pela aluna.

Primeira versão produzida pela aluna:

“Mem 5” VI

37. *Olá! Meu nome é Cristina, nasci em Belém do Pará no ano*
 38. *de 1995, Tudo começou quando eu tinha 6 anos, assim que os*
 39. *meus pais se separaram, quando completei 10 anos, minha mãe*
 40. *conheceu alguém e eles começaram há se relacionar, nesse*
 41. *momento minha vida ficou um TransTorno, minha mãe já não*
 42. *ligava pra mim como antes, no decorrer desse Tempo ele foi*
 43. *Transferido para morar em outra cidade, e é claro, minha*
 44. *mãe queria ir com ele, foi ai! que minha tia disse á*
 45. *ela que, eu poderia morar com ela, e prometeu,*
 46. *que eu teria uma vida de princesa.*
 47. *Eu claro achando que teria uma vida melhor, pois*
 48. *eramos muitos humildes e como ela prometeu uma*
 49. *vida, boa, So que não foi bem assim, no passar do*
 50. *Tempo minha tia começou mandar eu fazer os trabal-*
 51. *hos domesticos, e seu eu não fizesse tudo corforme o*
 52. *jeito dela, me batia demais, me insultava, dizia que eu*
 53. *não seria ninguém, tudo de ruim que vim na sua*
 54. *cabeça ela dizia pra min, eu sofria demais, chorava muito*
 55. *pedia à Deus pra tirar eu de lá, não aguentava*
 56. *aquela vida de humilhação toda as vezes que*
 57. *a minha mãe ligava pra saber como eu estava, ela*
 58. *dizia, pra minha mãe que, eu estava bem, assim que ela*
 59. *passava o celular pra mim, eu chorava dizia Tudo, mas*
 60. *logo em seguida ela dizia pra minha mãe que era*
 61. *mentira, ate que um dia eu fugir de lá quando*
 62. *eu tinha 14 anos, meu irmão me tirou de lá,*
 63. *e fui morar com meu pai, ai vocês me perguntam*
 64. *tudo melhorou? que nada piorou.*
 65. *Mas hoje eu posso dizer sou feliz, Todo sofri*
 66. *Mento que passei gerou felicidade quando completei*
 67. *18 anos, agora tenho minha familia casei*
 68. *e não me tornei aquilo que minha tia desejasse*
 69. *que eu fosse, e o momento, que eu aceitei jesus*
 70. *deu mas sentido em minha vida.*
 71. *há! e a minha tia à perdoei, a vida me ensinou que o perdão cura as feridas do*
 72. *coração.*

Primeiro bilhete textual-interativo entregue à aluna junto com a Versão 1 corrigida, objetivando melhorar a organização do enredo, a fim de conferir clareza ao texto:

Cristina

MEM 5

Situação inicial / Inicie se apresentando, fale dos pais e dos irmãos
 Conte por que os pais se separaram
 Conte que a mãe casou novamente e que o convívio não era bom, explique por que.
 Fale do padrasto, do irmão, da ida da mãe para o Navajo.

Conte que ela a deixou com a tia porque essa prometeu lhe dar uma vida de princesa

Mostre como foi que tudo ficou depois da ida da mãe. Fale também da tia

Mostre o que ela dizia, como lhe tratava, o que você tinha que fazer e como você se sentia

Conte sobre as ligações de sua mãe

Conte que foi crescendo, foi mudando e começando a enfrentá-la

Fale da ida do seu irmão embora

* Prepare o litor para o ponto alto da sua narrativa que ocorrerá a seguir

Climax / Conte o acontecimento da discussão e agressão no dia do aniversário
 Por que aconteceu, a postura do seu irmão

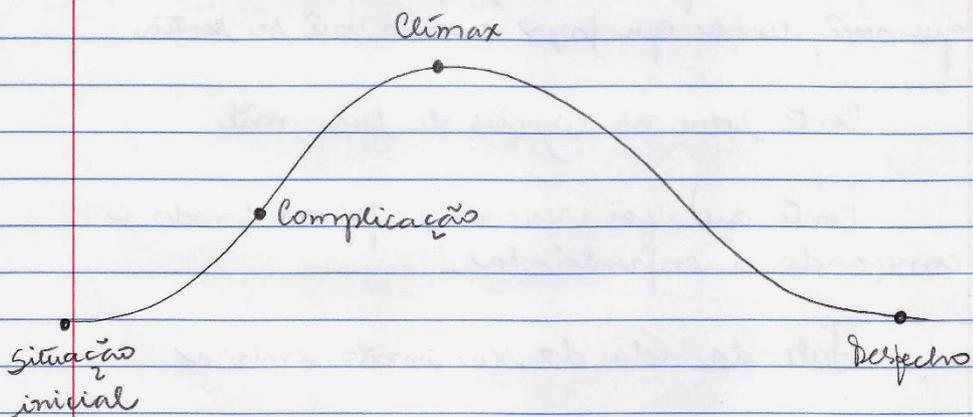
e das pessoas que estavam presentes

Conte como foi a fuga, quem ajudou e o que ela disse sobre ter fugido com o traficante

* A partir daqui, você encaminhará seu texto para o final da narrativa dessa parte da sua história

Mostre que ela contou uma mentira a sua mãe sobre a fuga

Conte que, por isso, sua mãe voltou e ficou sabendo de toda a verdade, quando os vizinhos ^{contaram} tudo.



Após a leitura das orientações do bilhete textual-interativo acima, a aluna produziu a Versão 2, mostrada abaixo.

“Mem 5” V2

1. *Eu tenho 22 anos nasci em Belém*
2. *Tudo começou quando eu morava no guamá, eu tinha 6*
3. *anos meus pais se separam o motivo foi que meu pai teve*
4. *um caso com a cunhada da minha mãe. Por esse motivo*
5. *meu pai Edmilson, teve que ir embora para cameté de onde sua*
6. *família mora, pois meu tio Zeca queria matar ele.*
7. *meu pai foi embora e minha mãe criou 5 filhos,*
8. *depois os três filhos mas velhos casaram, e ficou só eu*
9. *e meu irmão Ednilson 4 anos depois minha Alice*
10. *começou à se relacionar com alguém o Seu Roberto, no*
11. *de correr do tempo minha mãe foi ficando mas ligada*
12. *à ele e esquecendo de mim e do meu irmão, ele não acei-*
13. *tava os filhos da minha mãe.*
14. *Quando eu completei 11 anos o marido da minha mãe*
15. *foi transferido para trabalhar em Soure, no Marajó, e*
16. *é claro minha mãe ia com ele só que minha não tinha*
17. *com quem me deixar, foi aí que minha tia Maria entra*
18. *na História, pediu pra eu morar com ela, ela prometeu*
19. *à minha mãe que me daria tudo de melhor, porque era-*
20. *mos muito humilde, e é claro minha mãe aceitou.*
21. *fui morar com ela e meu irmão ficou morando[*
22. *sozinho na casa onde morávamos na mesma rua onde*
23. *minha tia mora, Nos primeiros dias foi muito bom,*
24. *me tratava tão bem, mas passando 1 mês pra eu completar*
25. *12 anos, ela começou mandar eu fazer os trabalhos domésticos*
26. *mandava eu tirar os limos da parede etc... e se eu*
27. *não fizesse do jeito dela, ela me batia muito me humilha-*
28. *va dizia que eu não seria ninguém, que eu ia ser uma*
29. *pessoa sem futuro, todas as noites eu chorava muito pedia*
30. *à Deus pra me tirar daquele lugar que eu sofria muito.*
31. *Todas as vezes que minha mãe ligava ela dizia que*
32. *eu estava bem, quando ela me dava o celular eu dizia*
33. *para minha mãe tudo que ela fazia ela pegava o celular*
34. *da minha mão, e dizia pra minha mãe que eu*
35. *estava mentindo, e é claro minha mãe acredita-*
36. *va nela.*
37. *aos meus 14 anos houve uma festa do cirio,*
38. *nesse dia meu irmão estava lá, e viu ela me*
39. *batendo ele ficou muito bravo, e disse que ia*
40. *me tirar de lá, nessa noite arrumei minhas coisas*
41. *e fui pra casa do meu primo Edivaldo filho dela*
42. *que achava errado o que ela fazia comigo,*
43. *foi ele que me deu o dinheiro da minha passagem*
44. *de madrugada fui embora pra cameté eu*
45. *e meu irmão e a mulher dele fomos pra casa*
46. *do meu pai, só que chegando lá minha vida*
47. *ficou do mesmo jeito sofrimento, eu tinha*
48. *muita magoa do meu pai, nós brigávamos*
49. *muito sempre joguei na cara dele o que fez*
50. *pra minha mãe, eu aprontava demais*
51. *ia pra festa bebia, etc... ou seja eu era*
52. *Revoltada, morei 1 ano lá, e ele me mandou em-*
53. *bora pra morar com minha mãe em Soure.*

54. *nesse momento já tinha 15 anos fui morar*
55. *com minha mãe morei 6 meses lá, pq*
56. *meu padrasto tentou bater na minha mãe*
57. *e eu fui com uma faca pra cima dele,*
58. *minha mãe ficou do lado dele, e ele me*
59. *mandou embora, então vim sozinha pra belém.*
60. *Vim morar com minha irmã, mas dei*
61. *muito trabalho pra ela, eles se converteram*
62. *ou seja eram evangélicos, ela e meu cunhado*
63. *oravam muito por mim, pra eu mudar porque*
64. *eu era muito rebelde, fazia tudo que eu queria*
65. *nos eles não entendiam que a vida e as circuns-*
66. *tância nu levavam a ser assim.*
67. *Quando completei 17 anos quase aos 18 anos*
68. *fui pra o carnaval em São miguel do guamá*
69. *era um domingo e na Segunda eu ia completar*
70. *18 anos, minha irmã não sabia onde eu estava.*
71. *naquele dia sentir uma angústia como*
72. *se aquele não pra mim, e pedir pra*
73. *um cara que eu tava ficando que queria*
74. *ir embora no outro dia, e ele disse: “Tudo*
75. *bem”, vindo de São miguel para belém e tive*
76. *um livramento, oa ô nibuns onde eu*
77. *estava quase bate, em uma carreta que estava*
78. *parada na curva da estrada, mas deus*
79. *conduziu a mão daquele motorista, e não*
80. *sofremos nem um acidente. Ai me*
81. *lembrei de uma coisa que uma coisa que uma irmã*
82. *da igreja disse que Deus ia me dá*
83. *um livramento*
84. *continuava sentindo aquele vazio, no*
85. *dia desse quase acidente era o dia do*
86. *meu aniversário, já tinha 18 anos*
87. *no domingo fui a igreja e o pastor*
88. *pregava toda minha vida, eu achando*
89. *que alguém tinha falado algo pra*
90. *ele.*
91. *Não aguentei as lagrimas e aceitei*
92. *jesus.*
93. *Hoje perdoei Todos, meu pai e minha*
94. *tia, depois que me converti fui entender*
95. *que, eu, só seria quando eu libera-sse*
96. *o perdão.*

Cristina

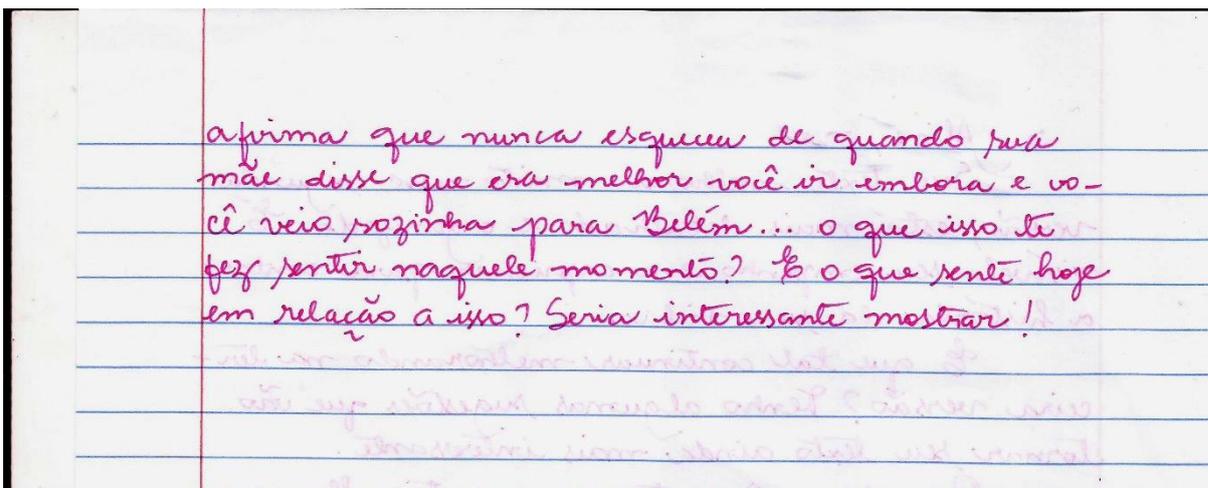
Seu texto melhorou muito nessa segunda versão; está mais detalhado e organizado. É visível seu empenho em caprichar para contar a história da sua vida.

É que tal continuar melhorando na terceira versão? Tenho algumas sugestões que vão tornar seu texto ainda mais interessante.

Quando você conta que sua tia lhe mandava tirar os limos da parede, sugiro que, ao invés de usar "etc", que indica que havia outros serviços que ela lhe mandava fazer, que você cite alguns desses outros serviços, como você contou no áudio, como: limpar a casa inteira, que era enorme; aprender a cozinhar muito cedo, porque ela lhe forçou a isso, entre outras tarefas.

No momento em ^{que} você conta sobre a festa do Lúcio e a discussão junto com a agressão, seria interessante você narrar os detalhes mostrando e levando o leitor a imaginar a cena e despertar nele algum tipo de sentimento e também fazê-lo perceber como você se sentiu naquele momento. Durante a gravação do áudio, vi e senti, nas suas lágrimas, um pouco do que você sentiu. Que tal mostrar isso para o leitor?!

Há diversos momentos, ao longo da sua história, ^{em} que ocorrem fatos que despertam algum tipo de sentimento em quem ~~lê~~ ^{lê} esta lendo. Seria interessante se você pudesse dizer, claramente, que tipo de sentimento essas memórias trazem para você. Um exemplo disso é quando você



Abaixo, podemos ver a Versão 3, produzida após a aluna receber o bilhete textual-interativo acima.

Mem 05 V 03

1. Meu nome é Cristina, Eu tenho 22 anos nasci em Belém
2. Tudo começou quando eu morava no Guamá. Eu tinha
3. seis anos. Meus pais se separaram. O motivo foi que meu pai
4. teve um caso com a cunhada da minha mãe. Por esse moti-
5. vo, meu pai Edmilson, teve que ir embora para Cametá, onde
6. sua família mora, pois meu tio José queria mata-lo.
7. Meu pai foi embora e minha mãe criou sozinha cinco
8. filhos.
9. Depois, os três filhos mais velhos casaram, e ficou só eu
10. e meu irmão Ednilson. Quatro anos depois, minha mãe, Alice,
11. começou a se relacionar com o Seu Roberto. no decorrer
12. do tempo, minha mãe foi ficando mais ligada a ele. Esque-
13. cendo de mim e do meu irmão. Ele não aceitava os filhos da
14. minha mãe.
15. Quando eu completei 11 anos, O marido da minha mãe
16. foi transferido para morar em Soure no Marajó. E é claro,
17. minha mãe ia com ele. Só que minha mãe não tinha com quem
18. me deixar, Foi então que minha tia Maria entrou na histó-
19. . Ela pediu para eu morar com ela, prometendo para minha
20. mãe que me daria tudo de melhor, por que éramos muito
21. humildes. E, é claro, minha mãe aceitou!
22. Fui morar com ela e meu irmão ficou morando sozinho
23. na casa onde morávamos, na mesma rua onde minha tia
24. nora. Nos primeiros dias, foi muito bom. Ela me tratava tão
25. bem! Mas faltando um mês para eu completar 12 anos, Ela
26. começou a mandar eu fazer os trabalhos Domésticos, como,
27. tirar os limos da parede, cozinhar, lavar roupa acordar as cinco
28. da Manhã para fazer café, nesse caso, já não tinha nem
29. paciência para estudar porque as sete horas ia para escola,
30. E a casa onde morávamos era muito grande para uma

31. *menina de 12 anos cuidar, fora aos domingos, quando*
32. *a família dela se reunia eu me sentia excluída eles*
33. *Todos na mesa, E eu na cozinha, lavando as louças*
34. *E, se eu não fizesse do jeito dela, Ela me batia, me humilhava,*
35. *Dizia que eu não seria ninguém, Que eu ia ser uma pessoa*
36. *sem futuro. Todas as noites, Eu chorava muito. Pedia a Deus*
37. *para me livrar daquele lugar, Porque eu sofria muito.*
38. *Todas as vezes que minha mãe ligava, Ela dizia*
39. *que eu estava bem. Quando ela me dava o celular, Eu dizia*
40. *para minha mãe tudo o que ela fazia. Ela pegava o celular*
41. *da minha mão. E dizia para minha mãe que eu estava*
42. *mentindo. Minha mãe sempre acreditava nela.*
43. *Aos meus 14 anos, houve uma festa do cirio.*
44. *Nesse dia, meu irmão estava lá. E viu ela me*
45. *batendo, só não me recordo o motivo mas foi algo que não*
46. *fiz da vontade dela, porque sempre ela me batia por esse*
47. *motivo. nossa quando acontecia isso eu me sentia uma*
48. *menina mal amada, achava que ninguém se importava*
49. *comigo, eu chorava mas ao mesmo tempo de ódio e*
50. *sofrimento. E meu irmão vendo aquilo ficou muito*
51. *bravo, E disse que ia me tirar de lá. Nesse noite, arrumei*
52. *minhas coisas e fui para casa do meu primo José,*
53. *filho dela, que achava errado o que ela fazia comigo.*
54. *Foi ele que me deu o dinheiro da passagem.*
55. *De madrugada, fui embora para Cametá, Eu, meu*
56. *irmão e a mulher dele. Fomos para a casa do meu pai.*
57. *Só que, chegando lá, minha vida ficou no mesmo sofrime-*
58. *nto. Eu tinha muita mágoa do meu pai. Nós brigávamos muito.*
59. *Sempre joguei na cara dele o que fez para minha mãe.*
60. *Eu aprontava demais, havia me tornado uma adolescente*
61. *Revoltada.*
62. *já ia para festa, bebia, etc..., ou seja, eu era muito*
63. *de mal com a vida. Morei um ano lá, E, meu pai me mandou*
64. *embora, para morar com minha mãe em Soure.*
65. *nesso momento, Eu, já tinha 15 anos. Fui morar com minha*
66. *mãe. Morei seis meses lá, Porque meu padrasto tentou*
67. *bater na minha mãe eu fui com uma faca para cima*
68. *dele.*
69. *Minha mãe ficou do lado dele. E ele me mandou embora*
70. *nunca esqueço desse dia, quando minha mãe disse que*
71. *era melhor eu ir embora. Nesse momento me sentir desamp-*
72. *arada, Chorei muito, e disse mãe eu sou sua filha. E ela não*
73. *falava nada so arrumou minhas coisas, nesse momento*
74. *eu achava que ninguém se importava comigo, pois minha*
75. *própria mãe virou as costas pra mim. Então, vim sozinha*
76. *para Belém.*
77. *Vim morar com minha irmã Ana, mas dei muito*
78. *trabalho para ela. e meu cunhado. Eles se converteram,*
79. *ou seja, eram evangélicos, oravam muito por mim, para eu*
80. *mudar, Porque eu era muito rebelde. Fazia tudo que*
81. *eu queria, Mas eles não entendiam que a vida a as cir-*

82. *custâncias me levaram a ser assim.*
83. *Quando completei 17 anos, Quase aos 18 anos, fui para o*
84. *carnaval em São Miguel do Guamá. Era um domingo,*
85. *minha irmã não Sabia onde eu estava, e na segunda*
86. *feira seria o dia do meu aniversário, naquele domingo,*
87. *lá no meio da folia, sentir uma angústia. Como se aquele*
88. *lugar não estava me fazendo bem, foi quando uma voz dizia*
89. *que ali não era meu lugar. Eu pedir para um cara*
90. *coum quen eu estava ficando que queria ir embora*
91. *no outro dia. E ele disse: “Tudo bem”. Vindo de São*
92. *Miguel para Belém, tive um livramento: O ônibus onde*
93. *eu estava quase bateu em uma carreta que estava*
94. *parada na curva da estrada, Mas Deus conduziu as*
95. *mãos daquela motorista, e não sofremos nem um acidente.*
96. *Então me lembrei de uma coisa que uma irmã da*
97. *igreja disse para minha irmã: Que Deus ia me dar um*
98. *livramento ainda essa semana que via nos rosto*
99. *todo sanguentado na janela de un veículo e minha*
100. *disse essa revelação antes de eu sair de casa. Mas eu*
101. *não quis acreditar. sorrir irônicamente e disse que*
102. *crente era doido.*
103. *No dia desse “quase” acidente, seria no dia*
104. *do meu aniversário. já tinha 18 anos.*
105. *Passando aquela semana, disse a minha irmã*
106. *que iria a igreja e o Pastor pregava toda minha*
107. *vida. Eu achando que alguém tinha falado algo para*
108. *ele. Mas tinha sim O Espirito Santo.*
109. *não aguentei as lágrimas, não conseguia ir lá*
110. *na frente porque o pastor disse que Deus queria*
111. *fazer uma obra na vida de alguém que ainda*
112. *a essa semana deu um livramento.*
113. *Eu não conseguia ir lá frente e aceitar*
114. *jesus porque algo grudava meus pés no chão.*
115. *Quando uma irmã tocada por Deus tocou*
116. *e mim e nos desgrudaram e fui na frente e*
117. *aceitei jesus.*
118. *Hoje, perdoei todos: Meu pai, minha tia.*
119. *Depois que me converte, fui entender que, eu, só*
120. *seria feliz a partir do momento que eu liberasse*
121. *o perdão a todos as pessoas que me machucaram*
122. *e tudo isso que aconteceu na minha vida*
123. *não vejo pelo lado mal.*
124. *Mas sim uma experiência para minha*
125. *vida. Porque um dia ajudarei alguém que*
126. *estiver passando o que passei.*

7.6.1 Análise da construção do Narrador na “Mem 5”

Observa-se nas três versões do texto Mem 5, a presença de um narrador-personagem, que participa dos fatos. Constata-se isso desde a primeira linha do texto, em que há o uso de pronomes possessivos ou pessoais referentes à primeira pessoa do discurso, por exemplo nos fragmentos “*Meu nome é Cristina (...)*”, na V1; “*Eu tenho 22 anos (...)*”, na V2 e “*Meu nome é Cristina. Eu tenho 22 anos (...)*”, na V3, em que há uma identificação do narrador, antes de começar a contar os fatos. Em relação ao início dessas versões, destaca-se a observação de que na V2 já se vê marcas do processo de reescrita, pois aparece uma informação que não aparecera na anterior. Já na V3, isso se concretiza novamente, visto que junta as duas informações da V1 e da V2, ao iniciar dizendo o nome e, em seguida, sua idade, como uma forma de complementariedade de informações.

Ao citar a idade atual e, em seguida, retroceder a outros momentos de sua vida, a narradora cria um certo distanciamento entre o seu papel de “narrador” e o do personagem “eu”, já que quem está contando os fatos tem 22 anos, mas volta a momentos em que tinha seis, 11, 12, 14, 17 e 18 anos, cujas noções temporais são indicadas por meio de marcas linguísticas no texto, mais bem definidas nas versões pós-intervenções. Esse distanciamento fica evidente nos trechos em que ela faz esclarecimentos ou avalia as situações pelas quais passou e como – com aquela idade – se sentia diante de tais acontecimentos. Comparemos, na tabela abaixo, momentos das três versões da Mem 5, conforme a idade indicada no texto.

I. Aos 10 anos	
Versão	O que foi dito...
V1	“[...] minha mãe conheceu alguém e eles começaram há se relacionar, nesse momento minha vida ficou um transtorno, minha mãe já não ligava pra mim como antes [...]”
V2	“[...] minha mãe começou à se relacionar com alguém, o Seu Roberto, no decorrer do tempo, minha mãe foi ficando mas ligada à ele e esquecendo de mim e do meu irmão, ele não aceitava os filhos da minha mãe. ”
V3	“[...] minha mãe, Alice, começou a se relacionar com o Seu Roberto. No decorrer do tempo, minha mãe foi ficando mais ligada a ele. E esquecendo de mim e do meu irmão. Ele não aceitava os filhos da minha mãe. [...]”

Nesses fragmentos, da V1 à V3, se nota um acréscimo de ideias que contribuem para o ponto de vista da personagem sobre a atenção da mãe, que já não era como antes. Na V1, se percebe que ela avalia como ficou sua vida a partir da mudança de comportamento da mãe. É possível notar que tipo de sentimento provavelmente ela tinha em relação aquilo, já que

atribui à sua vida a característica de ter virado um “transtorno”. No entanto, nessa versão, ela não explicita a razão para a mãe ter agido assim, deixando isso subentendido para o leitor.

Já na reescrita para produzir a V2 e a V3, ela omitiu a avaliação que fazia de sua vida, retirando a expressão “transtorno” e optando por explicitar por que a mãe passou a agir assim, atribuindo esse comportamento ao fato de esta estar cada vez “mais ligada” ao namorado e pelo fato de ele não gostar dos filhos da namorada. Dessa forma, a mãe foi deixando de dar atenção a Cristina e ao irmão, que não havia sido citado nesse momento da V1.

II. Aos 11, 12 anos	
Versão	O que foi dito
V1	<i>“[...] ela prometeu-me uma vida boa, só que não foi bem assim, no passar do tempo minha tia começou mandar eu fazer os trabalhos domésticos[...] me batia demais [...] eu sofria demais, chorava muito. pedia à Deus pra tirar eu de lá, não aguentava aquela vida de humilhação [...]”</i>
V2	<i>“Nos primeiros dias foi muito bom, me tratava tão bem, mas passando 1 mês pra eu completar 12 anos, ela começou mandar eu fazer os trabalhos domésticos, [...] me batia muito [...] eu chorava muito, pedia a Deus pra me tirar daquele lugar que eu sofria muito.”</i>
V3	<i>“Nos primeiros dias, foi muito bom. Ela me tratava tão bem! Mas faltando um mês para eu completar 12 anos, Ela começou a mandar eu fazer os trabalhos domésticos [...] nesse caso, já não tinha nem paciência pra estudar porque sete horas ia para escola, E a casa onde morávamos era muito grande para uma menina de 12 anos cuidar, fora nos domingos quando a família dela se reunia eu me sentia excluída eles todos na mesa, E eu na cozinha lavando as louças [...] Todas as noites, Eu chorava muito. Pedia a Deus pra me livrar daquele lugar porque eu sofria muito.”</i>

Comparando-se esses fragmentos, é possível notar que da V1 para as duas versões posteriores, há um acréscimo que carrega uma avaliação da personagem sobre como era o momento logo que chegou para morar na casa da tia, em que ela diz que esta havia prometido lhe dar uma “vida de princesa”. Na V1, ela simplesmente diz que não foi bem assim que as coisas aconteceram, e que, com o passar no tempo, a tia começou a lhe mandar fazer os serviços da casa. Já na V2, ela faz uma construção que demonstra como se sentiu no primeiro mês que passou lá, ao dizer que “foi bom” e que a tia a tratava bem, até que começou a mudar. Na V3, novamente se percebe marcas da reescrita, quando ela reforça a ideia ao aperfeiçoar a pontuação exclamativa para produzir um sentido, construindo um discurso indireto livre, que ambigualmente parece representar um pensamento que mostra a opinião da personagem naquele momento, mas também pode ser da narradora, no momento da narração.

III. Aos 14 anos	
Versão	O que foi dito
V1	Nessa versão, não há referência ao acontecimento da festa do círio, na qual o irmão de Cristina estava presente e viu a tia bater em sua irmã.
V2	Nessa versão, há a narração desta festa, mas ela não demonstra o que sentiu ao ter apanhado.

	<p>Nessa versão, há a narração da festa e de ela ter apanhado na frente do irmão, mas, na gravação do áudio, ela disse que apanhou na frente de todos os que estavam na festa. E ao narrar, ela avalia o que sentiu.</p> <p>Disse: “[...] meu irmão estava lá e viu ela me batendo, só não me recordo o motivo, mas foi algo que não fiz da vontade dela, por que sempre ela me batia por esse motivo, nossa quando acontecia isso eu me sentia uma menina mal amada, achava que ninguém se importava comigo, eu chorava, mas ao mesmo tempo de ódio e de sofrimento. [...]”.</p>
V3	

III. Ainda aos 14 anos	
Versão	O que foi dito
V1	“[...] meu irmão me tirou de lá, e fui morar com meu pai, aí vocês me perguntam. Tudo melhorou? que nada piorou ”
V2	“[...] fomos pra casa do meu pai, só que chegando lá minha vida ficou do mesmo jeito sofrimento, eu tinha muita mágoa do meu pai[...] eu era revoltada ”
V3	“Fomos para a casa do meu pai. Só que chegando lá, minha vida ficou no mesmo sofrimento. Eu tinha muita mágoa do meu pai[...] havia me tornado uma adolescente rebelde. ”

IV. Aos 15 anos	
Versão	O que foi dito
V1	Nesta versão, não há a narração da ida dela para morar com sua mãe, que a mandou ir embora seis meses depois, porque ela quis defender a mãe, em quem o marido tentou bater.
V2	Na V2, ela conta esse fato e, em seguida diz: “[...] nunca esqueci desse dia quando minha mãe disse que era melhor eu ir embora, então vim sozinha para Belém. ”
V3	“[...] minha mãe me disse que era melhor eu ir embora. Nesse momento me sentir desamparada, chorei muito, e disse: ‘mãe, eu sou sua filha.’ E ela não falava nada so arrumou minhas coisas, nesse momento eu achava que ninguém se importava comigo, pois minha própria mãe virou as costas pra mim. Então, vim sozinha para Belém. ”

V. Aos 18 anos incompletos	
Versão	O que foi dito
V1	Nesta versão, não há referência a esse período.
V2	“Naquele dia sentir uma angústia como se aquele lugar não (fosse) pra mim[...] continuava sentindo vozes[...] No domingo fui a igreja e o pastor pregava toda minha vida, eu achando que alguém tinha falado algo pra ele. Não aguentei as lágrimas e aceitei Jesus. ”
V3	“Naquele domingo, lá na folia, sentir uma angústia. Como se aquele lugar não estava me fazendo bem, foi quando uma voz dizia que ali não era meu lugar.[...] Mas eu não quis acreditar, sorrir ironicamente e disse que crente era doido. [...] e o pastor pregava toda minha vida. Eu achando que alguém tinha falado algo para ele. Mas tinha sim. O Espírito Santo. Não aguentei as lágrimas[...] e aceitei Jesus. ”

Nessas afirmações, nota-se que a voz desse narrador-personagem, que tem 22 anos no momento da narração, busca verbalizar o modo como aquelas “várias personagens” – a criança de 6, a pré-adolescente de 11, 12, a adolescente de 14 e a jovem de 17, 18 anos – se sentiam e reagiam diante das situações no momento em que estas foram vivenciadas, como se estivesse no hoje, mas voltasse ao passado para se avaliar. Ao comparar as passagens

destacadas nas três versões do texto, nota-se o aprofundamento da postura da narradora de distanciar-se e, como se emprestasse a sua voz à personagem, avalia, explica, de que forma esta reagia diante das situações. O refinamento dessa postura é dado a cada nova versão produzida, ao mesmo tempo em que aos fatos vão sendo acrescentadas mais informações no sentido de explicar os comportamentos ou reações da personagem, de angústia, sofrimento, revolta entre outros, o que reforça o tom “argumentativo” da V1 a V3, em que fica nítida e sólida a avaliação da narradora, embasada em sua visão religiosa, sobre a personagem com comportamento “rebelde”.

Do ponto de vista gramatical, ao longo de toda a narrativa, nas três versões, há verbos e pronomes comprovando a presença do foco narrativo em primeira pessoa, de forma bastante clara. Já do ponto de vista do sentido, é marcante a ideia de que essa narradora, que também exerce o papel de personagem dos fatos que narra, assume uma postura bastante reflexiva de suas experiências, ora parecendo raciocinar como a própria personagem, no momento dos acontecimentos, ora como alguém que está observando as situações acontecerem, mas não está inserida nelas. As análises vão se refinando de forma cada vez mais ligada à ideologia religiosa que permeia a vida da personagem em sociedade, de forma cada vez mais incisiva e latente, a cada nova versão produzida, em que é possível ver com mais clareza a assimilação de posturas religiosas no modo de ver o mundo ao seu redor.

7.6.2 Análise da construção dos *personagens* na “Mem 5”

Quanto à construção dos personagens, observemos o quadro abaixo para proceder à análise.

Quadro 6: Personagens do texto “Mem 5”

PERSO NAGEN S	V1	V2	V3
Protago nista	<ul style="list-style-type: none"> • ristina 	<ul style="list-style-type: none"> • ristina 	<ul style="list-style-type: none"> • ristina
Antagon istas	<ul style="list-style-type: none"> • ãe • ai • amorado da mãe • 	<ul style="list-style-type: none"> • lice – a mãe • dmilson – o pai • eu Roberto – o namorado da mãe 	<ul style="list-style-type: none"> • lice – a mãe • dmilson – o pai • eu Roberto – o namorado da mãe

	ia	<ul style="list-style-type: none"> • aria – a tia 	<ul style="list-style-type: none"> • aria – a tia
Personagens secundários	<ul style="list-style-type: none"> • irmão • ----- 	<ul style="list-style-type: none"> • dmilson – o irmão • divaldo – o primo • mulher do irmão • rmã • unhado • m cara com quem estava “ficando” • rmã da igreja • astor • ----- 	<ul style="list-style-type: none"> • dmilson – o irmão • osé – o primo • mulher do irmão • na – a irmã • unhado • m cara com quem estava “ficando” • rmã da igreja • astor • utra irmã da igreja
Personagens apenas citados	<ul style="list-style-type: none"> • ----- • ----- • ----- • ----- • ----- 	<ul style="list-style-type: none"> • unhada da mãe • io Zeca • rês irmãos mais velhos • ----- • otorista do ônibus 	<ul style="list-style-type: none"> • unhada da mãe • io Zeca • rês irmãos mais velhos • amília da tia • otorista do ônibus

Na V1, há poucos personagens e – com a exceção da narradora, que, como já foi dito, se identifica pelo nome de Cristina – quase todos são identificados apenas pela designação de um parentesco com ela, como “mãe”, “pai”, “irmão” e “tia”. Além dos parentes, há o namorado da mãe, que ela identifica de forma bastante vaga, ora por “alguém”, ora por “ele”, parecendo querer demonstrar um certo distanciamento ou mesmo não querer identificá-lo.

A cada nova versão, é possível observar que aumenta o número de personagens – na V1, são seis; na V2, são 17 e, na V3, são 19 – e que eles vão sendo mais bem construídos, passando a ser identificados, em sua maioria, por nomes, como, por exemplo, a personagem “tia”, que foi chamada só por essa expressão na primeira versão, mas nas duas últimas versões, foi nomeada como “Maria”.

Adequando-se à orientação de detalhar mais os fatos e melhor caracterizar os personagens, na V2 e na V3, o namorado da mãe deixa de ser tratado de forma vaga e passa a ser designado por “Seu Roberto” e a ser melhor caracterizado como alguém que não aceitava os filhos de sua namorada; que trabalhava, sendo transferido para trabalhar em Soure, na Ilha do Marajó, para onde levou a mãe de Cristina; que era agressivo, pois tentou bater na esposa, e que expulsou Cristina de casa.

Quanto à construção de características físicas dos personagens, o texto não desenvolve esse aspecto, mas isso é irrelevante para a história, já que, para o bom desenvolvimento dos fatos narrados, esse tipo de descrição não se fez essencial. Por outro lado, a caracterização psicológica deles vai ficando melhor a cada versão. Contudo, isso nem sempre é feito de forma explícita. À medida que os fatos vão ficando mais detalhados, é possível depreender mais características comportamentais e ir conhecendo melhor cada um deles. Desse modo, é possível tornar-se, ao longo da leitura, mais próximo dos personagens e familiarizar-se com suas reações, o que se reflete em uma interpretação mais precisa das relações que se estabelecem entre eles – especialmente entre eles e a narradora.

Tomemos a protagonista como exemplo. Na V1, ficamos sabendo que ela se chama Cristina, nasceu em Belém do Pará, em 1995. Aos seis anos, sofreu com a separação dos pais. Aos dez, foi deixada pela mãe e foi morar com a tia, por quem foi iludida. Esta prometeu dar a Cristina uma vida “de princesa”, mas, ao contrário disso, a protagonista foi explorada, espancada e insultada. Sentia-se muito triste e chorava. Era chamada de mentirosa pela tia, quando contava sobre o que sofria para a mãe. Hoje não sofre mais, é feliz, casada e perdoou a tia.

Na V2, além de tudo o que a V1 mostra, ela acrescenta alguns detalhes, como: ter gostado dos primeiros dias em que morou com a tia; que era muito magoada com o pai por ele ter traído sua mãe e ter abandonado a família; que “aprontava demais”, enquanto morou com o pai, fazendo coisas como ir para a festa, beber, etc., porque era “muito revoltada”; que deu muito trabalho para sua irmã, pois era muito rebelde e só fazia o que queria; que se converteu, passando a ser evangélica, e que hoje perdoou quem lhe fez mal e, agora, é feliz.

Na V3, além do que foi dito nas versões anteriores, acrescenta que morou no bairro do Guamá; que, na infância, cozinhava, lavava roupas, cuidava de uma casa grande, acordava às cinco da manhã para fazer café e que, por isso, ficava sem paciência para estudar; que, aos domingos, não descansava nem se divertia, lavava louça; quando apanhava da tia por não ter feito algo do jeito que ela pedia, se sentia uma menina mal amada, achava que ninguém se importava com ela; “chorava de ódio e sofrimento”; que, na infância, era “de mal com a

vida”; sentiu-se desamparada, quando foi expulsa pelo padrasto e a mãe ficou do lado dele; achava que “crente era doido”; duvidava do que o pastor falava; que hoje, não vê tudo o que sofreu pelo lado mal, mas como uma experiência para sua vida.

Por fim, constata-se que mesmo não construindo de forma aprofundada o perfil físico, a narração cada vez mais detalhada dos fatos permite ao leitor criar um perfil psicológico dos personagens, especialmente da protagonista e que, a cada nova versão produzida, a dinâmica de elaboração detalhada dos personagens vai se refinando e dando ao leitor condições de familiarizar-se com esses seres.

Por outro lado, os acréscimos vão se dando por meio de atividade linguística, ou seja, ela “narra mais” – mas não é tão claro que haja reformulação ou reorganização do texto (a principal operação é a de acréscimo).

7.6.3 Análise da construção do Espaço na “Mem 5”

No que tange à construção do espaço, observemos o quadro comparativo abaixo, para, em seguida, analisar este elemento.

Quadro 7: Espaço no texto “Mem 5”

	V1	V2	V3
Espaços ou ambientes	<ul style="list-style-type: none"> • elém do Pará • outra cidade 	<ul style="list-style-type: none"> • elém • airro do Guamá • unicípio de Cametá • oure no Marajó • asa na mesma rua onde a tia morava • ----- • ----- • ----- • asa do primo Edivaldo • nibus • urva da estrada • unicípio de São Miguel do Guamá 	<ul style="list-style-type: none"> • elém • airro do Guamá • unicípio de Cametá • oure no Marajó • asa na mesma rua onde a tia morava • scola • asa grande onde morava • ozinha da casa • asa do primo José • nibus • urva da estrada • unicípio de São Miguel do Guamá

		• greja	• greja
--	--	------------	------------

Observa-se, no quadro, que, na V1, o único espaço geográfico identificado é a cidade de Belém, local de nascimento da protagonista, mas ela não deixa claro se é lá que os fatos se passam. Cabe ao leitor pressupor que tudo acontece nessa mesma cidade. Há também a referência a “outra cidade” para onde o namorado da mãe de Cristina foi transferido e os dois se mudaram. Não há uma identificação, nessa versão, em relação à cidade para onde eles foram. E, embora não seja Cristina quem se mude, essa é uma informação importante, já que é a mudança da mãe que propicia a ocorrência do conflito que desencadeia uma série de outros acontecimentos no enredo.

Além disso, há ambientes, locais mais específicos dentro dos espaços geográficos, onde os fatos se passam, mas que não são nomeados de forma precisa, exigindo do leitor atenção para entender, pela narração dos fatos, que ambientes seriam esses. O primeiro se refere à residência onde Cristina morava com os pais e depois só com a mãe; o segundo era a residência onde morava com a tia, o terceiro era a residência do pai e o quarto é a residência onde mora com sua família no momento em que rememorava os fatos.

Na V2, a narradora confirma a pressuposição que o leitor precisa fazer na V1 de que os fatos se passam em Belém, local de nascimento dela, ao dizer “Tudo começou quando eu morava no Guamá (...)”. Além disso, já começa a identificar por nome os espaços geográficos em que os fatos acrescidos a essa nova versão ocorreram. Assim, aparecem mais três espaços geográficos em que os fatos vão acontecendo, ao longo da narrativa, que são: os municípios de Cametá, para onde o pai teve que ir embora e onde ela morou por um tempo com ele, após fugir da casa da tia; Soure, na Ilha do Marajó, para onde a mãe se mudou com o namorado, após este ser transferido a trabalho, e São Miguel do Guamá, onde estava participando da festa de carnaval e de onde voltava quando quase sofreu um acidente na estrada. A menção a essas cidades situa o leitor, ao longo de uma dinâmica intimamente ligada aos fatos da memória da protagonista, já que se relacionam com acontecimentos marcantes e com as mudanças de domicílio, que ocorrem seis vezes ao longo da narrativa.

Em relação aos ambientes mais específicos, uma observação a se fazer é que, na V2, em comparação com a V1, é possível notar o aparecimento de informações mais precisas sobre estes ambientes onde os fatos ocorrem e é possível se constatar que, à medida que a narrativa ganha mais detalhes, mais ambientes surgem e elaborados de maneira um pouco mais precisa e direta do que na V1. Exemplifiquemos isso com as informações dadas em

relação à residência em que Cristina morava com os pais. Ela diz: “meu irmão ficou morando sozinho na casa onde morávamos na mesma rua onde minha tia mora”.

Na V3, aparecem os mesmos espaços geográficos e os ambientes exercem representatividade, mesmo não sendo descritos de maneira pormenorizada, pois cumprem, não só o papel de situar o leitor em relação à movimentação da protagonista, como também auxiliam no melhor entendimento dos fatos narrados e da maneira como ela se sentia em relação aos fatos que aconteceram naqueles locais. Como exemplo disso, podemos destacar o trecho em que ela cita a casa onde morava com a tia, na cidade de Belém, no bairro do Guamá, quando ela diz “A casa onde morávamos era muito grande para uma menina de 12 anos cuidar” e outro em que cita o local, no município de São Miguel do Guamá, em que estava participando de uma festa de carnaval. Dar ao leitor uma noção espacial em relação à casa, favoreceu o entendimento sobre o que ela mesma afirma nesta versão; que ela era explorada pela tia e por isso tinha razão de ficar triste com sua condição e cansada, o que ocasionava a falta de paciência para os estudos. Quanto a fazer referência ao local da festa, deu ao leitor condições de melhor imaginar como ela se sentia angustiada no meio de uma festa de carnaval, que pressupõe muita gente, música e um outro ânimo e que, por isso, quis voltar às pressas para a casa da irmã, enfrentando a estrada.

Observa-se, portanto, que, à medida que as versões vão sendo produzidas, ou seja, a reescrita vai se concretizando, o espaço vai se delineando com maior nitidez e contribuindo de forma mais precisa para a construção do sentido global da narrativa, uma vez que a forma como a narradora descreve esses espaços, bem como a relevância que dá a eles, quando decidi identificá-los no texto, deixa clara a importância que tais ambientes exercem em relação à forma como ela se vê inserida no mundo, seja para mostrar como se sentiu triste com a desestruturação de sua família, por ter que sair da casa que era o lar deles; seja quando descreve a casa da tia e o que viveu naquele local, demonstrando frustração e desamor, por estar num local em que era maltratada e de onde decidiu fugir. Dessa forma, é perceptível que os ambientes físicos onde ela se encontra, ao longo do texto, exercem total entrelaçamento com os ambientes sociais em que ela se via inserida nas diversas fases pelas quais a narrativa passa.

7.6.4 Análise da construção do *Tempo* na “Mem 5”

As três versões são produzidas organizando os acontecimentos como uma volta no tempo, o que é natural em muitas narrativas, mas uma característica que vale ser destacada é o

fato de a narradora começar a narração nos dias atuais e só depois voltar ao passado. Vejamos um quadro que demonstra esses marcadores.

Quadro 8: Tempo no texto “Mem 5”

	V1	V2	V3
Marcadores temporais	• no ano de 1995”	• -----	• -----
	• -----	• Eu tenho 22 anos”	• Eu tenho 22 anos”
	• quando eu tinha 6 anos”	• quando eu tinha 6 anos”	• Eu tinha seis anos”
	• assim que”	• depois”	• depois”
	• quando eu completei 10 anos”	• 4 anos depois”	• Quatro anos depois”
	• nesse momento”	• -----	• -----
	• no decorrer desse tempo”	• no decorrer do tempo”	• no decorrer do tempo”
	• -----	• Quando eu completei 11 anos”	• Quando eu completei 11 anos”
	• -----	• Foi aí”	• Foi então”
	• -----	• Nos primeiros dias”	• Nos primeiros dias”
	• no passar do tempo”	• passando um mês pra eu completar 12 anos”	• faltando um mês pra eu completar 12 anos”
	• -----	• -----	• às cinco da manhã”
	• -----	• -----	• às sete horas”
	• -----	• -----	• aos domingos”
	• -----	• todas as noites”	• todas as noites”
	• Todas as vezes”	• Todas as vezes”	• Todas as vezes”
	• assim que passava o celular... logo em seguida”	• quando ela me dava o celular...”	• quando ela me dava o celular...”
	• até que um dia... quando eu tinha 14 anos”	• aos meus 14 anos”	• Aos meus 14 anos”
	• -----	• -----	• -----
	• -----	• nesse dia”	• nesse dia”
	• -----	• -----	• quando acontecia isso”
	• -----	• -----	• -----

usando a técnica do flashback, para narrar os fatos que vão desde os seis anos de idade e chegam novamente aos dias atuais. Ela parte do momento atual em que começa dizendo que tem 22 anos, instaurando um ponto de vista que coloca o narrador na posição de avaliar a personagem e, algumas vezes, sutilmente discordar dela, reprovando suas reações, como quando diz que, quando foi morar com a irmã, “deu muito trabalho”, “era rebelde”, “fazia o que queria”, mas que a irmã e o cunhado não entendiam que a vida havia feito isso com ela. Ao mesmo tempo em que justifica sua atitude, parece discordar de que ser “rebelde” fosse o melhor a se fazer, reforçando o que afirma Bakhtin/Voloshinov (2014), tendo em vista que a avaliação da narradora se pauta em “diálogo” entre pontos de vista que compõem a consciência que ela usa para julgar, dentre as quais se sobressai o ponto de vista religioso.

Em seguida, diz que tudo começou quando ela tinha seis anos. Daí em diante, segue narrando conforme as fases de sua vida e, no final, retorna ao momento presente. Pode-se comprovar essa organização observando as marcas temporais deixadas ao longo da narrativa. Entre a V1 e as duas últimas versões, é visível a melhora na elaboração da noção de tempo passada ao leitor, feita por meio de expressões, cuja maioria sinaliza a idade com que a protagonista estava no momento de cada acontecimento. Assim, o leitor vai acompanhando a passagem de Cristina pelas fases da vida e descobrindo o que ela viveu em cada uma delas.

Da forma como o elemento “tempo” foi construído na narrativa, acaba por também exercer papel importante na reflexão que a narradora faz ao se narrar, reconstruindo sua percepção do vivido. Assim, ao falar da sua idade atual, ir ao passado e depois retornar, ela conduz o leitor por um caminho que remonta à construção de sua consciência atual, que se relaciona aos fatos e às mudanças pelas quais passou ao longo do tempo, bem como mostra que circunstâncias foram moldando sua consciência, conforme ela ia sendo exposta a diversas ideologias.

Reafirma-se, portanto, que, nas memórias de Cristina, a ideologia de cunho religioso, se sobrepõe às demais, e que ela mesma busca destacar, ao longo da narrativa, ao chamar sempre atenção para o papel que a religião exerceu na transformação da leitura que ela fazia do mundo, nas épocas em que os fatos narrados se passam, e que foi se moldando ao longo do tempo até chegar aos dias atuais. O tempo se liga à construção da sua consciência de maneira tal que é possível observar, em paralelo à passagem de tempo, a mudança gradual e completa da forma como ela se vê inserida no mundo. Um exemplo disso é quando ela mostra que, antes, via os evangélicos como “doidos” e hoje é um deles. Esse movimento de passado e presente feito no texto, a levou, ao longo do tempo e dos fatos que vai vivenciando, a ressignificar suas experiências e buscar sempre rever sua percepção sobre as intempéries pelas

quais passou na vida, justificando e aceitando que os acontecimentos se davam daquela maneira porque ela ainda não era evangélica. Exemplo disso é a forma como hoje ela, já evangélica, refaz sua percepção dos fatos e passa a condicionar a melhora de sua vida à “liberação do perdão” para a tia que a maltratara e à sua conversão à religião.

7.6.5 Análise da construção do elemento *Enredo* na “Mem 5”

Com relação à construção deste elemento, podemos observar que, na terceira versão – a mais completa, após duas reescritas – basicamente, o enredo é composto por uma sucessão de cenas que culminam em diferentes conflitos desencadeados por um principal, que seria a ida da mãe para Soure, na ilha do Marajó, devido seu marido ter sido transferido para trabalhar lá.

Comparando a construção do enredo nas três versões, é possível perceber que não houve substituição dos fatos a serem narrados, o que houve foram mudanças que ocorreram pelo acréscimos de fatos e detalhes que compuseram um enredo cada vez mais longo, bem como as situações e a sua forma de ver e sentir o que viveu, repensando sobre os fatos, como analisado no item 7.5.2.1, no elemento “narrador”.

Na V1, se pode notar uma narração mais sucinta, com pouco detalhamento das situações, e uma caracterização mais precária dos personagens – que aparecem sem nomes –, com menor envolvimento da narradora com os fatos. Parece mais uma forma de cumprir a tarefa dada. Isso se reflete na extensão do texto, que fica com 37 linhas escritas, divididas em três parágrafos.

Já na V2 e na V3, embora desenvolva basicamente o mesmo enredo, nota-se um cuidado maior na construção dos elementos constitutivos da narrativa que refletem diretamente na construção do enredo. Por exemplo, apresenta os personagens com maior riqueza de detalhes, não físicos, mas psicológicos, permitindo ao leitor, familiarizar-se com eles, o que parece demonstrar menor resistência em expor sua vida, bem como maior envolvimento com a história. Dessa atitude mais engajada na produção do texto de memória, resultam duas versões de maior extensão: a V1, com 96 linhas, e a V2, com 126.

Quanto ao recorte narrado, foi solicitado à aluna, no momento do bilhete textual que orientou sobre a organização do enredo, que o recorte terminasse no momento em que a mãe voltou e descobriu que era verdade que a tia a maltratava, visto que até aquele fato, já havia um conflito interessante que poderia ser contado em mais detalhes. Fizemos essa sugestão por entender que esse recorte compreenderia um fato que seria interessante de ser lido, como

solicitado no comando da proposta. No entanto, ela não considerou a sugestão e deu continuidade, acrescentando fatos que, no fim das contas, criaram novos núcleos narrativos, o que será analisado com maior aprofundamento mais adiante.

Outra observação relevante é a de que, na V1, diferente da V2 e da V3, os fatos são narrados com características mais próximas as de um diálogo com o leitor. Marcas dessa interação com o leitor aparecem sob a forma de interlocução em momentos como a passagem em que a narradora diz: “Olá! Meu nome é (...)”. Depois, novamente ela interage com o leitor, na passagem em que narra o momento em que foge da casa da tia e vai para a casa do pai, em que diz: “(...) aí vocês me perguntam tudo melhorou? que nada piorou.” E também, no fragmento: “há! e a minha tia à perdoei (...)”.

Analisemos fragmentos das três versões em relação ao momento em que ela tinha 15 anos.

Aos 15 anos	
Versão	O que ela diz
V1	Nesta versão, não há a narração da ida dela para morar com sua mãe, que a mandou ir embora seis meses depois, porque ela quis defender a mãe, em quem o marido tentou bater.
V2	Na V2, ela conta esse fato e, em seguida diz: “[...] nunca esqueci desse dia quando minha mãe disse que era melhor eu ir embora, então vim sozinha para Belém.”
V3	“[...] minha mãe me disse que era melhor eu ir embora. Nesse momento me sentir desamparada, chorei muito, e disse: ‘mãe, eu sou sua filha.’ E ela não falava nada so arrumou minhas coisas, nesse momento eu achava que ninguém se importava comigo, pois minha própria mãe virou as costas pra mim. Então, vim sozinha para Belém.”

Também na comparação entre os fragmentos acima retirados das três versões, se constata o avanço por meio do acréscimo de fatos à narrativa, já que o momento em que ela morou com a mãe não foi narrado na V1, mas o foi na V2 e na V3. No caso da V3, ficou melhor ainda porque houve a tessitura de uma cena mostrada e não somente dita. Enquanto na V2 ela apenas conta que a mãe disse que era melhor ela ir embora, na V3, além de contar que a mãe havia dito isso, também mostrou como se sentia, o que fazia, o que disse para a mãe e qual foi a reação da mãe ao não dizer nada, somente arrumar as coisas dela. Além disso, ela ainda mostra como se sentia e a que conclusão chegou com a atitude da mãe.

Analisemos, agora, a organização do enredo conforme as idades citadas nas três versões da memória.

Quadro 9: Organização do Enredo no texto “Mem 5”

<i>Parte do enredo</i>	V1	V2	V3
<i>Apresentação</i>	Apresentação da protagonista, Cristina; informação do local e do ano de nascimento	Informação da idade da protagonista e do local de nascimento Separação dos pais	Apresentação da protagonista, informação de sua idade e local de nascimento Separação dos pais
<i>Complicação</i>	O pai foi embora e a mãe casou-se de novo e foi embora com o marido deixando Cristina com a tia	O pai foi embora e a mãe casou-se de novo e foi embora com o marido deixando Cristina com a tia	O pai foi embora e a mãe casou-se de novo e foi embora com o marido deixando Cristina com a tia
<i>Clímax</i>	A tia começou a mandá-la fazer os serviços domésticos E, se ela não fizesse certo, apanhava muito e era humilhada.	A tia começou a mandá-la fazer os serviços domésticos E, se ela não fizesse certo, apanhava muito e era humilhada.	A tia começou a mandá-la fazer os serviços domésticos, que ela especifica quais eram E, se ela não fizesse certo, apanhava e era humilhada. Quando a família da tia se reunia, ela ficava excluída
<i>Complicação</i>	Cristina sofria muito, contava à mãe, mas a tia desmentia e a mãe acreditava na tia	Cristina sofria muito, contava à mãe, mas a tia desmentia e a mãe acreditava na tia	Cristina sofria muito, contava à mãe, mas a tia desmentia e a mãe acreditava na tia
<i>Clímax</i>	Ela fugiu com ele de madrugada, para a casa do pai.	Numa festa do Círio na casa da tia, o irmão de Cristina estava lá e viu a tia batendo em Cristina. Ela fugiu com ele de madrugada, para a casa do pai.	Numa festa do Círio na casa da tia, o irmão de Cristina estava lá e viu a tia batendo em Cristina. Ela se sentia mal amada e fugiu de madrugada para a casa do pai
<i>Complicação</i>	Mas a vida ficou no mesmo sofrimento, porque ela tinha mágoa do pai e os dois brigavam muito.	Mas a vida ficou no mesmo sofrimento, porque ela tinha mágoa do pai e os dois brigavam muito. Quando tinha 15 anos, foi morar com a mãe em Soure. Morou seis meses lá.	Mas a vida ficou no mesmo sofrimento, porque ela tinha mágoa do pai e os dois brigavam muito. Depois, ele a mandou embora para morar com a mãe. Quando tinha 15 anos, foi morar com a mãe em Soure. Morou seis meses lá.
<i>Clímax</i>		O padrasto tentou bater em sua mãe e ela foi defender a mãe, que ficou do lado do marido e ele mandou Cristina ir embora. A mãe o apoiou Ela viajou para Belém sozinha.	O padrasto tentou bater em sua mãe e ela foi defender a mãe, que ficou do lado do marido e ele mandou Cristina ir embora. A mãe o apoiou Ela se sentiu desamparada pela mãe, que arrumou as malas em silêncio. Ela viajou para Belém sozinha.

<i>Complicação</i>		<p>Foi morar com a irmã, mas deu muito trabalho para ela.</p> <p>Aos 17, quase aos 18 anos, foi para São Miguel do Guamá, para o carnaval.</p> <p>Sentiu-se angustiada e quis ir embora no dia seguinte</p>	<p>Foi morar com a irmã, mas deu muito trabalho para ela.</p> <p>Aos 17, quase aos 18 anos, foi para São Miguel do Guamá, para o carnaval.</p> <p>Sentiu-se angustiada e quis ir embora no dia seguinte</p>
<i>Clímax</i>		<p>No caminho de volta, teve um “livramento” e lembrou de uma “revelação”</p>	<p>No caminho de volta, teve um “livramento” e lembrou de uma “revelação” de alguém que via seu rosto ensanguentado na janela de um veículo. Quando soube daquilo, disse que crente era doido.</p>
<i>Desfecho</i>	<p>Hoje perdoou todos e entendeu que só seria feliz se liberasse perdão</p>	<p>No domingo seguinte, foi à igreja e aceitou Jesus</p> <p>Hoje perdoou todos e entendeu que só seria feliz se liberasse perdão</p>	<p>No domingo seguinte, foi à igreja e aceitou Jesus</p> <p>Queria ir á frente, mas não conseguia. Quando conseguiu, aceitou a Jesus.</p> <p>Hoje perdoou todos e entendeu que só seria feliz se liberasse perdão</p> <p>Vê o que viveu como uma experiência para ajudar alguém</p>

Além do que já foi observado sobre o enredo, também vale ressaltar a construção dos momentos da narrativa organizados por idade. Dessa forma, se observa que nas versões em que houve essa organização mais precisa, V2 e V3, se percebe que a cada idade, há a tessitura de um novo conflito, sempre relacionado a um movimento de mudança de casa, seja na mesma cidade ou não. Na primeira ocorrência disso, a mudança não foi dela, foi da mãe com seu namorado, mas foi essa mudança que motivou a ocorrência de todos os demais conflitos que seriam uma espécie de “conflitos adjacentes”, em relação a um conflito maior. Dessa forma, se visualiza uma curva de tensão com mais de um ponto de culminância.

Assim, temos um enredo com vários núcleos que se interligam e que ocorrem consecutivamente um em relação ao outro, que são: a separação dos pais, a morada com a tia, a morada com o pai, a morada com a mãe, a morada com a irmã, o “quase-acidente”, a conversão e a redenção.

Outra observação relevante no que diz respeito a essa construção de um enredo que pende para a argumentação em favor de uma ideologia religiosa pode ser feita, se analisarmos

um outro sentido da palavra “conversão”, que seria “alterar ou modificar”. Partindo desse significado, observamos que é o que ela tenta mostrar que aconteceu com seu modo de ver as coisas: “alterou-se, modificou-se”, já que ela diz que via os evangélicos como “doidos”, como afirma na V3, e depois se converte, passando a ser um deles, tendo, provavelmente, mudado sua opinião em relação a eles.

Também é pertinente se analisar a construção do enredo do ponto de vista da aplicação das estratégias estudadas em sala cuja finalidade era melhorar a narrativa, umas das quais mostrava como sugestão a construção de “cenas” que não fossem simplesmente ditas, mas sim mostradas. Isso se concretiza em vários momentos do texto. Para identificar alguns deles, retomaremos dois quadros já observados, mas tendo como foco a análise do elemento “narrador”, no item 7.5.2.1., nos quais adicionaremos alguns excertos, visando deixar as cenas mais expandidas para melhor análise.

Aos 11, 12 anos	
Versão	O que ela diz
V1	<i>“[...] ela prometeu-me uma vida boa, só que não foi bem assim, no passar do tempo minha tia começou mandar eu fazer os trabalhos domésticos, e se eu não fizesse tudo conforme o jeito dela, me batia demais, me insultava, dizia que eu não seria ninguém, tudo de ruim que vinha na cabeça dela ela dizia pra mim, eu sofria demais, chorava muito. pedia à Deus pra tirar eu de lá, não aguentava aquela vida de humilhação [...]”</i>
V2	<i>“Nos primeiros dias foi muito bom, me tratava tão bem, mas passando 1 mês pra eu completar 12 anos, ela começou mandar eu fazer os trabalhos domésticos mandava eu tirar os limos da parede etc... e se eu não fizesse do jeito dela ela me batia muito me humilhava, dizia que eu não seria ninguém, que eu ia ser uma pessoa sem futuro, todas as noites eu chorava muito, pedia a Deus pra me tirar daquele lugar que eu sofria muito.”</i>
V3	<i>“Nos primeiros dias, foi muito bom. Ela me tratava tão bem! Mas faltando um mês para eu completar 12 anos, Ela começou a mandar eu fazer os trabalhos domésticos, como tirar os limos da parede, cozinhar, lavar roupa, acordar às cinco da Manhã pra fazer café, nesse caso, já não tinha nem paciência pra estudar porque sete horas ia para escola, E a casa onde morávamos era muito grande para uma menina de 12 anos cuidar, fora nos domingos quando a família dela se reunia eu me sentia excluída eles todos na mesa, E eu na cozinha lavando as louças. E se eu não fizesse do jeito dela, Ela me batia; me humilhava, dizia que eu não seria ninguém, Que eu seria uma pessoa sem futuro. Todas as noites, Eu chorava muito. Pedia a Deus pra me livrar daquele lugar porque eu sofria muito.”</i>

Embora seja o mesmo fato sendo narrado, é possível perceber a utilização do recurso de mostrar ao invés de somente dizer. Pode-se percebê-lo quando se compara o movimento de acréscimo de informações à cena.

Em relação à construção dessa cena, há um percurso interessante que julgamos ter relevância, porque resultou da aplicação de todas as formas de intervenção aplicadas. Tudo começou com a gravação do áudio da aluna Cristina. Durante a gravação, ela disse que a tia a mandava fazer serviços domésticos. Perguntei que tipo de serviço. Ela me explicou em

detalhes tudo o que fazia. Quando falou da situação de “tirar os limos da parede” e das coisas que a tia dizia para humilhá-la, ficou bastante emocionada e chegou a chorar. Em seguida, pediu desculpa, alegando que era muito triste para ela lembrar de tudo aquilo. Explicou que a parede era enorme, ficava do lado de fora da casa e que a tia ameaçava esfregar o rosto dela na parede, se ela não fizesse direito aquele serviço.

Após a gravação do áudio, nos bilhetes textuais, sugeri que ela especificasse que serviços eram esses que ela fazia, que não haviam sido mostrados na V1. Quando escreveu a V2, ela havia apenas acrescentado a lavagem da parede. Então, no último bilhete, sugerimos que ela detalhasse ainda mais, mostrando, e não só dizendo quais serviços domésticos a tia a mandava fazer. Assim, obtivemos o resultado que pode ser visto na V3; um episódio mais mostrado do que dito, em que ela constrói a cena. Enquanto na V1 e na V2 ela diz que “sofria muito” porque a tia a humilhava e a mandava fazer os trabalhos domésticos; na V3, ela especifica quais serviços eram esses; que horas acordava; como se sentia em relação à escola, em decorrência do trabalho; como avaliava o tamanho da casa para ser cuidada por uma criança de 12 anos e diz como se sentia quando a família da tia estava lá e ela não podia desfrutar dos momentos em família porque ficava na cozinha lavando as louças.

Utilizando o recuso de mostrar, não somente dizer, a narradora construiu uma imagem que permite ao leitor visualizar a cena, compondo-a cada vez melhor, tornando-a atrativa e interessante, deixando a cargo do leitor entender que, de tudo aquilo que a tia fazia para ela, a consequência era o fato de ela sofrer, o que deu ao enredo um tom mais dramático.

Para concluirmos nossa análise do papel do elemento *enredo* na construção da consciência de Cristina, retomemos aqui o que afirma Bakhtin/Voloshínov (2014) sobre a consciência, que é formada a partir das interações das quais participamos, sendo assim composta por diversos fios ideológicos, nas diversas vozes que dialogam no contexto de interação, podemos perceber uma “conversa da autora consigo mesma”, na qual fica visível a formação de uma consciência dialogicamente construída composta pelas vozes da narradora, da personagem, do leitor e de cada uma das ideologias presentes nesses interlocutores. O eixo estruturador desse “diálogo interior” é a avaliação que a narradora-personagem faz de si mesma como personagem do relato (isto é, de suas atitudes passadas). Entretanto, destaca-se um movimento que, da V1 à V3, vai transformando uma construção mais “conversada” com o leitor, que busca trazê-lo para a construção dos sentidos do texto, ao questioná-lo, ao interagir com ele – para a construção de um discurso mais monológico, tornando hegemônica uma dessas vozes, que diz respeito à visão religiosa assumida pela narradora-personagem, o ponto de vista das religiões cristãs, mais especificamente da evangélica. Na construção do seu texto,

a autora lança mão de signos carregados de ideologias religiosas que se configuram como práticas habituais em igrejas evangélicas. São expressões como:

- ✓ *Revelação*, signo que, no contexto da religião evangélica, assume o sentido de uma prática por meio da qual uma pessoa, inspirada pelo Espírito Santo, revela uma informação de que não se sabia, até então. Normalmente diz respeito a algo que ainda vai acontecer, muitas vezes estando ligado ao signo a seguir;
- ✓ *Livramento*, signo que, no contexto da mesma religião, seria algo como escapar de uma situação ruim, para a qual não há uma explicação científica, mas sim divina;

Ambas as expressões são utilizadas pela narradora para justificar por que não sofreu, de fato, o acidente, durante o período de carnaval, quando voltava de São Miguel do Guamá, o qual ela chama posteriormente de “quase acidente”. Esse é um fato que não é narrado na V1. Na V2, ela diz: “Aí me lembrei de uma coisa que uma irmã da igreja disse que Deus ia me dá um livramento na mesma semana [...]”.

Na V3, ela diz: “[...] Então me lembrei de uma coisa que uma irmã da igreja disse para minha irmã: Que Deus ia me dar um livramento ainda essa semana que via meu rosto todo ensanguentado na janela de um veículo e minha (irmã) disse essa revelação antes de eu sair de casa. Mas eu não quis acreditar. Sorrir ironicamente e disse que crente era doido”.

Comparando as duas versões, podemos perceber o avanço no que diz respeito ao aprofundamento da narração dos fatos, visto que, na V3, o episódio ganha mais detalhes, os quais aprofundam o tom religioso por meio da utilização dessas práticas evangélicas bem como se observa que isso se reforça na V3, na qual ela utiliza a expressão “revelação” para explicar o que aconteceu; enquanto na V2, ela explica o que foi dito pela “irmã da igreja”, mas sem usar tal expressão.

Além desses dois termos, há também a utilização de outras duas expressões que também são carregadas de ideologias de cunho religioso, que são:

- ✓ *Conversão*, que diz respeito a aceitar os preceitos de determinada religião. Na igreja evangélica, um dos preceitos seria admitir que Jesus é o único que pode salvar.
- ✓ *Liberar perdão*, que dá o tom final de uma ideologia religiosa que se sobrepõe em relação às demais. Vê-se, assim, a ideologia religiosa de que só se é feliz, se “aceitar Jesus”.

Ao citar sua conversão na V2 e na V3, e mostrar que, só depois disso, foi capaz de “perdoar aqueles que lhe fizeram mal”, como o pai, a tia, enfim, se percebe a construção de um enredo em que narradora reforça a ideologia religiosa com base na qual ela conduz o fio da narrativa, que, podemos dizer que se concretiza como uma narrativa de redenção por meio da religião. Nesse viés, se percebe a preparação do leitor, por meio de cenas que constroem um conjunto que compõe a ideia da “vida sofrida”, para mostrar que a conversão foi a solução. Assim, o uso dos signos ligados ao contexto religioso contribui para a elaboração de um texto que argumenta em favor de uma ideologia religiosa hegemônica de redenção pela religião.

Portanto, se constata que há duas formas por meio das quais o “discurso evangélico” aparece na narrativa. Uma delas é de forma explícita, quando usa esses signos que carregam ideologias religiosas ou quando conta que se converteu. E a outra forma é mais sutil, e acontece quando ela seleciona as cenas para a organização de sua narrativa, que se entrecruzam no final para justificar que ela sofria porque ainda não havia perdoado e não havia perdoado porque não havia se convertido. Além disso, as próprias avaliações que ela faz de si carregam esse discurso.

7.6.6 Breves considerações sobre a forma do texto “Mem 5”

Para nossa pesquisa, adotamos como principal foco a construção temática dos textos. No entanto, cabe-nos fazer algumas considerações pontuais no que se refere à forma do texto, tida ao longo da pesquisa como foco secundário, tendo em vista que não almejávamos dar mais relevância à forma do que ao conteúdo dos textos produzidos. Selecionamos para isso algumas questões que têm relação direta com o conteúdo. Para muitas dessas questões formais, foram feitas orientações por meio dos bilhetes textuais discursivos e orientações pessoais, que foram alguns dos recursos utilizados na proposta de intervenção dessa pesquisa.

Quanto à extensão dos textos, observamos que há um aumento da V1, com 37 linhas, a V2, com 96, e a V3, com 126. Esse aumento, ocorrido nos textos produzidos pela aluna Cristina, nos leva a supor uma transposição da resistência inicial em falar de sua vida, pois ao longo do processo de reescrita, os textos foram aumentando em extensão e em conteúdo, o que podemos atribuir ao fato de ela ter entendido que a palavra lhe estava sendo “devolvida” e que poderia fazer uso dela para dizer o que ela queria dizer, o que para ela fazia sentido no processo de ressignificação do seu lugar na sociedade, mesmo que não fosse o esperado pela escola.

No que diz respeito à paragrafação, podemos observar um aumento gradativo no número de parágrafos construídos ao longo da V1, V2 e V3, versões compostas por três, 13 e 24 parágrafos, respectivamente. Embora nem todos tenham sido divididos adequadamente conforme os fatos narrados, isso pode indicar, por parte da aluna, uma tentativa de organizar suas ideias em blocos menores, de modo a torná-las mais compreensíveis e organizadas, como ensinado em sala e orientado por meio dos bilhetes textual-interativos.

Também podemos destacar a construção dos tipos de discurso, que envolvem conhecimento de técnicas estudadas para a produção do texto narrativo e que funcionam como recurso de articulação das vozes que participam do texto. Mas também envolvem outras questões linguísticas, como a seleção de sinais de pontuação, tempos verbais e pronomes, para a consecução do sentido pretendido. Ao longo da análise do elemento *narrador*, analisamos diversos discursos construídos no texto e foi possível observar que, a cada nova versão, a construção de discursos, de maneira mais clara e articulada, contribuía para a produção de sentidos do texto. Vejamos o quadro abaixo que mostra quantitativamente a presença dos discursos e, em seguida, um exemplo da utilização desse recurso de construção de sentido, tornando a construção da “cena” mais verossímil e interessante.

Quadro 10: Ocorrências dos tipos de discurso na “Mem 5”

	V1	V2	V3
Tipos de Discursos utilizados	<ul style="list-style-type: none"> • ocorrências de Discurso Direto • ocorrências de Discurso Indireto 	<ul style="list-style-type: none"> • ocorrências de Discurso Direto • 3 ocorrências de Discurso Indireto 	<ul style="list-style-type: none"> • ocorrências de Discurso Direto • 6 ocorrências de Discurso Indireto
Exemplo comparativo de um fato narrado na “Mem	O fato não foi narrado nesta versão	<i>“nesse momento já tinha 15 anos fui morar com minha mãe morei 6 meses lá, pq meu padrasto tentou bater na minha mãe e eu fui com uma faca pra cima dele, minha mãe ficou do lado dele, e ele me mandou embora, então vim sozinha pra Belém.”</i>	<i>“nesse momento, Eu, já tinha 15 anos. Fui morar com minha mãe. Morei seis meses lá, Porque meu padrasto tentou bater na minha mãe eu fui com uma faca para cima dele. Minha mãe ficou do lado dele. E ele me mandou embora nunca esqueço desse dia, quando minha mãe disse que era melhor eu ir embora. Nesse momento me sentir desamparada, Chorei muito, e disse mãe eu sou sua filha. E ela não falava nada so arrumou minhas coisas, nesse momento eu achava que ninguém se importava comigo, pois minha propria mãe</i>

5” em que a utilização de discurso contribui para a ampliação do sentido do texto			<i>virou as costas pra mim. Então, vim sozinha para Belém.”</i>
---	--	--	---

Analisando a narração do fato supracitado nas três versões da “Mem 5”, é possível se constatar que a opção da aluna por materializar a participação do padrasto, da mãe e dela própria por meio das falas, concretizadas na construção dos discursos, enriquecem a “cena” narrada com a participação mais ativa e incisiva desses personagens, uma vez que, ao mostrar o que foi dito, ela permite que o leitor tenha maior compreensão da carga dramática do fato. Além do que, se constata que tais discursos ampliam a narração do fato que na V1 não foi narrado, na V2 o foi de maneira bem concisa e, na V3, foi maior detalhado, ganhando discursos e a análise feita pela própria narradora-personagem sobre como se sentia em relação ao que estava acontecendo em sua vida naquele momento.

Para finalizar nossa análise da parte formal, demonstramos abaixo, de acordo com cada versão, os problemas linguísticos mais recorrentes.

Quadro 11: Problemas linguísticos mais recorrentes

	V1	V2	V3
Problemas linguísticos mais recorrentes	<ul style="list-style-type: none"> • arca de oralidade como “ai”, • ortografia (grafia de palavras e uso de maiúsculas e minúsculas) • ortografia • ortografia • concordância nominal • ortografia • ortografia de Discursos • 	<ul style="list-style-type: none"> • arca de oralidade como “ai”, “pra” • ortografia (grafia de palavras e uso de maiúsculas e minúsculas) • ortografia • ortografia • concordância • ortografia de Discursos • 	<ul style="list-style-type: none"> • ortografia (grafia de palavras e uso de maiúsculas e minúsculas) • ortografia • ortografia

	aragrafação	eparação silábica	
--	-------------	-------------------	--

Observamos que a ocorrência dos problemas foi se reduzindo e atribuímos esse avanço ao recurso de correção resolutiva aliada aos bilhetes textual-interativos, com posterior explicação individual e em sala.

7.6.7 Os temas do vivido – *Ter o que dizer*

Considerando que trabalhamos nesta pesquisa com a concepção interacionista da linguagem, buscamos construir um contexto em que aluno e professor se assumissem como locutores/interlocutores, estabelecendo uma relação interlocutiva, a qual implica em ter o que dizer e na escolha de estratégias para dizer, assim como na suposição de interlocutores a quem se diz e razões para se dizer, concretizando o processo de ensino/aprendizagem da língua, como defende Geraldi (2013). Assim, para finalmente concluir nossa análise, elencamos abaixo todos os temas que perpassaram pelas análises feitas na construção da narrativa de memória “Mem 5”.

Quadro 12: Assuntos e temas do texto

Assuntos Presentes no texto		<ul style="list-style-type: none"> • amília • eligião • scola • udanças de domicílio • iagens • cidente 	<ul style="list-style-type: none"> • amília • eligião • scola • udanças de domicílio • iagens • cidente
	<ul style="list-style-type: none"> • eparação dos pais • ãe que cria os filhos sozinha • ovo relacionamento da mãe • 	<ul style="list-style-type: none"> • ração conjugal • meação de morte • eparação dos pais • ãe que cria os filhos sozinha • ovo relacionamento da mãe • onvivência familiar • onvivência familiar problemática (filhos preteridos) 	<ul style="list-style-type: none"> • ração conjugal • meação de morte • eparação dos pais • ãe que cria os filhos sozinha • ovo relacionamento da mãe • onvivência familiar • onvivência familiar problemática (filhos preteridos)

Temas abordados	<ul style="list-style-type: none"> • ãe deixa filhos sob os cuidados de outra pessoa da família • romessas não cumpridas • xploração do Trabalho doméstico infantil • iolência física e psicológica contra a criança • ndignação • uga de casa • iolência contra a mulher • xplicação religiosa para os fatos • onversão religiosa 	<p>pelo padrasto e pela mãe)</p> <ul style="list-style-type: none"> • ãe deixa filhos sob os cuidados de outra pessoa da família • romessas não cumpridas • xploração do Trabalho doméstico infantil • iolência física e psicológica contra a criança • ndignação • uga de casa • iolência contra a mulher • onvivência familiar problemática (mágoas do passado) • titudes de rebeldia juvenil • xpulsa de casa • xplicação religiosa para os fatos • onversão religiosa 	<p>pelo padrasto e pela mãe)</p> <ul style="list-style-type: none"> • ãe deixa filhos sob os cuidados de outra pessoa da família • romessas não cumpridas • xploração do trabalho doméstico infantil • egligência com os estudos • iolência física e psicológica contra a criança • ndignação • uga de casa • iolência contra a mulher • onvivência familiar problemática (mágoas do passado) • titudes de rebeldia juvenil • xpulsa de casa • xplicação religiosa para os fatos • onversão religiosa • esiliência
------------------------	---	---	--

Observando os assuntos e temas acima, constatamos a composição de um texto construído inspirado em fatos resgatados da memória da autora, materializados no texto como uma narrativa que compõe um enredo da “vida sofrida”, de quem passou por vários momentos de dificuldade, que contribuíram para a formação de sua consciência sobre esses fatos, sobre sua vida e sobre a forma como era e como é vista pelas outras pessoas e por si mesma. De modo geral, observamos que é um texto cujo pano de fundo é a influência da ideologia religiosa na forma como essa aluna assimila os fatos de sua vida.

Julgamos pertinente asseverar que, embora tenhamos delineado a análise dos dados coletados nesta pesquisa tendo como parâmetros os elementos que compõem a estrutura da tipologia narrativa, o que aparentemente deu maior visibilidade à forma em detrimento do conteúdo, destacamos que esta opção não anulou a relevância da perspectiva interacionista da linguagem adotada para o desenvolvimento deste trabalho, uma vez que, todo o processo que

envolveu a aplicação desta pesquisa se baseou no dialogismo construído pela interação entre os participantes e os mecanismos elaborados para este fim, os quais ultrapassam a barreira do simples estudo estrutural de conceitos dos elementos da narrativa. Mesmo porque, não acreditamos ser pura e simplesmente o estudo da estrutura narrativa o maior responsável pela indubitável constatação, ao longo de nossa análise, de que a escrita da aluna foi se aprimorando a cada nova versão produzida, ratificando o fato de que houve a evolução testificada nos textos analisados, não sendo diferente nos demais textos de nosso corpus, que acreditamos somente ter se concretizado devido à elaboração, execução e, por vezes, reformulação de estratégias baseadas no interacionismo.

Dessa forma, comprovamos por meio desta análise, a consecução de vários resultados, como: a quebra da resistência da aluna em relação à escrita – e também a resistência à exposição oral, já que participou da gravação dos áudios – de fatos de sua vida; o desenvolvimento de habilidades de reescrita, uma vez que reescreveu seu texto duas vezes, ampliando suas ideias e reflexões, esclarecendo suas memórias; a reflexão acerca de sua inserção nos vários ambientes que constituem a sociedade e que interferem diretamente na formação de sua visão de mundo, entre os quais ela demonstra ter julgado mais relevante destacar a Igreja; a apropriação da palavra, que lhe fora tomada, por lhe ser, muitas vezes, negado o direito de dizer o que tem para dizer, sendo-lhe permitido apenas transitar por espaços que não condizem com suas reais ideias, mas somente refletem o que é aceitável ou tacitamente esperado; bem como, e principalmente, constatamos que lhe foi possível reelaborar sua forma de ver, sentir e pensar seu universo e, assim, reconstruir sua consciência em relação ao seu papel no emaranhado de ideologias que constituem a interação de cada ser humano ao se narrar, ao longo do tempo e de suas transformações.

Portanto, acreditamos, solidamente, que tais resultados somente puderam se concretizar em virtude da perspectiva interacionista escolhida como artifício norteador para a aplicação dos mecanismos elaborados com a finalidade de atingir tais metas. Isto posto, creditamos a evolução do sentido global e da construção do dialogismo expresso no texto da aluna às estratégias precípuas de atividades envolvendo leitura e escrita, tão importantes no trabalho com a língua materna, concretamente executadas com base na interação proporcionada em todas as etapas da pesquisa. Assim, o avanço visto ao longo das versões da aluna, em todos os sentidos possíveis, avaliados explicitamente ou não, se deram devido a nossa escolha pela concepção interacionista da linguagem, realizada pela interação do professor-pesquisador com o aluno-pesquisado, concretizada por intermédio de ações como: *exposição dos alunos à leitura de textos literários* que narrassem memórias, sobre os quais

líamos e discutíamos, refletindo sobre o outro se narrando e relacionando com a realidade vivida pelos próprios alunos, da qual, muitas vezes, a ficção se aproximava; *comparação de textos* escritos pelas turmas anteriores, sobre os quais foi possível cada aluno se deparar com o aperfeiçoamento do texto do outro, que não era um autor de livros, mas sim um colega que tinha, muitas vezes, dificuldades parecidas com as suas, mas que fora capaz de saná-las ou transpô-las a fim de registrar suas memórias; *bilhetes textual-interativos*, por meio dos quais houve o diálogo de mão dupla entre professora e aluna, por intermédio dos quais foi possível intervir de maneira dialógica na construção do sentido global do texto, como pôde ser observado ao longo da versão escrita após cada intervenção com os bilhetes textual-interativos; *gravação de áudios*, em que lhe foi proporcionado um momento de reflexão sobre sua vida, suas memórias, experiências e lhe foi permitido trazer para a escola o que, por vezes, lhe fora mostrado, mesmo que de forma velada, que não era permitido tratar naquele ambiente; *reescrita* do texto, o que propiciou não somente a ampliação das ideias, mas uma reelaboração da consciência da aluna ao pensar e escrever sobre si.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, julgamos relevante destacar que, ao apostarmos que o trabalhar com memórias dos alunos traria resultados eficazes no ensino/aprendizagem da língua portuguesa, esperávamos diagnosticar os problemas no que se referia à produção de textos, superar a resistência dos alunos de falar/escrever sobre fatos de sua vida, desenvolver habilidade de reescrita e discutir a situação paradoxal de inclusão e exclusão em que eles se encontram. Acreditamos que atingimos todos esses objetivos de maneira mais produtiva do que esperávamos e que, se não foram atingidos de maneira ainda mais fecunda, isso se deveu às inúmeras dificuldades que se dão numa pesquisa de longo prazo e que depende de uma série de fatores, que muitas vezes, não dependem exclusivamente do professor ou do aluno, mas de todo um sistema dentro do qual ambos estão inseridos.

Dos objetivos específicos, destacamos dois que influenciaram diretamente a forma como, daqui por diante, conduziremos nossa prática pedagógica. Referimos-nos à quebra da resistência de falar de fatos de sua vida e à discussão sobre a situação paradoxal em que eles se encontram, estando a um só tempo incluídos e excluídos na sociedade. Destacamos esses dois objetivos, porque para atingi-los, lançamos mão, entre todas as estratégias utilizadas, de duas que nos marcaram profundamente, como pesquisadora, professora e pessoa, que foram a utilização da leitura literária como forma de vencer as adversidades e a gravação de áudios como recurso para registrar e conhecer mais detalhadamente as histórias.

Trazer a leitura literária e a discussão a seu respeito de forma mais sistemática e frequente para as aulas, além de contribuir para a reflexão sobre a inserção do aluno na sociedade e contribuir para a resistência dele às adversidades, também nos alertou para algo que parece óbvio, mas que muitas vezes, é esquecido na prática cotidiana do trabalho com língua portuguesa no Ensino Fundamental: embora não haja uma matéria específica chamada Literatura no currículo do ensino fundamental, como há no currículo do ensino médio, cabe ao professor, exercer o papel de estimular, com todos os recursos possíveis, uma leitura literária profícua, sob a perspectiva de que seu papel vai muito além da nomenclatura de “professor de língua portuguesa”, como chamado no Ensino Fundamental. Sob uma visão mais abrangente e libertária, ele é também o professor de literatura e não deve pensar o trabalho com a linguagem separado do trabalho com a literatura.

Além disso, nos marcaram bastante os momentos das gravações dos áudios, durante as quais, efetivamente, conseguimos constatar que havíamos transposto a barreira colocada pelos sujeitos em relação a falar de sua vida. Ao se narrar, usando a sua voz para isso, eles

mostraram que haviam, de fato, entendido que a palavra lhe fora devolvida e que podiam fazer uso dela para dizer o que tinham para dizer, naquele momento de forma oral e, posteriormente, de forma escrita, e assim foram buscar o mais fundo de lembranças, que mostram quem eles são como pessoas, quando não estão na sala de aula. Isso nos levou a voltar para a sala com a sensação de que aquele havia se alargado, de que ali não era uma sala de aula com seus alunos, mas era “um mundo”, “um universo povoado de histórias”, que certamente influenciam no que eles aprendem da sua língua materna e que deve ser levado em consideração pelo professor.

Após voltar ao ambiente da escola e, mais especificamente, sala de aula, não somente no papel de professora – aquela que tem o papel de construir as estratégias para conduzir o processo de ensino/aprendizagem da língua portuguesa – mas também como pesquisadora, para aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo de um curso de aperfeiçoamento, que se somaram àqueles já fixados, no intuito de coletar informações e, com base nisso, criar estratégias para intervir nos problemas detectados, nos fez ver que é incontestável que o professor se disponha a colocar-se no papel de aprendiz sempre, para adquirir e produzir conhecimentos que afetarão seu desempenho na sala de aula de forma indelével.

Durante essa experiência, é como se o pesquisador conseguisse se desprender do papel de professor e analisasse sua prática pedagógica, o ambiente escolar e tudo o que dele faz parte, por outro ângulo, mais neutro, menos pessoal, e pudesse verificar tudo aquilo que estava fazendo de errado ou que não estava atingindo o resultado esperado porque não estava sendo feito como deveria. Depois dessa experiência, é impossível voltar à sala de aula sendo a mesma, com as mesmas práticas.

Por fim, reforçamos que, criar um ambiente em que a concepção interacionista se faça presente, reforça as possibilidades de êxito no trabalho com a língua, já que ao considerar as interações verbais se estará considerando tudo o que faz parte do ato de comunicação e que garante que os sentidos pretendidos se realizem, concretizando a comunicação de maneira efetiva.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean Michel. **A linguística Textual**: introdução à análise textual dos discursos; revisão técnica João Gomes da Silva Neto, --2ed. Revista e aumentada. São Paulo: Cortez, 2011.

ARENA, Dagoberto Buim; GIROTTO, Cyntia Graziella G. S; MENIN, Ana Maria da C. S.; SOUZA, Renata Junqueira de. **Ler e Compreender**: Estratégias de Leitura. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

ASSIS, Machado de; **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda., 2007.

BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, Mikhail(V.N. Volochínov). **Estética da criação verbal**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 16 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGA, Rubem. **200 crônicas escolhidas**. Rio de Janeiro, Ed Record, 2004.

BRAIT, Beth (org.). **BAKHTIN**: Conceitos-Chave. 5ed, 2ª reimpressão São Paulo. Editora Contexto, 2014.

CÂNDIDO, Antônio. “O direito à Literatura”. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo** – As Ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para Entender o Texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2007.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da Enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2016.

GANCHÓ, Cândida Vilares, 1957. **Como Analisar Narrativas**. 9 ed. São Paulo: Ática, 2006.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 17. ed. Rio de Janeiro : Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012.

_____. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012

_____. **A aula como Acontecimento**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2015.

_____. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação.** Campinas: Mercado das Letras, 1996.

_____. **Portos de passagem.** 5ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

_____; **Ancoragens** - Estudos bakhtinianos. 2. ed. São Carlos: Pedro & João editores, 2015.

_____; CITELLI, Beatriz (Coord.). **Aprender e ensinar com textos de alunos.** 7ª. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GHEDIN, Evandro, FRANCO, Maria Amélia Santoro. **A Pedagogia da Pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2008.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: Diário de uma favelada.** 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.

LISPECTOR, Clarice. **Os desastres de Sofia.** São Paulo: Rideel, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Produção textual, análise de gênero e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

MEDEIROS, Maria Lúcia. **Velas. Por quem?** Belém: CEJUP, 1990, p. 11 - 13.

ASSIS, Machado. **Memórias póstumas de Brás Cubas.** São Paulo: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda., 2007. Cap. XI, p. 21-23.

MORAES, Eneida de. **Aruanda.** Belém: SECULT; FCPTN, 1989.

_____. **Banho de cheiro.** Belém: SECULT; FCPTN, 1989.

MORIN, Violette; METZ, Christian; TODOROV, Tzvetan; GENETTE, Gérard. **Análise Estrutural da Narrativa.** 2 ed, Petrópolis: Editora Vozes Limitadas, 1973.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade.** São Paulo: Editora 34, 2010.

PRATA, Antônio. **Nu, de Botas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

QUEIROZ, Rachel de. **Memórias de Menina.** 4 ed. Rio de Janeiro. José Olympio, 2007.

_____, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luiza de. **Tantos anos.** 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

RIOLFI, Claudia; ROCHA, Andreza; CANADAS, Marco A.; BARBOSA, Marinalva; MAGALHÃES, Milena; RAMOS, Rosana. **Ensino de Língua Portuguesa** - Col. Ideias em Ação. 2014.

RUIZ, Eliana Donaio. **Como corrigir redações na escola: uma proposta textual interativa.** São Paulo: Contexto, 2013.

SABARICH, Lola. **Como melhorar o Texto Literário**: Um manual prático para dominar as técnicas básicas da narração; tradução Gabriel Perissé. 1ed. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2014.

ANEXOS

ANEXO A - Proposta de produção de narrativa de história de vida – turma EJA-**MEMO-2****PROPOSTA DE NARRATIVA DE HISTÓRIA DE VIDA:**

Você conheceu um pouco da escritora Eneida de Moraes. Viu, por exemplo, que ela nasceu no Pará, em 1904, mas morou muito tempo no Rio de Janeiro, onde morreu em 1971. Viu que ela viveu o período da ditadura do Brasil, sendo membro do Partido Comunista. Entre outras coisas, viu que ela se formou em odontologia, mas largou o consultório para ser escritora.

No texto, “Promessa em Azul e Branco”, escrito por ela e inspirado em sua vida, por meio de uma narradora-personagem, você conheceu um pouco de sua infância, em que ela conta que, quando nasceu, seu pai estava muito doente e, devido a isso, sua avó, que era muito religiosa, fez uma promessa a Nossa Senhora de Nazaré, de que se ele se curasse, Eneida vestiria somente vestidos azul-claros e brancos até completar 15 anos. Ela também mostra que, embora não concordasse com tal promessa e questionasse o fato de sua avó ter feito uma promessa para outra pessoa cumprir, aquilo não foi motivo para que sua infância tenha sido ruim ou que ela não tenha aproveitado.

Assim como o texto de Eneida de Moraes, há muitos outros em que são narradas memórias inspiradas em histórias de vida, como “Memórias de menina”, de Rachel de Queiroz, “Pela janela”, de Antonio Prata, entre tantos outros, da própria Eneida e de diversos outros autores.

Você também tem histórias vividas ao longo de sua vida. Que tal se inspirar nas suas memórias sobre ela para contá-las?! Para isso, propõe-se que você escolha um fato que você ache que seria interessante para outras pessoas saberem, por ser, por exemplo, engraçado, triste, surpreende ou que seja incomum em relação à vida que você leva hoje. Tente contar esse fato de uma maneira que prenda a atenção do leitor. Conte sua história usando o narrador em 1ª pessoa, ou seja, você será o narrador-personagem e contará um fato marcante de sua história de vida.

Orientações:

Escolha um fato que você ache que seria interessante para outras pessoas saberem, por ser, por exemplo, engraçado, ou triste, ou surpreende e que seja incomum em relação à vida que você leva hoje. Tente contar esse fato de uma maneira que prenda a atenção do lei

ANEXO B – Orientações para produção da terceira versão – Turma EJA-MEMO-2

Agora, em duplas, vamos reler os textos, encontrar as falas de personagens e verificar se estão de acordo com as orientações estudadas sobre a composição dos tipos de discursos.

Agora que você já leu e refletiu sobre o texto, vamos observar se nele é possível encontrar as estratégias estudadas em sala para melhorar o texto narrativo e, conseqüentemente, prender a atenção do leitor.

Atividade: Reescrita das narrativas de histórias de vida**Proposta de produção textual:**

Reescreva a sua narrativa de história de vida, produzindo a terceira versão dela. Antes disso, atente para as orientações abaixo:

1. Leia a segunda versão, observando as indicações feitas pela professora, ao longo do texto, mostrando o que pode ser alterado em relação às regras de escrita da língua portuguesa.
2. Em seguida, faça uma leitura corrida do bilhete textual-interativo que você recebeu junto com o texto, no qual há sugestões que podem lhe auxiliar a melhorar ainda mais seu texto.
3. Depois, faça uma segunda leitura do bilhete e, a cada observação feita nele, volte para o seu texto e procure a parte para a qual o bilhete sugere melhorias.
4. Agora, você pode reescrever seu texto, lembrando-se de que tudo o que **não** foi citado no bilhete textual-interativo pode continuar como está, ou seja, você só alterará o que foi citado nas sugestões.

Ao reescrever o seu texto, altere os nomes dos personagens e lugares, mas mantenha a narração dos fatos da forma como aconteceram.

ANEXO C – Textos literários usados nas aulas da turma EJA-MEMO-2

TEXTO A

“Aniversário”

Rachel de Queiroz

Dia do seu aniversário é muito importante para você. Menino rico ganha festinha com muitos colegas e até cineminha ou teatro em casa. Menino pobre pode não ganhar festa, mas a mãe sempre acha jeito de comemorar: um bolinho, um presentinho e aquele beijo e aquele abraço muito especial.

Lá em casa, nós éramos muitas crianças, e nossa mãe não gostava de dar festa. Mas os nossos aniversários eram uma beleza.

Mamãe deixava que, no aniversário, cada criança fizesse o programa a seu gosto, para o dia inteiro. Então, a gente escolhia, por exemplo, de manhã sair para passear a cavalo, ou ir tirar retrato no lambe-lambe. Depois, podia ser um piquenique, debaixo de árvores, levando galinha cheia, sorvete e bolo. E também podia ser almoço num restaurante da cidade. De tarde, se tinha circo, ia-se ao circo. Se não tinha, cinema. E de noite se fazia fogueira, como em dia de São João, com todas as brincadeiras que o aniversariante quisesse. Um dos meninos, no aniversário dele, em vez de fogueira exigiu uma serenata, com violão, cavaquinho e cantoria. Era noite de lua, os irmãos mais velhos tocaram e cantaram. Foi este o aniversário mais lindo que a gente pode lembrar.

Fonte: QUEIROZ, Rachel de, . *Aniversário in* Memórias de Menina / Rachel de Queiroz; ilustrações Mariana Massarani. – 4 ed. – Rio de Janeiro. José Olympio, 2007. p. 15-16

TEXTO B

“Escola Antiga”

Rachel de Queiroz

Isto se passava lá pela década de 1920. Toda tarde, ao encerrar as aulas, naquela escola do Alagadiço, em Fortaleza, se dava a sabatina de tabuada. (Vocês sabem o que é? É a tabela das quatro operações, com números de um a dois algarismos.) As crianças decoravam a tabuada em voz alta, cantando assim:

“Duas vezes um, dois, duas vezes dois, quatro, duas vezes três, seis”, etc., etc. Na hora da sabatina, os alunos de toda a classe, de pé, formavam uma roda, com a palmatória a vista, na mão da professora. Somar e diminuir ainda era fácil, mas quando chegava a tabuada de multiplicar, era um perigo. A casa de sete, por exemplo, era a mais difícil: “Sete vezes seis,

sete vezes oito” _já sabe, o coitado errava, a professora mandava o seguinte corrigir e, se ele acertasse, tinha direito de dar um bolo de palmatória na mão do que errou. Doía como fogo.

Sempre havia os sabidinhos que decoravam tudo e davam bolo nos outros. Mas recordo um grandalhão chamado Alcides, apelidado “o rei dos burros”, que não acertava jamais. Mas não chorava nunca, podia levar vinte bolos, mordida os beijos e aguentava firma. Quando chegava em casa, estava com as palmas inchadas e tinha que botar as mãos de molho em água de sal.

Algum tempo depois, inaugurou-se a chamada “Escola Nova”. Acabaram com a tabuada, com a sabatina e com a palmatória.

Acho que foi boa idéia.

Fonte: QUEIROZ, Rachel de, . *Aniversário in Memórias de Menina* / Rachel de Queiroz; ilustrações Mariana Massarani. – 4 ed. – Rio de Janeiro. José Olympio, 2007. p. 07-08

TEXTO C

Lembranças

Rubem Braga

ZICO VELHO –

Aqui vamos pelejando neste largo verão. Escrevo com janelas e portas abertas, e a fumaça de meu cigarro sobe vertical. A única aragem é a das saudades; e apor sinal que me aconteceu ontem lembrar um outro verão carioca de quem nem eu nem você teremos saudade

Cada um de nós tinha apenas um costume de casimira, e batíamos em vão as ruas do centro, a suar, procurando algum jeito de arranjar algum dinheiro; era horrível. Ainda hoje quando passo pela esquina de Ouvidor e Gonçalves Dias me detenho um pouco, para gozar a pequena brisa que sempre sopra naquela esquina. Ali ficamos os dois, abrindo o paletó, passando o lenço na testa: a brisa da esquina era amiga na cidade hostil. Na avenida olhamos com inveja as pessoas que tomavam aquele espumoso refresco de coco da Simpatia; entramos em Ouvidor, parávamos um pouco na esquina e depois íamos a Colombo beber um copo de água gelada. A brisa e o copo de água da Colombo eram nosso momento de oásis; e o copo de água traiu você!

Foi naquela porta (eu não estava nesse dia) que um sujeito da Polícia Política lhe bateu no ombro – e eu perdi por muito tempo o amigo e a sua clara gargalhada que me

confortava naquele período de miséria e aflição. Escondi-me no subúrbio, depois fugi da cidade passando a barreira de tiras com uma carteira do Flamengo adulterada.

Essas coisas me fazem lembrar outras, também ásperas e tristes; estou num dia de lembranças ruins. Quando os vejo a falar do tédio da vida, tenho inveja; nós nunca tivemos tempo para sentir tédio. Como éramos pobres, como éramos duros! Um conterrâneo que a gente encontrava na rua e nos pagava meia dúzia de chopes na Brahma nos parecia um enviado de Deus; os chopes nos faziam alegres, e o gesto amigo nos enchia o coração; lembro-me de ter ido para casa a pé, sem duzentos réis para o bonde, porque inteirara uma gorjeta de um desses enviados de Deus e rejeitara, como um príncipe, o dinheiro que ele me queria emprestar.

Sim, nós éramos estranhos príncipes; e as aflições e humilhações da miséria nunca estragaram os momentos bons que a gente podia surrupiar da vida – uma boca fresca de mulher, a graça de um samba, a alegria de um banho de mar, o gosto de tomar uma cachaça pela madrugada com um bom amigo, a falar de amores e de sonhos.

Assim aprendemos a amar esta cidade; se o pobre tem aqui uma vida muito dura, e cada dia mais dura, ele sempre encontra um momento de carinho e de prazer na alma desta cidade, que é nobre e grande sobretudo pelo que ela tem de leviana, de gratuita, inconsequente, boemia e sentimental.

Aníbal Machado, quando não tinha mais onde se esconder dos credores, passava o dia alegremente no banho de mar; e eu me lembro de uma noite em que não havia jantado e não sabia onde dormir, entrei ao acaso num botequim de Botafogo e um bêbado desconhecido me deu o convite para um baile onde havia chope e sanduíche de graça.

Assim era esta cidade, e assim a conserve Deus para salvar do desespero o pobre, o perseguido, o humilhado, e abençoá-lo com um instante de evasão e de sonho.

Quem lhe escreve, Zico, é um senhor quase gordo de cabelos grisalhos; se algum rapaz melancólico ler essa correspondência entre velhos amigos, talvez ele compreenda que ainda se pode, à tardinha, ouvir as cigarras cantar nas árvores da rua; e, na boca da noite, aprender, em qualquer porta de boteco, os sambas e marchas do carnaval que aí vem; que às vezes ainda vale a pena ver o sol nascer no mar; e que a vida poderia ser pior se esta cidade fosse menos bela, insensata e frívola.

Janeiro, 1953

Fonte: BRAGA, Rubem, 1913 – 200 crônicas escolhidas. Rio de Janeiro, 7ª. Ed.,

Record/1988

TEXTO D

“Pela Janela”, do livro *Nu, de botas*, de Antonio Prata

Pela janela**Antonio Prata**

Quando, lá pelo fim do primeiro semestre, a caminho da perua, Marina emparelhou comigo e, sem me olhar nem mudar o passo, me entregou o papelzinho dobrado — como se ela fosse uma combatente da Resistência Francesa e adivinhasse em mim um simpatizante, talvez interessado em comparecer à próxima reunião clandestina —, descobri que a amava e que era correspondido.

“Descobri” não é exatamente o termo. Afinal, bastaram alguns dias na escola nova para saber que sentia algo por ela: só não entendia bem o quê — uma vontade de sentar ao seu lado na classe; uma tendência a me meter atrás dela na fila do bebedor, mesmo sem nenhuma intenção de beber água; um prazer misterioso em espiá-la de longe, no pátio, comprando o lanche na cantina, pulando elástico, fazendo um rabo de cavalo antes de entrar na queimada.

(...)

Passei os quarenta minutos na perua com a mão fechada, o bilhete amassado ali dentro, as conversas, risos e gritos das outras crianças entrando por um ouvido e saindo pelo outro, meu coração parecendo um lambari na ponta no anzol: as sístoles regidas pela glória de me saber correspondido, as diástoles pelo pânico de ser descoberto.

Mas que havia de tão terrível para ser descoberto? O que havia de vergonhoso, afinal, no amor? Eu não sabia. Talvez uma ligação íntima com um indivíduo do sexo oposto significasse traição ao grupo dos meninos, uma atitude muito pouco máscula, como se eu estivesse desistindo do futebol para brincar de bonecas ou pular amarelinha. Talvez a traição não fosse de gênero, mas etária: namorar era coisa de adultos ou adolescentes e, portanto, trazer aquele nó no peito revelaria uma pretensão ridícula. Não saber o que eu temia me deixava ainda mais temeroso, de forma que só quando me vi em casa, sozinho, no fundo do quintal, tomei coragem e abri o bilhete.

Desenhado a lápis, no alto do pequeno retângulo, um avião. Do meio do avião se abria uma porta e, por ali, jorravam flores, pintadas a canetinha. Lá embaixo, de braços abertos e sorrindo, um menino recebia a chuva colorida. Ao lado: “Antonio, você é muito legal. Assinado: Marina”.

Tarde da noite, depois de muitos esboços e com uma lanterna sob o lençol para não acordar minhas irmãs, consegui acabar a resposta. Ocupando quase toda a superfície de uma

folha de papel sulfite, fiz um circo, com listras azuis, vermelhas e brancas no toldo. No alto, o letreiro: “Grande Circo Marina”. Embaixo, à direita, uma flechinha e a indicação: “Abra”.

Na outra página, grampeada à primeira, fiz o interior da tenda. Em cima de um tamborete, no meio do picadeiro, uma bailarina. Em seu collant: “Marina”. Em torno dela, um mágico, dois palhaços, um leão, uma foca e um elefante bradavam em balões de HQ: “Marina!”. De ponta-cabeça, em pleno ar, trapezistas gritavam: “Marinaaaa!”. Na plateia, o público segurava cartazes: “Viva a Marina!”, “Eu ♥ Marina!”, “Vai, Marina!”. Num canto da arquibancada, fiz um garoto sentado: um aviãozinho numa mão, uma flor na outra e, para não haver chance de equívoco, uma flecha indicando: “Eu”. Em cima dele, um balão: “Marina, você também é legal. Assinado: Antonio”. Fui dormir em êxtase.

Acordei em pânico. Disse à minha mãe que não me sentia bem, estava enjoado, talvez com febre ou gripe ou dor de barriga. Quer dizer: estava enjoado E com febre E gripe E dor de barriga. Que tal se eu não fosse pra escola? Ela tomou minha temperatura, olhou no fundo dos meus olhos e, com um sorriso indeciso entre o cúmplice e o acusatório, me mandou pro banho.

Passei a manhã aflito, andando pela casa, secando as mãos suadas na calça de moletom. No almoço, só mexendo a comida de um lado pro outro no prato, fiquei imaginando pequenos eventos que, com uma boa vontade dos deuses, me impediriam de ir à escola. E se a perua quebrasse a caminho de casa? E se, melhor, ela se envolvesse num acidente, um acidente grave, pegasse fogo? Duvido que teria aula se a perua explodisse.

O telefone tocaria, seria uma professora. Chamaria minha mãe. Diria que, em respeito às vítimas, as aulas daquela tarde estavam sendo suspensas. Da semana inteira, aliás. Os professores deveriam se reunir nos próximos dias para decidir se valia a pena continuar com a escola, depois da tragédia. Talvez fosse o caso de ir procurando vagas para mim e minhas irmãs em outras instituições de ensino. Eu já estava pensando em que desculpas inventar para não ter de ir ao enterro dos meus colegas — onde, evidentemente, Marina estaria esperando a minha resposta — quando a perua buzinou, em frente de casa. Fiz todo o trajeto agarrado à mochila, como se ela fosse transparente e a carta, em luz neon, pudesse anunciar a todos minha vergonhosa condição.

Entrei na classe e a Marina já estava em seu lugar, próximo à porta, ao lado da Titina. Não tive coragem de encará-la — bastariam nossas pupilas se cruzarem, eu temia, para que fôssemos desmascarados —, mas reparei, de soslaio, que ela interrompia o papo com a amiga e me seguia com os olhos, abrindo um sorriso apreensivo e esperançoso. (...)

Por mais duas aulas, mantive o pescoço firme e os olhos apontados para a frente, como um cavalo em parada militar, até que o sinal da saída tocou. A Marina se levantou para ir embora e, de pé, lá do outro lado da classe, me encarou por uns bons quinze segundos — uma eternidade durante a qual permaneci abaixado, simulando alguma dificuldade para guardar as pastas na mochila. Quando ela finalmente saiu da classe, contei até cinquenta, e só então saí também.

Arrastei-me em direção à perua, me sentindo o pior dos seres humanos. Pior do que no dia em que convenci o Henrique a abrir um sapo com uma enxadada, pra ver como era dentro. Pior do que no Natal em que arranquei, lenta e meticulosamente, todo o papel de parede do lavabo da minha tia. Pior até do que quando, naquele mesmo Natal, a culpa pelo papel de parede recaiu sobre um primo de três anos, incapaz de se defender e cujo choro, inconformado, foi interpretado pela família como inequívoca confissão. Nesse estado deplorável eu entraria na Kombi, chegaria em casa e pediria à minha mãe para me trocar de escola, não fosse uma mão me puxando pela camiseta, quase rasgando a gola em meu pescoço. Virei e dei com a Titina: “A Marina tá te esperando atrás do brinquedão”. Era uma ordem — e eu obedeci.

Cheguei ofegante. Olhei em volta: só havia nós dois. Não dissemos nada, pus a mochila no banco, abri, entreguei a carta, vi os olhos da Marina emergirem do fundo de um pântano e serem inundados pelo sol, saí correndo.

(...)

Na manhã seguinte, outra vez, ensaiei o golpe do “não estou me sentindo bem”, mas se já não funcionara na véspera, agora, reincidente, é que não iria colar. Na perua tentava me acalmar: eu já havia feito a minha parte, respondendo o bilhete, certo? (...)

Como na véspera, quando cheguei a Marina já estava em seu lugar, ali na frente. Ela me sorriu, fiz que não era comigo: mirei a janela, atravessei a sala como um alazão em Sete de Setembro e me sentei no fundo. O dia foi passando, ela de um lado, eu do outro: vimos um fóssil de peixe na aula de ciências; treinamos o uso do S, do X e da cedilha, em português; jogamos handebol na educação física, logo depois do recreio.

A última aula era de matemática. (...) A professora pediu que formássemos grupos de quatro. Com medo de que a Marina me chamasse e, na frente de outras duas pessoas, tocasse no assunto proibido, me associei correndo aos meninos mais próximos, juntamos as mesas e o trabalho começou. (...) então a Titina se levantou.

Enquanto caminhava em nossa direção, torci para que fosse apenas entregar os exercícios à professora, mas ela passou direto pelo meio da classe e seguiu caminhando.

Concentrei-me nos cubinhos, nas barrinhas, no cubão, disse alguma coisa sobre a resposta da questão três, sugeri que refizéssemos a conta, como se o trabalho fosse um buraco no qual eu pudesse enfiar a cabeça, fugindo da Titina e do que quer que ela pretendesse comigo.

Infelizmente, minha estratégia saiu pela culatra: vendo-me tão entretido no exercício, em vez de entregar em mãos o bilhete que trazia, largou-o em cima da minha mesa e saiu andando. Meus olhos alcançaram o pequeno retângulo de papel junto com os dos meus colegas, e, percebendo a curiosidade em seus rostos, fiz a primeira coisa que me passou pela cabeça — ou melhor, que não me passou: num reflexo dos mais irrefletidos, arremessei o bilhete pela janela. Os três deram um salto e se debruçaram sobre o beiral, já alardeando aos quatro ventos: “A Titina mandou uma cartinha pro Antonio! O Antonio jogou a cartinha fora!”. Num pulo, meti meu corpo entre eles, antes que o resto da classe chegasse para assistir à minha desgraça — e ali estava ela, sobre o telhado da cantina, a um metro de nós. Para meu azar, ou talvez por castigo dos deuses, o papelzinho caíra meio aberto: do lado de fora, quarenta olhos famintos conseguiam ler:

De: Marina

Para: Antonio

Dentro, do lado direito, exposta à visitação pública:

Quer namorar comigo?

() Sim

() Não

() Talvez. Vou pensar.

Todos gritavam e gargalhavam, mas eu não era capaz de ouvir nada, só via as goelas escancaradas, os dentes, as línguas e os dedos apontando ora para mim, ora para Marina. Na frente, a professora batia o apagador na lousa, gesticulava, aflita, e eu lia “Silêncio! Silêncio!”, em seus lábios. Lá do outro lado, a Titina me encarava com ódio e a Marina chorava. Eu preferiria que fosse um choro de raiva, que ela me xingasse ou me agredisse, que sua ira desabasse sobre a minha cabeça como os céus nos piores temores do Asterix, pois já estaria aí o início de minha punição e com ela a esperança de um dia, lá adiante, quem sabe, a absolvição, mas não: era um choro manso, triste.

O sinal tocou. A Titina recolheu o material da amiga, pegou-a pela mão e saíram apressadas pelo corredor. Eu pensei em ir atrás, mas o que poderia argumentar em minha defesa, agora que o estrago havia sido feito, que a classe uivava como num motim de piratas, que dez garotos, com meio corpo para fora da janela, tentavam pescar com réguas e

compassos o pedido de namoro para, quem sabe, pregá-lo no mural, para colá-lo em minha testa ou para que fosse anexado aos autos do meu processo, no dia do juízo final?

Naquela noite, tive pela primeira vez um sonho que se repetiu até o fim da infância, me seguiu pela adolescência e ainda hoje, vez ou outra, volta para me visitar. Eu acordo, saio de casa, pego a perua, desço na escola, cruzo o pátio, subo a escada, entro na classe, paro diante dos meus colegas e fico ali, em pé, pelo que parece ser muito, muito tempo, todos me olhando em silêncio e eu esperando o momento em que se darão conta do que, surpreendentemente, demoram tanto a perceber: que eu estou nu; nu, de botas.

ANTONIO PRATA nasceu em São Paulo, em 1977. Tem dez livros publicados, entre eles Meio intelectual, meio de esquerda (crônicas) e Felizes quase sempre (infantil, ilustrado por Laerte), ambos pela Editora 34. Escreve roteiros para televisão e cinema e mantém uma coluna no jornal Folha de S.Paulo, aos domingos.

Fonte: PRATA, Antônio. *Nu, de Botas*, --1 ed. -- São Paulo : Companhia das Letras: 2013.

TEXTO E

Atividade: Leitura e interpretação do texto

***Promessa em azul e branco*, de Eneida de Moraes**

Conhecendo um pouco da autora da obra...



Figura

[1http://www.releituras.com/eneida_menu.asp](http://www.releituras.com/eneida_menu.asp)

Eneida de Moraes

Nasceu em Belém do Pará no dia 23 de outubro de 1904. Jornalista, escritora, foi uma das mais profundas conhecedoras do carnaval brasileiro. Formada em odontologia, logo trocou seu consultório para se tornar colaboradora em jornais e revistas. A paixão pelas letras levou-a a organizar grupos de escritores para discutir literatura em vários cantos do Brasil. O ano de 1929 marcou a estreia como autora, com o volume de versos "Terra Verde".

Três anos depois ela entra na militância política. Presa em 1935, por defender principalmente a inclusão social, é mandada para a Casa de Correção do Rio. Sua passagem por lá despertou a curiosidade do escritor Graciliano Ramos. Preso, também, por causa de suas ideias políticas, ele indagava aos amigos "...quem é aquela mulher de voz forte e poderosa". O interesse se transformou em admiração e rendeu a Eneida a

imortalidade no livro “Memórias do Cárcere”. Era filha de um comandante e de uma professora

Muito cedo, a menina aprendeu o que era repressão. Ainda não completara dez anos de idade quando foi para o Colégio Sion, internato localizado em Petrópolis. Lá, a rotina era muito rígida. Havia horários fixos para as refeições e limitações quanto aos dias de visita. Talvez tenha sido nesta época que o significado da palavra Aruanda – lugar onde todos podem ser livres e viver em paz – surgiu em sua mente. Durante toda a vida, buscou transformar o mundo em Aruanda, tanto por meio de sua literatura, quanto da vida política.

A autora faleceu em abril de 1971, na cidade do Rio de Janeiro.

(Disponível em http://www.releituras.com/eneida_menu.asp e <http://www.jornalbeiradorio.ufpa.br/novo/index.php/2010/110-edicao-80--fevereiro/996-vida-e-obra-de-eneida-de-moraes-> acessado em 06/08/17 - texto adaptado)

Lendo o texto...

Promessa em Azul e Branco

Eneida de Moraes

- Não; esse eu não quero, choramingava a menina.
- Já disse que é esse mesmo. Criança não tem vontade.

Um diálogo banal diante de uma vitrina de roupas para crianças, uma vontade de dizer àquela mulher:

- Não. Não é assim que se convence uma menina. Quando aprenderão os adultos a falar com os pequeninos?

E depois um grande desejo de recordar, de buscar no fundo de mim mesma vestidos da infância, roupinhas da meninice.

Que tenho eu a ver com aquela mãe autoritária que não conheço? Por que terei de sofrer com a pequenina que nunca vi? Por que terei de viver sempre assim, vivendo a vida de outros? Deixo ambas entregues ao desentendimento e caminho acompanhada pelo desejo, a vontade, a necessidade de acordar um trecho de meu passado onde haja um ou vários vestidos.

Por que sou capaz de relembrar assim fatos de épocas longínquas? Por que a qualquer momento uma estória qualquer se presta à ressurreição de atos, vozes, gestos e até mesmo olhos, narizes, cabelos, mãos, coisas que nenhum retrato guardou e que tomaram parte ativa na minha vida passada? Por que está tudo assim tão gravado em mim? Nem sequer preciso fechar os olhos para encontrar figuras de minha infância; nada preciso para recompor hoje - tantos anos depois - gestos, palavras, comportamentos.

O que relembro hoje é realmente minha infância ou colaboro com minha imaginação atual? Estou vestindo agora com roupas novas, minhas velhas lembranças ou estão elas com a mesma roupa do momento em que ocorreram? Vivi tudo o que relembro?

Aquele diálogo, tão banal, provocou em mim desejo de reviver um trecho de meu passado.

Sim, sim, recordo muito bem; vestia apenas azul-claro e branco e, de início, minha infância turbulenta e sadia não prestou nenhuma atenção ao fato. Um dia, naturalmente, uma outra menina ou talvez a governanta ou - quem sabe? - a professora, chamou-me ao conhecimento dessa prisão. Isso naturalmente deve ter acontecido no momento em que nascia a minha vaidade. Senti ou mostraram-me que todas as meninas da minha cidade, de meu país e do mundo usavam roupas de cores diversas e eu não. Por quê? Por quê? Perguntei à minha mãe, sempre pronta a responder às minhas perguntas:

- Foi uma promessa. Seu pai andou mal, muito mal, quase morria e sua avó fez uma promessa a N. S.^a de Nazaré: se ele sarasse, se vivesse, você, que acabava de nascer - vestiria até os quinze anos, somente vestidos azul-claros e brancos.

- Até quinze anos? Então quer dizer que vou ficar assim, diferente de todas as meninas, até ficar velha?

(Sempre se acha, aos seis anos, que ter quinze é estar velha). Só depois, muito mais tarde é que aprendi que a vida passa depressa, é curtinha, tão pequenina que nem dá para se viver plenamente todos os momentos.

[...]

- Até os quinze anos?

- Escute, meu bem. Você é pequenina, mas tem muita razão de não ficar contente com a promessa de sua avó. Está naturalmente pensando que ela devia fazer promessas para cumpri-las pessoalmente e não obrigar outra pessoa a realizá-las. Também penso como você. Jamais devemos exigir de outros aquilo que não queremos ou não podemos fazer nós mesmos. Tudo isso é certo, mas tenha paciência. Seu pai andou muito doente, muito mesmo, e que seria de você sem ele? Não é um bom pai, não é um bom amigo? Você gostaria que ele morresse? Sua avó é boa, lhe tem muito amor, queria que você crescesse com seu pai vivo. Ela é muito religiosa e não devemos ofendê-la nem contrariá-la. Vamos fazer uma coisa: não pensar que existem vestidos verdes, amarelos, vermelhos. Faz de conta que só existem vestidos brancos e azul-claros. Você os terá todos, muitos, quantos quiser. Esqueça que eles são obrigação e pense que são amor. Imagine quando você puder vesti-los de outras cores

como vai ser bom. Imagina você com quinze anos, de vestido verde. Não vai ser ótimo? E a coragem, hein? Que beleza a coragem que você terá, usando apenas azul e branco.

Falou mais, falou muito, porque minha mãe tinha o dom de falar envolvendo-me em esperanças e sonhos.

Seis anos, sete, oito e os vestidos azul-claros e brancos, alguns tremendamente brancos enfileirados nos armários. Que importavam feitos, rendas, fitas se eram sempre brancos, muito brancos ou azul-claros, um azul morrendo, um leve azul indefinido? E sempre alguém perguntando:

- Por que ela só usa branco e azul-claro?

E a resposta seca:

- Foi promessa...

Em mim nenhum sofrimento; vida alegre demais, infância demasiadamente bela, correrias, quedas, patins, saltos de corda, bicicletas, estórias de iara e do boto, livros maravilhosos feitos na França, falando da Bela Adormecida, do Gato de Botas; o encontro com as letras, a dignidade conquistada: - Agora eu sei ler; [...]

Quando veio o colégio interno e o uniforme obrigatório, vovó quis protestar. E a promessa? Mas não foi atendida. Ninguém pensaria em impor condições a um colégio respeitável, com seus regulamentos próprios.

- Ela continuará vestindo só azul e branco para seus dias de passeio.

Depois, um dia, uma carta contava que vovó morrera. Dormira para nunca mais acordar. Todos morriam assim naquela família. O coração cansado de amar e de ser bom, parava, partia morria. Deitavam como se aquela noite fosse igual a todas as noites e não acordavam no dia seguinte. "Passamos da vida para a morte, serenamente. Apenas passamos", dizia a carta. Depois outra carta: "Agora que tua avó morreu e estás uma mocinha, podes continuar ou não respeitando a promessa da cor de teus vestidos. Teus quinze anos não chegaram, mas isso não importa; teus raciocínios já estão em condições de te fazer resolver sozinha. Pedi que cumprisses a promessa, com a qual não estavas de acordo, para que ela não sofresse - sofrera tanto a probrezinha, enviuvava cedo, cheia de filhos, era tão bela, tão ingênua, tão boa - mas agora estás livre. Podes usar a cor que quiseres."

[...]

As palavras não seriam essas, mas assegurando o tom, também posso afirmar que naquelas cartas havia ordens, e desta vez eram: - Vamos! Aprenda a resolver sozinha seus próprios problemas. Comece a usar seu raciocínio. Coragem! Tenha opiniões e saiba defendê-las!

Foi então que encontrei numa vitrina um vestido azul-marinho de tafetá com uma golinha de guipura. Escrevi a minha mãe: "Tens razão, pensei muito e ontem encontrei um vestido maravilhoso. Podes ficar certa de que é um vestido de menina." Descrevê-lo hoje não sou capaz, mas devo ter mandado nessa carta uma minuciosa narrativa da desejada roupa. Hoje, sou mesmo incapaz de descrever qualquer vestido.

[...]

Quando voltei para fazer a seu lado quinze anos, no guarda-roupa se enfileiravam vestidos de várias cores.

Nunca mais ela e eu falamos na promessa.

[...]

A meninazinha que encontrei tão desesperada em frente daquela vitrina não querendo aquele vestido que sua mãe lhe impunha, onde estará agora? Vestida naquela roupa que odiou antes de possuir?

Minha senhora - fico murmurando baixinho - não é assim que se convence uma criança. Quando os adultos aprenderão a conhecer o mundo dos pequeninos?

Como foram bonitos os meus dias vestidos de branco, parecidos com os dedos longos e rosados de minha mãe apontando caminhos! Com aquele vestido azul-marinho começou uma outra etapa de minha vida; nascera minha vaidade.

Fonte: MORAES, Eneida de. *Aruanda*. Belém: SECULT; FCPTN, 1989.

_____. *Banho de cheiro*. Belém: SECULT; FCPTN, 1989.

TEXTO F

VELAS. POR QUEM?

Maria Lúcia Medeiros

Fatal foi teres chegado de manhãzinha, teus olhos de sono, quando ainda a cidade se espreguiçava e teres visto o casario, as ruelas tortuosas, os homens a gritar nomes e coisas.

O cheiro do café e o cheiro das frutas, o abafado cheiro das roupas a entranhar na tua descrença a resina, o último cheiro do abraço que deixaras dias atrás entre o espanto e a euforia.

Fatal foi a má comparação que fizeste das velas de encardido colorido com o tecido que mal escondia teus pudores. Tuas unhas entre o roxo e o vermelho copiaste de onde?

Ao saltares dessas águas barrentas, ao abandonares sem saudade, rápido se perdeu o teu barco entre os tantos aportados naquele cais. Fatal foi tropeçares e seguires aos solavancos pelas ruas achando que eram de boas-vindas os olhares. Ao pé do casarão mal iluminado fatal foi pensares que ofereciam vida nova, pois ouviste os sinos.

A família dormia ainda. Soubeste logo que havia menino, que havia menina, um doutor e sua mulher a quem devias servir, branca e alta mulher.

Mas te alimentaram antes, botaram à tua frente o pão que molhaste cuidadosamente no café preto para não acordar a tua eterna dor de dentes. Fatal foi ignorares os deveres tantos que ressoavam nas campainhas pelo casarão inteiro e pudeste rir, sorrir e te alegrar tantas eram as correrias, o leiteiro, o padeiro, o telefone... Pela janelinha lá do sótão era possível ver o rio, os pombos em revoada pelos telhados e até dizias “chô bacurau, chô bicho” e rias do teu próprio riso doido doido, e te apoiavas ora num pé ora no outro.

Mas ao ouvir a voz “Ó pequena”, desabalada era tua carreira pelas escadas, era a hora de retirar o urinol de porcelana com a urina da branca senhora que um dia ficou roxa porque te pegou dizendo “péra lá que eu vou tirá o mijo da mulhé” e te trancou e quase te esmagou na porta para que consertasses a língua, Ó pequena! Terias que dizer “fazer o meu serviço, cumprir minha obrigação” aprendeste logo sem compreender.

Fatal foi também isso, aprenderes rápido feito cachorro do sítio, e sair com o rabo entre as pernas repetindo “sim, senhora”.

Mas havia o sótão e a janelinha e o pedaço de rio, as velas encardidas, o sino das igrejas e as mil e uma vezes que te benzias, mão direita mão esquerda?

Da janelinha era possível ver se a chuva ia cair já, se não ia, se dava pra menina sair, pro menino brincar, fazias até a tua mágica de dar um nó na barra de tua saia e paravas a chuva, ora se paravas, Ó pequena!

Nem cor definida nem peitos tinhas, só os carocinhos que doíam e que a cozinheira te ensinou a apertar dois caroços de milho e dar pro galo para que não crescessem tanto. Mas cresceram e logo o doutor e logo o menino, horário estranho, pesada hora, apertavam também, bolinavam, teu corpo ereto, tua cabeça baixa, coração aos pulos. Virou hábito deles, ficou pra costume, nem ousaste compreender, só aprender, Ó pequena!

Fatal foi tua ligeireza, o trabalho na roça, o leite de cabra que bebeste em tenra idade lá de onde aportaste um dia numa sonolenta manhã.

Com pouco já ninguém podia passar sem ti sendo pedaço deles, cria, cachorro fiel, Ó boa pequena! Nem crescestes tanto, alargaste sim, pernas rijas, braços fortes e com pouco já morria o doutor, já envelhecia a senhora, já casava a menina e já trocavas de mão e de patrão,

pois a menina agora já era a mulher branca e perfumada que também enchia de urina o urinol de porcelana.

Pras histórias que me contas desses mil novecentos e poucos, fatal foi tua mansidão de bicho: o búfalo, a corsa e o cão. Diante da mão espalmada, retorno ao meu ofício e aceito ler teu destino mas, te adianto, não vejo mais - pesada hora - rastro sequer de fortuna, perdeu-se a do coração.

Cheia de pejo e de dó vou te esconder, Ó senhora, que fatal foi te roubarem a linha da vida.

Fonte: MEDEIROS, Maria Lúcia. *Velas. Por quem?*. Belém: CEJUP, 1990, p. 11 - 13

TEXTO G

O MENINO É PAI DO HOMEM

Machado de Assis

Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância. Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — “ai, nhonhô!” — ao que eu retorquia: — “Cala a boca, besta!” — Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos.

Não se conclua daqui que eu levasse todo o resto da minha vida a quebrar a cabeça dos outros nem a esconder-lhes os chapéus; mas opiniático, egoísta e algo contemptor dos homens, isso fui; se não passei o tempo a esconder-lhes os chapéus, alguma vez lhes puxei pelo rabicho das cabeleiras.

Outrossim, afeiçoei-me à contemplação da injustiça humana, inclinei-me a atenuá-la, a explicá-la, a classifiquei-a por partes, a entendê-la, não segundo um padrão rígido, mas ao sabor das circunstâncias e lugares. Minha mãe doutrinava-me a seu modo, fazia-me decorar alguns preceitos e orações; mas eu sentia que, mais do que as orações, me governavam os nervos e o sangue, e a boa regra perdia o espírito, que a faz viver, para se tornar uma vã fórmula. De manhã, antes do mingau, e de noite, antes da cama, pedia a Deus que me perdoasse, assim como eu perdoava aos meus devedores; mas entre a manhã e a noite fazia uma grande maldade, e meu pai, passado o alvoroço, dava-me pancadinhas na cara, e exclamava a rir: Ah! brejeiro! ah! brejeiro!

Sim, meu pai adorava-me. Minha mãe era uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, assaz crédula, sinceramente piedosa, — caseira, apesar de bonita, e modesta, apesar de abastada; temente às trovoadas e ao marido. O marido era na Terra o seu deus. Da colaboração dessas duas criaturas nasceu a minha educação, que, se tinha alguma coisa boa, era no geral viciosa, incompleta, e, em partes, negativa. Meu tio cônego fazia às vezes alguns reparos ao irmão; dizia-lhe que ele me dava mais liberdade do que ensino, e mais afeição do que emenda; mas meu pai respondia que applicava na minha educação um sistema inteiramente superior ao sistema usado; e por este modo, sem confundir o irmão, iludia-se a si próprio.

De envolta com a transmissão e a educação, houve ainda o exemplo estranho, o meio doméstico. Vimos os pais; vejamos os tios. Um deles, o João, era um homem de língua solta, vida galante, conversa picaresca. Desde os onze anos entrou a admitir-me às anedotas reais ou não, eivadas todas de obscenidade ou imundície. Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão; com a diferença que este fugia logo que ele enveredava por assunto escabroso. Eu não; deixava-me estar, sem entender nada, a princípio, depois entendendo, e enfim achando-lhe graça. No fim de certo tempo, quem o procurava era eu; e ele gostava muito de mim, dava-me doces, levava-me a passeio. Em casa, quando lá ia passar alguns dias, não poucas vezes me aconteceu achá-lo, no fundo da chácara, no lavadouro, a palestrar com as escravas que batiam roupa; aí é que era um desfiar de anedotas, de ditos, de perguntas, e um estalar de risadas, que ninguém podia ouvir, porque o lavadouro ficava muito longe de casa. As pretas, com uma tanga no ventre, a arregaçar-lhes um palmo dos vestidos, umas dentro do tanque, outras fora, inclinadas sobre as peças de roupa, a batê-las, a ensaboá-

las, a torcê-las, iam ouvindo e redarguindo às pilhérias do tio João, e a comentá-las de quando em quando com esta palavra:

— Cruz, diabo!... Este sinhô João é o diabo!

(...)

Não digo nada de minha tia materna, D. Emerenciana, e aliás era a pessoa que mais autoridade tinha sobre mim; essa diferenciava-se grandemente dos outros; mas viveu pouco tempo em nossa companhia, uns dois anos. Outros parentes e alguns íntimos não merecem a pena de ser citados; não tivemos uma vida comum, mas intermitente, com grandes claros de separação. O que importa é a expressão geral do meio doméstico, e essa aí fica indicada, — vulgaridade de caracteres, amor das aparências rutilantes, do arruído, frouxidão da vontade, domínio do capricho, e o mais. Dessa terra e desse estrume é que nasceu esta flor.

(Disponível em <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/romance/marm05.pdf> - Texto-fonte: *Obra Completa*, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994. Acessado em 23 de abril de 2017)

TEXTO H

QUARTO DE DESPEJO

21 de maio Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha.

... Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o país dos políticos açambarcadores.

Eu ontem comi aquele macarrão do lixo com receio de morrer, porque em 1953 eu vendia ferro lá no Zinho. Havia um pretinho bonitinho. Ele ia vender ferro lá no Zinho. Ele era jovem e dizia que quem deve catar papel são os velhos. Um dia eu ia vender ferro quando

parei na Avenida Bom Jardim. No Lixão, como é denominado o local. Os lixeiros haviam jogado carne no lixo. E ele escolhia uns pedaços: Disse-me:

P. 39 e P. 40

_ Leva, Carolina. Dá para comer.

Deu-me uns pedaços. Para não maguá-lo aceitei. Procurei convencê-lo a não comer aquela carne. Para comer os pães duros ruídos pelos ratos. Ele disse-me que não. Que há dois dias não comia. Acendeu o fogo e assou a carne. Esquentou-a e comeu. Para não presenciar aquele quadro, saí pensando: faz de conta que eu não presenciei esta cena. Isto não pode ser real num paiz fertil igual ao meu. Revoltei contra o tal Serviço Social que diz ter sido criado para reajustar os desajustados, mas não toma conhecimento da existencia infausta dos marginais. Vendi os ferros no Zinho e voltei para o quintal de São Paulo, a favela.

No outro dia encontraram o pretinho morto. Os dedos do seu pé abriram. O espaço era vinte centímetros. Ele aumentou-se como se fosse de borracha. Os dedos do pé parecia leque. Não trazia documentos. Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome.

... De quatro em quatro anos muda-se os politicos e não solucionam a fome, que tem a sua matriz nas favelas e as sucursais nos lares dos operários.

... Quando eu fui buscar agua vi uma infeliz caida perto da torneira porque ontem dormiu sem jantar. É que ela está desnutrida. Os medicos que nós temos na politica sabem disto.

... Agora eu vou na casa da Dona Julita trabalhar para ela. Fui catando papel. O senhor Samuel pesou. Recebi 12 cruzeiros. Subi a Avenida Tiradentes catando papel. Cheguei na rua Frei Antonio Santana de Galvão 17, trabalhar para a Dona Julita. Ela disse-me para eu não iludir com os homens que eu posso arranjar outro filho e que os homens não contribui para criar o filho. Sorri e pensei: em relação aos homens, eu tenho experiencias amargas. Já estou na maturidade, quadra que o senso já criou raízes.

P. 40

... Achei um cará no lixo, uma batata-doce e uma batata solsa. Cheguei na favela os meus meninos estavam roendo um pedaço de pão duro. Pensei: para comer estes pães era preciso que eles tivessem dentes eletricos.

Não tinha gordura. Puis a carne no fogo com uns tomates que eu catei la na Fabrica Peixe. Puis o cará e a batata. E agua. Assim que ferveu eu puis o macarrão que os meninos cataram no lixo. Os favelados aos poucos estão convencendo-se que para viver precisam

imitar os corvos. Eu não vejo eficiencia no Serviço Social em relação ao favelado. Amanhã não vou ter pão. Vou cozinhar a batata-doce.

22 de maio Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo. Sobrou macarrão, eu vou esquentar para os meninos. Cosinhei as batatas, eles comeram. Tem uns metais e um pouco de ferro que eu vou vender no Seu Manuel. Quando o João chegou na escola eu mandei ele vender os ferros. Recebeu 13 cruzeiros. Comprou um copo de aqua mineral, 2 cruzeiros. Zanguei com ele. Onde já se viu favelado com estas finezas?

... Os meninos come muito pão. Eles gostam de pão mole. Mas quando não tem eles comem pão duro.

Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado.

Oh! São Paulo rainha que ostenta vaidosa a tua coroa de ouro que são os arranha-céus. Que veste viludo e seda e calça meias de algodão que é a favela.

... O dinheiro não deu para comprar carne, eu fiz macarrão com cenoura. Não tinha gordura, ficou horrivel. A Vera é a única que reclama e pede mais. E pede:

P. 41

_ Mamãe, vende eu para a Dona Julita, lá tem comida gostosa.

Eu sei que existe brasileiros aqui dentro de São Paulo que sofre mais do que eu. Em junho de 1957 eu fiquei doente e percorri as sedes do Serviço Social. Devido eu carregar muito ferro fiquei com dor nos rins. Para não ver os meus filhos passar fome fui pedir auxilio ao propalado Serviço Social. Foi lá que eu vi as lagrimas deslizar dos olhos dos pobres. Como é pungente ver os dramas que ali se desenrola. A ironia com que são tratados os pobres. A unica coisa que eles querem saber são os nomes e os endereços dos pobres.

Fui no Palacio, o Palacio mandou-me para a sede na Av. Brigadeiro Luís Antonio. Avenida Brigadeiro me enviou para o Serviço Social da Santa Casa. Falei com a Dona Maria Aparecida que ouviu-me e respondeu-me tantas coisas e não disse nada. Resolvi ir no Palacio e entrei na fila. Falei com senhor Alcides. Um homem que não é nipônico, mas é amarelo como manteiga deteriorada. Falei com o senhor Alcides:

_ Eu vim aqui pedir um auxilio porque estou doente. O senhor mandou me ir na Avenida Brigadeiro Luis Antonio, eu fui. Avenida Brigadeiro mandou-me ir na Santa Casa. E eu gastei o único dinheiro que eu tinha com as conduções.

_ Prende ela!

Não me deixaram sair. E um soldado pois a baioneta no meu peito. Olhei o soldado nos olhos e percebi que ele estava com dó de mim. Disse-lhe:

_ Eu sou pobre, porisso é que vim aqui.

Surgiu o Dr. Osvaldo de Barros, o falso filantrópico de São Paulo que esta fantasiado de São Vicente de Paula. E disse:

_ Chama um carro de preso!

P. 42

16 de junho ... O José Carlos está melhor. Dei-lhe uma lavagem de alho e uma chá de hortelã. Eu zombei do remedio da mulher, mas fui obrigada a dar-lhe porque atualmente a gente se arranja como pode. Devido ao custo de vida, temos que voltar ao primitivismo. Lavar nas tinhas, cozinhar com lenha.

... Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:

_ É pena você ser preta.

Esquecendo eles que adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu que voltar sempre preta.

... Um dia, um branco disse-me:

_ Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem.

O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro tambem. A natureza não seleciona ninguem.

P. 64 e P. 65

ANEXO D – Materiais usados nas aulas da turma EJA-MEMO-2

MATERIAL A

Texto Narrativo – Parte 1

Características e Elementos básicos

Narrar é uma manifestação que acompanha o homem desde sua origem. Muitas são as possibilidades de narrar, oralmente ou por escrito, em prosa ou em verso, usando imagens ou não. Narrar é contar histórias. E essa é uma atividade praticada por muita gente: pais, filhos, professores, amigos, namorados, avós. Enfim, todos contam-escrevem ou ouvem-leem toda espécie de narrativa: histórias de fadas, casos, piadas, mentiras, romance, contos, novelas... Assim, a maioria das pessoas é capaz de perceber que toda narrativa tem elementos fundamentais, sem os quais não pode existir. Tais elementos, de certa forma, responderiam às seguintes questões: O que aconteceu? Quem viveu os fatos? Como? Onde? Por quê?

Em outras palavras, a narrativa é estruturada com base em cinco elementos principais. Que são chamados elementos básicos da narrativa.

Elementos Básicos Constitutivos do Texto Narrativo

1.Foco narrativo

✓ O **narrador-personagem** conta na 1ª pessoa a história da qual participa também como personagem.

Sua maneira de contar é fortemente marcada por características subjetivas, emocionais, caracteriza-se pela onipresença, pois o narrador nos conta como coadjuvante ou mesmo protagonista da trama.

✓ O **narrador-observador** conta a história do lado de fora, na 3ª pessoa, sem participar das ações. Ele conhece todos os fatos e por não participar deles, narra com certa neutralidade, apresenta os fatos e os personagens com imparcialidade. Quando possui conhecimento do íntimo das personagens, diz-se que ele é **narrador-onisciente**, pois conhece suas emoções e pensamentos, bem como conhece tudo sobre o enredo. Ele é capaz de revelar suas vozes interiores, seu fluxo de consciência.

2.Enredo

Constitui a construção dos sentidos do texto, visto que é constituído pela narração dos acontecimentos formadores da linha de raciocínio que demarca a dinamicidade vivida pelas personagens, num dado tempo e cenário, mostrada pela através da visão de um narrador. Também pode ser chamado de trama, história, intriga ou ação. Duas são as questões

fundamentais a se observar no enredo: sua estrutura (vale dizer, as partes que o compõem) e sua natureza ficcional. Começemos por este último aspecto.

3. Personagens

A personagem ou o personagem é um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação. Por mais real que pareça, o personagem é sempre invenção, mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em pessoas reais. O personagem é um ser que pertence à história e que, portanto, só existe como tal se participa efetivamente do enredo, isto é, se age ou fala. Se um determinado ser é mencionado na história por outros personagens, mas nada faz direta ou indiretamente, ou não interfere de modo algum no enredo, pode-se não o considerar personagem. Bichos, homens ou coisas, os personagens se definem no enredo pelo que fazem ou dizem, e pelo julgamento que fazem dele o narrador e os outros personagens. Podemos identificar:

1. Quanto ao papel desempenhado no enredo:

a) **protagonista**: é o personagem principal.

- herói: é o protagonista com características superiores as de seu grupo;

- anti-herói: é o protagonista que tem características iguais ou inferiores as de seu grupo, mas que por algum motivo está na posição de herói, só que sem competência para tanto. Na literatura brasileira são mais frequentes os anti-heróis, sempre vítimas das adversidades ou de seus próprios defeitos de caráter

b) **Antagonista** - é a personagem que tenta impedir que o protagonista consiga realizar seu objetivo, seja viver feliz seja conquistar uma cidade. Nem sempre o antagonista é o vilão, ele simplesmente tem uma opinião contrária ao do protagonista.

2. Quanto a caracterização:

a) **personagens planos**: são personagens caracterizados com um número pequeno de atributos, que os identifica facilmente perante o leitor; de um modo geral são personagens pouco complexos.

b) **personagens redondos**: são mais complexos que os planos, isto é, apresentam uma variedade maior de características que, por sua vez, podem ser classificadas em:

- **físicas**: incluem corpo, voz, gestos, roupas;

- **psicológicas**: referem-se a personalidade e aos estados de espírito;

- **sociais**: indicam classe social, profissão, atividades sociais;

- **ideológicas**: referem-se ao modo de pensar do personagem, sua filosofia de vida, suas opções políticas, sua religião; - **morais**: implicam em julgamento, isto é, em dizer se o personagem é bom ou mau, se é honesto ou desonesto, se é moral ou imoral, de acordo com um determinado ponto de vista.

4. Tempo

✓ **Tempo cronológico** – consiste em organizar os fatos na ordem natural de seu acontecimento, diz-se que é o contado no relógio, horas, dias, anos. Uma sequência em sentido horário. Está ligado ao enredo **linear**.

Hoje, acordei, tomei café e me vesti para ir trabalhar. Como o trânsito no caminho para o meu local de trabalho estava complicado, acabei por chegar atrasada.

✓ **Tempo psicológico** – é o tempo que transcorre numa ordem determinada pela vontade, pela memória ou pela imaginação do narrador; não segue uma ordem. É o tempo característico do enredo **não linear**.

Estive relembando os tempos em que corria descalça na terra batida do quintal da casa grande, no sítio da minha avó. Minha memória me fez voltar, por alguns instantes, àquele tempo, em que era possível sentir o cheiro de terra molhada quando chovia. Através das lembranças, revivi tempos que jamais voltarão.

✓ *Flash-back* – técnica utilizada no tempo psicológico para voltar no tempo e contar um fato do passado, em relação ao momento atual da narrativa, a fim de esclarecer um fato.

5. Espaço

É o lugar onde se passa a ação. Articula-se com as personagens, estabelecendo com elas uma interação: pode influenciar suas atitudes ou sofrer transformações provocadas por elas. Os fatos de uma narrativa apresentam relações com o espaço em diferentes níveis:

✓ O espaço **físico** ou **geográfico** – é o espaço onde acontecem os fatos de acordo com a movimentação das personagens.

✓ O espaço **social (ambiente)** – é o espaço que apresenta as condições socioeconômicas, morais e psicológicas em que atuam as personagens. Pode, entre outras coisas, situar as personagens na época, no grupo social e nas condições em que se passa a história, projetar os conflitos vividos por elas, fornecendo pistas para o tipo de desfecho que ocorrerá.

Características do Texto Narrativo

- Apresenta fatos em sequência, numa relação de causa e efeito;
- Os fatos são vividos por personagens, em determinado tempo e lugar;
- Apresenta um narrador que, diante dos fatos narrados, pode assumir dois pontos de vista: o de narrador-personagem ou o de narrador-observador.

Memórias de história de vida

Os processos da memória

Em nosso cotidiano, quando acionamos a memória, estamos sempre fazendo uma relação entre o que está acontecendo agora e o que já aconteceu. Ou seja, a memória do que já aconteceu está sempre presente no que está acontecendo. São exemplos desse fato: lembrar-se do que não tem no armário da cozinha para ir fazer compras no supermercado, lembrar-se do itinerário para ir a algum lugar, lembrar-se do que já está feito em nosso trabalho para começar uma outra etapa, etc. Há outras situações em que a memória surge por meio de perguntas que fazemos ou que fazem para nós e que nos remetem ao passado. Em outros momentos, a memória é despertada por um objeto, um cheiro, uma situação. Ao utilizar a memória, sempre fazemos um jogo do "agora" com o "ontem", do "aqui" com o "lá".

Escrever memórias

Rememorar pode ser algo corriqueiro, que fazemos sem sentir ou pensar. Há momentos, porém, em que nossas memórias são provocadas por situações de comunicação mais formais, como em uma entrevista, por exemplo, em um depoimento que se dá sobre um fato que atingiu a comunidade. A linguagem que usamos nessas situações, ou seja, os gêneros utilizados para rememorar, também são mais formais. São exemplos: a escrita de um relatório de trabalho, de um currículo, de um questionário a ser respondido numa consulta médica, a escrita de uma biografia ou de um livro de memórias literárias.

O escritor de textos que contam memórias de histórias de vida tem a capacidade de recuperar suas experiências de vida, verbalizando-as por meio de uma linguagem na qual é

autoridade. Mais do que lembrar o passado em que viveu, o memorialista narra sua história, desdobrando-se em autor e narrador-personagem.

À medida que escreve seu texto, o escritor-autor-narrador organiza as vivências rememoradas e as interpreta, usando uma linguagem específica - a literária. Nas memórias literárias, o que é contado não é a realidade exata. A realidade dá sustentação ao texto escrito, mas esse texto é constituído, também, por uma certa dose de inventividade. Por um lado, as memórias literárias se aproximam dos textos históricos quando narram a realidade vivida; por outro lado, aproximam-se do romance porque resultam de um trabalho literário.

É possível reconhecer quando o autor se coloca como narrador das memórias pelo uso da primeira pessoa: "eu me lembro", "vivi numa época que...". Podemos reconhecer o narrador-personagem nas memórias quando o autor descreve suas sensações e emoções narrando fatos dos quais ele é o centro, mas que envolvem outros personagens das memórias. Veja os exemplos, retirados de "Viver para contar", de Gabriel Garcia Márquez: "Minha mãe disse assim: `Que bom que você ficou amigo de seu pai.'" e "O zelador riu da minha inocência". Quando é narrador, o autor fala das lembranças como um todo; quando é narrador-personagem, fala de si, muitas vezes pela voz de outros personagens que evoca.

(Disponível em <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1339/o-genero-memorias-literarias> - acessado em 05/10/17 - Texto adaptado)

MATERIAL B

Identificação dos elementos da narrativa (Versões de alunos da turma EJA-MEMO-1)

TEMA: MEU PRIMEIRO AMOR

Texto 1

Título: Momentos Felizes

Quando eu tinha 16 anos eu andava muito em festas, foi numa dessas festas que conhecer o meu grande amor. Tudo começou numa festa no quintal da casa dele, fui com as minhas primas quando cheguei lá ele ficou logo me encarando e eu nem percebia que ele me olhava sem parar.

Minhas primas logo me cutucavam e me falavam, olha o Edinaldo está te olhando desde a hora que agente chegou! Derrepente ele chama uma das minhas primas, e fala; Quero

ficar com aquela tua prima ali, ela falou: vou falar com ela se quer ficar contigo. No inicio eu não queria mais depois acabei aceitando, a gente ficou, uma, duas, três e assim por diante. Quando perceber, eu fazia de pouco dele, dançava com outros meninos so pra ele ficar com ciúmes de mim e eu gostava muito disso. Depois o feiticio virou contra o feiticeiro e ele fazia tudo que fazia com ele, eu chorava escondindo pra ele e nem ninguém ver, em fim ele era uma pessoa maravilhosa. Hoje eu tenho minha família e ele também, mais nunca conseguir esquecer ele, a pesar deu ainda está casada, ele foi meu grande amor.

Texto 2

Título: Amor e Saudade que deixou

Meu primeiro amor era um menino de 17 anos eu era louca por ela e aí por mim ele era um menino muito bonito, agente se conheceu numa igreja mas ele não era da igreja só frequentava ele era do mundo se metia em coisas erradas e eu sempre tentava ajudar ele tira ele da vida errada ficamos juntos 9 meses, ficavamos terminando e voltando Até que agente se separou, eu era louca por ele passamos quase dois anos sem se falar mas, eles sempre passava na frente de casa para me ver sempre queriamos volta mas “amigos” dele sempre queriam separa agente “amigos” que na verdade não era amigos de verdade eles sempre tentaram separa age até que um dia os “amigos” não muitos próximos mataram ele acabaram com o nosso amor, não faz muito tempo que isso aconteceu eu ainda não acredito que isso aconteceu agora ele ta mas no meu pensamento Pensamento do que antes e tá no meus sonhos Parece que tamos mais juntos do que antes, que pena que nosso amor acabou, ainda tenho esperanca que vamos fica juntos, a uns anos atras o irmão dele morreu do mesmo jeito, ate hoje falo com a familia dele.

TEMA: MINHA INFÂNCIA

Texto 3

Título: Um tiquinho de mim

Quando eu era pequena, sempre fui muito calma, tinha vergonha de tudo e de todos, principalmente de jogar futebol pois tinha vergonha de eu errar e todos acharem graça de mim, por isso eu nunca gostei de Bricar de Queimada, Volei, Futibol e etc. Quando alguém me chamava pra bater foto eu me abaixava com medo, vergonha de bater foto.

Eu gostava de brincar de elástico, dama, amarelinha e outras brincadeiras que eram mas meninas que brincavam do que meninos.

Minha casa era um bar, eu morava na rua duque de caxias, Sempre viaa cheio de gente lá. Então eu e minha irmã mais velha (Rosa), mas todos chama ela de Karla, agente aproveitava para brincar em um carioquer, com todas as crianças da Rua da minha casa, como eramos crianças minha mãe adorava arrumar eu e minha irmã como se fossemos gêmeas, só que eu era bem baixinha e tinha o cabelo cacheado e ela era alta do cabelo liso, mas mesmo assim todos que viam agente, pensavam que eramos gêmeas.

Em um belo dia minha mãe enventou de cortar meu cabelo estaquiado, sendo que era noite de lua cheia, cacheado, Resumindo ela estragou com meu cabelo! Todos diziam que noite de lua cheia o cabelo encheu tanto que orrivel! Tive que mandar alizar, praticamente todo dia pois ele não abaixava de jeito nem um.

Eu era muito sentimental qualque coisa que minha mão falava me brigando eu chorava muito, quando minha irmã se juntava com as amigas delas e eu queria ta do lado delas, só que tudo que acontecia eu corria para contar pra minha mãe sobre elas. Minha irmã cresceu e não queria mas que eu sai-se com ela, eu ficava triste porque só comigo que era assim, ela saia com as amigas, Quando elas arrumavam algum namoradinho e eu sabia quando eu ficava com raiva eu contava tudo pra mamãe.

Eu gostava de ver quadrilha e dançar, mesmo sendo vergonhosa eu adorava, eu me encantava vendo que nem ligava pra minha vergonha, e todos os meninos que chegavam gostavam da minha irmã e ninguém me olhava devido minha aparência pois eu tinha muito complexo com minha aparência, e também eu ficava muito triste pois todos só davam atenção pra ela.

Com 6 anos minha mãe me colocou na escola, só que eu não era acostumada fiz muita onda pois não queria ficar na escola e minha unha era grande, eu arranhei todo o rosto da minha professora, dei muito trabalho para poder me acostumar, mais depois fui amizades lá dentro e amei ir pra escola, fiquei do jardim I até a 4ª serie no Colegio Municipal Paulo Freire.

Com um tempo minha mãe, meu pai e eu e meus irmãos se mudamos pra uma outra casa Na Quinta linha que fica no Cordolina, e meus amigos que eu tinha cada um foi pra uma banda, e eu fui conhecendo novas amizades, pois as amizades antigas uns foram se mudando e outros se meteram em coisas erradas então todos de disbandaram. Então eu conheci novas amizades, novas brincadeiras dai comecei tudo de novo.

Com um tempo fui mudando, meu corpo mudou, fiquei diferente, Meu cabelo ficou muito cheio, fiquei muito magra, feinha, todos me zuavam me chamavam de capelo de capacete, eu não me enturmava mas ia ficando triste, com vergonha da minha aparência porque todo mundo me achava feia.

Quando meu Pai e minha mãe moravam na duque de Caxias meu pai bebia muito e chegou um tempo que ele queria bater na minha mãe, ele saía e deixava ela sozinha com eu e minha irmã, já chegamos a passar necessidade, como minha mãe chegou a fazer faxina pra ganhar um prato de comida. Meu Pai (Rosivan) e minha mãe (Dione) já chegaram vender bombons na porta de festa pra dá alguma comida pra gente.

Depois meu pai comprou um terreno e montou uma sucata, depois se mudamos pra casa no Cordolina e minha mãe teve meu irmão (Rosinaldo) e minha irmã (Viviane), foi que meu pai mudou e começou a dá valor na família que ele tinha.

Com um tempo eu fui mudando minha aparência mudou, meu cabelo se ageitou, meu corpo mudou, ai os meninos começaram a olhar pra mim, só que eu já não queria mas que me olhassem pois quando eu era feia todos rião de mim.

Eu sempre conversava com meus irmão pois eu e minha irmã fomos criadas numa condição não muito boa e meus irmão não, eles sempre tiveram tudo que eles queriam, nunca passaram nem um necessidade por isso eles não dão valor no que meus pais dão pra eles, tipo eles são respondam não respeitam meus pais.

MATERIAL C

Texto narrativo – Parte 2 – Elementos importantes, Organização das partes do enredo e curva de tensão e Texto “A velha”, do livro *200 Crônicas Escolhidas*, de Rubem Braga

A VELHA

Rubem Braga

- ZICO

Ontem falamos de você, e me lembrei daquela tarde tão distante em que nós dois, sem um tostão no bolso, desanimados e calados, vínhamos a Avenida e vimos aquela velhinha recebendo dinheiro. Você se lembra? Já estava escurecendo, mas ainda não tinham acendido as luzes, e paramos instante na esquina de uma dessas ruas estreitas que cortam a Avenida. No guichê de uma casa de câmbio e viagens, ainda aberta, uma velhinha recebia maços de notas grandes. Foi tafulhando tudo na bolsa, depois saiu, com um passo miúdo, entrou pela ruazinha, onde as casas do comércio atacadista já estavam fechadas.

Sem olhar um para o outro, demos alguns passos, fascinados atrás da velha. Senti um estranho arrepio e ao mesmo tempo um tremor; meu coração parecia bater mais depressa, e era como se alguém me apertasse a garganta.

A velhinha trotava em nossa frente, e não havia ninguém na rua. Era coisa de um segundo arrancar a bolsa, tirar um daqueles maços de dinheiro, correr, dobrar a esquina. Nunca ninguém desconfiaria de nós – dois jornalistas pobres, quase miseráveis, mas de nome limpo. Naquele tempo nosso problema era dinheiro para andar de bonde no dia seguinte de manhã – e uma só daquelas notas daria para três meses de vida folgada, pagando a conta atrasada da pensão, comprando pasta de dentes, brilhantina, melas, uma toalha, uma camisa, cuecas, lenços...

Naquele idade, para que precisava a velhinha de vestido preto de tanto dinheiro? Não teria nem mesmo tempo para gastá-lo. Além disso, gente não precisava tomar tudo, uma parte só chegava de sobra. Estranho que ao longo de nossa miséria crônica nunca tivéssemos pensado, em um minuto, em roubar; mas naquele momento a ideia surgiu tão subitamente e com tanta força que ficamos com um sentimento de frustração, de covardia, de vergonha e ao mesmo tempo de alívio quando, parados na calçada, vimos a velha dobrar a esquina.

Só então falamos, num desabafo, daquele segundo horrível de tentação. E fomos tocando a pé, mais pobres e mais tristes, para tomar nosso bonde na Galeria e comer o mesquinho jantar da pensão sob os olhos da dona Maria, inquieta com o atraso do pagamento...

Acho que depois nunca nos lembramos dessa tarde - e não sei porque ela me voltou à memória outro dia. Talvez porque um amigo falasse do “quebra-quebra” aqui no Rio e nunca esquecerei aquela mistura de pânico, de furor, de alegria, de raiva, de medo, de cobiça e de libertação do povo. Às vezes fico maravilhado pensando que, durante anos, anos, as joalherias expõem joias caríssimas e passam milhares de transeuntes pobres e nenhum arrebeta aquele vidro para agarrar uma joia. Não há de ser por medo - e mais por hábito, por uma longa e milagrosa domesticação.

Nós dois tivemos aquele tremor quase angustioso, aquela vontade quase irresistível de desfechar um golpe rápido, nós sofremos aquele segundo de agonia - sentindo, de uma maneira horrivelmente clara, que seria justo tomar uma parte do dinheiro da velha. E se continuamos pobres (até hoje, Zico!) e seguimos nosso caminho de cabeça baixa (até hoje!), perdemos o direito de reprovar os que fazem o que não fizemos – por hesitação, ou por estranha covardia.

Fevereiro, 1951

Elementos Importantes

A Verossimilhança

O termo verossimilhança foi utilizado por Aristóteles quando estudava as grandes obras teatrais de seu tempo, as tragédias. Segundo o filósofo, o que permitia a empatia do público com a peça era uma ilusão de verdade que fazia parte da estrutura narrativa da peça teatral, mais que a veracidade dos fatos narrados. Assim, chamou essa peculiaridade da narrativa de *verossimilhança* e a definiu como lógica interna do enredo, que o torna verdadeiro para o leitor, verossimilhança é, pois, a essência do texto de ficção.

Este conceito se aplica hoje às narrativas. Assim, os fatos de uma história não precisam ser verdadeiros (no sentido de corresponderem exatamente a fatos ocorridos no universo exterior ao texto), mas devem ser verossímeis; isto quer dizer que, mesmo sendo inventados, o leitor deve acreditar no que lê. Esta credibilidade advém da organização lógica dos fatos dentro do enredo, da relação entre os vários elementos da história. Cada fato da história tem uma motivação (causa), nunca é gratuito, e sua ocorrência desencadeia inevitavelmente novos fatos (consequência). Na análise de narrativas, a verossimilhança é percebida na relação causal do enredo, isto é, cada fato tem uma causa e desencadeia uma consequência.

O Conflito

É qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, ideias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor. Em geral, o conflito se define pela tensão criada entre o desejo da personagem principal (isto é, sua intenção no enredo) e alguma força opositora, que pode ser uma outra personagem, o ambiente, ou mesmo algo do universo psicológico.

Podemos encontrar nas narrativas diversos tipos de conflitos: morais, religiosos, econômicos, sociais e psicológicos.

A Estrutura do Enredo

Em termos de estrutura, o conflito, geralmente, determina as partes do enredo, sendo esta a mais comum:

- **Apresentação (ou Exposição ou introdução)** – Normalmente o começo da história. Nessa parte o narrador costuma apresentar os fatos iniciais, as personagens, eventualmente o tempo ou o espaço e o conflito a ser superado. Em geral, fica clara a intenção do enredo, vinculado ao desejo ou necessidade da personagem principal.

- **Complicação (ou desenvolvimento)** – é a parte do enredo em que é desenvolvido o conflito. Constitui a maior parte da narrativa, na qual agem forças auxiliares e opositoras ao desejo da personagem e que intensificam o conflito, preparando o leitor para o auge da narrativa.

- **Clímax** – é o momento culminante da história, o momento de maior tensão, no qual o conflito chega a seu ponto máximo. O clímax é o ponto de referência para as outras partes do enredo, que se organizam em função dele.

- **Desfecho ou Desenlace** – é geralmente a solução do conflito, boa ou má. Num conto, desfecho pode também explodir numa revelação. Há muitos tipos de desfecho: surpreendente, feliz, trágico, cômico, etc.

Vejamos um texto que muito bem exemplifica essa organização do enredo:

Observemos um esquema que, de maneira simplificada, ilustra a organização do enredo na estrutura narrativa.



MATERIAL D

Sugestões para melhorar a narrativa e Texto “Os doidos”, do livro *Tantos Anos*, de Rachel de Queiroz e Maria Luiza de Queiroz

Dizer ou **mostrar**

Quando contamos uma história, podemos narrar diretamente os fatos que queremos contar ou levar o leitor a conhecê-los por meio do que contamos.

Por exemplo, se um personagem está triste, há duas possibilidades de contar isso.

“Fulano está triste”

“Fulano chora o tempo todo”

Ao mostrar, deixamos prevalecer uma estratégia que obtêm resultados mais estimulantes para o leitor, pois ele terá que exercitar a imaginação e sua capacidade de deduzir, à medida que vai reconstruindo o mundo que o autor lhe apresenta. A leitura se converte, portanto, num ato criativo.

Vamos observar isso em um excerto do texto “Aniversário”, do livro *Memórias de menina*.

“[...]Como foram bonitos os meus dias vestidos de branco, parecidos com os dedos longos e rosados de minha mãe apontando caminhos! Com aquele vestido azul-marinho começou uma outra etapa de minha vida; nascera minha vaidade.”

Fonte: (QUEIROZ, Rachel de. *Memórias de menina* / ilustrações Mariana Massarani – 4ª ed. – Rio de Janeiro. José Olympo, 2007)

Construindo as cenas

Devemos construir as cenas de uma narrativa, atentando aos detalhes, a fim de levar o leitor a sentir-se nela. Cenas bem construídas são compostas por três fatores:

- **moldura** – elementos fixos do cenário, como objetos, elementos da natureza etc
- **atmosfera** - elementos variáveis, como a luz, sons e a temperatura entre outros
- **ação** - tudo o que ocorre no cenário, desde movimentos até diálogos e pensamentos

Esses elementos devem ser considerados toda vez que se for construir uma cena. No entanto, o produtor do texto pode optar, por vontade própria, por não colocar todos eles.

Observemos, então, a construção de uma cena no fragmento do livro *Quarto de despejo*

“Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar o bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela, na lama, às margens do rio Tietê”

(JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 10. Ed. – São Paulo: Ática, 2014.)

Criando expectativas

É importante contarmos os fatos de modo que o leitor progrida na história e fique com sua atenção presa ao que estamos contando. Podemos levar o leitor a questionar sobre os fatos contados e ir encontrando respostas ao longo da história, elucidando questões e tropeçando em novos enigmas. Dessa forma, ele se manterá atento ao que vai acontecendo.

Observe no fragmento a seguir, extraído do texto “Promessa em azul e branco”, de Eneida de Moares, que o leitor é provocado a continuar a leitura para descobrir por que a personagem só vestia azul e branco, enquanto as outras meninas da sua idade vestiam roupas de cores diversas.

[...]

Sim, sim, recordo muito bem; vestia apenas azul-claro e branco e, de início, minha infância turbulenta e sadia não prestou nenhuma atenção ao fato. Um dia, naturalmente, uma outra menina ou talvez a governanta ou – quem sabe? – a professora, chamou-me ao conhecimento dessa prisão. Isso naturalmente deve ter acontecido no momento em que nascia a minha vaidade. Senti ou mostraram-me que todas as meninas da minha cidade, de meu país e do mundo usavam roupas de cores diversas e eu não. Por quê? Por quê? Perguntei à minha mãe, sempre pronta a responder às minhas perguntas:

– Foi uma promessa. Seu pai andou mal, muito mal, quase morria e sua avó fez uma promessa a N. S.^a de Nazaré: se ele sarasse, se vivesse, você, que acabava de nascer – vestiria até os quinze anos, somente vestidos azul-claros e brancos.

[...]

(MORAES, Eneida. Aruanda. Belém: SECULT; FCPTN, 1989)

A passagem do tempo

Há diferentes formas de tratar o tempo em um relato, seja alterando a ordem cronológica dos fatos ou trabalhando com o tempo psicológico dos personagens.

O tempo pode ser mostrado de forma que pareça prolongado ou mais curto, dependendo da intensidade do que conta. Assim, uma hora de espera ou de sofrimento pode parecer uma eternidade, três dias de felicidade podem passar num piscar de olhos, e seis anos podem ficar reduzidos à lembrança de algumas breves cenas: o tempo com frequência perde a sua dimensão real e adquire outra.

Caracterizando personagens

É preciso que quem conta a história conheça bem os personagens, até mesmo, muito além do que conta sobre eles na história. Deve conhecer, não só fisicamente, como também sua história de vida, sua intimidade, para mostra-los com naturalidade e coerência ao leitor.

Observemos, então, a caracterização de um personagem no fragmento do livro Quarto de despejo

“Havia um pretinho bonitinho. [...] Ele era jovem e dizia que quem deve catar papel são os velhos. [...] No outro dia, encontraram o pretinho morto. Os dedos do seu pé abriram. O espaço era de vinte centímetros. Ele aumentou-se como se fosse de borracha. Os dedos do pé parecia leque. Não trazia documentos. Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome, marginal não tem nome.”

(JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 10. Ed. – São Paulo: Ática, 2014.)

Vamos ler agora o texto abaixo, inspirado nas memórias de histórias de vida das irmãs escritoras cearenses Rachel de Queiroz e Maria Luiza de Queiroz.

Os doidos. [...]

O Pici, o sítio onde morávamos, ficava a uns quatro quilômetros da avenida João Pessoa, que ligava o bairro do Porangaba ao centro de Fortaleza. No caminho de entrada, à direita, havia a chácara de um casal de velhos, duas filhas solteironas e mais uma sobrinha, apaixonada por meu irmão, Luciano. Do lado esquerdo, formando uma espécie de corredor de entrada, ficava o paredão da igreja e, em continuação a ele, o muro alto do asilo de alienados. Se a gente estivesse a cavalo ou na carroceria de um caminhão, quer dizer, num plano mais

alto, com visão sobre o muro do asilo, dava para ver o grande pátio sombreado de mangueiras e cajueiros por onde perambulavam os doidos. Mas esse era um capítulo totalmente vedado para mim. Na minha frente evitavam falar em asilo e em qualquer assunto de doidos: criança não podia saber dessas coisas. Mas eu via e ouvia. Ouvia os gritos por trás do muro – e como eles gritavam! – e os via, aos bandos quando passavam para enterrar os doidos mortos. Os enterros seguiam pelo mesmo caminho que levava ao Pici, mas na bifurcação de uma curva dobravam à direita, em direção ao cemitério deles. Cansei de ver enterros e nunca era um defunto só: sempre de dois, três ou mais. Vinham em redes carregadas pelos outros doidos, dizia-se que os melhores, os menos perigosos. Mesmo assim, só andavam sob a guarda de feitores, armados com um grande facão, desses de cortar mato. Cada grupo era acompanhado por dois ou três feitores, que só faziam diferença dos outros pela roupa e pelo facão.

Os doidos tinham a cabeça raspada e usavam uma roupa de algodão grosso – camisa de manga curta, decote redondo que desse para passar a cabeça, calça larga, no meio da canela, amarrada à cintura por um barbante. Os feitores, além de facão, traziam também um chiqueirado – o relho longo volteando e estalando, mantendo o grupo na linha. Os doidos, uns riam, aquele riso alvar, sem alegria e sem ser dirigido a ninguém; outros, era o olhar brilhando de curiosidade e cobiça, o olhar furtivo de cachorro quando quer atacar um estranho, mas sente medo do dono.

De vez em quando aparecia lá em casa um dos feitores pedindo licença para tirar folhas de cauçu na mata: uma planta que cresce em vergôntes linheiras, chegando a três, quatro metros de altura; as folhas são grossas, muito enervadas, quase circulares, tendo as maiores quase dois palmos de diâmetro. Essas folhas eram usadas como pratos para a comida dos doidos. Diziam as irmãs de caridade, administradoras do asilo, que se fossem usar pratos de verdade eles os quebrariam, se feririam e feririam os outros. Assim, vinha quase sempre Mariano apanhar as folhas. Mariano era um ex-doido, agora feitor, considerado curado, mas de quem, por via das dúvidas, mamãe não me deixava chegar perto. Tinha cerca de cinquenta anos, era branco sarará, pintado de sardas cor de ferrugem e vestia sempre um velho paletó preto costurado com linha branca. Enquanto os doidos melhores arrumavam as folhas em feixes, Mariano ficava no alpendre, conversando com papai, que tinha uma paciência infinita com doidos, bêbedos e chatos em geral (qualidade, ou melhor, característica, pois não sei se isso é qualidade, que Rachel sem tirar uma vírgula).

Uma vez Mariano apareceu com a mão enfaixada num curativo sujo, as tiras de pano já estavam manchadas de sangue; ficou ali, contando histórias do asilo, o facão encostado na

parede, papai se balançando na rede (o livro aberto sobre o peito, o braço apoiando a cabeça, as pernas cruzadas na rede – parece que o vejo agora).

À indagação de papai, Mariano explicou, displicente: “Ah, isso? Foi um doido que comeu um pedaço do meu dedo.”

Outra vez chegou muito revoltado, contando que a irmã Leite se zangara só porque uma doida havia tirado a roupa e ele, vendo aquilo, vestiu nela as calças que usava (sem nada por baixo).

A sua lógica: “O senhor acha, doutor, que eu havia de deixar a mulher daquele jeito, correndo nua no meio dos doidos?”

E papai continuava a se balançar, achando graça e fazendo perguntas.

[...]

Fonte: (QUEIROZ, Rachel de, *Tantos anos* / Rachel de Queiroz, Maria Luiza de Queiroz Salek. – 4 ed. Salek. – Rio de Janeiro: José Olympo. 2010)

MATERIAL E

Texto narrativo – Parte 3 – Tipos de discurso

Tipos de discurso

Numa narrativa, é possível distinguir pelo menos duas vozes: a do narrador e a dos personagens. Evidentemente, não se deve esquecer que a linguagem dos personagens varia de acordo com as condições socioeconômicas de seu meio, a idade, o grau de instrução e ainda a região em que vivem. Independente disso, é possível reconhecer o que é narração (fala do narrador) e o que dizem os personagens. Chamam-se discursos as várias possibilidades de que o narrador dispõe para registrar as falas dos personagens.

Discurso direto

É o registro integral da fala do personagem, do modo como ele a diz. Isso equivale a afirmar que o personagem fala diretamente, sem a interferência do narrador, que se limita a introduzi-la. Há duas maneiras principais de registrar o discurso direto:

1. A mais convencional:

- a) verbo de elocução (falar, dizer, perguntar, retrucar etc.);
- b) dois-pontos;
- c) travessão (na outra linha)

Então eu fui até ela e perguntei:

– Qual o teu nome?

E eu disse o meu nome. Então a gente ficou conversando e eu falei:

– Qual é a parada da gente ficar?

Ela disse:

– Já é!

Variantes da forma convencional

a) O personagem fala diretamente, isto é, sem ser introduzido, e o narrador se encarrega de esclarecer quem falou, como e por que falou.

b) Em vez dos travessões para isolar a fala do personagem, encontramos outra pontuação: vírgula, ponto etc. Só permanece o travessão inicial.

Então eu fui até ela.

– Qual o teu nome? – perguntei. E eu disse o meu nome. Então a gente ficou conversando.

– Qual é a parada da gente ficar? – eu perguntei.

– Já é! – ela respondeu.

c) Várias falas se sucedem sem a presença notória do narrador; apenas se sabe o que fala cada personagem, porque há mudança de linha e novo travessão.

2. Usando aspas no lugar dos travessões:

a) verbo de elocução;

b) dois-pontos;

c) aspas (na mesma linha)

Eu acordei com a minha mãe batendo na porta. Eu corri e abri, chorando. Ela perguntava: “O que foi?” Eu não falava nada. Depois de umas horas, eu consegui falar.

Discurso indireto

É o registro indireto da fala do personagem por meio da voz do narrador, isto é, o narrador é o intermediário entre o instante da fala do personagem e o leitor, de modo que a linguagem do discurso indireto é a do narrador:

Todas as vezes que minha mãe ligava, ela dizia que eu estava bem. Quando ela me dava o celular, eu dizia para minha mãe tudo que ela fazia. Ela pegava o celular da minha

mão e dizia para minha mãe que eu estava mentindo e, é claro que minha mãe acreditava nela.

Discurso indireto livre

É um registro de fala ou de pensamento de personagem, que consiste num meio-termo entre o discurso direto e o indireto, porque apresenta expressões típicas do personagem, mas também a mediação do narrador.

1. Geralmente é usado para transcrever pensamentos.
2. Mantem as expressões peculiares do personagem (por exemplo, "droga!") e a correspondente pontuação: interrogação, exclamação.
3. Não apresenta o "que" e o "se", típicos do discurso indireto.
4. Não apresenta geralmente verbo de elocução.
5. A fala ou pensamento do personagem segue tempos verbais, adjuntos adverbiais e pronomes como no discurso direto (3ª pessoa – ele(ela), eles(elas)).

Ela ficou pensando: Nossa! Que sorriso lindo e que garota simpática!

Ela começou a sentir um friozinho na barriga. Será que estava gostando dela?

ANEXO E – Textos produzidos ao longo da pesquisa

Mem 01 V1

1. A minha infancia foi um pouco estranha
2. o meu pais acabarão se separados quando eu tinha 8
3. anos eu não tinha entendido o que avia aconteci-
4. do até chega um dia que minha mãe acho melho eu
5. e o meus irmãos acaba morados com ele em Anan-
6. ideua quando cheguei na casa a onde eu ia morar co-
7. neci a mulher que ele estava nos primeiros dias tudo
8. ficou estranho mais eu tinha que mim acostuma
9. não fiz muitas amizades na rua pelo farto que não gostava
10. de morar lá e também por sair na rua e quando
11. sair era com a minha madrasta para ir na
12. feira em outros lugares de pouco fui mim acostu-
13. mado ate chega o dia de eu ir para a escola ao entra
14. na sala via que ali não era o meu lugar ficava
15. sempre na minha centava na cadeira abaixava
16. a minha cabeça e mim lembrava da minha
17. mãe quando eu tinha 14 anos eu fui estudar em
18. outro colégio e fiz duas amizades agente era só lou-
19. cora pelas brincadeira eu praticamente ai toda tarde
20. na casa de uma delas pra ir junto parar escola de
21. pouco fui vendo que tinha que sopeira o que aconteceu
22. comigo tudo ficou melhor eu sempre era aquela me-
23. nina de ficar na minha na escola não ligava
24. pra quem achavam que eu era uma pessoa estranha
25. pelo farto de não fala com outras pessoas na sala mesmo
26. com a minha brincadeira sempre fui boa aluna

Mem 01 V2

1. Estava lembrando da minha infância, como
2. os meus pais e meus irmões. Agente era muito pequeno
3. principalmente eu em todos nos era quatro, mais sempre um
4. cuidado do outro, acabei lembrado das nossa bricadeira que era
5. muito legais não gostava de brinca com a minha irmã que se
6. chama Luciene, ela tinha 5 anos e eu 7 e preferia brinca
7. com o meus dois irmos que era mais velho um se chama Marcilio
8. e o outro Adailton e outro meninas com eu era a unica menina,
9. e pequena não podia ficar com eles e isso me deixo triste.
10. pra mim eles não gostava de mim. Minha mãe se chama
11. Silvana ela sempre, se preocupado quando via um de nós triste
12. e dava si pra agente. O meu pai se chama Moaci e eu
13. quase nos via, ele trabalhava como entregando de cerveja.
14. E meu pai saia de casa cinco e meia da manha e nessa
15. hora eu e meus irmos estava dormindo, nós via ele sair.
16. Final de semana ficava com agente e minha mãe nós
17. trabalhava parar cuida da gente com meu pai trabalhava

18. o dia todo e so chegava la pra oze hora ou meia noite e
 19. agente já estava dormindo então ele nós era muito de fala com
 20. nos ele se preocupava em dar o que nos mais precisava.
 21. Quando não era isso o meu pai estava viajando e minha
 22. mãe acabou estranhado foi ai que percebeu que as vezes não era
 23. viaje e sim estava com outra mulher que se chamava Zenilda
 24. e acabarão separados mais nos ficamos um templo com a minha
 25. mãe e nesse templo ela via que não tinha mais condição e acho
 26. melhor nos ir com o meu pai parar Ananindeua a onde eu ia
 27. morra vir a mulher do meu pai o nome dela e Zenilda no
 28. começo não gostei, dela mais com um templo fui mim
 29. acostumado com a familia nova. Então percebia que minha
 30. tia fiz de tudo parar cuida de cada um de nos pra não vive um
 31. vida dessa de perdição. Lagou o seu trabalho parar cuida dos filhos
 32. que nós era dela até que chegou o momento que agente
 33. resolveu volta morra com a minha mãe.
 34. Fiquei pensado se eu tivesse com a minha mãe nesse
 35. templo eu não seria nada podia mim volver com cois-
 36. as errada como, as meninas do meu bairro namorado
 37. com traficante, imaginando eu fazer a minha família
 38. passa por isso e acabado sendo presa, ou morta.
 39. Hoje eu percebi que tudo aquilo que aconteceu era parar o
 40. meu bem, tenho o meu estudo com um templo vou
 41. fazer o meu curso ter um trabalho junto etc...
 42. E mesmo eu morrado com minha mãe vou as
 43. vezes vizeta minha tia Zenilda mesmo ela e
 44. meu pai separado. Agora como agente nós tá mais com
 45. ela resolveu volta trabalha pelo fato de ter feito a
 46. parte dela cuida de quatro criança sendoqueu não teve
 47. nem um com meu pai.

Mem 01 V03

1. Meu nome e Samylla estava lembrando da
2. minha infancia com os meus pais e meus irmãos.
3. Não foi muito fácil para todos pelo fato que não sabia que
4. é ria acaba mudando a minha rotina de criança.
5. A gente era muito pequeno, principalmente e,
6. ao todo nós eramos quatro a gente morar no tocantins,
7. Aqui eu tinha uma menina para brinca, quando não
8. Ia para escola.
9. como eu estudava teme-diario tava tempo para ficar um
10. pouco em frente de casa.
11. O meus dois irmãos que era mas velho eles estudndo de
12. manhã e minha irmã que tinha cinco anos não estudava
13. então ficava em casa com a minha mãe.
14. Ela não trabalhava estava cuidando da gente.
15. Acabei lembrando das nossas bricadeira que
16. eram muito legais.

17. Não gostava de brincar com a minha irmã, que se
18. chama Lucia. como tinha cinco e eu sete preferia brincar
19. com o meu dois irmãos que e mas velho.
20. Um se chama: Marcelio e o outro Gustavo e outro
21. meninos com eu era a única menina e pequena não podia
22. ficar com eles e isso me deixou triste.
23. Para mim, eles não gostavam de mim, minha mãe se
24. chama Leticia.
25. Ela sempre se preocupa quando via um de nos triste e dava
26. o melhor para a gente. O meu pai se chama Luiz e eu quase
27. não via. Ele trabalhava como entregador de cerveja. Meu pai
28. saia de casa cinco e meia da manha e nesse hora
29. eu meu irmãos estávamos dormindo. Não via sair final
30. de semana ficava com a gente, então com isso a gente
31. não tinha muita comunicação com ele gente preferia
32. ficar falando as nossa coisa para ela do que ele que não
33. tinha tempo. Como o meu pai trabalhava o dia todo
34. e só chegava lá pará oze hora ou meia noite e a
35. gente já estava dormindo. Então, ele não era muito de falar com
36. a gente. Ele se preocupava em dar o que nos mais precisavamos.
37. Quando não era isso o meu pai estava viajando e minha mãe
38. acabou estranhando. Foi então que percebeu que, as vezes e não era
39. viagem e sim estava com outra mulher, que se chamava
40. Thais que morava em Ananindeua. Eles acabaram se
41. parado, mas nós ficamos um tempo com a minha
42. mãe e nese tempo, ela via que não tinha que ir em
43. bora para outro luga sabendo que minha mãe não
44. tinha condisão para cuida de quatro criança sem o pai.
45. Há onde ei ia morar, vi a mulher do meu pai o nome
46. dela e Thais no começo não gostei dela, mais com o tempo,
47. fui me acostumado com a família nova. Então, per-
48. cebi que minha madrasta fez de tudo para cuidar de
49. cada um de nós para não vive um vida vida dessa de perdição.
50. Ela largou o seu trabalho para cuidar dos filhos que não eram
51. dela, até que chegar o momento que a gente resolveu voltar
52. a morar com a minha mãe no Tocantins. Fiquei pensando
53. que, se eu tivesse com a minha mãe nesse tempo eu não seria
54. nada. Podia me envolver com pessoas errada, como as meninas
55. do meu bairro, namorados com traficantes, imaginando eu
56. fazer a minha família passar por isso e acabar sendo presa
57. ou morta. Hoje, eu percebi que tudo aquilo que aconteceu
58. era parar o meu bem. Tenho o meu estudo. Com o
59. tempo, vou fazer o meu curso ter um trabalho junto etc...
60. E mesmo eu morando com a minha mãe, vou ás vezes,
61. visitar minha madrasta Thais, mesmo ela e meu pai
62. separados. Agora como agente não tá mais com ela resolveu
63. voltar a trabalha pelo fato de ter feito a parte dela: cuidar de quatro

64. crianças, sendo que não teve nem um com meu pai

Mem 02 V1

1. Era uma vez uma Historia muito louca por Amo
2. Eu estava Sentado na frente de casa precisando de dinheiro
3. para na ir a uma Festa porque quando eu trabalhava
4. todo o final de Semana eu ia receber o meu dinheiro
5. para ir para Festa mais eu tinha cido demedido emtão
6. chegou o final de semana e eu Sent
7. cem dinheiro eu milevandeí e fui arranja dinheiro de
8. qualquer forma porque o meu aniversario e eu queria
9. curti meu aniversario na festa com os amigos
10. eu pensei vou pega uma faca e vou roubar um aparelho
11. então peguei a minha bicicleta é fui pro conjunto maguari
12. pega o aparelho para vende então uma mulher com um
13. aparelho inomi então eu falei é essa mesmo então quanto
14. estava quase chegando perto da mulher eu olhei para
15. o chão e vir 100 Reais voltei para casa com os cem Reais
16. é não roubei a mulher porque os cem Reais era dela
17. ela estava preugurando o dinheiro então eu voltei pra
18. casa com o dinheiro miarrumei para ir para Festa
19. que era uma Social então compreir 3 garrafas de
20. vinho é levei para social e uma cardeira de cigarro
21. luque estraique quando eu entrei na Social e vir uma
22. menina é e miapaixonei porela então eu acheguei perto
23. dela e disse qual e a parada da gente fica ela disse
24. jaé então eu valei porá pra casa mifalaram qua a
25. policia vai invadi aqui ela falou da porá quando
26. agente estava saido da Social os policias chegaram
27. e enquadraram todo mundo e os dimenores iam
28. tudo para o conselho dudela eu e ela também levaram
29. a gente também então foi a jeito a gente fica no
30. conselho dudela mais quando chegamos la eles
31. separaram a gente depois nunca mais vir ela
32. fiquei muito trisdi porque eu Só olhei para ela é mi
33. apaixonei Eu pergundei pros meus amigos e ninguem
34. conhecia mais eu encontrei uma menina que estava
35. com ela e disse a ela cade aquela menina que eu
36. estava ficando ela me disse ninguem difalou nada
37. ela morreu olhei para ela e disse ela morreu duque
38. ela morreu baleada eu disse meu deus porque pai
39. eu amava tanto a quela menina sem eu der conhecido
40. ela direito. Então foi porisso que esse dia que ela morreu
41. marcou a minha vida áte hoje foi dificil esquecer
42. mais eu concigui esquecer aquela menina que Eu Amava
43. essa Historia muito louca aconteceu com Luizinho E Sandrinha.

Mem 02 V2

1. Era uma vez uma história muito

2. louca por amor.
3. Eu estava sentado na frente de casa,
4. precisando de dinheiro.
5. Quando eu trabalhava, todo o final
6. de semana eu ia receber o meu dinheiro
7. para ir á festa.
8. O meu patrão, Quando eu trabalhava
9. Com ele, eu não Saia no meu horário de
10. Saida certo.
11. Então, eu me demiti de onde eu trabalhava.
12. Era numa vidraçaria, na Feira do Tenoné.
13. É isso! Então, eu, sentado, na frente de casa,
14. precisando de dinheiro.
15. Peguei a minha bicicleta e fui roubar
16. um celular para vender.
17. Eu avistei uma mulher com um celular
18. na rua, andando para um lado e para o
19. outro.
20. Era de noite.
21. Então, Quando eu estava quase chegando
22. perto dela, olhei para o Chão e vi cem reais,
23. que ela tinha perdido.
24. Peguei o dinheiro, subi na bicicleta e vim
25. Embora.
26. A mulher ficou me chamando ! Ei! Ei! Ei”
27. eu fui embora, porque a mulher queria o
28. dinheiro dela.
29. Parei no surpermercado e comprei
30. uma garrafa de vinho, uma carteira
31. de cigarro e fui para uma social.
32. Paguei a minha entrada.
33. Quanto eu entrei na casa, encotrei
34. meus três amigos que se chamavam
35. Junior, Samira e Andersom e mais duas
36. meninas que estavam me olhando, que
37. se chamava Carol e Sandrinha.
38. Elas estavam bebendo vinho e a Sandrinha
39. me chamou atenção.
40. Ela dançava e olhava para mim
41. e eu me apaixonei.
42. Então, fui até ela e pergundei o nome dela
43. e eu dissí o meu nome.
44. Então, ai agente ficou confersando e ai Eu
45. falei qual e a parada da gente fica ela disse jáé
46. Então meu amigo me falou que a policia
47. Ia invati a casa.
48. Então, eu falei para Sandrinha vamos para
49. minha casa mais quando agente estava
50. saído da Social, eles chegaram e enquadraram
51. todo mundo.

52. E agente foi pro conselho dutela chegando
53. lá, eles separaram a gente e tes tai nunca
54. mais vi ela.
55. Então, dias passados eu vi a amiga
56. dela pergundei para ela cade a sua amiga
57. Sandrinha.
58. Então, ela me falou ninguem difalou que ela
59. morreu.
60. Então, eu falei que não ela estava devendo
61. Drogas.
62. Então, quando ela saiu do conselho dutela
63. de noite dois muleces de moto deram dois
64. diros na cabeça dela e ela morreu.
65. Então, eu fiquei muito trizte eu queria
66. namora com ela.
67. Então, eu desiti que nunca mais ia me
68. apaixonona.
69. Por outra menina até que na escola eu conhece
70. uma menina que Se chamava milene.
71. Então, eu comecei a namora a milene é o
72. primeiro Beijo que eu dei dela me vez esquecer
73. todo que tinha acontecido comigo.
74. Então, eu me apaixonei pela milene e agente
75. está até hoje namorado.
76. É nós estamos muito Felizes juntos, e essa e
77. a Historia aconteceu trizti que derminou com o final Feliz.
78. Essa Historia aconteceu com Luizinho e Milene e a
79. Sandrinha que morre.
80. Então, como Sandrinha morre ficou só.
81. Luizinho e milazinha Felizes para sepre.
82. Fim

Mem02 V03

1. Era uma vez uma história
2. louca por amor.
3. ...Eu estava sentado na frente de casa,
4. precisando de dinheiro.
5. Quando eu trabalhava, todos os finais-
6. de Semana eu recebia o meu dinheiro-
7. há fui numa festa Social. festa de
8. adolescentes.
9. O meu patrão, quando eu trabalhava-
10. com ele, eu não Saia no meu horário de-
11. Saída certo.
12. Ai eu mi demiti de onde eu traba-
13. lhava
14. .Então eu estava sentado na frente de-
15. casa precisando de dinheiro. fui na casa-

16. do meu primo peguei a bicicleta e fui roubar-
17. um celular para vender.
18. . Eu vi uma mulher com um
19. celular na rua, andando para um lado-
20. e para o outro.
21. Era á noite. Quando eu estava
22. quase chegando perto dela, olhei para o-
23. chão e achei cem reais. Era dela que
24. Ela perdeu. peguei o dinheiro, subi na
25. bicicleta é fui embora. ai a mulher
26. ficou me chamando. fui embora nem-
27. liguei.
28. Pará no Super mercado e comprei
29. uma garrafa de vinho, uma carteira de
30. cigarro e fui para uma festa social (festa
31. de adolescentes) Paguei minha entrada e
32. Entrei na casa, encontrei. Meus três
33. amigos. Eles estavam bebendo vinho.

34. ai conheci uma menina que se chama
35. va. Sandrinha Ela dançava e olhava
36. para mim e eu mim apaixonei pela
37. Sandrinha. Ela estava bebendo vinho e
38. Então fui até ela e perguntei ai a gente
39. ficou conversando e ai meu amigo me-
40. falou que a polícia ia envadir a festa
41. É eu falei para Sandrinha vamos
42. para minha casa. saindo da Social, eles
43. chegaram a em quadra todo mundo
44. E a gente foi para o conselho tutelar
45. chegando lá, eles separaram a gente e nun-
46. ca mas vi.
47. Passou alguns dias ai perguntei para-
48. a amiga dela. cadê a Sandrinha. Vc-
49. não souber. Matarão a Sandrinha
50. Ela estava devendo drogas. dois moleques-
51. mataram ela com dois tiros na cabeças-
52. ai fiquei muito triste. queria namorar-
53. com ela. ai decidi que nunca mais-
54. eu ia me apaixonar. Por outra menina-
55. até que, na escola eu conheci-
56. uma menina que se chamava Milena-

57. Eu comecei a namorar com Ela-
58. primeiro beijo que dei nela me fez esquecer-
59. tudo que tinha acontecido comigo.
60. Me apaixonei por Ela e a gente
61. estamos até hoje namorando e estamos-
62. muito felizes.
63. É essa é a história triste que terminou-
64. com o final feliz. Essa História aconteceu com
65. igo e Milene.
66. FIM

Mem 03 V 1

1. Minha relação com a minha, avó era maravilhosa
2. conversávamos muito e sempre fazíamos orações juntas Já com a
3. minha mãe não era nada agradável, porque brigávamos muito
4. e ela não me entendia quase em nada.
5. Na verdade, não fui morar com a minha avó, apenas
6. ficava mais tempo ao lado dela do que com os meus pais.
7. Minha avó faleceu, Pois além da diabetes que ela tinha, so queria
8. fazer e comer aquilo que queria com a sua desobediência.
9. Isso tudo afetava sua saúde.
- a. Recebi a noticia logo que eu cheguei da escola, que a mi-
10. nha avó passou muito mal ao decorrer do dia e faleceu do coração
11. devido ter ficado sozinha em casa e que provavelmente não tinha
12. tomado seus remédios.
13. Com essa situação toda, me senti a pior pessoa do mundo. Incon-
14. formada, fiquei com depressão, me isolei para o mundo, não esperava que
15. iria ser assim dessa forma. Saí de casa. Às vezes, dormia fora, dormia
16. na casa de alguns colegas. Às vezes, dormia nas ruas, em bancos de
17. praças etc...
18. Resolvi simplesmente ter saído da casa dos meus
19. pais, porque além da convivência que eu tinha com a minha
20. mãe que não era nada estável, resolvi tentar de alguma
21. maneira escapar da situação em que eu estava enfrentando
22. e passando, por ter perdido minha avó, eu estava comple-
23. tamente confusa, triste e bastante desorganizada.
- a. O meu expressar era totalmente agressivo, os falava
24. alterada, gritando,, um lado anormal, me vestia toda de
25. preto quase sempre, me vestia assim porque gostava
26. estilo mais gótico, usava muitos piercings na orelha, no
27. nariz, na boca, quase em toda parte tinha brincos, um
28. lado só meu que ao mesmo tempo era assustador além
29. disso, frequentava cemitérios é a por lá, para beber com
30. os meus amigos que frequentavam e gostavam também
31. lá conversávamos, bebíamos quase sempre vinho, as vezes
32. era cerveja. Depois ficávamos por aé, andando sem rumo
33. frequentávamos festas, lugares que não era nada agradável-
34. veis.
35. Certo dia, eu e mais seis amigos resolvemos ir a

36. uma festa no centro de Belém, em uma boate. Bebemos
37. o suficiente, estávamos bebendo cerveja, fumando, depois
38. dançamos vários tipos de músicas em estilos de, funks, eletrônica
39. reggae e em fim. Depois disso tudo, resolvi me ausentar, indo
40. ao banheiro onde por lá demorei uns minutos. Assim que eu
41. voltei tornei a beber mais não era cerveja e, sim wis-
42. ky e no mesmo copo.
43. Portanto, algo muito estranho começou a me dar. me deu
44. tonturas, e a minha vista começou a escurecer. Daí não sei o que
45. tinha acontecido de certeza. E, sim quando me deparei com um
46. outro dia lá estando claro. Acordei e, estava em um quarto
47. todo quebrado, no chão meio sujo onde nesse quarto era apenas
48. um quadrado e com uma porta. Eu estava bastante
49. assustada, eu tremia, chorava, me vi completamente cheia de
50. marcas sobre o meu corpo, marcas de hematomas, meu
51. corpo todo doía, estava sem minha roupas de baixo e ao
52. mesmo tempo toda machucada, estava com sangue sobre mim
53. Percebi, que eu tinha sido violentada e que por falta
54. e cuidados meus alguém podia ter colocado algum tipo de
55. droga ou boa noite cinderela em minha bebida, que acabou
56. se resultando nessa tragédia, situação muito constrangedora
57. onde eu estava desesperada, com raiva e bastante
58. em choque.
59. Assim que esse momento tenso passou, eu fui procurar
60. por uma prima minha chamada Luana em que se
61. encontra no tapana. com isso, queria saber se eu podia
62. ficar na sua casa que fica na rua do cabano
63. quando cheguei lá para chama-la, quem atendeu foi
64. o marido da minha prima Luana que se chama Lucas
65. perguntei por ela, mais ele disse que ela não estava, pergun-
66. tei se ela ia demorar e o Lucas me explicou que a
67. Luana minha prima viajado e não me deu
68. detalhes de mais nada sobre ela e, eu não perguntei
69. e nem quis saber porque o marido dela e muito chato
70. Sai e fui para o rumo do centro onde tem os mercados
71. e feiras do tapana, me sentei na calçada de uma casa, parei
72. para pensar para onde eu ia , se permanecia por aí, ou se eu
73. voltava para minha casa. mais eu não queria voltar, porque sabia
74. que eu iria tornar a brigar com meus pais e que não íamos nos
75. entender. Com isso, passou uma senhorinha que estava com alguns papeis
76. de igreja e estava entregando para quem estava aceitando, além disso
77. uma breve palestra. Ela parou e perguntou se eu gostaria de receber
78. uma palavra e mais o papel e se apresentou disse que se chamava
79. Rosilene que era congregada da igreja onde sempre estar presente
80. e que é obreira. Me passou um pouco da palavra de Deus para
81. mim e explicou alguns versículos da bíblia sagrada, com isso
82. saiu do assunto de igreja e sentir que as suas palavras tinham
83. a ver comigo. resolveu me algumas coisas onde, eu estava
84. passando por um momento bastante delicado da minha vida
85. onde estava passando por diversos obstáculos e estava

86. se aprofundando fortemente que estava tocando muito
87. no meu coração, cada detalhe e palavras que a Rosilene me
88. falava e que tinham tudo a ver, pois nem nos conhecíamos
89. e ela conseguiu ver e sentir o que eu estava passando.
90. Conversamos bastante até mesmo se emocionou pelas
91. coisas que eu disse para ela. Ela me chamou para eu
92. ficar na sua casa o tempo que fosse necessário para mim
93. Morava apenas, ela e o seu filio Rômulo de 14
94. anos de idade, Passei a frequentar a igreja com a dona
95. Rosilene, passávamos a grande maioria do dia juntas,
96. ajudava com os afazeres da sua casa como, lavar,
97. passar e cozinhar. Eu gostava, era como se eu visse
98. a minha própria avó nessa senhora e que estava sendo
99. muito útil e especial para mim.
100. com isso minhas características já estavam renovadas. passei a
101. não usar mais brincos que eram totalmente exagerados
102. minha postura já estava mais complexa, até o modo
103. de dialogar eram cultos e mais calmas, passei a
104. usar roupas claras, vestidos, cabelo maior e mais organizado
105. e salto, estava mais organizada.
106. Minha experiência sitada, e mais minha mudança
107. foi algo bastante radical e, resolvi me redimir. Foi
108. algo de extrema importância e que através da Dona
109. Rosilene. Deus a usou e colocou ela em meu caminho
110. Para poder me amparar e pude me vêr em algo
111. que mudou isso tudo deixando mais tranquilo
112. minha vida. E longe daquilo que fosse desagradável
113. para mim e para aqueles que realmente queriam o meu
114. bem.
115. Hoje me vejo como uma pessoa melhor, madura,
116. otimista, e sempre objetiva e sempre tomando pose
117. de conhecimentos que eu aprendo todos os dias de
118. minha vida.
119. Aprendi muito com tudo que eu passei, essas diverssi-
120. dades e me ajudou a tornar esse alguém em que eu
121. me cobro ser hoje e agora.

Mem 03 V03

1. Minha relação com a minha, avó era maravilhosa, conversáva-
2. mos muito e sempre fazíamos orações juntas. já com min-
3. ha mãe não era nada agradável, porque brigávamos
4. muito e ela não me entendia quase em nada.
5. Na verdade, não fui morar com a minha avó, ape-
6. nas ficava mais tempo ao lado dela do que com os
7. meus pais. Minha avó faleceu, pois além da diabetes
8. que ela tinha, só queria fazer e comer aquilo que
9. queria com a sua desobediência. Isso tudo afetava a
10. sua saúde.
11. Recebi a noticia logo que eu cheguei da escola, que

12. a minha avó passou muito mal ao decorrer do dia
13. e faleceu do coração devido ter ficado sozinha em
14. casa e que provavelmente não tinha tomado seus
15. remédios.
16. Com essa situação toda, me sentia a pior pessoa
17. do mundo. Inconformada, fiquei com depressão, me
18. isolei para o mundo, não esperava que iria ser
19. assim dessa forma. Sai de casa. Às vezes, dormia
20. fora, dormia na casa de alguns colegas. Às vezes,
21. dormia nas ruas, em bancos de praças etc...
22. Resolvi simplesmente ter saído da casa dos
23. meus pais, porque além da convivência que eu
24. tinha com minha mãe que não era nada estável,
25. resolvi tentar de alguma maneira “escapar” da situação
26. em que eu estava enfrentando e passando por ter
27. perdido minha avó, eu estava completamente com-
28. fusa, triste e bastante desorganizada.
29. O meu expressar era totalmente agressivo, só fala-
30. va alterada, gritando, um lado anormal, me
31. vestia toda de preto quase sempre, me vestia assim
32. porque gostava, estilo mais gótico, usava muitos
33. piercings na orelha, no nariz, na boca, quase em toda
34. parte tinha brincos, um lado só meu que ao mesmo
35. tempo era assustador além disso, frequentavam cemiterios
36. ía por lá, para beber com os meus “amigos” que frequen-
37. tavam e gostavam também la conversávamos, bebía-
38. mos quase sempre vinho, as vezes era cerveja. Depois
39. ficávamos por aí, andando sem rumo frequentavam-
40. os festas, lugares que não eram nada agradáveis.
41. _Certo dia, eu e mais seis amigos resolvemos ir
42. a uma festa no centro de São Paulo, em uma boate.
43. Bebemos o suficiente, estávamos bebendo cerveja, fumando,
44. depois dançamos vários ritmos de músicas em estilos, de,
45. funks, eletrônicos, reggaes enfim. Depois disso tudo, resol-
46. vi me ausentar, indo ao banheiro onde por lá demorei uns
47. minutos. Assim que eu voltei, tornei a beber mais não era
48. mais cerveja e, sem wiskg e no mesmo copo.
49. Portanto, algo muito estranho começou a me dar.
50. me deu tonturas, e a minha vista começou a escurecer
51. daí não sei o que tinha acontecido de certeza. E, sim
52. quando me deparei com um outro dia já estando claro. Acor-
53. dei e, estava em um quarto todo fechado, no chão meio
54. sujo, onde nesse quarto era apenas um quadrado e com
55. uma porta. Eu estava bastante assustada, eu tremia,
56. chorava, me vi completamente cheia de marcas sobre o
57. meu corpo, marcas de hematomas, meu corpo todo
58. duía, estava sem minhas roupas de baixo, ao

59. mesmo tempo toda machucada, estava com sangue
60. sobre mim.
61. Percebi, que eu tinha sido violentada e que por
62. falta de cuidados meus alguém podia ter colocado
63. algum tipo de droga ou boa noite cinderela em minha bebida
64. que acabou se resultando nessa tragédia, situação muito
65. constrangedora onde eu estava desesperada, com raiva
66. e bastante em choque.
67. Assim que esse momento tenso passou, eu fui procurar
68. Por uma prima minha chamada Heloísa que se encontra-
69. va no interior de São Paulo. Com isso, queria saber se
70. eu podia ficar na sua casa que fica na rua São ber
71. nado dos campus, perto do posto de saúde. quando
72. cheguei lá para chama-la, quem atendeu foi o marido
73. da minha prima – Márcio, perguntei por ela, mais ele
74. que ela não estava, perguntei se ela iria demorar e o
75. Márcio me explicou que a heloísa minha prima tinha
76. viajado e não me deu detalhes de mais nada sobre
77. ela e, eu não perguntei e nem quis saber porque o marido
78. dela é muito chato.
79. Saí e fui para o rumo do centro onde tem as lojas
80. os mercados de São Paulo. Me senti na calçada de uma
81. casa, parei para pensar para onde eu ia, se permanecia por
82. aí, ou se eu voltava para a minha casa. mais eu não
83. queria voltar, porque sabia que eu iria tornar a brigar
84. com meus pais e que não íamos nos entender. Com isso,
85. Passou uma senhorinha que estava com alguns
86. papéis de igreja e estava entregando para quem estava
87. aceitando. Além disso uma breve palestra. – Ela parou
88. e- perguntou: seu eu gostaria de recebe, uma palavra e
89. mais o papel. Ela se apresentou, disse que se chama
90. va Rosileia e, que era congregada da igreja Universal
91. onde sempre estar presente e que é obreira. Me passou
92. um pouco da palavra de Deus para mim e explicou algu-
93. ns versículos da biblia sagrada, com isso saiu do assunto
94. da igreja e sentir que suas palavras tinham a ver comi-
95. go. Resolveu me revelar algumas coisas onde, eu estava
96. passando por um momento bastante delicado da minha
97. vida, onde me encontrava por diversos obstaculos e estava
98. se aprofundando fortimente que estava tocando muito no
99. meu coração, cada detalhe e palavras que a Rosileia
100. me falava e que tinham tudo a ver, pois nem nos
101. conhecíamos e ela conseguiu ver e sentir o que eu estava
102. passando.
103. Conversamos bastante até mesmo se emocionou pelos
104. coisas que eu disse para ela. Ela me chamou para eu fica-
105. r na sua casa o tempo que fosse necessário para mim.

106. Morava apenas a Rosileia e o seu filho Raimundo
 107. de 14 anos de idade, passei a frequentar a igreja
 108. com a dona Rosileia, passavamos a grande maioria
 109. do dia juntas. Ajudava com os afazeres da sua casa,
 110. lavar, passar e cozinhar. Eu gostava, era como se
 111. eu visse a minha propria avó nessa senhora e que
 112. estava sendo muito útil e especial para mim.
 113. Com isso, minhas características já estavam reno-
 114. vadas. Passei a não usar mais brincos que eram
 115. totalmente exagerados, minha postura já estava mais
 116. calmas, passei a usar roupas claras, vestidos, cabelo
 117. maior e mais organizado e salto, estava mais
 118. organizada.
 119. Minha experiência sitada, e mais minha mudança
 120. foi algo bastante radical e, resolvi me redimir.
 121. foi algo de extrema importância e fui através da
 122. dona Rosileia. Deus a usou e colocou ela no
 123. meu caminho para poder me amparar e pude me
 124. vêr em algo que mudou isso tudo, deixando mais tranquila
 125. minha vida, e longe daquilo que fosse desagradável
 126. para mim e para aqueles que realmente queriam o meu
 127. bem.
 128. Hoje me vejo como uma pessoa melhor, madura
 129. otimista, objetiva e sempre tomando pose de conhecimentos
 130. que eu aprendo todos os dias de minha vida.
 131. Aprendi muito com tudo que eu passei, essas diver-
 132. ssidades me ajudou a tornar esse alguém em que
 133. eu me coloco ser hoje agora.

Men 04 V 01

1. Vou falar da minha vinda pra Belém
 2. quando completei 14 anos, minha mãe
 3. veio da França morar comigo em São
 4. Paulo, fiquei muito feliz com isso mais
 5. a família da minha mãe e de Belém a e
 6. veio a parte que eu não gostei, minha
 7. vida toda tava em São Paulo, e mudar pra
 8. mim era difícil gostava da minha escola,
 9. amigos, e play center sem falar nos jogos
 10. do Corinthians que eu não perdia
 11. o clima agradável. Então me abalei com
 12. isso, foi triste pra mim te muda, ai che-
 13. gou o dia de vim pra Belém ao chegar me
 14. sentir estranho não era a minha zona de
 15. conforto, e pra mim que adaptar foi

16. mais difícil tudo diferente e o que foi mais
17. complicado me acostumar até hoje nos
18. meus 18 anos e, o clima isso pra mim e
19. um desconforto, meu guarda-roupa ganhou
20. até uma mudança, os jogos do Corinthians
21. só pela televisão, sem play center, pelo menos
22. eu gostei logo de cara foi do açaí, tempo
23. passou fiz novas amizades, novas escolas
24. o bom de tudo é eu morar com minha
25. mãe e apesar de gostar de São Paulo
26. eu prefiro morar aqui com minha
27. mãe.

Mem 04 V 03

1. Nos meus 14 anos, minha mãe chegou
2. da França parar morar comigo, e resolveu
3. voltar com meu pai.
4. Conheci meu pai com 14 anos, e quando
5. vi ele sua barba batia no peito e seu cabelo
6. nas costas, ele tava nessa situação devido o
7. uso de drogas. O tempo passou ele ficou bem,
8. então minha mãe voltou com ele eu gostei
9. muito a família tava junta, fiquei muito
10. feliz.
11. O tempo foi passando e meu pai teve uma
12. recaída, com isso nossas vidas mudou, para
13. pior, foi quando eu descobrir o que a droga
14. fazia e as suas consequências.
15. Vi coisas muito feias meu pai batia na
16. minha mãe, vendia as coisas de casa quebrava
17. tudo e só ficava pior aí minha mãe resolveu
18. voltar para Belém, fora meu pai eu ia nós
19. parques com meus amigos, ia no estádio ver
20. jogo de futebol, querendo fugir da situação que
21. eu vivia em casa.
22. Voltei para Belém meu pai voltou a morar
23. na rua, cheguei com uma raiva um ódio que
24. era incontrolável, num dia me convidaram
25. a ir na igreja, e o pastor pediu para orar
26. pela pessoa que você queria que mudasse pedi pelo
27. meu pai.
28. Me acostumei com Belém e gostei de muitas
29. coisas tipo açaí e algumas comidas típicas,
30. Alguns meses depois meu pai bateu na porta
31. de casa eu olhei pra ele não teve como não
32. abraçá-lo ele queria ajuda, então procuramos

33. um centro de recuperação, ele passou um ano e
34. 2 meses e ali ele descobriu o valor de
35. uma família e que só podia se liberta das
36. drogas com ajuda de Deus e Deus mudou
37. a vida do meu pai de uma forma inesplicavel
38. Queria que vocês não só leissem mais que
39. vocês podessem ver.
40. hoje meu pai e missionário da igreja quadran-
41. gular nossa vida e muito boa, Abrimos
42. Um centro de recuperação também ajudamos
43. as pessoas e suas familias e agradeço a
44. Deus por tudo que ele fez.

Mem 05 V 1

1. Olá! Meu nome é Cristina, nasci em Belém do Pará no ano
2. de 1995,Tudo começou quando eu tinha 6 anos, assim que os
3. meus pais se separaram, quando completei 10 anos, minha mãe
4. conheceu alguém e eles começaram há se relacionar, nesse
5. momento minha vida ficou um TransTorno, minha mãe já não
6. ligava pra mim como antes, no decorrer desse Tempo ele foi
7. Transferido para morar em outro cidade, e é claro, minha
8. mãe queria ir com ele, foi ai! que minha tia disse á
9. ela que, eu poderia morar com ela, e prometeu,
10. que eu teria uma vida de princesa.
11. Eu claro achando que teria uma vida melhor, pois
12. eramosmuitos humildes e como ela prometeume uma
13. vida, boa, So que não foi bem assim, no passar do
14. Tempo minha tia começou mandar eu fazer os trabal-
15. hos domesticos, e seu eu não fizesse tudo corforme o
16. jeito dela, me batia demais, me insultava, dizia que eu
17. não seria ninguém, tudo de ruim que vim na sua
18. cabeça ela dizia pra min, eu sofria demais, chorava muito
19. pedia à Deus pra tirar eu de lá, não aguentava
20. aquela vida de humilhação toda as vezes que
21. a minha mãe ligava pra saber como eu estava, ela
22. dizia, pra minha mãe que, eu estava bem, assim que ela
23. passava o celular pra mim, eu chorava dizia Tudo, mas
24. logo em seguida ela dizia pra minha mãe que era
25. mentira, ate que um dia eu fugir de lá quando
26. eu tinha 14 anos, meu irmão me tirou de lá,
27. e fui morar com meu pai, ai vocês me perguntam
28. tudo melhorou? que nada piorou.
29. Mas hoje eu posso dizer sou feliz, Todo sofri
30. Mento que passei gerou felicidade quando completei
31. 18 anos, agora tenho minha familia casei
32. e não me tornei aquilo que minha tia desejasse
33. que eu fosse, e o momento, que eu aceitei jesus
34. deu mas sentido em minha vida.

35. há! e a minha tia à perdoei, a vida
36. me ensinou que o perdão cura as feridas do
37. coração.

Mem 05 V2

97. Eu tenho 22 anos nasci em Belém
98. Tudo começou quando eu morava no guamá, eu tinha 6
99. anos meus pais se separaram o motivo foi que meu pai teve
100. um caso com a cunhada da minha mãe. Por esse motivo
101. meu pai Edmilson, teve que ir embora para cameté de onde sua
102. família mora, pois meu tio Zeca queria matar ele.
103. meu pai foi embora e minha mãe criou 5 filhos,
104. depois os três filhos mas velhos casaram, e ficou só eu
105. e meu irmão Ednilson 4 anos depois minha Alice
106. começou à se relacionar com alguém o Seu Roberto, no
107. de correr do tempo minha mãe foi ficando mas ligada
108. à ele e esquecendo de mim e do meu irmão, ele não acei-
109. tava os filhos da minha mãe.
110. Quando eu completei 11 anos o marido da minha mãe
111. foi transferido para trabalhar em Soure, no Marajó, e
112. é claro minha mãe ia com ele só que minha não tinha
113. com quem me deixar, foi aí que minha tia Maria entra
114. na História, pediu pra eu morar com ela, ela prometeu
115. à minha mãe que me daria tudo de melhor, porque era-
116. mos muito humilde, e é claro minha mãe aceitou.
117. fui morar com ela e meu irmão ficou morando[
118. sozinho na casa onde morávamos na mesma rua onde
119. minha tia mora, Nos primeiros dias foi muito bom,
120. me tratava tão bem, mas passando 1 mês pra eu completar
121. 12 anos, ela começou mandar eu fazer os trabalhos domésticos
122. mandava eu tirar os limos da parede etc... e se eu
123. não fizesse do jeito dela, ela me batia muito me humilha-
124. va dizia que eu não seria ninguém, que eu ia ser uma
125. pessoa sem futuro, todas as noites eu chorava muito pedia
126. à Deus pra me tirar daquele lugar que eu sofria muito.
127. Todas as vezes que minha mãe ligava ela dizia que
128. eu estava bem, quando ela me dava o celular eu dizia
129. para minha mãe tudo que ela fazia ela pegava o celular
130. da minha mão, e dizia pra minha mãe que eu
131. estava mentindo, e é claro minha mãe acredita-
132. va nela.
133. aos meus 14 anos houve uma festa do cirio,
134. nesse dia meu irmão estava lá, e viu ela me
135. batendo ele ficou muito bravo, e disse que ia
136. me tirar de lá, nessa noite arrumei minhas coisas
137. e fui pra casa do meu primo Edivaldo filho dela
138. que achava errado o que ela fazia comigo,
139. foi ele que me deu o dinheiro da minha passagem
140. de madrugada fui embora pra cameté eu
141. e meu irmão e a mulher dele fomos pra casa

142. do meu pai, só que chegando lá minha vida
143. ficou do mesmo jeito sofrimento, eu tinha
144. muita magoa do meu pai, nós brigávamos
145. muito sempre joguei na cara dele o que fez
146. pra minha mãe, eu aprontava demais
147. ia pra festa bebia, etc... ou seja eu era
148. Revoltada, morei 1 ano lá, e ele me mandou em-
149. bora pra morar com minha mãe em Soure.
150. nesse momento já tinha 15 anos fui morar
151. com minha mãe morei 6 meses lá, pq
152. meu padrasto tentou bater na minha mãe
153. e eu fui com uma faca pra cima dele,
154. minha mãe ficou do lado dele, e ele me
155. mandou embora, então vim sozinha pra belém.
156. Vim morar com minha irmã, mas dei
157. muito trabalho pra ela, eles se converteram
158. ou seja eram evangélicos, ela e meu cunhado
159. oravam muito por mim, pra eu mudar porque
160. eu era muito rebelde, fazia tudo que eu queria
161. nos eles não entendiam que a vida e as circuns-
162. tância nu levavam a ser assim.
163. Quando completei 17 anos quase aos 18 anos
164. fui pra o carnaval em São miguel do guamá
165. era um domingo e na Segunda eu ia completar
166. 18 anos, minha irmã não sabia onde eu estava.
167. naquele dia sentir uma angústia como
168. se aquele não pra mim, e pedir pra
169. um cara que eu tava ficando que queria
170. ir embora no outro dia, e ele disse: "Tudo
171. bem", vindo de São miguel para belém e tive
172. um livramento, o ônibus onde eu
173. estava quase bate, em uma carreta que estava
174. parada na curva da estrada, mas deus
175. conduziu a mão daquele motorista, e não
176. sofremos nem um acidente. Ai me
177. lembrei de uma coisa que uma coisa que uma irmã
178. da igreja disse que Deus ia me dá
179. um livramento
180. continuava sentindo aquele vazio, no
181. dia desse quase acidente era o dia do
182. meu aniversario, já tinha 18 anos
183. no domingo fui a igreja e o pastor
184. pregava toda minha vida, eu achando
185. que alguém tinha falado algo pra
186. ele.
187. Não aguentei as lagrimas e aceitei
188. jesus.
189. Hoje perdoei Todos, meu pai e minha
190. tia, depois que me converti fui entender
191. que, eu, só seria quando eu libera-sse

192. o perdão.

Mem 05 V 03

1. Meu nome é Cristina, Eu tenho 22 anos nasci em Belém
2. Tudo começou quando eu morava no Guamá. Eu tinha
3. seis anos. Meus pais se separaram. O motivo foi que meu pai
4. teve um caso com a cunhada da minha mãe. Por esse moti-
5. vo, meu pai Edmilson, teve que ir embora para Cametá, onde
6. sua família mora, pois meu tio José queria mata-lo.
7. Meu pai foi embora e minha mãe criou sozinha cinco
8. filhos.
9. Depois, os três filhos mais velhos casaram, e ficou só eu
10. e meu irmão Ednilson. Quatro anos depois, minha mãe, Alice,
11. começou a se relacionar com o Seu Roberto. no decorrer
12. do tempo, minha mãe foi ficando mais ligada a ele. Esque-
13. cendo de mim e do meu irmão. Ele não aceitava os filhos da
14. minha mãe.
15. Quando eu completei 11 anos, O marido da minha mãe
16. foi transferido para morar em Soure no Marajó. E é claro,
17. minha mãe ia com ele. Só que minha mãe não tinha com quem
18. me deixar, Foi então que minha tia Maria entrou na histó-
19. . Ela pediu para eu morar com ela, prometendo para minha
20. mãe que me daria tudo de melhor, por que éramos muito
21. humildes. E, é claro, minha mãe aceitou!
22. Fui morar com ela e meu irmão ficou morando sozinho
23. na casa onde morávamos, na mesma rua onde minha tia
24. nora. Nos primeiros dias, foi muito bom. Ela me tratava tão
25. bem! Mas faltando um mês para eu completar 12 anos, Ela
26. começou a mandar eu fazer os trabalhos Domésticos, como,
27. tirar os limos da parede, cozinhar, lavar roupa acordar as cinco
28. da Manhã para fazer café, nesse caso, já não tinha nem
29. paciência para estudar porque as sete horas ia para escola,
30. E a casa onde morávamos era muito grande para uma
31. menina de 12 anos cuidar, fora aos domingos, quando
32. a família dela se reunia eu me sentia excluída eles
33. Todos na mesa, E eu na cozinha, lavando as louças
34. E, se eu não fizesse do jeito dela, Ela me batia, me humilhava,
35. Dizia que eu não seria ninguém, Que eu ia ser uma pessoa
36. sem futuro. Todas as noites, Eu chorava muito. Pedia a Deus
37. para me livrar daquele lugar, Porque eu sofria muito.
38. Todas as vezes que minha mãe ligava, Ela dizia
39. que eu estava bem. Quando ela me dava o celular, Eu dizia
40. para minha mãe tudo o que ela fazia. Ela pegava o celular
41. da minha mão. E dizia para minha mãe que eu estava
42. mentindo. Minha mãe sempre acreditava nela.
43. Aos meus 14 anos, houve uma festa do cirio.

44. Nesse dia, meu irmão estava lá. E viu ela me
45. batendo, só não me recordo o motivo mas foi algo que não
46. fiz da vontade dela, porque sempre ela me batia por esse
47. motivo. Nossa quando acontecia isso eu me sentia uma
48. menina mal amada, achava que ninguém se importava
49. comigo, eu chorava mas ao mesmo tempo de ódio e
50. sofrimento. E meu irmão vendo aquilo ficou muito
51. bravo, E disse que ia me tirar de lá. Nesse noite, arrumei
52. minhas coisas e fui para casa do meu primo José,
53. filho dela, que achava errado o que ela fazia comigo.
54. Foi ele que me deu o dinheiro da passagem.
55. De madrugada, fui embora para Cametá, Eu, meu
56. irmão e a mulher dele. Fomos para a casa do meu pai.
57. Só que, chegando lá, minha vida ficou no mesmo sofrime-
58. nto. Eu tinha muita mágoa do meu pai. Nós brigávamos muito.
59. Sempre joguei na cara dele o que fez para minha mãe.
60. Eu aprontava demais, havia me tornado uma adolescente
61. Revoltada.
62. já ia para festa, bebia, etc..., ou seja, eu era muito
63. de mal com a vida. Morei um ano lá, E, meu pai me mandou
64. embora, para morar com minha mas em Soure.
65. nesse momento, Eu, já tinha 15 anos. Fui morar com minha
66. mãe. Morei seis meses lá, Porque meu padrasto tentou
67. bater na minha mãe eu fui com uma faca para cima
68. dele.
69. Minha mãe ficou do lado dele. E ele me mandou embora
70. nunca esqueço desse dia, quando minha mãe disse que
71. era melhor eu ir embora. Nesse momento me sentir desamp-
72. arada, Chorei muito, e disse mãe eu sou sua filha. E ela não
73. falava nada so arrumou minhas coisas, nesse momento
74. eu achava que ninguém se importava comigo, pois minha
75. própria mãe virou as costas pra mim. Então, vim sozinha
76. para Belém.
77. Vim morar com minha irmã Ana, mas dei muito
78. trabalho para ela. e meu cunhado. Eles se converteram,
79. ou seja, eram evangélicos, oravam muito por mim, para eu
80. mudar, Porque eu era muito rebelde. Fazia tudo que
81. eu queria, Mas eles não entendiam que a vida a as cir-
82. custâncias me levaram a ser assim.
83. Quando completei 17 anos, Quase aos 18 anos, fui para o
84. carnaval em São Miguel do Guamá. Era um domingo,
85. minha irmã não Sabia onde eu estava, e na segunda
86. feira seria o dia do meu aniversário, naquele domingo,
87. lá no meio da folia, sentir uma angústia. Como se aquele
88. lugar não estava me fazendo bem, foi quando uma voz dizia
89. que alí não era meu lugar. Eu pedir para um cara
90. coum quen eu estava ficando que queria ir embora

91. no outro dia. E ele disse: “Tudo bem”. Vindo de São
 92. Miguel para Belém, tive um livramento: O ônibus onde
 93. eu estava quase bateu em uma carreta que estava
 94. parada na curva da estrada, Mas Deus conduziu as
 95. mãos daquela motorista, e não sofremos nem um acidente.
 96. Então me lembrei de uma coisa que uma irmã da
 97. igreja disse para minha irmã: Que Deus ia me dar um
 98. livramento ainda essa semana que via nos rosto
 99. todo sanguentado na janela de un veículo e minha
 100. disse essa revelação antes de eu sair de casa. Mas eu
 101. não quis acreditar. sorrir irônicamente e disse que
 102. crente era doido.
 103. No dia desse “quase” acidente, seria no dia
 104. do meu aniversário. já tinha 18 anos.
 105. Passando aquela semana, disse a minha irmã
 106. que iria a igreja e o Pastor pregava toda minha
 107. vida. Eu achando que alguém tinha falado algo para
 108. ele. Mas tinha sim O Espirito Santo.
 109. não aguentei as lágrimas, não conseguia ir lá
 110. na frente porque o pastor disse que Deus queria
 111. fazer uma obra na vida de alguém que ainda
 112. a essa semana deu um livramento.
 113. Eu não conseguia ir lá frente e aceitar
 114. Jesus porque algo grudava meus pés no chão.
 115. Quando uma irmã tocada por Deus tocou
 116. e mim e nos desgrudaram e fui na frente e
 117. aceitei Jesus.
 118. Hoje, perdoei todos: Meu pai, minha tia.
 119. Depois que me converte, fui entender que, eu, só
 120. seria feliz a partir do momento que eu liberasse
 121. o perdão a todos as pessoas que me machucaram
 122. e tudo isso que aconteceu na minha vida
 123. não vejo pelo lado mal.
 124. Mas sim uma experiência para minha
 125. vida. Porque um dia ajudarei alguém que
 126. estiver passando o que passei.

Mem 06 V 1

1. Meu nome é Thayane desconta um pouco
2. sobre mim, Eu morava no Bairro da
3. Terra Firme quando completei, 12 anos,
4. minha família se mudou pro, bairro do
5. Tenoné com 13 anos conheci meu primeiro
6. namorado tudo muito, bom só a mãe
7. dele que não gostava, muito da ideia
8. pos eu era muito, nova pra ele que

9. tinha 21 anos mais mesmo assim
10. continuamos aos 14 anos perti minha
11. Virgindade pra ele e logo aos 15 anos
12. Eu engravidei de um menino chamado
13. Francisco, a mãe dele ficou louca
14. dissia que não era filho dele ficava
15. muito triste mais mesmo contudo isso
16. continuava namorando com ele depois
17. de que meu filho já com 4 anos eles
18. aceitaro meu filho na familia deles
19. hoje ela tem acara de pau de me cobra
20. por que meu filho não chama ela de
21. avó e nem toma bença o Francisco
22. nemliga pra ela mais com o pai ele
23. so vivi grudado com ele mais não
24. chama de pai só de Rogerio

Mem 06 V 2

1. Eu me chamo Thayane, morava na Terra-
2. firme com a minha familia com 9 anos perdi-
3. minha mãe, fui criada pelos meus avós
4. paternos com 12 anos, meus avós resolverão
5. vende a casa da terra firme, e compra outra
6. no tenoné com 13 anos comesei a fica com-
7. O rogerio, com 14 anos tive minha primeira-
8. relação sexual , com ele e com 15 anos engravidei
9. do francisco, mais ele vivia com outra pessoa-
10. mais, mesmo assim continuava, ficando com-
11. ele a Dona Ana que e a mãe dele não gostava-
12. muito de mim por causa, da outra pessoa
13. que ele tinha, mais não ligava muito
14. era louca por ele, quando tive meu,
15. filho, a dona Ana dizia que o Francisco.
16. não era neto dela, por isso ela não,
17. dava nada pra ele, mas também,
18. nunca precisei dela pra nda, graças
19. a deus, mas era muito triste, mais tudo
20. bem, o rogerio morava, na mesma rua
21. que eu mas não podia fala com o-
22. francisco, pois era casado e ela não-
23. aceitava, mais com o passar do tempo-
24. ela foi se acostumando com a ideia-
25. mas depois que o francisco ja, estava
26. com 3 anos eles aceitarão o francisco
27. o francisco não chama o rogerio de pai.
28. e tio, eu rogerio mesmo rogerio
29. não liga, mais ela a Dona Ana fica
30. aborecita fica reclamando queria
31. ser chamada de avó mais, ele não
32. foi acostumado o rogerio e doido, por

33. ele faz, todas as vontades dele eu fico, feliz
34. momentos ruim que, passamos com a não
35. aceitação da família do rogerio, mais hoje
36. graças a deus e tudo diferente.

Mem 06 V03

1. Eu me chamo Vitoria. Morava na Terra Firme
2. Com a minha familia. com nove anos, perdi minha
3. mãe. Fui criada pelos meus avós paternos com
4. 12 anos. Meus avós depois de muitas brigas com
5. a irma do meu avô. resolveram vender a
6. casa da Terra Firme e comprar outra no Tenoné
7. Com 13 anos, comecei a ficar com o Fernando
8. era um rapas bem legal Bonito siveste bem
9. moramos na mesma rua com 14 anos, tive minha
10. primeira relação sexual, com ele E como outro
11. casal saimos muitos pra festas. Tempo de quadrilha
12. iam pros ensaio so pra namora pós nem eu
13. nem ele gostava de dança. Com 15 anos uma
14. bem nova mais acontece eu gostei muito mas,
15. confesso que tambem senti medo pos ele tinha
16. mulher. eu estava grávida do Francisco. sabia
17. que ele tinha essa pessoa mais não me emportava
18. era louca por ele. A Dona Maria, que é a mãe dele,
19. não, não gostava muito de mim por causa da outra.
20. pessoa que ele tinha eu não enportava muito
21. Quando tive meu filho a Dona Maria dizia que
22. O Francisco. não era neto dela. Por isso, ela não dava
23. nada para ele. Mas também nunca precisei dela
24. para nada. graças a Deus! O Fernando morava na rua
25. de casa e não podia falar com o Gabriel pois a
26. outra não aceitava. com o passar do tempo ela foi
27. se acostumando com a ideia e depois que o Gabriel
28. já estava com três anos, eles aceitaram o Gabriel
29. meu filho não chama o Fernando de pai É tio. Ou
30. Fernando mesmo. O Fernando não liga a Dona Maria
31. fica aborrecida, fica reclamando queria ser chamada
32. de avó, so que ele não acostumado. O Fernando e doido
33. por ele, faz todas as vontades dele. Eu fico feliz.
34. momentos ruins com a não aceitação
35. da familia da Fernando, hoje graças a Deus, e tudo
36. diferente!

Mem 07 V 1

1. São muitas coisas para conta de mim mas vou conta Só um pouco eu adorava
2. ficar no meio dos meninos ai a minha mãe falava minha filha não é pra Você

3. fica no meio dos meninos Só com as meninas eu ficava brava e eu gosto muito
4. de futebol eu ia para a escola para jogar futebol e eu fui mora com a minha avó
5. e depois. De algum tempo ela ficou doente e faleceu eu fiquei muito triste porque
6. ela era a unica pessoa que cuidava de mim porque a minha mãe Só Queria
7. Saber de festa ai Depois que minha avó faleceu eu não Quis Saber muito
8. de brenga de boneca não e foi ai Que eu comecei a ir pra festa com a minha
9. mãe e Depois a minha mãe foi pra igreja e ela e evangelica mas eu não Só
10. antigamente eu namorava com todos os meninos mas. Hoje eu aprendi Que
11. a gente não e feliz ficando com muitos e Sim com um menino hoje em dia
12. eu namoro So um menino e e essa minha história.

Mem 07 V 2

1. 2º Parte da vida da Emilly Ferreira
2. Como já falei gosto muito de futebol. Hoje em dia a minha
3. mãe já deixa eu ficar no meio dos meninos minha mãe se chama
4. Lélia. Eu tenho um padrasto que não gosta de nenhum filho da
5. minha mãe principalmente eu ele fez todos os filhos da minha
6. mãe irem em bora porque ele diz que quando. A gente completa
7. 18 anos ele vai manda a gente em bora e assim foi minha irmã caso
8. com 19 anos o nome dela e Larissa e o meu irmão Hewerton foi mora
9. com o nosso pai o meu irmão Matheus fez 18 anos e ele diz que e pra
10. ele ir embora. Eu vó fazer 18 anos só ano que vem emtão eu vo se a pro-
11. xima kkkk. Sinto muita falta da minha avo Maria targina as veze-
12. s fico pensando se ela estisse viva nem um dos meus irmãos teriam
13. ido embora o meu irmão Hewerton já brigo com o meu padrasto
14. de faca e tudo eu pencei que o meu irmão iria morre ele é uma
15. das pessoas mais importante pra mim foi um pai pra mim quando
16. ele foi embora eu fiquei muito trizte porque me apeguei tanto
17. nele e essa a minha história.

Mem 07 V03

1. Como já falei eu Amo futebol. Minha mãe não gosta de futebol. Ela fala Que
2. e jogo Pra menino. Mas eu não acho nem um pouco falo pra ela mãe já ouvia
3. falar em Direitos iguais. Mas ela não entende ela não gosta muito Que a gente
4. fale com ela Quando meu padrasto ta perto dela. Porque ela dá atenção
5. Só pra ele eu e meu irmão vamos falar com ela. Mas ela finge que não esculta.
6. Mas a gente deixa pra lá a gente fica triste mas a gente Já se acostumo a ser
7. abandonado pelas pessoas Que amamos. O nome da minha mãe e (Lelia Cristiane)
8. O meu padrasto não gosta da gente de mim e do meus irmãos ele Diz Que
9. gosta só da boca pra fora. Ele apulso minha irma de casa. Quando ela tinha
10. apenas 19 anos. Ele falavá Que ela era uma vagabunda. Que ela não ia ser nin-
11. guém na vida. Hoje em dia a minha irma caso e tem um filho Que se chama
12. (Kayro Guilherme). Já vo falar um pouco dessa coisinha e ele Que faz eu não
13. desistir de nada. Pois é o meu padrasto teve uma briga com o meu irmão. Ele
14. falo Que o meu irmão não prestava pra nada e Que era pra ele ir embora e
15. aconteceu uma briga muito feia entre eles dois. E a minha mãe mando o meu irmão
16. embora de casa. Antes dele sair ele pergunto assim pra ela. A Senhora vai Querer

17. ficar com ele ou com os seus filhos. E adivinha oque ela falo. Prefiro o meu
 18. marido aquilo doeu muito. O meu padrasto já joga comida fora só pra não
 19. da para gente ele e da igreja hoje em dia mas nem parece. Porque continua fa-
 20. zendo as mesmas coisas com a gente ele umilha minha mãe e a gente e minha
 21. mãe aceita isso tudo ele Quebra tudo em casa Quando tá com raiva e a minha
 22. mãe diz que ele vai mudar. Mas eu estou escutando isso a 16 anos e nunca
 23. muda só fica pior. Porque ele diz Que eu vou embora de casa Quando eu
 24. tiver 18 anos. Mas minha mãe concorda com tudo Que ele fala o nome do
 25. meu padrasto e (Jilvandro Farias) o nome da minha irma e (Hewellem Larina)
 26. eu amo ela e como se fosse minha segunda mãe Porque considero minha
 27. avó minha primeira mãe e em ultimo lugar eu considero minha mãe sei Que
 28. tenho Que perdoa ela mas e muita magoa todos os dias tem brigas em casa.
 29. Falando um pouco da minha avó. Nossa uma pessoa muito especial as vezes
 30. fico pensando só minha avó estivesse viva como seria. tenho a certeza Que a
 31. minha avó não teria deixado ela ficar com o meu Padrasto. Amo muito minha
 32. avó ela e uma das pessoas mais importante pra mim. Quando eu caia ela mim
 33. Levantava e dizia calma a vovó ta aqui. Ela me pegava nos braços e dizia
 34. Deixa a vovó beija Pra passar. Mas eu amo ela mesmo não estando mas aqui, todos
 35. os dias olho a foto dela. Ela sempre fez minhas vontades. Até porque Quando
 36. ela se foi eu falei Pronto meu mundo acabo Pra mim não existia mas ninguém
 37. ai foi Que o meu irmão (Hewerton Rodrigo) chego pra fazer o meu Mundo melhor
 38. ele se tornou uma das pessoas mais importantes na minha vida fez eu encher a
 39. vida de outra maneira. Fez com que eu tivesse coragem pra enfrentar todos
 40. os meus medos ele é uma pessoa Que não tenho oque rechama de nada apesar
 41. dele ter ido embora de casa mas meu amor por ele e do tamanho do universo
 42. Até quando eu fiz 17 anos a minha mãe não me desejou feliz aniversario
 43. acho que ela nem lembro. Mas o meu irmão ligo pra mim. E Disse feliz aniver-
 44. sario maninha ele Disse o Quanto me ama. Sou muito grata por ele existir em
 45. minha vida o Kaká meu Sobrinho ele e uma das pessoas Que me faz seguir
 46. em frente. Não me faz desistir de nada ele também me dar fofas pra
 47. continuar apesar de ser tão pequenino. Quando estou cm ele esqueço de
 48. tudo e de todos Que me fizeram mal amo muito ele pena Que minha avó
 49. não estar viva pra ver ele o nome dela e (Maria Targina)

Mem 08 V 1

1. Há muito tempo, Quando eu era criança,
 2. brincar tinha varios amigos. Meu irmão era muito
 3. brincalhão. Agente brincava de varias brincadeiras
 4. mas a brincadeira que reunia agente era pira-
 5. sisconde, mas depois de um tempo, agente
 6. se separamos, depois disso minha vida
 7. mudou, não saía mas para brincar ficava
 8. em casa e com muitas saudades a
 9. coisa mais engraçada e que quando
 10. Completei 10 anos, agente se reencontramos
 11. e foi ai que me peguei brincando de pira-
 12. sisconde novamente.

Mem 08 V 2

1. Nasci na cidade de Acará, Pará, em 1967. Minha
2. família era formada por quatro pessoas: meu pai,
3. minha mãe, meu irmão mais velho e eu.
4. Fomos morar em Abaetetuba, quando tinha dois
5. anos. Meu irmão mais velho morreu ao nasceriam
6. outros três irmãos: um homem e duas mulheres,
7. uma morreu. Minha infância foi toda em Abaeté,
8. até meus 16 anos.
9. Foi quando conheci uma menina chamada Ana.
10. Ela era muito alegre, carinhosa, gostava de estudar
11. e tinha sonhos, queria médica. começamos a
12. namorar escondido, porque os pais dela não queriam
13. Ela fugiu de casa à noite, para ir ficar junto
14. comigo. Namoramos muito tempo escondido. Qua-
15. ndo um dia a família pegarão ela chegando as cinco
16. da manhã e o pai dela era um homem que não
17. permitia coisas erradas, não deixava que os filhos
18. saíssem da casa sozinha se fosse com a mãe, ou
19. para ir ao colégio. E as vezes com seus irmãos por
20. isso que o pai dela tinha fama de ser um homem
21. muito bravo meus amigos começaram a falar
22. que ele queria me pegar
23. Ele ficou mais bravo porque ele descobriu
24. que ela descia pela janela por uma corda só
25. para ficar comigo e ela gostava muito de mim.
26. Foi aí que minha família me mandou para
27. Belém. Eu tinha saudade dela e ela disse
28. para meus amigos que ela queria vir
29. comigo, mas até para o colégio ela ia a
30. acompanhada pelo irmão mais velho que o pai
31. dela mandava.
32. O tempo passou. Fazia muitos anos que não
33. a via, só ouvia falar dela. As duas vezes
34. que eu a vi, quando ela me viu e eu a vi,
35. a aquele tempo que passou voltou. Assim
36. como eu me lembrei, acho que ela se lem-
37. brou também, porque quando ela me viu ela
38. falou comigo e sorriu com um sorriso
39. carinhoso que só a pessoa que passou por isso
40. sente. Faz muito tempo que não a vejo, mais
41. nunca me esqueço.

Mem 08 V03

-
1. Ano passado, foi meu primeiro ano a estudar a noite.
 2. Como meus pais não queriam que fosse sor para escola
 3. Comecei a ir, com duas colegas que moravam próximo de casa,

4. a Amanda ea fernanda, so que como eu ia com elas e
5. voltava para casa com elas, tinha dias que elas não
6. entrava na escola, e como não queria ir para casa
7. só, acabava indo com elas, nesse meu sai e sai não
8. entrando na escola, conhecer um rapaz chamado Breno, ai que
9. eu não entrava na escola, soque comercei a fazer ele de besta
10. eu falava que ia sair com ele, acabava que eu ia
11. pra praça bebe, como eu fazia muito isso agente
12. acabou terminando. foi ai que percebi que eu gostava dele
13. mas eu não queria voltar, ai teve um dia que a minha
14. colega fernanda convidou eu ea Amanda para agente dar
15. uma volta com o primo e um amigo dela la no jurunas
16. numa praça la, mas quando chegamos la passamos pela frente
17. da praça e não paramos, agente foi na casa de um amigo
18. deles la já tinha bebidas e churrasco, comércamos a bebe
19. eu sentir falta das meninas, quando eu fui procurar
20. cada uma estava dentro dos quarto ai eu voltei e
21. fiquei aonde eu tava, quando eu olhei para o lado
22. o amigos deles que estava la com agente, me e me
23. levantou de um modo que eu não pude me defender
24. e quando chegou no quarto ele ficou me machucando
25. apertando no meu braço fiquei morta de medo mas
26. não demostrei, eu consegui uma força que nem
27. eu mesmo sabia. quando eu sai de lá pensei muito
28. porque eu queria me diverte mas essa diversão não
29. pensei no Breno que agente tinha se separado por eu
30. quere ta saindo curtindo etc... soque depois disso pensei
31. muito e desdai eu mudei, voltei com o rapaz e até
32. hoje estamos juntos e hoje sou uma pessoa total-
33. mente diferente!

Mem 09 V 1

1. Meu grande amor
2. Aos meus 40 anos conheci uma
3. Menina mais nova que eu. Nos
4. conhecemos em uma praça e depois
5. de alguns encontros começamos a
6. namora. Passeavamos, jantávamos,
7. juntos viajavamos. Era muito bom.
8. Frequentavamos um barzinho muito legal
9. que tocava rock e MPB e encontrávamos
10. amigos para jogar bilhar.
11. Depois de dois anos de namoro ela
12. ficou gestante, foi boa a gestação.
13. Porém teve um parto complicado,
14. mais correu tudo bem meu filho
15. nasceu bem e hoje meu filho

16. está com sete anos. A pesar dos problemas
17. de hoje em dia estamos vivendo muito
18. bem. Graças a Deus!

Mem 09 V03

1. Um romanse na adolescência
2. Nasci na cidade do Moju, Pará, em 1969. Minha familia era
3. Formada por quatro pessoas: meu pai Seu João minha mãe,
4. Maria, meu irmãos mais velho e eu.
5. Fomos morar em Barcarena, quando eu tinha dois anos
6. porque meu pai trabalhava e família dele morava lá. Meu
7. irmão mais velho morreu, aí nasceriam outros três irmos:
8. Joao, Marta e Maria. Uma morreu Marta, assim como o Pedro
9. que não conheci e Marta tenho pouca lembrança dela nunca
10. perguntei ou procurei saber por que acho muito triste. Meus
11. irmãos menores só estudavam também brincavam comecei a traba-
12. lha com 11 anos mas eu estudava minha infancia foi
13. toda em Barcarena ate meus 16 anos.
14. foi quando conheci uma menina chamada Ana. Ela era
15. muito bonita só andava bem vestida era muito alegre,
16. carinhosa, gostava de estudar e tinha sonhos, queria ser
17. médica. Começamos a namorar escondido, porque os pais dela
18. seu Mesias e D. Vera não queriam. Ela fugia de casa a noite,
19. para ficar quase a noite toda junto comigo. Namoramos
20. muito tempo escondido. Quando um dia, jango o irmão dela
21. a pegou chegando às cinco da manhã, querendo pular o portão
22. da casa, e chamou a D. Vera e seu pai Mesias ela apanhou
23. e ficou de castigo porque o pai dela, era um homem que não
24. permitia coisas erradas, não deixava que os filhos saíssem
25. da casa, só saia se fosse com a ame ou para o colégio. E,
26. as vezes com seu irmão Jairo. Por isso que pai seu Mesias
27. tinha fama de ser um homem muito bravo. Meus amigos
28. Osvaldo e Paulo ouviram falar que o pai da Ana queria me pegar.
29. Ele ficou mais bravo porque ele descobriu que ela descia
30. pela janela por uma corda os para ficar comigo. Ela gostava
31. muito de mim. Foi então que meu pai seu João chamou eu
32. e disse Daniel você vai para Belém. Eu tinha saudade dela e ela
33. para meus amigos osvaldo e Paulo que ela queria estar comigo
34. mas até para o colégio ela ía acompanhada pelo irmãos mais velho
35. jango, que o seu pai mandava.
36. O tempo passou. Fazia muitos anos que não via, só ouvia
37. falar dela. As duas vezes que eu avi, quando nos vimos a quele
38. tempo que passou voltou. Deu vontade de eu chamar ela para
39. eu dizer que eu nunca esqueci do amor que agente viveu juntos.
40. Assim como eu me lembrei, acho que ela se lembrou também, porque
41. quando ela me viu, falou comigo e sorriu com um sorriso carinho-

42. so que só a pessoa que passou por isso sente. Faz muito tempo
43. que não a vejo, mais nunca me esqueço.
44. Foi muito bom porque eu fui o primeiro namorado dela ela foi
45. a primeira namorada fizemos tudo o que o amor o ferece o
46. primeiro abraço, o primeiro beijo, a primeira briga e a primeira
47. esperiência de tudo.

Mem 10 V 1

1. Em 2007 minha mãe falou que íamos nos muda para
2. outra cidade, lá as pessoas falavam outro idioma. Bom
3. no começo foi muito difícil pra me, eu não sabia como
4. me comunica com as outras pessoas não saia muito de
5. casa. Passaram alguns dias e minha mãe conseguiu uma
6. escola, fiquei toda feliz por sabe que ia começa estu-
7. dar e conhece pessoas novas. Então chegou meu pri-
8. meiro dia na escola nova subir na van toda aleg-
9. re. Eu nem imaginava que vinha pela frente, cheguei na
10. escola e percebi algumas pessoas me olhando não
11. liguei fui direto pra minha sala tava ansiosa pra
12. conhece meus novos coleguinhas e minha professora
13. Então... entrei na bendita sala e a professora tava
14. gritando com alunos ela e me olhou e perguntou
15. meu nome é se eu era a brasileira novata falei
16. meu nome completo e que era novata ela mandou
17. eu senta, fiquei com um de medo dela rrsr
18. assistir a aula toda calada não entendia mu-
19. ito o que a professora falava, deu a hora
20. a hora do recreio todos tinham que sair da sala
21. lanchei sozinha e depois fui pro pátio ver as
22. outras crianças brincarem fiquei um bom tempo
23. lã olhando até que veio umas menininhas fala
24. comigo, pensei que elas vinhão me convida para
25. brincar mais elas falaram que não gostavam
26. de mim porque era brasileira e que não gostam
27. do Brasil, com uma criança pode não gosta
28. de um luga?! Desde desse dia essas meninas
29. começaram a puxar meu cabelo e me empurra
30. não aguentava mais isso, desidir ir fala com
31. a professora quando falei pra ela que tava
32. acontecendo comigo ela começou a rir, fiquei tris-
33. te pensei que a professora ia fazer alguma coisa
34. mas não ela não fez nada. Tinha um menininho
35. que mandava elas pararem, isso se repetia to-
36. dos os dias.. Foi ai que falei pra minha mãe
37. que não queria mais mora naquele lugar que
38. queria minha casa, de volta.
39. “Isso e uma pequena parte do que passei
40. em Suriname.”

Mem 10 V 2

1. Eu fui criada pela minha avó (Rosangela)
2. morrei com ela até meus 7 anos. Teve um dia chegou
3. na casa da vovó falando que meu padrasto (Anderson) tinha conseguido um trabalho em outra cidade
4. e eu é minha mãe (Rosana) tínhamos que ir com ele,
5. nessa outra cidade(Suriname) as pessoas falavam
6. outro idioma e eu tinha que aprende a fala esse
7. idioma (Surinamens) pra entra na escola em Suriname, Quando me mudei pra lá não saia muito
8. não tinha amigos. Passaram alguns dias e minha
9. mãe (Rosana) conseguiu uma escola. Fiquei muito
10. feliz em saber que ia começar a estudar no outro
11. dia. No outro dia minha mãe me chamou para ir
12. pra escola a van tava mim esperando, fui toda
13. feliz. Nem imaginava o que vinha pela frente.
14. Quando cheguei na escola percebi algumas pessoas
15. me olhando. Não liguei, Quando cheguei na sala
16. a professor foi logo gritando comigo pra me
17. fala meu nome e de onde eu era, falei que
18. era brasileira e falei meu nome. Ela mandou
19. eu procura um lugar pra sentar. Assistir a
20. aula calada não entendia algumas coisas
21. que a professora falava. Tinha umas meninas
22. que não gostavam de mim, tinha dias que
23. elas puxavam meu cabelo e me empuravam. Eu
24. chorava todo dia, quando falei pra professora
25. o que essas meninas faziam comigo ela não
26. fez nada. Fui pra casa chorando que cheguei
27. em casa minha mae (Rosana) perguntou o que eu
28. tinha, contei tudo pra ela e falei que queria
29. volta mora com minha avó.

Mem 10 V03

1. Eu fui criada pela minha avó, Rosa. Morei
2. com ela até meus sete anos. Teve um dia que
3. minha mãe Adrielly chegou na casa da vovó falando
4. que meu padrasto, Marcos tinha conseguido um trabalho em outro
5. país e eu é minha mãe, Adrielly, tínhamos que ir com ele para
6. esse outro país, China. La as pessoas falavam outro idio-
7. ma e eu tinha que aprender a fala chinês para entrar na
8. escola, um mês depois mudei para China, não gostava
9. de sair muito, pois não conhecia nada. Passaram alguns
10. dias e minha mãe, Adrielly conseguiu uma escola. Fiquei a-
11. legre por saber que ia começa a estudar no outro dia.
12. No dia seguinte, minha mãe me chamou para ir para
13. à escola. A van estava me esperando. Fui toda feliz
14. Nem imaginava o que vinha pela frente.
15. Quando cheguei à escola percebi algumas pessoas

16. me olhando, não liguei. Quando cheguei à sala
17. a professora falava varias vezes a mesma coisa
18. para me (Eu não entendia muito o que ela falava). Até
19. que comecei a entender, ela falava para eu falar meu
20. nome e de onde eu era. Falei que era brasileira e
21. que meu nome era Camila. Ela mandou eu procurar
22. um lugar para sentar, como eu demorava para em-
23. tender ela gritava. Assistir à aula calada. Na as-
24. la de aula tinha umas meninas que não gostavam
25. de mim porque meu cabelo era enrolado e era negra
26. Tinha dias que ela puxavam meu cabelo e me
27. empurravam, as vezes elas falavam para eu me
28. lava porque estava suja. Eu chorava todo dia
29. Até que fui fala para a professora, Quando
30. falei para ela, ela falou que não gostava
31. de me também e falou que meu cabelo
32. era feio. Eu fui para casa chorando. Não
33. aguentava passa por isso todas as
34. vezes. Quando cheguei em casa, minha
35. minha mãe Adrielly perguntou o que eu tinha.
36. Contei tudo para ela, ela foi até à esco-
37. la reclama pelo que tinha acontecido comigo.
38. A professora não resolveu nada e falou
39. que as brasileiras só iam pra lá para se
40. prostitui. Eu chorava todo dia, falei para
41. minha e meu padrasto que queria voltar para
42. o Brasil e que morar com a minha avó
43. Rosa. A mamãe começou a ligar para à vovó, era
44. dificil para consegui a ligação.
45. Uns dias depois minha mãe conseguiu a
46. falar com a vovó e resolver as coisas
47. para me volta para o Brasil. Eu parei de
48. estudar. Passou meses é eu voltei para
49. o Brasil e voltei a morar com a vovó.
50. Minha mãe continuou morando na China
51. com meu padrasto. As coisas para me um-
52. dou quando voltei a morar com a minha
53. avó. Fiquei muito mais feliz.

Mem 11 V 1

1. No tempo de infância não tenho muito
2. a contar, fatos de minha vida, mas vou
3. contar uma coisa que marcou minha vida
4. Como toda criança gosta de andar de bicicleta,
5. eu mesmo, com minha deficiência consegui aprender
6. com meu pai, que se chama Levi, com o seu

7. comando através de um rádio de comunicação
8. que colocava no meio peito, e quando vinha al-
9. gum movimento de pessoas ou veículos ele man-
10. dava eu parar ou encostar na calçada, Era um
11. tempo muito bom, mesmo tendo um a baixa visão
12. adorava o vento no meu rosto e assoprando em
13. meus cabelos ao pedalar era como me sentisse
14. livre e voando, gostava de brincar com meus
15. colegas de correr de pira-pega, tempo bom!
16. hoje carrego lembranças de um tempo que não
17. volta mais. hoje tenho 18 anos, e vejo só muitos
18. pois minha visão perdi com o tempo, guardo
19. na lembrança os momentos felizes.
20. Que saudades do tempo de infância! porque
21. eu tinha um pouco de visão, pouco, mais
22. tinha, hoje não posso andar de bicicleta, nem
23. ler em letras ampliadas como era antes, tenho
24. um mundo diferente do que via, mas mesmo
25. assim sou feliz no mundo que vivo, porque
26. amo e sou feliz e sei também que sou
27. amada, acredito na amizade, ajuda agente
28. viver melhor e esquecer de coisas ruins.
29. Vivo feliz com minha família que me
30. apoiam, e cercada de amigos isto é o
31. que importa.

Mem 12 V 2

1. Tudo começou quando eu estava na barriga da mi-
2. nha mãe. Minha avó expulsou minha mãe de casa
3. quando descobriu que ela estava grávida do seu
4. terceiro filho e mandou ela escolher em morar em
5. sua casa ou ter sua filha então ela não ia ter onde
6. morar se fosse ter essa criança então a barriga foi cres-
7. cendo e quando a criança nasceu(eu) ela deu-a par-
8. a sua irmã que atualmente eu a chamo de mãe.
- a. Os anos se passaram e eu fui crescendo e ninguém
9. tocava nesse assunto então eu não sabia de nada
10. então até que em um dia meu pai biológico vinha
11. a Belém para ver minha irmã, mas que me aprese-
12. ntaram como prima e meu pai foi apresentado com-
13. o tio, então ele chegou de viagem e foi visita-la
14. e ele me viu mas os meu pais de criação não deix-
15. ram ele se aproximar de mim por medo que ele
16. me contasse algo, então chegou uma hora que eles
17. não podiam mais evitar, ele se aproximou porém
18. não quis se chegar demais pois não queria apresar
19. nada naquela suposta relação entre pai e filha.
20. Ele passou duas semanas em Belém mas não comentou

21. Nada sobre o assunto comigo e com a minha prima
22. (irmã) e duas semanas se passaram então ele voltou
23. para Cuiabá (MT) e anos se passaram e não teve-
24. mos nenhum tipo de contato ao decorrer desses
25. anos então quando eu já estava prestes a fazer
26. 15 anos ele voltou a Belém e foi quando me pro-
27. curou para contar toda a verdade e então foi
28. até minha casa e me encontrou lá e me chamou
29. para conversar e eu já estava meio desconfiada
30. pois uns anos antes ter comentado comigo de ter es-
31. escutado alguém falar que eramos irmãs então, el-
32. a chegou até a mãe dela e perguntou a verdade
33. e então ela contou a minha irmã e minha irm
34. ã chegou até a mim e contou, então meu pai
35. chegou até a mim e contou tudo entre tudo o que
36. eu já sabia eu não me surpreendi ele diz ter
37. ficado muito triste por não poder ter ajudado m-
38. inha mãe quando estava grávida. Morada da his-
39. tória estou com 18 anos e ele nunca mais me
40. procurou para saber de mim.

Mem 12 V 3

1. Em quem acreditar?
2. Tudo começa com uma moça de 14 anos que se apa-
3. ixona por um garoto um ano mais novo. Essa moça se
4. chama Wanda, Wanda era uma das filhas mais nova
5. entre 6 irmãos deles sendo 5 mulheres e um homem. Não
6. podia esquecer de falar da mãe, dona Maria uma mulher
7. muito rígida e chata. Wanda conheceu esse “garoto” chama-
8. do Marcos Junior na rua enquanto brincava (coisa rara
9. de se ver pois sua mãe não a deixava brincar), os dois
10. se “apaixonaram” e com o tempo foram criando, digamos
11. que um certo conhecimento do que era uma paixão, foi qua-
12. ndo Wanda engravidou e não sabia o que fazer pois era
13. nova demais e sabia que sua mãe não ia gostar nem
14. um pouco da notícia
15. Wanda teve seu primeiro filho que se chama
16. Marcos assim como o pai, ela e o Marcos (pai) ainda est-
17. avam juntos, agora mais que nunca pois tinham aca-
18. bado de gerar fruto dessa “paixão” foi que dois anos
19. se passaram e ela engravidou novamente, era uma me-
20. nina e se chamará Marcela, mas como Wanda iria
21. criar duas crianças sem poder trabalhar? e Marcos (pai)
22. era taxista e não ganhava lá essas coisas e Wanda
23. também não tinha o apoio de dona Maria (sua mãe)
24. O tempo passou e Marcela nasceu e eles não estavam
25. mais conseguindo se sustentar com aquele pouco, foi que
26. Marcos (pai) decidiu ir para Cuiabá no Mato Grosso, com o
27. Marcos (filho), ele iria tentar algo melhor para Wanda

28. E seus dois filhos. Então os dois Marcos foram para o Mato
29. Grosso e conseguiram construir uma vida lá. Um ano se
30. passou e Wanda e Marcos (pai) já não estavam bem no rel-
31. acionamento, pois Wanda não queria largar a vida em
32. Belém para ir pro Mato Grosso, foi que os dois discutiram
33. e Wanda disse estar grávida de seu terceiro filho, porém
34. Marcos (pai) não acreditou que o filho era seu por eles es-
35. tarem sem se ver por um tempo então Marcos (pai) lar-
36. gou Wanda e seguiu sua vida com Marcos (filho).
37. Seu terceiro filho era uma menina e se chamará
38. Larissa, que sou eu!
39. 15 anos depois.
40. Eu, Larissa estava tão feliz pois estava na semana
41. que eu iria completar 15 anos e todos estavam por perto
42. meu pai, minha mãe, meus Irmãos e minha prima que
43. eu mais gostava “Marcela”, eu e Marcela eramos muito pa-
44. recidas muitos pensavam que fossemos gêmeas, porém Marcela
45. era um ano mais velha que eu. Eu gostava mais ainda
46. da Marcela por um fato que aconteceu quando tínhamos
47. 7 anos que sem querer ouvimos um comentário da nossa
48. avó que me deixou confusa, nesse dia estava acontecendo o
49. casamento de um vizinho nosso e minha avó estava na
50. mesa de jogo com um casal e esse casal perguntou onde est-
51. avam as netas gêmeas dela e Marcela estava do meu
52. lado e ouviu, e minha avó respondeu “quais” e a moça respon-
53. deu “a Larissa e a Marcela”, quando escutei aquilo fiquei bem
54. surpresa e não sabia o que fazer, então eu e Marcela fize-
55. mos uma promessa que só iríamos tocar naquele assunto
56. quando ambas tivessem 18 anos. Os anos se passaram, cres-
57. cemos e quando estava na semana que eu iria completar
58. 15 anos meu “tio” pai da Marcela estava voltando para Belém
59. e meus pais estavam evitando que eu tivesse contato com
60. ele, mas chegou um momento que foi inevitável e meu
61. “tio” pai da Marcela me encontrou na rua e pediu para
62. conversar e ele veio me falar que era meu pai biológico
63. e quem me criou foi meus tios porque minha avó pergun-
64. tou o que minha mãe (Wanda) iria escolher, ter a filha ou
65. continuar morando com ela (minha avó) e minha mãe não
66. tinha para onde ir então teve que me dar para alguém
67. que iria me amar como filha e foi que então minha
68. mãe me deu para minha tia (sua irmã mais velha).
69. No meio de toda essa situação não sabia em quem
70. acreditar eu me perguntava, em quem acreditar? foi
71. que anos se passaram e descobrir que era tudo verda-
72. de, que meus pais biológicos são meus tios e meus
73. tios que me criaram, e muitos perguntam como consegui
74. aceitar isso até hoje, consegui porque eu criei amor por
75. quem me fazia feliz, por quem dava tudo para me
76. ver sorrir e descobri que pai e mãe é quem cria, dar
77. amor, afeto e carinho e não quem faz.

Mem 13 V 1

1. Um sonho realizado

2. Desde quando eu nasci, Eu e minha mãe nunca
3. tivemos casa própria, sempre morávamos de favor
4. e alugado, mas ela sempre me deu o que ela podia, eu era
5. uma garota que poucas pessoas gostavam de mim
6. por eu ser uma garota que não respeitava falava
7. feio ou não tinha postura de menina sempre fui uma
8. garota de muitos amigos eu vivia na rua, suja
9. jogada, largada por que eu ficava sozinha em
10. casa a minha mãe trabalhava muito ai passava-se
11. os anos e eu fui crescendo na quele ritmo, e nós
12. morando em todos os lugare do tenoné ate que
13. eu fiz 15 anos não tive festa fiquei muito triste
14. pois minhas amigas que tinha as mesma idade
15. que eu ganharam, eu não coprava da minha mãe
16. pois eu sabia que ela não tinha Dinheiro, então
17. eu fiquei tiste magoada isso marcou muito a
18. minha vida, se passou um ano eu conheci o meu
19. marido que era o meu namorado, eu comecei escodido
20. mais depois a mãe deixou eu dava muito trabalho
21. pra minha mãe a gente se mudando de um lugar
22. pro outro nós sofria muito eu via o olhar triste
23. dela na quela situação nos moramos por muito
24. e muitos anos de aluguel eu ja estava com 22
25. anos e a minha vó ajudou com muito sacrificio
26. a gente pois da nossa familia so nos que não tinha
27. casa sempre numa situação horrivel ate que
28. um dia o telefone toca eu atendi era minha
29. vó me dizendo que ela tinha conseguido o dinhe-
30. iro pra da pra minha mãe compra a nossa casa
31. eu olhei pro céu e agradei a deus pela graça
32. alcansada pois todas as noites eu me ajuelhava
33. no pé da minha cama e pedia com muita fé que
34. ele abrise todas as portas que tava impedindo a
35. nossa vitoria e hoje eu agradeso muito a
36. minha vó e deus por ter tirado a gente desse su-
37. foco hoje temos uma familia uma casa
38. um orgulho de dizer é nossa casa

Mem 13 V 2

1. Bom, eu sou a Daice nasci no Maranhão,
2. mas com dois anos de idade vim para Belém.
3. Eu e minha mãe, Ana Dalva, viemos para
4. que ela cuidasse dos meus primos, Carol e Caio,
5. pois a mas deles, Iria, trabalhava e não tinha
6. com quem deixar.
7. Mas na verdade foi que a minha mãe veio obri-
8. gada pela minha avó, maria.

9. Ela não aceitava o fato da minha mãe ter
10. engravidado do meu pai, César, um dos motivos
11. da raiva dela era também porque ele bebia mui-
12. to. Se tem mais motivo, eu não sei.
13. Viemos para cá e nossa primeira casa era
14. bem humilde. Era só um cômodor, era bem
15. pequena, a gente viveu lá por muitos anos.
16. Quando eu estava com dez anos, minha mãe
17. decidi me mandar para o Maranhão por um ano
18. para que eu estudasse. Bom, eu fui fiz o maior
19. barraco na rodoviária, chorei muito depois eu
20. fui me acalmando. Ai eu fui com a minha tia
21. Dilce, Era na casa dela que eu fui morar. Passa-
22. ram-se alguns meses, eu fui me acostumando, e
23. um dia qualquer, eu vi o meu pai, fiquei nervosa,
24. meu coração acelerou, mas eu não podia nem
25. chegar perto dele. Era uma tristeza. Eu sofria
26. de mais por não ter um pai.
27. E com o tempo, eu fui deixando isso quieto
28. e ia se aproximando o final do ano, E eu
29. vinha para casa.
30. Nós viemos para Belém.
31. Estava ansiosa para re-vêr minha mãe
32. pois ela era tudo que eu tinha.
33. Chegamos, fomos direto para minha tia
34. Iria. Eu não entendi nada. Passou umas
35. horas nós saímos da casa da minha tia Iria
36. eu e minha mãe fomos para casa dela, So que
37. a minha mae já estava em outra casa, era numa
38. invasão nova, lá no bairro do tenoné.
39. tá, passou um tempo, estava tudo bem.
40. Até que chegou uma época que a minha mãe
41. e o namorado dela Renan começaram a briga.
42. Até que eles se deixaram. Ficamos só nós duas
43. na casa. A minha mãe trabalhava muito o dia
44. todo e eu ficava Sozinha, e foi um desses dias
45. que eu ia me deitar na rede, quando a le-
46. vantei e a rede abaixou, eu vir, uma criança
47. ou fantasma não sei direito mas não era normal
48. porque eu estava só. Então eu me joguei na rede
49. assustada, chorando, desesperada, até que de tan-
50. to eu chorar eu dormi.
51. Eu acordei com a minha mãe batendo na
52. porta. Eu sorrir e abri, chorando. Ela perguntava:
53. “O que foi?!” Eu não falava nada, depois de umas
54. horas, eu consegui falar, Depois disso, eu não Voltei
55. lá. Fui para casa da minha tia Iria.
56. Depois de um tempo a minha mãe vendeu a
57. casa do cordolina, e foi mora com um rapaz que
58. ela conheceu, Ai ela foi mora no Tocantins um

59. bairro próximo.
60. Um dia eu fui na casa deles e o meu padras-
61. to estava batendo nela. Eu fiquei desesperada,
62. Mas eu não pude fazer nada.
63. Passou uma horas ele foi se acalmando, e
64. quando chegou a madrugada nós fugimos
65. dele para a casa da minha tia Iria.
66. Eu fiquei na casa da minha tia, ela
67. alugou uma casa e ficou só ela nessa casa.
68. Depois que Ela conseguiu compra as nossas
69. coisa de volta, Ai nós fomos morar juntas.
70. Eu fui crescendo e eu fiquei mais respon-
71. sável, Porque antes eu não gostava de estudar e
72. eu tava bem atrasada nós estudos eu dava um
73. pouco de trabalho nessa questão.
74. E também eu gostava de brigar, so que só era
75. com menino, depois eu fui muldando e me ajei-
76. tei.
77. Depois de um tempo nós saímos da casa, ai
78. nós moravamos todo tempo em um lugar
79. e outro, mais sempre no tenoné.
80. A minha avó resolveu nós ajudar, Ela
81. nunca gostou da minha mãe, Ela sempre era
82. a última a ganhar alguma coisa. A minha
83. mãe é muito magoada com essa situação, mas
84. apesar de tudo a minha mãe amar muito ela.
85. E a minha avó quem comprou a nossa casa
86. hoje e so eu e minha mãe e assim a gente er
87. feliz.

Mem 14 V 1

1. Quando eu era pequena eu e a minha irmã (Karol)
2. eramos muito unidas. so que com um tempo isso
3. foi mudando pois eu tinha 10 anos e ela 13.
4. com um tempo ela foi crecendo e tendo outras
5. amizades que era mais madura que eu e isso
6. foi afastando nois duas. eu ficava com muito
7. ciume mais não demostrava, então comecei
8. a andar com um menino que era como
9. nosso irmão (Eduardo) mas não era de sangue era
10. eu e ele e a minha irmã ele era como se
11. Deu tivesse dado o filho homem que a minha mãe
12. não teve enfim, eu e ele so andava junto poi
13. a minha irmã estava se afastando ela conheceu
14. uma menina e ficaram mulheres amigas (Kamila)
15. e eu falava muito mal dessa menina poi
16. na minha cabeça ela tava roubando a minha ir-
17. mã, Então eu fui crescendo e amadurecendo e esse
18. ciume foi parando e eu comecei a andar com
19. a minha irmã e com a amiga dela mas eu mesmo

20. crescendo não gostava mesmo dessa menina, mas eu
21. falava por falar mesmo. nos ia para todos os lu-
22. gares, shoppig, cinema la no castanheira onde meu
23. irmão (Eduardo) não saia kk, esse ano de
24. 2017 ele faleceu e foi um trauma pra mim
25. poi nois era criado junto desde criança eu
26. amava muito ele hoje ele tem seis meses de falecido
27. e ainda não acredito que ele morreu. então minha
28. irmã teve uma uma filha e isso afastou
29. ela um pouco dessa amiga dela, e unio nois
30. duas. mais meu pai é um homem muito rigido
31. e ele dizia que se ela engravidace era pra ela
32. ir em bora de casa e isso me revoltava por que
33. ela não podia se estressa. E eu batia boca com
34. ele, ele não Gostava mais eu rebatia com ele
35. agora ele melhorou mais um pouco so que as veses
36. ele ainda fala pós ele não Gosta do marido dela.
37. As veses eu quero até trazer um menino aqui
38. em casa mais eu tenho medo de ele me fazer
39. passar vergonha pos esse jeito dele. então fico
40. escondido eu não gosto mais e o jeito pois o
41. medo dele e demais.

Mem 14 V 2

1. quando eu era pequena eu ia para uma
2. escola aqui no bairro e foi la que eu conheci
3. o Eduardo no começo eu e ele não se gostava
4. porque ela falava que eu era muito metida
5. e nois brigava muito, mais Depois nois foi
6. se falando aos poucos ele foi contando vários
7. segredos dele e eu fui contando vários
8. assim nois foi ficando melhores amigos ele
9. morava aqui perto de casa e ele começou
10. a vim direto aqui nois dois andava juntos pra todo
11. lado e todos perguntavam se nois era irmão
12. e nois fala “sim porque pra ser irmão não precisa
13. ser de “sangue eu falava que ele era o irmão
14. que a minha mãe não teve ele chamava a minha
15. mãe (lidiane) de mãe, minha mãe gostava muito
16. pois ela não tinha nem um filho homem ele
17. veio como um filho pra ela.
18. Ele gostava muito de rede sociais, por que ele
19. queria ser famosinho levar varias curtidas
20. eu achava muita graça, ele ficava todo ipolgado
21. so que a familia dele não fazia nada por ele
22. Eles eram 3 irmão e o pai dele so dava as
23. coisas pro irmão mais velho dele e isso foi
24. deixando ele com raiva, uma vez ele perdeu
25. o celular e pediu um pro pai dele e ele não
26. deu ja deu pro outro irmão dele isso

27. revoltou ele, ai ele veio aqui em casa
28. e falou chorando muito que ele ia começar
29. a roubar pra ver se o pai dele dava alguma
30. coisa pra ele e foi que a mamãe disse pra
31. ele não fazer isso que não era o certo
32. e desde esse dia ele começou a se afastar
33. de casa quando eu via ele na rua eu
34. chamava ele pra vim aqui em casa ele dizia
35. que não que ele ia funar uma massa
36. e eu ficava calada e vinha embora, ele
37. começou a vender drogas mais pra ele nois
38. era senpre irmãos onde ele me via era irna
39. pra la e pra ca, ate que em 2017 ele foi
40. fazer um assalto em um condominio
41. e ele ficou de vigia e camera pegou no
42. rosto dele e ele ficou marcado pra morrer
43. e nesse roubo eles pegaram vários celulares
44. mais os celular estavam tudo rastriado e
45. ele ficou com un e o outro menino ficou
46. com outro esse menino morreu primeiro
47. mais ele não sabia que o celular tava
48. rastreado, passou uns dias e o meu irmao
49. parece que ja tava sentido que ia morrer
50. pois ele ficava estranho não falava com
51. ninguem ai uma noite ele falou pra
52. mãe dele que ele não ia dormir la
53. pos a policia tava atras dele,
54. arrunou as coisas dele e foi dormir
55. no mato ele e os outros meninos que rouba-
56. ram quando amanheceu ele foi pra casa
57. da tia dele, nessa ida quando ele tava
58. no ônibus ele recebeu uma ligação e cha-
59. maram ele de carlos e ele disse disse “carlos
60. ta nssa é” ai desligou mais essa ligação
61. ja tinham rastreado ele, quando ele chegou
62. na cassa da tia dele ele so tomou banho
63. e Deitou na rede e o irmao mais velho
64. dele que tava la também tava deitado
65. no sofá foi que melicianos evadirão a casa
66. ele ficou sem reação e so mandou o irmão
67. dele se afastar deram 4 tiros nele ele ainda
68. não tinha morrido ele fingiram que ia levar
69. ele pro hospital, e ficaram passeando ate ele
70. morrer quando ele morreu que eles levaram
71. ele pro ospital, foi que o vizinho que mora
72. atraz de casa falou pro papai isso era 12.00
73. horas ainda e eu não acreditei eu pensava
74. que eles tavam falando isso por que era
75. pra ele dar un tenpo daqui
76. ate que foi anoitecendo e a prima dele

77. veio aqui me falar mais mesmo assim
78. eu não acreditei depoi eu vi a foto dele
79. jogado em cima de uma pedra la no
80. renato chave e comecei a chorar
81. de noite chegou o corpo dele aque
82. tava chovendo muito e eu tava meia
83. gripada mais mesmo assim eu fui la
84. ver ele por que eu queria ver se era
85. mesmo ele, quando eu coloquei a minha
86. cabeça na porta da igreja eu vi o
87. caixão eu não aguentei e comecei a
88. chorar muito, eu não conceguir nen
89. tocar nele so a minha mãe, quando foi
90. o outro dia no de manhã foi o enterro eu
91. não quis ir pois eu tava muito mal
92. tava com febre e não fui mas ao
93. mesmo tempo eu tava com preguiça de
94. ir.
95. Eu lenbro ate hoje quando ele vinha
96. de madrugada chorando pra dormir aqui
97. em casa por que ele tinha discutido
98. com o pai dele.
99. bom assim foi a nossa história esse
100. amigo irmão, sera senpre uma parte
101. Da minha vida.

Mem 14 V 03

1. Quando eu era pequena, eu ia para escola
2. escola Raimundo Martins viana, Que fica na Augusto Montene-
3. gro proximo ao parque shopping, nessa escola
4. tinha um menino que não gostava de mim]
5. ele se chamava “Eduardo” ele não gostava de mim pelo
6. fato de eu não falar com ele, e também ele falava
7. para os Amigos dele que era o “Bruno, Yan e o Daniel”
8. que eu era muito metida, E nois dois brigávamos
9. muito.
10. Mais com uns tenpos nois fomos nos falando e eu
11. vi que ele não era tão chato como eu pensava,
12. eu e ele tínhamos 10 anos. E ele morava no mesmo
13. bairro que eu. que fica no tapanã, Ele começou a vim
14. em casa e eu ia na dele, emfim, Nois só andavamos
15. juntos pra cima e pra baixo, Até as pessoas pergunta
16. vam se nois eramos irmãos e noi falva “Sim”.
17. Ele gostava muito de rede sociais, postava fotos ia
18. para encontro de grupos do whatsapp. E eu ia com
19. Ele principalmente quando os encontros erám no casta-
20. nheira, Ele era bem bonitinho era baixinho loirinho.

21. Ele tinha dois irmãos o “pablo e o paulo” so que o
22. pablo era mais certinho da família dele. tipo não fazia
23. as coisas erradas na frente da Mãe dele ”Amelia” e nem na
24. frente do pai dele “Eraldo”, e por ele fazer as coisas
25. certas o pai dele gostava mais dele do que do Eduardo e
26. do paulo. Um dia o Eduardo perdeu o celular dele, e pediu
27. um de presente pro pai dele, Mais como pai de não quis
28. dar o celular pra ele, O pablo pediu também e o pai
29. dele deu.
30. O Eduardo ficou com muita raiva e foi para a
31. minha casa que fica a poucos metros da casa dele
32. Quando ele foi, isso era umas 00:00 hrs, eu já
33. tava até dormindo. Quando ele bateu na porta que
34. Que eu abrir ele tava em prantos, chorando muito,
35. Eu abracei ele e disse: O que foi meu irmão?
36. e ele calado não conseguia falar, ele tava soluçando
37. já, ai eu dei um calmante pra ele. ai ele começou
38. a falar me lembro ate hoje, ele disse pra minha mãe “luciana”.
39. Não aguento mais lú o papai não me ama, acho que
40. vou começar a roubar pra ver se ele se inporta comi-
41. go. A minha mãe disse: Não faz isso meu filho e claro
42. que ele te ama, roubar não e a solução pra nada.
43. Ele ficou calado e balançou a cabeça,
44. ele dormiu em casa nesse dia, Quando ananheceu
45. ele foi la na casa dele e ficou la, passou quatro
46. dia que ele não ia em casa.
47. Quando a minha colega “Gabi” falou que ele tava
48. funando drogas. Eu nem liguei pro que ela falou
49. falei que era mentira e fui embora.
50. Quando foi no outro dia faltou água aqui na rua
51. e eu ia buscar água no poço que ficava
52. perto da casa dele.
53. Quando eu tou indo buscar água eu dei de cara
54. com ele la.
55. Eu disse: iai mano não foi mais la em casa
56. tou sabendo que tu ta funando essas paradas
57. ai.
58. Ele respondeu: pow eu tou mesmo que ningen não
59. ta nem ai pra mim. nem minha propria mãe.
60. isso me doeu muito eu peguei o balde e vim
61. embora, Quando eu cheguei em casa eu falei pra
62. mamãe que ele tava funando, ela respondeu: Não
63. acredito.
64. Ele passou un bon tenpo sem vim aqui
65. até que chámaram ele pra fazer um asalto
66. no condominio e ele foi e nisso ele ficou de
67. vigia mais ele não tinha cobrido o rosto dele,

68. então a camera pegou no rosto dele e os seguran
69. ças marcaram o rosto dele, como os outros que foram
70. roubar com ele tavam de capeís, eles não ficaram
71. marcado.
72. Nesse roubo eles pegaram varios celulares rastre-
73. ados, e o Eduardo ficou com um celular pra
74. ele, Mais ele não sabia que tava rastreado, foi
75. que a policia já tava com a foto dele. Quando
76. ele soube que tavam atrás dele, ele foi na casa
77. dele arrumou as roupas dele. Mais a mãe dele
78. não sabia desse assalto, ele disse pra mãe dele: Mãe
79. eu vou dormir no mato que vão invadir aque
80. em casa de madrugada.
81. E foi, Quando amanheceu ele foi pra casa
82. da tia dele que fica no bairro da pratinha
83. O irmão dele o Paulo tava la na casa tia dele
84. carla Quando o Eduardo chegou la na pratinha
85. botou as coisas dele na cama. O paulo tava
86. no sofá, e o Eduardo deitou na rede.
87. Nisso que ele deitou a civil ivadiu a casa e
88. dele dois tiros nele. Un pegou no coração e o outro
89. pegou na costela, eles mandaram o paulo se
90. afastar, Mais o Eduardo não tava morto ainda.
91. Os policiais pegaram ele e botarão na caminho-
92. nete falaram que iam levar ele pro Hospital, Mais
93. não levarão. Ficarão passeando até ele morrer.
94. Quando ele morreu que eles levaram ele
95. isso aconteceu de manhã. Quando chegou
96. a tarde. O meu pai (João) tava conversando com un
97. vizinho que mora atrás de casa.
98. e o vizinho falou para O meu pai: Acabaram de]
99. matar o Dudu”. Assim que chamavam ele, O meu pai falou
100. para mim: Filha mataram O teu irmão. E eu res-
101. pondi: É mentira pai, eles devem ta falando isso
102. só pra ele dar um tempo daqui.
103. Ai Eu tava meia doente, Quando foi Atarde
104. A prima dele a (leticia) foi la em casa eu
105. tava dormindo. Ela bateu na janela e me
106. chamou.
107. “Ingrid, Ingrid!” Ai eu respondi: Oi! Ela disse
108. tu soube oque aconteceu? Ai eu respondi: Não!
109. O que foi? Ai ela me falou: Mataram o Dudu!
110. Nessa Hora eu fiquei sem chão.
111. Perguntei que horas ia chegar o corpo dele.
112. Poi eu so ia acreditar se eu visse ele.
113. Ela disse que ia chegar de noite.
114. quando chegou o corpo dele eu

115. perguntei a mãe dele “Amelia” onde ia ficar
 116. O corpo dele. Ela disse que ia ficar em
 117. Uma igreja que fica na outra rua
 118. Eu fui la, Quando eu coloquei a minha
 119. cabeça e vi o caixão eu não aguentei chorei
 120. muito.
 121. fiquei la ums miutos e fui em bora.
 122. O enterro dele foi de manhã mais eu não
 123. Pude ir poi eu tinha pegago chuvisco
 124. e tava passando mal, confeço que estava
 125. com preguiça tanbém RS.
 126. Mais minha mãe foi. eu fiquei triste de não ter
 127. Ido para o interro dele. Mais sabia que se eu
 128. fosse ia doer muito eu ver ele descendo para
 129. baixo da terra. por isso preferir não ir
 130. e me acostunar com A ausencia dele
 131. e Hoje so tenho lenbranças boas.

Mem 15 V 1

1. quando eu era pequenininho Mãe morava com
2. um marido dela um francês la na casa
3. tinha tudo era muito grande tinha um monte
4. de quartos tinha piscina garape eu tinha tudo
5. que eu queria so como eu era criança eu
6. era meio bestinha quando meu padrasto saia
7. com minha mãe para jantar no restaurante
8. eu so sabia pedir soverte e quando era meu
9. Aniversario minha mãe falava oque que vc que
10. ganhar de presente do seu padrasto ai falava
11. um boneco eu não ligava muito para piscina
12. porque eu não tenho ninguém para tomar banho
13. comigo eu era a unica criança da casa e minha
14. mãe que me lavava para tomar banho e eu me
15. sentia só em uma piscina tão grande e não
16. queria ficar so tinha uma parte funda e rasa
17. enquanto eu tomava banho minha mãe me
18. olhava teve um dia meu padrasto com ele
19. era francês ele trabalhava para fora do Brasil
20. e na casa muito grande ficava so eu e minha
21. mãe ele passava um mês fora e no quarto eu
22. e a minha mãe dormia em uma noite minha
23. mãe levantou e olhou la de cima e tinha muita
24. mato era pulicia que tava na casa do caseiro acon-
25. teceu muito tiro minha mãe ficou com medo e já era
26. perto do meu padrasto voltar para levar a gente para
27. franca para fora do Brasil e minha família não
28. gostou muito e minha mãe resouveu se separa para

29. não ficar longe da minha família então ele e minha mãe
30. foi embora e eu cresci fui estudar em uma escola depois
31. minha mãe me matriculou no Ruth dos santos
32. ai tinha umas mulekas me tirando pra otaria e eu
33. não gosto de leva desaforo pra casa brigava mesmo
34. e a diretora ligou pra minha mãe falando vem
35. busca sua finha que brigou ai minha mãe
36. deixou panela no fogo e saiu no sol 12:00
37. dai foi tudo resouvido quando foi no outro dia
38. mesmo eu briguei de novo e deu ate policia
39. na escola eu brigava muito mais nunca apanhei
40. como ate Hoje eu me quietei mas depois
41. minha mãe teve um bebê e moro eu ela
42. O bebê e o marido dela e agente é feliz.
43. ainda mais com o bebê que e meu
44. irmão e nós não vivi sem ele.

Mem 15 V03

1. meu nome e rafaela tenho 17 anos moro com minha mãe e
2. meu padrasto e meu irmão. O nome da minha mãe e Rosy
3. do meu padrasto e fabio e do meu irmão e daniel moro no
4. tenone quando eu era pequena eu morava com minha mãe
5. e bem do lado morava minhas primos O nome de uma e
6. juliana e da Outra e patrícia agente brincava muito a patrícia
7. era mas doida ela fugio de casa e eu ea juliana ecubrio
8. ela ai eu ea minha mãe foi embora mora com meu padrasto
9. ele morava em Um sitio la tinha piscina tinha rio O meu
10. padrasto queria ter Um filho com a minha mãe Só que
11. ela não queria porque ela tinha medo deles se separa
12. e O meu padrasto a criança para ele era fran-
13. ces ele tinha casas ele é rico e a minha mãe morava
14. na casa da minha vó e ele falava pra minha mãe
15. Se ela deixase ele ia sumir com O filho dele ai
16. minha mãe não quiste filho com ele ai com Ums
17. Tempo minha mae se separou dele e eu e
18. ela foi mora denovo com minha vó ai minha mãe
19. comprou uma casa e foi mora eu e ela e com
20. Ums tempo ele conheceu o fabio e teve Um finho
21. dele e Hoje em dia mora eu meu irmão e minha
22. mãe e o meu padrasto eu não gosto muito
23. do meu padrasto agente discute muito ate Hoje
24. eu vou pra festa bebo muito teve uma vez que eu
25. cheguei porre em casa muito porre mesmo teve uma vez
26. que a policia me pegou e me levou pro data e minha
27. mãe foi me pega só que ele não me bateu e nem
28. falou pro meu pai e não gosto do meu pai tenho
29. raiva dele se fosse pra escolhe Outro pai eu

30. escolheria sim ele me abandonou quando eu era
31. peque Hoje em dia eu vejo ele na rua e fingo que
32. nem conheço minha mãe jogou ele na justiça!
33. e ele me da 105,00 isso porque
34. ela jogou na justiça e ate não queria da ele
35. disse que ia da 100,00 ai a juíza alimentou
36. pra 214,44 e ele disse que queria fazer dna
37. porque ele disse que eu não era filha dele la na
38. frente da juíza da minha mãe e na minha frente
39. ai deu Uma vontade de dizer tomara mesmo que
40. eu não seja tua filha seu fudido só que a juíza
41. podia me esculhanba e minha mãe também
42. eu pesso carona pro meu tiu mas não pra ele
43. porque ele trabalha de mototax minha mãe fala
44. pra mim para com isso porque ele pode ser oque for mas
45. ele é meu pai ai eu falo eu se mãe mas eu não
46. Sou obrigada a Amar ele não sei se ele me ama
47. sou Um pessoa quieto na minha mas não vem quere
48. pizar no meu pé tem Umas meninas na Sala elas
49. ficam fazendo gracinha da minha cara eu já
50. quase briguei com Uma teve Um tempo que eu
51. entrei na igreja tava muito bem ai depois eu Sai mas
52. eu tenho vontade de entra mas Só que eu não
53. consigo O pasto me falou que quando a pessoa
54. ta na presença de deus e Sai ele volta e fica
55. mas pior ainda e é verdade se eu não volta
56. minha tendencia e piora mas Um dia eu
57. volto se deus qui ser ele que eu vou volta.

Mem 16 V 1

1. Em 2016 eu fazia parte de uma banda de rock
2. alternativa, formada por 5 pessoas apenas, eu era o
3. vocalista e tocava o baixo, a gente se apresentava
4. de vez enquando, nada muito , em cada
5. apresentação devia ter em media oito pessoas, as
6. outras integrantes já estavam desanimado, porem eu
7. tiver uma ideia de mandar um vídeo da banda
8. tocando pro email de vários produtores, e um
9. se agradou com o vídeo respondeu meu Email
10. ele disse que tinha interesse em investir na
11. nossa banda, ele disse que ia começar promovendo
12. algumas apresentações em eventos, quando a gente foi
13. tocar em lugar que o tal produtor tinha arranja
14. do, não tinha ninguém, a gente pensou ia ser apenas
15. mas um show sem publico, mas mesmo assim a gente
16. foi se preparar em um sala atrás do palco,
17. esperar a nossa para de ir tocar, o palco

18. tinha uma cortina, que estavam “fechada” tipo
19. aquelas cortinas que tem no teatro, eu fui dar uma
20. ispeada e quando olhei pro “salão” percebi que
21. estava lotado, e contei pros meus amigos que ainda
22. estavam na sala se preparando para se apresentar
23. supimos no palco animados, tocamos com vontade e
24. alto, estávamos felizes porque era a primeira
25. apresentação pra bastante gente, depois de
26. que tocamos 8 musicas a gente desceu do palco
27. pois tinha outro artista para se apresentar
28. olhamos para a plateia e percebemos que ninguém
29. que estava assistindo ficou muito animado, não
30. entendi pois a gente tinha ensaiando bastante
31. e tocamos bem, saindo da casa de show, o baterista
32. apontou pra placa especificando as atrações da
33. noite, e es estava escrito ”voltando no tempo com os
34. hits,” dos não 80” ou seja tocamos “rock agressivo”
35. pra algumas pessas que provavelmente eram fã de
36. roberto carlos, agora que eu entendi as senhoras
37. depois do show perguntando se a gente era satanista
38. e se a gente queria aceitar Jesus.
39. ou seja o nosso maior show foi pra pessoas idosas

Mem 16 V 2

1. Eu fazia parte de uma banda de rock em 2014
2. que era formada por 5 membros, eu no vocal e
3. contra-baixo, Osvaldo na guitarra, carlos que
4. também tocava guitarra, o luis na bateria,
5. e o Alessandro no teclado.
6. começamos a banda por pura diV
7. A banda se chamava, “desertares de colegial”
8. o motivo desse nome era que nós iamos muito
9. mal na escola e constantemente desistiamos
10. de ir.
11. todos os membros amavam o rock, porem,
12. cada um de nós, ouvia e era fã de outros
13. generos musicais como MPB, rap, reggae e etc...
14. então descedimos tocar “rock alternativo que
15. basicamente é um rock mais “uletico”, que
16. sempre tenta fazer combinações musicais, assim
17. a banda seria legal para todos nós que
18. tinhamos gostos diferente tambem.
19. pra mim já era o maximo estar em uma
20. banda e estar tocando de vez em quando
21. em uma garage ou no quarto do osvaldo
22. que tinha espaço.
23. mas pro luiz isso era patetico, então ele
24. sugeriu que a gente devia começar a fazer
25. pequenas apresentações, e foram pequenas mesmo!
26. tocamos em bares com um publico de 8

27. pessoas, 7 se a mãe do Carlos não fosse assistir
28. tocamos para este público durante uns 5 meses
29. e isso frustrou o Luiz (baterista).
30. então sem avisar a ninguém, ele enviou um vídeo
31. da gente ensaiando para um produtor de
32. uma pequena gravadora.
33. o produtor gostou do que ouviu então fez
34. uma proposta: ele disse que arranjaria
35. uma apresentação com mais público pra
36. gente, e se a gente tocasse bem e animasse
37. a plateia, ele ia produzir uma música nossa
38. de graça! mas é claro que aceitamos,
39. era a primeira vez que alguém estava
40. disposto a investir na gente, então dias
41. antes começamos a ensaiar bastante e isso
42. levou até a nossa música ficar boa,
43. boa, a avó do Osvaldo disse que estava
44. boa, mas não sei porque devíamos acreditar
45. nela, ela nem ouvia direito...
46. chegou o grande dia!
47. o dia em que iremos tocar pro público
48. que o tal produtor disse.
49. Estávamos nervosos, porém confiantes, na
50. verdade todos demonstravam estar nervosos
51. menos o Luiz, na verdade ele sempre foi
52. assim sem muitas expressões faciais,
53. quase sempre vestia preto e provavelmente
54. usava o lapis de olho da irmã dele,
55. deve ser por isso que ela não suportava
56. ele.
57. quando chegamos no local que aconteceria
58. a nossa apresentação, notamos pouco
59. movimento no “salão”.
60. Pensávamos: “Talvez tínhamos chegado cedo”
61. fomos pro camarim nos trocar, beber ou
62. comer algo.
63. Já estava perto da banda de subir no
64. palco, então fui dar uma espiada pelo
65. canto da cortina, pra ver se tinha
66. chegado alguém, tomei um susto.
67. estava lotado!
68. Voltei correndo pro camarim e disse pro
69. outros membros da banda que finalmente
70. íamos tocar para um público de verdade
71. eles se animaram.
72. demorou uns 10 minutos para o locutor
73. chamar a nossa banda, quando ele
74. chamou fomos correndo pelo corredor
75. que levava ao palco, nos fomos atrasado
76. por uma senhora que parou o Luiz

77. no caminho, ela chamou ele e disse: Você
78. pertence a alguma igreja? o final pra
79. quem segue isso não é muito bom.
80. acho que pensar que o nosso baterista
81. o luiz era membro de alguma seita ocul-
82. tista, pelo modo sombrio que ele era.
83. mas não era pra menos, se eu não conhe-
84. cesse o luiz e ele aparecesse na minha frente
85. eu jogaria agua benta pensando que era
86. o anticristo.
87. Ja no palco não enrolamos muito, pois ja
88. estavamos atrasados
89. subimos e fomos logo tocando,
90. tocando alto e com vontade, quase não olhamos
91. para a plateia, estavamos mais focados
92. a olhar para os nossos instrumentos
93. pra não errar um acorde.
94. tocamos como nunca tinhamos tocado
95. antes, ficamos exausto, estranhamente não
96. ouvimos aplausos e quando estavamos des-
97. cendo a escada percebemos alguns rostos
98. assustados, outros confusos.
99. pensei: “sera se tocamos tão mal assim?”
100. quando a gente tocava para apenas 8
101. pessoas pelo menos a tia do alessandro
102. forçava um sorriso fingindo estar gostando
103. saimos da casa de show já um pouco
104. desanimados até que o luiz falou “olha lá
105. o outdoor, estava escrito “Flash back anos 80”
106. como chegamos cedo o outdoor estava apagado
107. por isso não percebemos, será se tocamos
108. no lugar errado? gosto de pensar que não,
109. pra não sentir tanta vergonha, mas agora
110. eu entendo as pessoas com “calça jeans boca
111. de sino” e as partes do Roberto Carlos jovem
112. no camarim onde estavamos.
113. observação: Roberto carlos era muito estranho
114. Jovem!

Mem 16 V 03

1. Eu fazia parte de uma banda de rock em 2016
2. que era formada por cinco membros, Eu no vocal e contra-baixo, osvaldo na
3. guitarra, Carlos, que também tocava guitarra, o Luiz, na bateria e o alessa-
4. ndro, no teclado.
5. Começamos a banda por pura diversão. A banda se chamava: “Desertare
6. de colegial.
7. porque todos membros da banda iam muito mal no colegio.
8. todos que tocavam na banda amavam rock, amim como eu porém
9. cada um de nós, ouvia e era fã de outro genero musicais, então,

10. descidimos tocar “rock alternativo, que basicamente é um rock mais
11. “ecletico” que tenta misturar rock com outro genero, assim a banda
12. seria legal para todos, para mim já era o maximo estar em uma
13. banda e estar tocando de vez em quando, em uma garagem.
14. mas para o luiz, isso era patético, então, ele sugeriu que a
15. gente comesasse a fazer pequenas apresentações. E foram pequenas
16. mesmo. Tocavamos em bares, com um publico de oito pessoas.
17. tocamos para este público durante seis meses. E isso frustrou o Luiz,
18. então, sem avisar a ninguém ele enviou um vídeo da gente ensaiando
19. para um produtor musical, ele gostou do que ouviu e então fez a segui-
20. nte proposta:
21. _ Vou conseguir um local com mais gente, para vocês tocarem e se manda-
22. rem bem, Eu produzo uma musica de graça para vocês.
23. Logico que aceitamos, começamos a ensaiar praticamente todos os dias
24. á avó do Osvaldo disse que estavamos melhorando muito, não sei porque
25. devíamos acreditar nela, afinal, ela usava aparelho auditivo, pois era
26. meio surda.
27. depois de duas semanas de ensaio, finalmente chegou o grande dia!
28. o dia que que íamos tocar no local que o produtor tinha nos
29. dito.
30. quando chegamos no local notamos pouco movimento e então, pensamos:
31. “A talvez a gente tenha chegado muito cedo”
32. Fomos para o camarim, trocar de roupa, comer alguma coisa e etc...
33. Eu sai do camarim pra dar uma espiada no palco, dei uma olhadinha
34. pelo canto da cortina, tomei um susto!
35. Estava lotado, voltei correndo pro camarim e disse:
36. _ “Cara tem muita gente lá”
37. Eles logo se animaram, na verdade menos o Luiz, Não sei quando o
38. Luiz esta triste ou feliz, ele sempre está com a mesma expressão, mesmo jeans
39. com camisa preta e lápis de olho da irma.
40. Nos apressamos e andamos rápido em direção ao palco, pois
41. estavamos atrasados.
42. No caminho uma senhora nos parou pra falar com o Luiz, ela
43. encarou ele por uns sete segundos e disse?
44. _ “Filho, Você já aceitou Jesus? o final pra quem segue a vida desse
45. jeito nunca é bom”
46. ficamos sem entender nada e prosseguimos, mas agora entendo
47. a senhorinha, se tu não conhece o Luiz e visse ele de noite,
48. eu sairia correndo achando que era algum anti-cristo...
49. enfim, subimos no palco, quase nem olhamos para plateia, estavamos
50. muito focados nos nossos instrumentos, para não errar uma nota.
51. Quando terminamos de nos apresentar, estávamos exaustos, descendo
52. os degraus do palco, notamos que ninguém aplaudio e alguns ficaram
53. com uma expressão de “Espanto”, fiquei pensando!
54. “será se tocamos ato mal assim?”
55. a gente estava saindo da “casa de show” um pouco desanimados
56. até que o Luiz disse:

57. “olhem lá na placa!”
58. e estava escrito as seguinte palavras no outdoor:
59. “voltando no tempo com as melhores dos anos 80”
60. ou seja, tocamos musica de adolescente pra gente com a idade]
61. do meu pai e alguns com idade do meu avô...
62. Até hoje eu não sei se tocamos mal ou no lugar errado, gosto
63. de pensar que não, nenhum dos dois, pra sentir menos vergonha, mas
64. agora eu entendo as pessoas com calça boca de sino no banheiro e os
65. posters do Roberto Carlos Jovem no nosso camarim.
66. Só queria dizer que o Roberto Carlos Jovem era muito estranho, assim
67. com calças “boca de sino!”

Mem 17 V 1

1. olá meu nome é Larissa eu vou contar como
2. foi a primeira vez que me apaixonei por uma
3. garota. O nome dela era Raissa ela tinha cabelo longo
4. preto, olhos azuis e a pele bem branquinha mas
5. nunca tinha chamado minha atenção nada disso pois
6. era meus amigos. Eu pedi pra ela levar minha mochila
7. para a sala, porque eu queria ir ao banheiro. Ela
8. srrriu pra mime levou. Eu falei sem nenhuma inten-
9. ção, só queria que levasse mesmo. Isso foi bem no
10. comecinho das aulas, depois perdi contato com ela.
11. Pra mim ela era só mais uma na sala e assim fui
12. levando as aulas. Mas em um maldito dia de educação
13. física no dia 10 de junho de 2014, sim!, eu lebro a data
14. pois foi no mesmo dia que ganhei meu Iphone 5, que
15. foi muito esperado por mim. Na física Raissa
16. me chamou para jogar em seu time, no jogo
17. de queimada, fui muito simpática e acabei aceitando.
18. No meio do jogo acabei acertando uma pessoa do time
19. adversario, ela veio até mim me abraçou e apertou
20. minha mão me parabenizando. Eu fiquei tipo “nossa que
21. garota simpatica” Eu falo maldito dia porque foi nesse
22. dia que comecei a sentir algo por ela.
23. A partir daí, começamos a andar juntas. Quase sempre
24. falavamos de garotos, mas no fundo eu sabia e sei
25. o que gosto e o que quero. Logo entramos de férias
26. esse mês foi o suficiente pra perceber que eu estava
27. gostando dela de verdade. As aulas voltaram e ela
28. queria sempre ficar perto de mim, quando ela tava
29. comigo nutava um olhar diferente,
30. sincero, tão amável que eu achei que ela também
31. tava gostando de mim. Oque fez alimentar o senti
32. mento, No dia seguinte a professora passou um
33. trabalho em dupla, foi que nos marcamos em casa

Mem 17 V 2

1. Olá meu nome é Larissa, vou contar como foi
2. a primeira vez que me apaixonei por uma garota.
3. O nome dela era Raissa, ela tinha cabelo longo e preto
4. e da pele bem branquinha, a gente tinha bastante
5. intimidade e nos davamos super bem. Em
6. um dia de aula cheguei na escola e ela estava
7. sentada em banco no corredor, pedir
8. pra ela levar minha mochila para sala pois eu
9. tava apertada e precisava ir ao banheiro ela
10. sorriu e levou. Tava no comecinho das aulas
11. e depois de uns meses nos afastamos um pouco.
12. chegou mês de junho e toda terça tinha ed. fisica
13. eu ano gostava muito de esportes e a Raissa
14. adorava, fiquei olhando os meninos jogarem
15. ela acabou me chamando pra participar do
16. jogo de queimada fui simpática e aceitei, o jogo
17. começou novamente e notei uma garota do
18. time adversário nem acreditei porque sou muito
19. ruim em esporte, ela sorriu e veio até mim
20. me deu um abraço e apertou minha mão. Eu
21. fiquei pensando “Nossa que sorriso lindo e que
22. garota simpatica” comecei a sentir um friozinho
23. na barriga. Será que tô gostando dela?
24. Começamos a andar juntas novamente e conversar
25. bastanti, na maioria das vezes o assunto era
26. sobre garotos. A vontade era de falar que
27. sentia algo por ela mas fiquei na minha.
28. Acabaram as aulas e fiquei de férias, minhas
29. férias foram em casa porque minha mãe tava
30. sem dinheiro, fiquei com saudades da
31. Escola e da Raissa também. O mês de julho
32. acabou e voltaram as aulas, primeira semana
33. de aula ficamos bastante juntas, percebia que
34. ela gostava da minha companhia e cabe
35. achando que ela gostava de mim.
36. A professora da nossa sala passou um traba
37. lho em dupla e combinamos em casa.
38. Meus pais não estavam em casa, e ela chegou
39. para fazer o trabalho, fomos pra sala fazer
40. o dever, acabamos e fomos jogar video game
41. no meu quarto, liguei a tv peguei oscontroles
42. e dei em sua mão, ela me olhou por
43. uns 10 segundos meu coração logo acelerou
44. ela me deu um beijo. Foi bom não sei explicar
45. qual sentimento eu tava sentindo acho
46. que ficou tudo misturado, nunca tinha feito
47. isso antes.
48. Ficamos naquele “fica” e sempre relebra
49. vamos sobre o beijo nas nossas conversas
50. contei para uma amiga nossa tudo que tinha

51. rolado achei que ela era confiável mas ela
 52. acabou contando para a escola toda e acabou
 53. caindo no ouvido da diretora. Passou umas
 54. semanas e me chamaram na sala, eu não imagi-
 55. nava que fosse sobre aquele assunto meu e
 56. da Raissa. Cheguei lá e a diretora disse que já
 57. sabia de tudo e que era pra eu contar toda
 58. a verdade se não ela ia chamar meus pais.
 59. Eu contei tudo sobre o que ouve na minha casa
 60. e ela começou a gritar comigo dizendo que eu
 61. ia pro inferno, ela ligou pra minha mãe que tava
 62. no serviço e minha mãe veio, fiquei com muito
 63. medo e a diretora ligou pra mãe da Raissa também
 64. fui pra fora da sala e só ficou elas conve-
 65. rsando, mamãe tava com um papel na mão era
 66. de suspensão por uma semana, não apanhei mas
 67. escutei coisas horríveis do meu pai que eu preferia
 68. ter apanhado.
 69. na outra semana vi Raissa triste, dei um abraço
 70. apertado nela, me sentir tipo alivio, logo me chamaram
 71. de novo na sala da diretora, era a mãe da Raissa
 72. ela gritou comigo e disse que me queria longe
 73. da filha dele se não nunca mais iria ver ela.
 74. Eu aceitei mas no dia seguinte não vi mais Raissa
 75. e nem nos outros dias, passou meses e acabaram
 76. as aulas, eu fiquei pra baixo e torcia pra ver ela
 77. em algum lugar, mas nunca mais tive noticias
 78. dela.
 79. Esse ano cheguei ver ela no tenoné mas ela não
 80. falou comigo acho que porque ela estava com a mãe.
 81. Seguir em frente mas o dia do beijo entrou pra minha vida.

Mem 17 V 03

1. Primeira Paixão Por uma garota
2. Meu nome é Maria, vou falar sobre
3. minha paixão por uma garota, da minha
4. Escola.
5. O nome dela era Raíssa. Ela era muito
6. bonita. Eramos muito amigas e nos dávamo-
7. s super bem.
8. Em um dia de aula, cheguei a escola
9. e ela estava sentada em um dos bancos
10. do corredor. Falei com ela e pedir para ela
11. levar minha mochila para a sala, pois eu
12. estava apertada e precisando ir ao banheiro. Ela
13. sorriu e levou. Estava bem no começo das aulas.
14. Depois de uns meses, nos afastamos um pouco
15. por conta de uns comentários de mal gosto sobre
16. a gente, ficamos chateadas e decidimos parar
17. de se falar.

18. Chegou o mês de junho e toda terça-feira
19. tinha Ed. Física. Eu não curti esporte e a
20. Raíssa adorava. Fiquei olhando o jogo de
21. queimada que ela estava no meio. Ela me
22. chamou para jogar e logo aceitei. O jogo
23. começou e logo “motei” uma garota do outro
24. time, ela sorriu e veio até mim, me deu
25. um abraço e apertou minha mão.
26. Eu pensei
27. “_ Nossa! Que sorriso lindo”
28. “_ Que garota simpática!”
29. comecei a sentir um frio na barriga e
30. pensei:
31. “_ Será que eu estou gostando dela?!”
32. Começamos a ficar próximas novamente e
33. conversar sobre várias coisas. Na maioria
34. era sobre garotos. A vontade era falar sobre
35. aquele frio na barriga que eu estava sentindo
36. quando à via, mas fiquei com vergonha.
37. Acabaram as aulas e fiquei de férias, sentir
38. muita falta da escola e de Raíssa. Não via a hora
39. de voltar para a escola. Era dia 1 e logo
40. no dia seguinte eu iria ter aula, pensei:
41. “_ Meu Deus, até que enfim!
 - a. Acordei cedinho e fui para a escola, Raíssa
42. estava lá, ficamos bastante juntas. Percebi que
43. ela gostava da minha companhia.
44. Fomos para a sala e a professora passou
45. trabalho em dupla, marcamos em minha
46. casa.
47. Meu pais estavam no trabalho, e ela chegou
48. em casa, fomos para sala resolver o trabalho.
49. Depois de feito convidei ela para meu quarto
50. jogar vídeo game. Liguei a Tv, peguei os controles
51. e dei um em sua mão. Ela me olhou
52. por uns segundos nos olhos e me deu
53. um beijo. Foi muito boom! Não sei explicar
54. o que eu estava sentindo! Afinal, nunca tinha
55. beijado uma garota.
56. No outro dia conversamos sobre o
57. nosso beijo, sobre tudo que rolou.
58. Contei para uma amiga nossa o que
59. rolou porque achei que ela era de confiança.
60. Mas, ela acabou contando pra todo
61. mundo. Caiu até na boca da diretora.
62. Ela mandou me chamar,
63. falou várias coisas e quis chamar
64. meus pais lá na escola, fiquei com medo
65. por que meu pai não entenderia.
66. A diretora foi muito preconceituosa e

67. falou várias coisas que machucaram bastante.
68. implorei pra ela não chamar meus pais
69. e mesmo ela chamou os meus e os da
70. Raíssa. Eles ficaram um bom tempo
71. dentro da sala e a gente lá fora
72. com medo do que iria acontecer.
73. Eles saíram da sala e fomos embora.
74. Meus pais ficaram muito decepcionados e
75. eu muito triste, era meio que normal para
76. mim. Foi só um beijo qualquer.
77. Fui suspensa por 3 dias da escola.
78. E quando voltei para lá Raíssa não tinha
79. ido e nem nos outros dias.
80. Fiquei muito mal, Por que gostava muito
81. dela.
82. O ano acabou e nunca mais nos
83. vimos novamente.
84. E eu nunca esqueci dela.

Mem 18 V 1

1. A minha historia é assim, eu morava em
2. uma cidade ai eu me mudei para outra, deixando
3. antigos amigos, deixando por que eu não ia
4. mais brincar com eles, mas sabia que eu
5. ia conhecer novas pessoas, novos amigos foi
6. muito bom nessa nova cidade eu me divertia
7. muito com meus novos amigos, agente brincav-
8. as todos os dias de todos os tipos
9. de brincadeiras eu gostava muito foi muito
10. bom brincar de Futebol, Voleibol, taco, solta pipa
11. pira garrafão, pique esconde entre outras brin-
12. cadeiras, correr, cair, ir pra casa todo ralado
13. fazia parte por isso eu nunca ficava triste
14. eu voltava pra brincadeira isso me marcou muito
15. marcou muito a minha infância, ali na quela
16. cidade eu fiz amigos que eu tenho
17. até hoje na minha vida.
18. Mas ai eu voltei para a minha antiga cidade,
19. isso já na minha adolescência, mas ai
20. eu vi que tudo tinha mudado, meus am-
21. igos inclusive eu, eu que ninguém brin-
22. cado mais, todos nos tínhamos crescidos, essa fase
23. de criança para adolescênte , de infância para
24. juventude, foi muito, isso passou muito
25. rapido, nossas dicursões passaram de brincar para
26. festas, praças, shoppins, de brincadeiras fomos
27. para namoricos, para mim isso foi muito derrepente
28. isso foi bem e ruim, por que eu sinto
29. saudades de correr, cair, por que tem brincadeiras

30. que eu levo até hoje como soltar pipa, jogar
31. Futebol, jogar vôlei, mas também eu gosto de
32. sair, em Festas entre outros lugares, mas claro que
33. tudo de acordo com a minha idade, minha
34. infância foi muito boa aconteceram coisas
35. boas e ruins tiam perdas também, perdi pesso-
36. as, meus avos motivo faleceram e eu sinto
37. saudade inclusive do meu avô, por que minha
38. avó faleceu quando eu era muito pequeno, ai não
39. me lembro muito. A minha adolescência tá sendo
40. muito muito, me divertindo,
41. saindo, estudando, namorando, tou muito feliz.

Mem 18 V 2

1. Minha infância
2. Minha infância foi muito legal, eu me divertia
3. muito com meus amigos, brincava muito de soltar
4. pipa, pique escondi, pratica diversos esportes como
5. futebol, voleibol eu morava com minha mãe Francis,
6. meu pai Alisson e minha irmã Aline de 10 anos
7. de idade, a gente morava na cidade de Belem no
8. Conjunto Maguari no Alameda 20. Depois de um tempo
9. meu pai e minha mãe decidiram que iam nos
10. mudar para outra casa em outro bairro, O bairro era
11. Outeiro assim que a gente chegou lá no nova
12. casa que ficava na Av. Beira Mar eu gostei muito
13. fiz novas amizades, me divertia muito, daí tive
14. que mudar de escola também, comecei a frequentar
15. o colegio Vitória. Gostei muito da nova escola,
16. ai chegou julho o mês das ferias escolares então
17. minha mãe queria viajar para Primavera, onde
18. morou com meus maternos Lorença e Chico, eu e
19. minha mãe gostavamos muito de lá, lá tinhamos
20. primos, tios, nossos avôs e também tinha as vós.
21. Em um certo dia meus primos decidiram ir em
22. um rio, Rio das Pedras era o nome do rio, então minha
23. disse para mim ir, pra eu ir me divertir, brincar, porque
24. vai ser bem legal, enquanto isso minha mas ficou fazendo
25. bolo, lasanha entre outras coisas, dai eu fiquei animado pra
26. ir, então fui com os meus primos, foi bem legal lá
27. no rio, ai na volta para casa uma de minhas
28. primas a Adriely, subiu em um pequeno morro de
29. barro, pra ir em um quintal de uma casa que
30. ficava na rua do caminho para casa, dai eu a avi
31. e fui atrás dela pra pegar caju uma fruta
32. que eu nem gosto, mas eu queria ir pegar caju
33. junto com ela, então veio um cachorro e
34. eu não o vi e fui modido por ele, doeu muito,
35. eu comecei a chorar e não parava de chorar,

36. daí meus primos me carregaram e me levaram
 37. para casa, então minha mãe me viu chorando
 38. carregado por meus primos e eu tava chorando,
 39. ela ficou desesperada, nervosa, porque não sabia
 40. o que estava acontecendo comigo, mas felizmente
 41. a modida não foi tão grave, daí então ela
 42. ficou mais aliviada, daí a gente ficou lá até
 43. as férias acabarem, passaram-se os dias e voltamos
 44. para Belém. Depois de anos morando em Outeiro
 45. meu pai e minha mãe decidiram que íamos nos
 46. mudar novamente, dessa vez para outra cidade,
 47. Santarem, mas eu não queria ir, eu então com
 48. 11 anos, decidi que queria ficar com meus avós,
 49. meus pais aceitaram minha decisão, então meu
 50. pai, minha mãe e minha irmã foram para Santarem,
 51. e eu fiquei em Belém no Conjunto Maguari na
 52. casa de meus avós, comecei a frequentar outra
 53. escola Ruth Dos Santos Almeida. Passaram-se uns tempos,
 54. hoje tou com 17 anos, adolescênte, mas continuo morando
 55. com meus avós, eu cresci bastante, já não brinco com
 56. meus amigos, como antes, costume frequentar festas,
 57. a gente dá uns rolês como a gente fala, isso é minha
 58. adolescência.

Mem 18 V 03

1. Minha infância foi muito legal. Eu me
2. divertia muito
3. divertia muito com meus amigos, brincava muito de
4. soltar pipa, pique esconde, praticava diversos esportes
5. como futebol e voleibol. Eu morava com a
6. minha mãe Francis, meu pai Alisson e minha
7. irmã Aline, de 10 anos de idade. A gente morava
8. na cidade de Belém, no Conjunto Maguari, na
9. Alameda 20.
10. Depois de um tempo, meu pai e minha mãe
11. decidiram que íamos nos mudar para outra casa
12. em outro bairro, o bairro era Outeiro. Assim que
13. a gente chegou lá na nova casa, que ficava
14. na Av. Beira Mar, eu gostei muito.
15. Fiz novas amizades, me divertia muito, dai tive
16. que mudar de escola também. Comecei a frequentar
17. o Colégio Vitoria. Gostei muito da nova escola.
18. Então chegou julho, o mês das férias escolares.
19. E minha mãe queria viajar para Primavera, onde
20. morou com meus avós maternos Lorença e Chico,
21. eu e a minha irmã gostávamos muito de lá.
22. La tínhamos primos, tias, nossos avós e também

23. tinha os rios.

24. Em um certo dia, meus primos decidiram ir

25. em um rio, Rio das Pedras era o nome do rio.

26. E, minha mãe disse pra eu ir, pra eu ir me

27. divertir, brincar por que vai ser bem legal. Enquanto

28. isso, minha mãe ficou fazendo bolo, lasanha, entre outras

29. coisas. E eu fiquei animado para ir. Então fui com

30. os meus primos, foi bem legal lá no rio.

31. Na volta para casa, uma de minhas primas,

32. Adriely, ela que não era nem um pouco

33. comportada, assim como eu, inventou de subir em um

34. pequeno morro de barro, para ir em um quintal

35. de uma casa, que ficava na rua do caminho

36. casa. Eu a vi e atrás dela para pegar caju

37. uma fruta que eu nem gosto, mas eu queria ir

38. pegar caju junto com ela. Mas ela não me viu

39. indo atrás dela, e no quintal dessa casa tinha um

40. cachorro, e ele tava solto. Então ele veio por trás

41. de mim, sem eu ver e mordido por ele, ele mordeu

42. minha perna. Doeu muito. Dai meus primos me

43. carregaram, pois não conseguia andar, me levaram para casa.

44. Então minha mãe me viu chegando carregado por

45. meus primos e eu estava chorando. Ela ficou

46. desesperada, nervosa, porque não sabia oque estava

47. comigo. Mas, felizmente, a mordida não foi tão grave

48. e agente ficou lá até as férias acabarem. Passaram-se os

49. dias e voltamos para Belém

50. Depois de 4 anos morando em Outeiro, meus pais

51. decidiram que íamos nos mudar. Dessa vez, para outra

52. cidade, Santarém. Mas eu não queria ir, eu então com 11

53. anos, decidi que queria ficar com meus avós paternos.

54. Meus pais aceitaram minha decisão. Então, meus pais e minha

55. irmã foram para Santarém, e eu fiquei em Belém, no

56. Conjunto Maguari, na casa de meus avós. Comecei a frequentar

57. outra escola Ruth dos Santos Almeda.

58. Passaram-se uns tempos, hoje tou com 17 anos, adolescente,

59. mas continuo morando com meus avós, já não brinco

60. com meus amigos, como antes, costume a frequentar festas,

61. sair pra me divertir entre outras coisas. Essa é

62. minha adolescência.

Mem 19 V 1

-
1. 2007, eu tinha 7 anos de idade quando
 2. o meu tio foi em casa para emprestar
 3. o carro do meu pai. Estava eu, o meu pai
 4. e a minha prima deitados na minha

5. cama, quando o meu tio chegou e falou
6. _ mano, me empresta o teu carro
7. Para eu ir em um show com a minha
8. família? O meu pai emprestou o
9. carro e disse que ia rodar de moto-tax
10. até o meu tio voltar do show e
11. eu estava com a chave da moto
12. na mão Brincando e não queria dar
13. pra ele. mais depois ele me convenceu
14. e eu dei a chave. eu tomei bença dele
15. e ele foi. não demorou muito
16. Para um amigo de trabalho ir la
17. em casa para dizer, que um homem
18. atirou 7 vezes nele na entrada
19. do conjunto, e veio a hobito, no começo
20. eu pensava que a culpa era minha
21. porque eu tinha dado a chave na mão
22. dele, eu nem saia mais de casa,
23. não almoçava direito só pensando nele.
24. antes eu queria vingar ele, mais
25. depois percebi que a violência não
26. leva a lugar nenhum.

Mem 19 V 03

1. 2007 eu tinha 7 anos de idade quando meu tio
 2. foi em casa para emprestar o carro do meu pai.
 3. estava eu, meu pai e a minha prima deitados na
 4. minha cama, quando meu tio chegou e falou:
 5. _ mano, me empresta o teu carro para eu ir em
 6. um show com a minha família?
 7. O meu pai emprestou o carro e disse que
 8. Ia rodar de moto-tax até o meu tio voltar
 9. do show. E eu estava com a chave da moto
 10. na mão Brincando e não queria dar pra ele.
 11. mais ele me convenceu e eu dei a chave, tomei
 12. Bença dele e ele foi.
 13. não demorou muito para um amigo de traba-
 14. lho ir la em casa e disse que um homem
 15. tinha acertado 7 tiros nele e ele veio a óbito.
 16. No começo eu pensava que a culpa era
 17. minha porque eu tinha dado a chave na
 18. mão dele, eu nem saia mais de casa, não
 19. almoçava direito só pensando nele.
 20. antes eu queria vingar ele, mais depois
 21. percebi que a violência não leva a lugar
 22. nenhum.
-

Mem 20 V 1

1. Quando eu era criança tinha Varios pensamentos muitos Sonhos
2. Brincava muito com meus amigos de todo tipo de Brincadeir-
3. as legais divertidas que uma criança gosta, Bandeirinha, Pira
4. se esconde, garrafão, Pula corda, e outras demais brincadeiras. A
5. minha familia era muito unida eramos evangêlicos, meu Pai minha
6. mãe e minhas três irmãs, mais com o passar do tempo meus pais
7. se separaram quando eu estava com 12 anos de idade isso me dei-
8. xou muito triste, então fiquei com minha cabeça virada fui para
9. lugares que aviam festas, repetir muito na escola e com 15 anos
10. conheci um rapaz e gostei muito dele fez minha Vida que estava
11. de Ponta a cabeça ficar normal fiquei muito feliz e quando foi pass-
12. ando tempo e fiz anos de namoro deus me abençoo com um filho e hoje em
13. dia voltei a estudar estou com meu filho e o pai do meu filho tamb-
14. ém estamos muito felizes emfim.

Mem 20 V 2

1. **FAMILIA RECONSTITUIDA**
2. Minha familia sempre foi evangêlica, Sempre iamos para igreja todos juntos
3. meu pai jose carlos, minha mãe esmeralda e minha irmãs, Joyce, tayane
4. e taynara, eramos sempre unidos, sempre iamos passear na orla, no Shopping
5. em parques de diV, sempre eu estava feliz, finais de Semana iamos na praia
6. tudo ficou melhor quando meu pai comprou um carro para nois, mais com o
7. passar do tempo meus pais foram se desentendendo varias vezes via eles desculti-
8. ndo por vários motivos e desde ai meu pai foi se afastando e por uma Situação
9. e varias separações e brigas com a minha mas decidiram se separar desde dai
10. se afastamos total da igreja, foi se destruindo de pouco a pouco e com o tempo
11. tudo isso foi me afetando, já não conseguia ter cabeça pra nada nem estudar
12. so chorava e para me afastar desses problemas de família eu achava que se saísse
13. e fizesse outras coisas iria ficar tudo bem e eu esquecer acabei me envolvendo em
14. outros problemas, comecei a sair de casa a ir para festas, fugir para ir pra festa sem
15. minha mãe deixar pois ela sofria mais eu não me importava virei a cabeça me metendo
16. em brigas de escola, bebidas, drogas, festas o tempo se passando e eu só piorando
17. minha mãe me brigava mas eu não a ouvia, Só me metia com pessoas erradas
18. enato chegou o dia em que conheci o joel, conversei com ele viramos amigos e com
19. o tempo fui gostando dele mais ele também se metia com coisas erradas e quando
20. começamos a namorar ele falou pramim deixar dessa vida eu pedi pra ele deixar
21. também e ambas partes se ajudaram, passou-se um tempo e eu descobrir que esta-
22. va grávida então todos ficaram sabendo e o joel fez o papel dele assumiu
23. ficamos felizes com a noticia fui morar com ele, ele se empregou e hoje em dia
24. voltamos para igreja ele esta trabalhando e estudando e eu estudando e
25. cuidando do meu filho jean, Somos felizes e sou grata por tudo que Deus
26. me deu.

Mem 20 V 03**FAMÍLIA RECONSTITUIDA**

1. Eramos 6, meu pai José carlos, minha mãe Esmeralda e minhas três irm-
2. ães Joyce Hellen, taynara Estefane, é tayane cristina. Nos eramos Evangêlicos

3. é todos os sabados e domingos iam para os cultos sempre unidos, sempre fazia-
4. mos planos em familia para Viagens e todos os domingos íamos passear ou comprava-
5. mos algo para comer em casa tipo pizza, bom eu achava aquilo tudo perfeito
6. quando iam em familia para orla, shoothing e praias sempre eu estava feliz
7. eu era muito paparicada pelo meu pai José carlos pois sou a mais nova de minhas
8. irmãs, Então meu pai e minha mãe compraram um carro para nois e assim
9. seguiu minha vida, melhores dias da minha vida boas lembranças de uma
10. familia unida e abençoada, mas com o passar dos tempos meus pais foram se
11. desentendendo muitas brigas separações mas sempre voltavam, então de uma vez
12. se separaram fiquei muito triste com minhas irmãs e minha mãe e dai fiquei afeta-
13. da com essa situação eu tinha apenas 12 anos de idade eu era acostumada com os ca-
14. rinhos e mimos de meu pai e em ve-los juntos. Pois fui so piorando já não queria mas
15. estudar nem brincar na rua só chorava, para me afastar desses problemas em familia
16. Eu achava que se fizesse besteira em virar a cabeça me meter com má-influência
17. de amizades que só iam me levar pro fundo do poço, Comecei a dar trabalho para minha
18. mãe, Saindo para festas chegando de manhã deixando-a preocupada
19. fugir de casa e minha mãe e minhas irmãs não tinham controle sobre mim, então
20. minha mãe Esmeralda, chamou meu pai para lhe passar a situação do meu problema
21. mas nem meu pai Solbe lhe dar comisso, minha mãe sofria mas eu não viu isso nem
22. me importava pós passeia gostar da vida “Loca” me meti muito com pessoas erradas
23. então conheci o Joel primeiro pela Escola Ruth Almeida pela parte da manhã que ele estuda-
24. va também e como eu estuda de tarde e fazia dependência de manhã conheci ele
25. através de um amigo meu que também e amigo do Joel, o nome de e
26. Rafael, Se passou dias e conversamos pelo facebook que mandei convite a ele.
27. me interessou muito. Fomos ficando amigos e com mais ou menos 4 meses
28. começamos a namorar ao longo da nossa amizade ele me contou a vida dele
29. levei ele na minha antiga casa “casa de minha mãe” e nesse dia meu pai foi deixar
30. um presente para mim, aproveitei e apresentei joel a meus pais e a minhas irmãs
31. E no outro dia ele me levou para conhecer minha sogra Andreza e minha cun-

32. hada brenda meu sogro conheci pelo facebook pois ele também e separado da
33. mãe do Joel, A história do Joel também foi uma história de Vida conturbada
34. os tios dele vendiam drogas e ele também passou a vender bem antes de me
35. conhecer ele ficava pelos cantos mas a mãe dele não deixava o pai do Joel
36. também vendia drogas mas hoje em dia mora em Santarém e não vivemos
37. disso ele mudou mas infelismos os dois tios do Joel morreram por com-
38. ta desta vida no crime so quem se livrou foi o Joel e o pai dele, O Joel mora-
39. va no bairro Jaderlândia devido tudo isso veio para o tenoné continuou
40. usando drogas e quando me conheceu eu também usava, bebia e fumava
41. começamos a namorar com o consentimentos de meus pais e dos pais dele logo
42. fomos conversando entrando em um acordo eu e o Joel para largarmos isso
43. tudo e deu certo ambas partes se ajudaram eu e ele, ele era muito fisurado
44. em jogos do Paysandu na torcida so entrava em brigas e largou isso também
45. hoje apenas vemos o jogo tudo em paz, bom com 1 ano e pouco de namoro eu
descobrir
46. minha gravidez não foi planejado por mim mas sim por Deus quando fiz o teste
deu
47. positivo fiquei com medo e falei para o Joel ele ficou feliz dai contamos a
minha so-
48. gra a mas dele pois no outro dia contei para minhas irmãs e para minha mãe
49. logo em seguida liguei para meu pai e contei todos ficaram tristes pelo fato de
eu
50. ainda ter 16 anos e o Joel 17 mas minha mãe aceitou pós ela gosta do Joel
conversou
51. com a mãe do Joel e o Joel começou a fazer o jovem aprendiz depois de um
tempo
52. meu cunhado emanoel marido da minha irmã Joyce arrumou um emprego para
meu mari-
53. do Joel tudo ficou ótimo eu tive nosso filho fiz o baby chá com ajuda da
54. minha mãe, Sogra e tias do Joel deu tudo certo, hoje em dia estamos morando
em
55. uma casa nossa com nossas coisinhas amo minha familia voltamos a ir para
56. igreja eu e o Joel e nosso filho Jean que esta com um ano, Vejo meu pai pós
mora
57. perto esta bem, minha mãe também e minhas irmãs moramos tudo perto ainda
58. somos unidas sim felizes sim pós tudo que viver ficou pra trás, todas nois com
59. familia completa com seus maridos e minha vida hoje em dia esta completa
com
60. meus sobrinhos e meu filho estou conseguindo terminar meus estudos pós
tenho força
61. de vontade para dar e mostrar o melhor ao meu filho e hoje vejo que aquilo que
viver
62. foi tudo ilusão a “Vida Loca” Hoje com 18 anos cabeça sentrada e com
63. maturidade o suficiente para dizer aos adolescentes de hoje que tudo
64. não passa de ilusão apenas.

Mem 21 V 1

1. Nossa como é a vida
2. Um garoto quando tinha
3. treze para quatorze anos, estudava numa
4. escola de marituba, ele era apaixonado por uma
5. mina da sua escola, toda vez que ele a via
6. seu coração acelerava, mas era tímido para
7. falar com ela toda vez que ele criava
8. coragem para falar com ela, ele ficava
9. com medo sua voz na saía da boca
10. como se ela tivesse sumido, até que
11. o passar dos tempos ele conseguiu chegar
12. nela eles começaram a conversar, papo
13. vai papo vem até que surgiu um
14. beijo para ele era o primeiro para ela
15. apenas mais um, até que ele pediu
16. ela em namoro, mas ela era entereceira
17. ela só aceitou porque o pai dele era
18. bom de vida
19. mas mal sabia ele que ela
20. namorava com muitos meninos, até que
21. caiu no ouvido dele que ela ia se
22. encontrar com um garoto atrás da
23. escola mas ele não quis acreditar, mas
24. um colega sabia mas ele quis contar
25. para não estragar a amizade
26. de repente esse Garoto vai atrás
27. da escola e ver sua namorada
28. com, quando ele viu ela com
29. outro bateu um sentimento de raiva e
30. rancor, mas ele apenas passou por eles
31. e disse Oi Imagine como ela ficou

Mem 21 V 2

1. Bom tudo começou em
2. um bairro chamado almir Gabriel
3. que fica localizado em marituba
4. que na época do ocorrido se
5. chamava che-quevara. bom
6. Eu (Giovani) morava com
7. a minha mãe (marli) e meu
8. Ex padrasto (Altevir) e minhas irmãs
9. (Jackeline, Carol e Gabriele)
10. bom a Carol e a Gabriele são
11. filhas legítimas desse meu ex padrasto,
12. em quanto. Eu e a Jackeline
13. somos filhos de outro pai
14. bom a nossa convivência não

15. era muito das boas minha mãe e o
16. alveir brigavam muito comigo
17. e com a Jacke em quanto os outros
18. mas novos ficavam de boa, eles
19. faziam de tudo para Elas compravam
20. docinhos de padaria, danones e etc...
21. tudo que elas pediam para eles, eles davam
22. em quanto eu e a minha irmã ficava
23. de lado.
24. bom minha mãe era cristã
25. da Igreja universal do bairro ela e
26. o meu ex padrasto ela chegou a ser
27. obreira e ser responsável por um
28. Grupo de jovens da Igreja, era legal
29. divertido tinha muitas brincadeiras e
30. ela sempre me levava com ela a Igreja
31. lotava de jovens
32. até que um dia ela conheceu um
33. rapaz que começou a participar
34. do Grupo de jovens, chamado (Fabio)
35. Esse rapaz se tornou o amante
36. dela o cara que destruiu o casamento
37. dela
38. Nessa época eu tinha uns
39. onze anos de idade, Ela mandava
40. cartas para Ele, e ela fazia eu levar
41. para ela mas eu não sabia oque se
42. referia o bilhete, até que um dia
43. resolve lê, a carta dizia que
44. ela o amava muto etc...
45. eu falei para Jacke. Jacke eu acho que
46. a mamãe ta traindo o tevir (padrasto)
47. ela não ficou muito surpresa parecia
48. até que já sabia
49. Pois é passaram alguns dias
50. o tevir descobriu o caso da minha mãe
51. com o Fabio só não sei como ele
52. descobriu, eles discutiram muito. eles
53. se separaram, ela foi morar com esse
54. Fabio para o tenone, com isso meu
55. ex padrasto mandou eu e a minha
56. Irmã morar coma minha mãe porque
57. ele Falou que não ia criar filho de
58. ninguém.
59. Esse novo relacionamento da minha
60. mãe durou muito. cinco anos eu
61. acho.
62. Depois dessa separação da minha mãe
63. com o Fabio, ela passou a criar eu e a
64. Jacke sozinha. bom nessa época

65. eu já tava trabalhando com 16 ano
66. de Idade comecei a trabalhar de melaturgi
67. com (soldador de aço inox) passei a a ajudar
68. minha mãe com as despesas, de casa,
69. nos morava de aluguel as despesas eram
70. grande.
71. Nessa época conheci meus “amigos”
72. que não faziam coisas boas, tipo eles
73. usavam drogas, roubavam ia para
74. festas, foi quando comecei a fumar
75. cigarro, me colocaram até um apelido
76. de (Fumaça) por que eu fumava
77. muito cigarro
78. Até que um desses amigos
79. chamada (Jhon leno) saiu para roubar
80. no CJ maguari ele roubou alguns
81. celulares, ele foi ate
82. minha casa me oferecer alguns celulares
83. eu morava no cordolina, eu não quis
84. ai ele resolvel bater fotos com a
85. arma que ele tinha, ele Falou: Fala
86. fumaça bora bater umas selfie para
87. mostrar pros periquitos (meninas na
88. linguagem dele) Eu Falei jaé já a Gente
89. bateu até que meses depois comecei a
90. estudar no Palmira Gabriel e ele já
91. estudava lá e alguns amigos
92. (Wendersom Dandan, rubilight rubens, Farinha
93. Fabio, luquinhas lucas)
94. e o irmão do Fabio
95. bom a gente saiu da escola
96. e fomos a praça da 27 no maguari
97. lá gente ficou até umas 23 horas
98. e fomos embora a gente foi pela
99. ponte da 28 saindo de lá a gente
100. dá de cara com a viatura da
101. rotam, meus amigos Falão : lavei os pelas,
102. quando ele virão a gente
103. aceleraram com tudo: bora
104. encosta ai muleque. Falou
105. o policial, a gente tava numa rua
106. quase sem movimento, a gente se
107. encostou debaixo de uma puxada eles
108. comesavam a nos revistar primeiro
109. foi o dandan depois o farinha em
110. seguida o luquinhas. Eu, rubilight e
111. por ultimo o jhom, o jhon tava
112. fedendo a maconha eles comesaram
113. a bater nele, depois pegaram nossos
114. celulares e começaram a olhar, no

115. celular do Jhon tinha uma foto minha
116. com uma arma na mão, mas não
117. dava para me reconhecer pois eu tava
118. de chapéu na foto, até que o policial
119. perguntou para o Jhon quem era
120. esse da foto: Ele falou que não sabia
121. pois tinham enviado de um grupo do
122. wpp, até que eles aproximaram a imagem
123. e olharam para mim. e Falou o policial
124. tá aqui o Safado eles mostraram a
125. Foto para mim e falaram
126. Agora diz que não é tu esse
127. da foto. Eu pensei caramba agora é
128. sal pra mim. Eles comeram a me
129. dar Socos, chutes e coronhadas eles
130. falaram que ia me matar e tal, eu
131. pensava só na minha mãe e na minha
132. Irmã. e agora o que vai ser da
133. minha mãe quando falarem para ela
134. que eu morri, me lembro que um dos
135. policiais me colocou de joelhos de frente
136. para uma parede, e ele falou agora eu
137. vou te matar moleque colocou a arma
138. dele na minha cabeça e apertou o Gatilho
139. par. barulho da arma, mas não saiu
140. nenhuma munição, ela travou
141. ou estava sem bala não sei o policial falo
142. é moleque agora não é tua hora mas
143. bora ver depois, e me deu uma
144. coronhada na nuca fiquei tonto, depois
145. colocaram Eu o farinha o Jhon e o
146. rubilight na viatura, era escura dentro
147. dela não dava para ver nada e nem
148. aonde estavam levando a gente. Depois
149. chegamos em uma mata na
150. coab no tenone, chegando lá eles abriram
151. a mala cade aquele moleque falou o
152. policial focando uma lanterna, ele me
153. puxou, eles tavam encapuzados. Eu
154. pensei já era pra mim, eles me levaram
155. para frente da viatura e comeram
156. a me bater com socos chutes
157. eles colocaram um saco na minha
158. cabeça tentando me sufocar depois
159. perguntaram cader a arma eu falei
160. que não tinha, então falaram mata
161. logo ele. pegaram uma arma 38
162. o policial falou que ia atirar o outro
163. falou não e melhor a facada quero
164. ver ele pedindo para viver, depois eles

165. falaram não é melhor passar com a
 166. viatura em cima dele me colocaram
 167. de joelhos. Depois na radio deles
 168. falaram sobre uma denuncia pelas
 169. as proximidades eles falaram sobre
 170. moloque aqui é a rotam
 171. quando a gente encontra
 172. tu a gente dá esse susto para vocês
 173. pensarem melhor antes de seguir a
 174. vida errada. agora ve se pensa
 175. antes de bater foto com a arma dos
 176. outros.
 177. soltaram meus amigos
 178. e foram embora
 179. bom depois disso eu e meus
 180. amigos fomos para casa, eu falei para
 181. eles o que tinha acontecido
 182. mesmo assim eles seguiram o
 183. caminho errado
 184. Depois disso eu parei de sair com
 185. eles me afastei.
 186. bom eu soubi que três deles
 187. foram assaltar uma van de icoaraci
 188. dois deles foram presos jhon e rubilight o
 189. outro que era primo deles
 190. foi solto por ser dimenor, no
 191. dia seguinte ele foi roubar na
 192. marambaia e acabou sendo morto
 193. por um policial
 194. hoje eu penso em estudar ser
 195. alguem na vida, hoje eu sou muito
 196. melhor do que eu era antes, se caso eu
 197. continua-se igual a eles hoje eu
 198. poderia tá morto ou preso.
 199. mas hoje eu tenho uma pessoa
 200. maravilhosa na minha vida, minha
 201. esposa(Camila) com ela tou
 202. sendo muito feliz tenho muitos momentos
 203. felizes ao seu lado e com ela vou
 204. vivendo

Mem 21 V 3

1. Tudo começou em um bairro
2. chamado Almir Gabriel, que fica
3. Na época do ocorrido, chama-
4. va Che-Guevara.
5. Eu me chamo Giovani e morava
6. Com a minha mãe que se chama
7. Marli, meu Ex-padrasto, que se

8. Chama Altevir, e minhas irmãs,
9. Jackeline, Carol e Gabriele.
10. A Carol e a Gabriele são
11. filhas legítimas desse meu ex-padrasto,
12. enquanto eu e a Jackeline somos
13. filhos de outro pai.
14. A nossa convivência não era
15. muito boa. Minha mãe e o Altevir
16. brigavam muito comigo e com a
17. Jacke, enquanto as duas mais novas
18. ficavam numa boa. Eles faziam de
19. tudo para elas: compravam docinhos
20. de padaria, danones e etc...
21. tudo que elas pediam para eles eles
22. davam enquanto eu e a minha irmã
23. ficávamos de lado.
24. Eu ficava mal com essa situação
25. eu me sentia triste, por eles darem o que
26. elas pediam, e enquanto Eu so tinha o que
27. eles davam.
28. Minha mãe era cristã, da Igreja
29. Universal do bairro. Ela e o Altevir,
30. minha mãe chegou a ser
31. obreira e ser responsável por um Grupo de Jovens
32. da Igreja. Era legal, divertido, faziam
33. muitas brincadeiras e ela sempre me
34. levava com ela. A Igreja lotava de jovens.
35. Até que, um dia, ela conheceu
36. um rapaz que começou a participar do
37. grupo de jovens, chamado Fábio. Esse
38. rapaz se tornou o amante dela, o cara
39. que destruiu o casamento dela.
40. Nessa época, eu tinha uns 11
41. anos de idade. Ela mandava cartas
42. para ele e fazia eu levar. Mas eu
43. não sabia do que se tratava o bilhete.
44. Até que, um dia, resolvi ler. A carta
45. dizia ela o amava muito, entre outras
46. coisas. Eu falei para Jacke:
47. Eu falei:
48. “Jacke, eu acho que a mamãe tá traindo
49. o Altevir.”
50. Ela não ficou muito surpresa, parecia
51. até que já sabia.
52. Passaram-se alguns dias e o Altevir
53. descobriu o caso da minha mãe com o
54. Fábio, só não sei como ele descobriu.
55. Eles discutiram muito e se
56. separaram. Ela foi morar com esse
57. Fábio no Tenoné, com isso o Altevir

58. mandou eu e a minha irmã ir morar
59. com a minha mãe, pois ele falou que
60. não iria criar filho de ninguém.
61. Esse novo relacionamento da minha
62. mãe não durou muito, pois ele a traiu
63. muito, ele tinha ciúmes dela, ele sempre
64. achava que ela tinha outro na rua, até
65. que ela resolveu da um ponto final.
66. Eles se separaram. Depois dessa separação,
67. da minha mãe com o Fábio, ela passou a criar
68. eu e a Jacke sozinha. Nessa época, eu já
69. estava
70. trabalhando, com 16 anos de idade. Comecei
71. a trabalhar de metalúrgico, passei a ajudar
72. minha mãe com as despesas de casa. Nós
73. morávamos de aluguel e as despesas eram grandes.
74. Nessa época, conheci meus “amigos”
75. que não faziam coisas boas. Eles usavam
76. drogas, roubavam, iam para festas. Foi
77. quando comecei a fumar cigarro e me
78. colocaram até um apelido: Fumaça, porque
79. eu fumava muito.
80. Até que um desses amigos
81. chamado Jhon leno, saiu para roubar
82. no tapanã. Ele roubou alguns celulares
83. e foi até a minha casa me oferecer
84. alguns. Eu morava no Sevilha. Eu não
85. quis. Então, ele resolveu bater umas fotos
86. com a arma que ele tinha. Ele Falou: “Fala,
87. Fumaça, bora bater umas Fotos para mostrar
88. pras periquitas” – meninas na linguagem
89. dele. Eu falei: “Jaé já!” A gente bateu.
90. Até que, meses depois, comecei a estudar
91. no Palmira Gabriel e ele já estudava
92. lá, assim como alguns amigos:
93. Dandan, Rubilight, Farinha e luquinhas
94. e o irmão do Farinha Gigodoido.
95. A gente saiu da escola e fomos
96. A praça da 27, no Cj. Maguari.
97. perto de uma Igreja e ali uma arena
98. de futebol. lá, a gente ficou até
99. umas 23 horas. O Jhon leno foi fumar
100. maconha com alguns caras que lá
101. já estavam. Depois fomos embora.
102. A gente foi por uma ponte que
103. corta o Sevilha e o Cj Maguari.
104. Saindo de lá, a gente dá de
105. cara com a viatura da Rotam.
106. Meus amigos falaram: “lá vem os
107. pelas!” Quando eles viram a gente,

108. aceleraram com tudo: “Bora encostá
109. aí, moleque!” falou o policial.
110. A gente estava numa rua
111. quase sem movimento, A gente se
112. encostou debaixo de uma puxada. Eles
113. começaram a nos revistar. Primeiro
114. foi o Dandan, depois o Farinha, em
115. seguida o Luquinhas, eu, Rubilight e,
116. por último, o Jhon. O Jhon estava
117. fedendo a maconha. Eles começaram
118. a bater nele.
119. Depois, pegaram nossos celulares
120. e começaram a olhar. No celular do
121. Jhon tinha uma foto minha com uma
122. arma na mão, mas não dava para
123. me reconhecer, pois eu tava de chapéu
124. na foto, até que o policial perguntou
125. para o Jhon quem era esse da
126. foto. Ele falou que não sabia
127. pois tinham enviado de um Grupo
128. de wpp, Até que eles aproximaram
129. a imagem e olharam para mim. e
130. o policial falou: “Tá aqui o
131. safado!” Eles mostraram a foto para
132. mim e falaram: “Agora diz que
133. não é tu esse da foto!” Eu pensei:
134. “Caramba, agora é sal pra mim!”
135. Eles começaram a me dar socos,
136. chutes e corronhadas. Eles falaram que
137. iam me matar e tal. Eu pensava
138. só na minha mãe e na minha irmã.
139. “E agora? O que vai ser da minha
140. mãe e da minha irmã quando falarem para elas que
141. eu morri?” Lembro que um dos policiais
142. me colocou de joelhos de frente para
143. uma parede e ele falou: “Agora eu
144. vou te matar, moleque!”. Colocou a
145. arma dele na minha cabeça e apertou
146. o gatilho e pá! barulho da arma,
147. mas não saiu nenhuma munição. Ela
148. travou ou estava descarregada! Não
149. sei! O policial falou: “É moleque, agora
150. não é tua hora, mas bora ver depois!”
151. E me deu uma corronhada na nuca.
152. Fiquei tonto. Depois, me colocaram, eu,
153. o Farinha, o Jhon e o Rubilight na
154. viatura. Era escura dentro dela, não
155. dava pra ver nada e nem a onde
156. estavam levado a gente.
157. Depois, chegamos em uma mata,

158. na Coab, no Tenoné. Chegando lá eles
 159. abriram a mala: “Cadê aquele moleque?”,
 160. falou o policial focando uma lanterna.
 161. Eles me puxaram. Eles estavam encapuzados,
 162. Eu pensei: “Jaera pra mim!” Eles
 163. me levaram para frente da viatura e
 164. começaram a me bater, como socos, chutes.
 165. Eles colocaram um saco na minha cabeça
 166. tentando me sufocar. Depois perguntaram:
 167. “Cadê a arma?” eu falei que não tinha.
 168. Então eles falaram: “Mata logo ele!” Pegaram
 169. uma arma 38 e o policial falou que
 170. ia atirar. O outro falou: “Não! É melhor
 171. a facada! Quero ver ele pedindo para
 172. viver” Depois, eles falaram: “Não! É melhor
 173. passar coma viatura em cima dele!”
 174. Me colocaram de joelhos. Depois, no rádio
 175. deles, falaram sobre uma denuncia pelas
 176. proximidades. Eles falaram: “Sabe, moleque,
 177. aqui é a Rotam! Quando a gente encontra
 178. jovens como tu, a gente dá esse susto para
 179. vocês pensarem melhor antes de seguir a
 180. vida errada. Agora vê se pensa antes
 181. de bater foto com a arma dos outros!”
 182. Soltaram meus amigos e fomos embora.
 183. Depois disso, eu e meus
 184. amigos fomos para casa. Eu falei para
 185. eles o que tinha acontecido.
 186. Mesmo assim, eles seguiram o
 187. caminho errado.
 188. Depois disso, eu parei de sair
 189. com eles e me afastei.
 190. Eu soube pela minha irma
 191. que três deles saíram para assaltar
 192. uma van em Icoaraci. Dois deles foram
 193. presos: Jhon e Rubilight. O outro que
 194. era primo deles foi solto por ser
 195. menor. No dia seguinte, ele foi roubar
 196. na Marambaia e acabou sendo
 197. morto por um policial, fiquei sabendo
 198. por um colega conhecido deles.

Mem 22 V 1

1. Quando eu tinha 13 anos. eu fui viajar pro interior da
2. família, da minha. mãe só que eu conhece um rapaz
3. aí eu achei ele muito lindo só que eu tava ficando com
4. o primo dele. aí um dia a noite o primo. dele chamou
5. ele pra conversa com agente aí o primo dele apresentou

6. ele pra mim ai agente foi conversando. se conhecendo
7. melho no outro. dia o primo dele foi embora ai no
8. mesmo dia eu fui toma banho, no rio eu ea minha
9. prima só que ele tava la ai eu, fui toma banho ai
10. ele entrou também agente fico conversando ele veio
11. por trais de mim e comeso amiabraça.
12. E agete comeso a fica a noite no mesmo. dia, ele
13. mando a minha prima. Fala qui ele queria fala co-
14. m migo ai eu fui fala com, ele ai ta agente ficou
15. umas duas ou três e assim por diante só que um
16. belo dia eu fiquei sabendo, que ele tava ficando com
17. outra menina ai eu fui, fala com ele ai ele, mi falou
18. a sim a carne e fraca eu falei pra ele que eu não.
19. queria mais fica com ele ai com um tempo eu co-
20. mesei a namora um menino só que eu nunca esquece
21. dele nei ele de mim os que eu nunca mais tinha fa-
22. lando com ele ai eu terminei. com esse rapaz e ele
23. também tinha te minado com essa menina ta-
24. mbém só que eu, não sabia, disso um dia a mi-
25. nha tia saiu pro distrito industrial ai eu pede pra
26. ela mi levar ai eu fui com ela na hora de vim
27. em bora ela fico, conversando quando ela resolveu
28. vim em bora agente deu de cara com esse menino
29. meu coração quaser saiu pela boca fiquei feliz
30. de ver ele mais também fiquei triste porque eu
31. persava que ele ainda tava com essa menina ai
32. ele pego o meu número. comessou a liga ai agente fico
33. conversando um bom tempo ai ele faloque não
34. tava mais com essa menina ai eu pergutei pra
35. ele o que ele queria com migo ai ele falo que queria
36. namora com migo e hoje agente ta junto com
37. três meses de namoro e eu tou muito feliz.

Mem 22 V 2

1. meu nome e Elisangela Sibelly eu tenho 15 anos
2. eu gosto muito, de ver novelas mexicanas, gosto
3. muito de brinca com as minhas primas eu
4. moro com a minha, mãe hoje mais antes
5. eu morava com a minha vô a minha in-
6. fância foi muito boa eu brincava muito la
7. na rua da minha vô telma.
8. O meu convivio com os meus pais na
9. minha infância eu não mi lenbro muito
10. do convivio com eles eu acho que eles se
11. separaram porque O meu pai saia muito e
12. deixava a mamãe sozinha, eu acho que foi
13. por riso, porque eu não gosto, muito de com-
14. versa com a mamãe sobre isso, eu morei com
15. a minha vo telma quando eu era pequena, m-
16. ais eu gostei de, morar com ela mais eu gosto

17. mais de morar com a minha mãe Suellen.
18. o meu pai bebia, muito fumava
19. no domingo de manha eu fui pra ingreja qu-
20. ndo e cheguei la deu um tempo e chego a minha
21. colega e falo assim Sibelly tu saber oque aconte-
22. ceu eu falei não falai ai ela, falo Saber o teu
23. pai ele acabo de esfaquear um homem ali no
24. canto da 23 três eu falei sério nesse momento eu
25. perde o chão porque eu não esperava isso dele
26. porque ele era uma pessoa que não tinha
27. maldade no coração poriso eu mi sente-
28. muito triste eu não lembra que idade, eu tinha
29. nesse dia. Eu não sei porque ele fez isso
30. porque eu não gosto muito de pergunta isso
31. pra ele, e a pessoa que ele fez isso esta um-
32. nto bem grançar adeus ja o meu pai Alex ele
33. foi preso, só que, ele não fico muito tempo
34. la porque a vó telma pago a fiança dele.
35. como eu mi, sinto hoje e relação a isso
36. eu ainda mi sinto um pouco triste mais só
37. isso porque eu não gosto muito de lembra
38. sobre isso.

Mem 22 V 03

1. Meu nome e Elisangela Sibelly. Eu tenho 15 anos
2. Eu gosto muito de ver novelas mexicanas. gosto
3. muito de brincar com as minhas amigas Eu
4. morar coma a minha madrinha nelma hoje mas
5. antes eu morava com a minha tia lessadra
6. A minha infância foi muito boa Eu brincava
7. muito lá na rua da minha tia lessadra.
8. O meu conviveo com Os meus pais na minha
9. infância eu não mi lembro muito do conviveo
10. com eles. Eu acho que eles se separaram porque
11. o meu tio saia muito e deixava minha tia
12. sozinha. Eu acho que foi por isso porque Eu não
13. gosto, muito de conversar com a minha tia sobre
14. isso. Eu morei com a minha tia lessadra quando
15. eu era pequena, mas Eu gostei de morar com
16. ela, mas eu gosto mais de morar com a minha
17. madrinha nelma.
18. O meu tio gelson saia muito, fumava.
19. No domingo de manhã, eu fou para ingreja.
20. Quando a minha prima falou assim Sibelly,
21. tu sabes o que aconteceu? Eu falei “não Falei”
22. E ela falou... saber o teu tio? Ele acabou de esfa-
23. quear uma mulher ali no canto da 25! cinco
24. Eu falei: Sério ?! “Nesse momento, eu perdi o chão,

25. porque eu não esperava isso dele.
26. porque Ele era uma pessoa que não tinha
27. maldade no coração. por isso, eu me sente
28. muito triste. Eu não lembro que idade, eu
29. tinha nesse dia. Eu não sei porque ele fez isso.
30. Eu não gosto muito de perguntar isso a ele. A
31. pessoa com quem ele fez isso está muito
32. Bem agora grançar adeus. já o meu tio gelson.
33. foi preso, so que, ele não ficou muito tempo
34. lá porque a minha tia pagou a fiança dele.
35. com eu me sinto hoje em relação a isso?
36. Eu ainda me sinto um pouco triste mas so
37. isso! Porque eu não gosto muito de lembrar
38. disso.

Mem 24 V 03

1. _Era uma ves, ‘um menino chamado Wallace
2. Wander Pereira Nascimento.
3. Wallace era um menino muito agitado com extin-
4. to de atleta. Um menino sonhador. Quando era
5. pequeno pensava em ser super herois e agora quer
6. ser Engenheiro uma profiçãõ boa e que ele gosta
7. muito.
8. Hoje aos 16 anos Wallace não quer só ser engenheiro
9. quer ser militar como seu pai Marcio Wander
10. Braga Nascimento es militar do exercito.
11. Wallace quer trabalhar pra ajudar sua mãe que
12. agora e uma dona de casa. Wana Glaucia Meguy
13. Pereira uma mulher trabalhadora e umilde
14. agora uma dona de casa, mas tambem ja foi
15. colaboradora escolar da Escola União Centro Edu-
16. cacional.
17. O sonho do garoto Wallace e estudar Engenharia
18. civil, Mas o menino sonhador passar por muito
19. dificuldade no dia a dia.
20. Hoje em dia ele trabalha: Entregando refeição,
21. e com toda dificuldade ele compra compra suas
22. coisas, mas ele leva a vida como um aprendizado
23. da vida. E uma frase que ele sempre dizia “Um
24. dia eu compro minha moto”. Fim

Mem 23 V 1

“Nay Conta Sua História”

Olá, meu nome é Nayara Caroline tenho 16 anos, nasci em Bragança-PA e vai ser por ai que minha história vai começar. Começou com minha mãe Cristiane de Sou-

as na época ela tinha 19 anos, estava grávida de mim sua primeira filha, ela começou a sentir forte dores pensou que era vontade de ir ao banheiro e minha avó Conceição sempre alertando que era dor de parto, pós minha mãe teimosa foi ao banheiro minha avó ao lado dela, quando minha mãe sentou ao sanitário eu fui descendo pelo vaso e rapidamente minha avó colocou a mão e minha mãe saiu com a perna aberta e minha avó me segurou, logo depois e recolhi para dentro de minha mãe, minha avó desjispera chamou uma enfermeira que morava lá perto da casa de minha mãe, então a enfermeira falou pra minha avó não se preocupar que ainda não estava na hora, minha avó aos gritos e chingando a enfermeira, falou que se a neta dela morresse minha avó mataria ela, rapidamente a enfermeira levou minha mãe ao hospital Santo Antonio, foi lá que eu nasci no dia 04/08/2001 às 15 horas. Desde que eu nasci morei com minha avó, já com meus 8 anos eu estudava na escola José Falvão, conheci um menino se chamava Elian tinha 10 anos, ele me mandou uma cartinha com um coração dentro dizia: _Nayara gosto muito de você, você quer namorar comigo?

Fiquei muito feliz pós eu também gostava dele, quando eu cheguei em casa tentei fazer uma cartinha missão meio complicada, pois eu não acertava fazer um coração com asas, foi aí que assinei minha sentença de surra, porque mandei meu avó fazer o coração com asas pra mim, minha avó viu e perguntou pra que era eu respondi que era pra um namorado da escola, nesse dia minha avó me deu umas chinetadas, me deixou toda marcada, quando ela viu prometeu pra mim que nunca mais ia me bater.

Já com meus 9 anos fui morar com minha mãe meu irmão caçula Nadson e meu pai, agente morava em Belém-PA, comecei a estudar no Maria Heloiza, conheci muitos amigos novos, conheci também um menino chamado Vitor ele era loiro dos olhos verde, logo achei ele muito Bonito ele me pediu em namoro, um dia indo juntos pra casa no meio do caminho ele roubou um beijo meu, foi aí que dei meu primeiro beijo, mas coisa de criança, até porque quem nunca fez isso não é mesmo?

Com meus 10 anos nos mudamos do Tapanã para o Parque Guajará mas conhecido como Tocantins, comecei a estudar no XV de novembro, fiz meus 11 anos e continuei estudando lá,

nessa escola também conheci muito novos amigos, comecei a namora com um menino da minha turma o Deivid, todo mundo sabia que agente namorava, na escola tinha um menino que gostava de mim, um dia muito sangado por ele gosta de mim e eu não, gravou um video meu com meu namorado e mostrou pro meu pai, meu pai conversou com minha mãe e me tiraram da escola. Com meus 15 anos nós mudamos para a outra rua de casa, eu já estudava no Almirante tamandaré eu sempre me esforcei nos estudos, la aprendi muito, tinha muitas amigas e inimigas, lembro como se fosse hoje no dia de prova de Francês fui entregar minha prova e uma menina que não gostava de mim foi inventar que eu tava colando que não era nada disso, logo em seguida começamos a discuti foi ai que perdi a cabeça e bati muito nela, levaram agente pra diretoria e nos ultimos dias de aula fomos espulsas. Antes do natal em setembro conheci o meu vizinho por uma colega minha ela gostava dele eu sempre ajudei ela a tentar conquistar ele esse meu vizinho Marlon, ele sempre demostrou carinho por ela mais sempre inventava uma desculpa para não ficar com ela, depois de uns dias nos tornamos bons amigos, em seguida ele me adicionou no facebook começamos a conversa muito nesse tempo, ele me chamou pra tomar um sorvete, quando fui pedir para minha mãe e meu pai eles mandaram chamar o Marlon minha mãe disse a ele:

_Com qual intensão ele queria me levar a sorveteria:

Então ele respondeu muito nervo:

_Tomar um sorvete Dona Cris

Então minha mãe dando muita rizada liberou agente pra ir na sorveteria, la rolou o primeiro beijo, tivemos uma longa conversa foi ai que soube que ele sempre gostou de mim e minha amiga tentava nos separa pra deixar o caminho livre pra ela, depois de uns dias tava tendo uma festa perto de casa pedi para minha mãe para ir com ele, ela sem deixar eu terminar de falar negou na hora, quando chegou uns dias ou seja no dia da festa falei pra minha

mãe que ia numa festa de 15 anos de uma colega ela deixou eu ir, cortei caminho e fui para festa com o Marlon nesse dia comecei a namora com ele, com o tempo fomos morar juntos até porque sempre teve uma cabeça mais madura.

Quanto fomos mora juntos, no começo minha mãe não aceitava por eu ser nova, conforme o tempo ela acabou vendo que praticamente eu era uma mulher. Eu e o Marlon fomos mora na casa do pai dele que nesse tempo morava só ele e a irmã dele Elayne, morava só nos três nossa relação ficou mais séria, já com 8 meses juntos o pai dele Marinaldo e a mãe dele Neuza foram mora com agente pois, venderam o sitio que moravam pra compra uma casa pra dar uma pro irmão do Marlon o Marcelo e pra nós, com o tempo, me desentendi com meu sogro, fomos mora com a minha mãe enquanto esperavamos ou esperamos até ir mora la na nossa casa por enquanto ainda estamos aqui na casa da minha mãe falta pouco pra irmos embora, já comprei minhas coisas, espero ansiosa para mora sozinha com meu marido, ele me pediu em casamento estamos noivando para em breve nos casa e ser completamente felizes.

Meu nome é Nay e essa é minha história!

Moral: “Quando é pra acontecer, não tem Idade, tempo, lugar nem ninguém só Deus Para impedir mesmo”.

Mem 24 V 1

1. Meu nome é Wallace, tenho 16 anos.
2. Eu sou aquelas pessoas que não tem paciência
3. eu costumo questiona por tudo até com os meus
4. pais. As partes marcantes são as vezes que o
5. meu pai me coloca de castigo sem sair pra rua,
6. ai sim, eu me lembro de fazer as tarefas de casa,
7. mas o meu pai é uma boa pessoa só é o
8. trabalho dele me corrigi, para forma o meu caratér
9. eu não tenho metás, mas sou pensador.
10. Eu não bom de caucúlo, mas gosto muito de
11. “Engeniaria, pisicologia, da que a 2 anos eu vou
12. servi ao exercito Brasileiro eu quero servi a uma
13. dessas areas” e sou muito fanatico por futebol.
14. Eu acho que eu sou um artista eu costumo

15. criar muito, e vivo desenhando eu acho que
16. eu me daria bem na arquitetura, em fim!
17. Logo quero me torna um homem bem sucedido
18. no meu trabalho e na minha casa. A, o que eu
19. quero uma moto que é meu sonho.

20. FIM!

Mem 25 V 1

1. Bom, vou conta uma historia sorprendente e assim aconteceu
2. De um nerdinho que não mexia com ninguém. garoto isolado, menino
3. desprezado, enquanto todos brincavam ele era desprezado e humilhado
4. seus pais não ligavam por ele esta isolado. Os pais dele falavam:
5. É Frescura! frescura pra quem vê. Ninguém sabe o que
6. ele sente! É facil rir da dor dos outros quando ela não doi na
7. gente, tinha 11 anos não sabia lidar com isso, então aceitava
8. calado entrando em depressão. A Situação
9. so piorava, ele so queria ser feliz e viver de outra maneira
10. sai fora dos problemas da um basta da tristeza, agora fala oque
11. e facil, dificil era na hora no fundo do poço ninguém do seu lado
12. tentando sai da tortura e do disgosto, Eu um dia cansei e falei:
13. Sabe aquele menino que você julgou no passado, que você sempre fazia
14. Piada, não deixava ele de lado você não lembra de nada é nor-
15. mal não ter lembrado, mais ele carrega a marca ta sempre
16. do seu braço, ele nunca queria atenção por IBOPE só queria
17. alguém do seu lado para confortar e ajuda-lo ou você acha que acha
18. que e facil carrega o peso do mundo na costa, sendo chutado?"
19. mais mesmo assim ele amava sua mãe. ele sabia que devia
20. amala sempre, porque nos sabemos que o sol sempre vai esta
21. no céu mais o brilho da mãe tem limite de tempo, porque eu sei
22. se eu for primeiro ela vai sofre mais se for pra viver sem a pre-
23. sença dela eu juro eu preferia morre e o meu pai mesmo sendo durão
24. me amava, tenho que da valor, porque nem todos tiveram a sorte
25. de ter um pai presente ou pelo menos um pai que fale (Filho vai escova
26. o dente) e um grande homem, homen trabalhado homem sujo de massa, alguns
27. chamão de pedreiro. Meu pai é quem constroi a minha casa! Bom esses
28. foi uns fatos que aconteceu comigo! Obrigado pela oportunidade!
29. Desculpe pela letra, estava com pressa!

Mem 25 V 2

1. Bom, era mais uma vez uma tarde de sol quente eu estava
2. na escola um dia difícil como os outros escutando piadinhas, levand-
3. do tapinhas chatos e ninguém liga para o que acontecia comigo na sala
4. mais acho que a professora Marcia ligava, mais ela quase não percebia
5. então nem conta, saindo da escola eu percebia como eu era besta, podia
6. muito bem conta pra professora né! Mais acho que iria piora então
7. melhor não, chegando em casa meu pai já tinha saido pro trabalho
8. minha mãe muito cansada por fica trabalhando o dia todo quase nem
9. conversa muito comigo eu tiro a roupa da escola e vou toma um banho
10. e enquanto fico tomando banho eu penso no que estou fazendo, no que está
11. acontecendo e no que eu devia fazer de verdade. Nisso percebo que já são

12. 19:30 da noite saio rapidamente do banheiro e vou me vestir, decido dormi
13. cedo para quando for de tarde 13:20 eu saio para escola 15 de Novembro
14. acordo umas 8 horas da manhã levando e vou toma café fico estudando tam-
15. bém até da hora, rapidamente começa a chover e já estava quase na hora
16. da aula,falo com a mamãe Roselea sobre si da para eu ir para escola
17. na hora passa a chuva, ela olha e diz vai logo si não vai fica preso
18. em algum lugar eu saio rapidamente e dou um tchau a ela, chegando
19. na Escola os molekes da quarta série começam a me zoar, entro na
20. sala e fico sentado no canto não tinha amigos naquela escola, podia me
21. chama antisocial acho que era isso que eu era antes mesmo, passava
22. um tempo na sala os meninos do fundão começavam a me zoar e joga
23. bolinha de papel, levava tapinhas e não falava nada, era bem
24. difícil nessa época mais sempre sofri calado e sozinho nessa época nem
25. com meus pais podia contar! Mais segui em frente não deixando nada
26. me atrapalhar de forma alguma e continuarei assim.

Mem 25 V 03

1. Um aluno rejeitado e sua vida parada
2. Bom meu nome e Lucas moro em no tenoné e estudo no
3. CENE e lá que essa historia começa. Des que eu entrei nessa escola
4. o pessoal implica comigo ixi isso e muito chato, não largavam do meu
5. pé mais eu não falava com quase ninguém pra dizer bem eu não te-
6. nho amigos, eu era meio que antisocial sabe e por isso os meninos
7. lá mexiam mais ainda comigo. Paulo, Gustavo, Vinicios eram os mais cha-
8. tos viviam falando no meu ouvido, e so merda como “ esse menino e esttra-
9. nho, acho que ele e doido, ele tem uma cara de chorão, cuidado pra não fazer
10. ele chora” e começavam a rir eu ficava so calado na minha sem quere
11. fazer nada porque se eu fizesse algo ai sim que ele iriam encher
12. o saco mesmo mais tirando isso a escola até que era legalzinha
13. mais os alunos falavam muito eu falava “cara esses mulekes falam demais
14. faltava eu pega esse costume ce loko” e também a aula era entediante
15. chata demais mesmo voltando para casa era a mesma coisa de sem-
16. pre meus pais Carlos e Monique, sempre muito cansados então não
17. falavam muito so o necessario mesmo minha mãe pergunta “e ai
18. como foi a escola hoje?” eu respondia que tinha sido legal mais na verdade
19. tinha sido uma merda meu pai quase não falava comigo mais até
20. que a gente si dava bem sabe não era uma verdadeira relação de pai
21. e filho mais nós tentava, mais eu ficava mais no quarto pensando
22. em tudo que era possivel pra me distrair um pouco pois minha vida
23. ta um saco e precisava muda algo pra diferenciar um pouco as rotinas
24. pois ouvir besteiras na escola não ter amigos e não ter muito intimida-
25. de com a propria familia já tava ficando meio estranho para mim
26. então eu tinha que muda muitas coisas começando por mim, mais isso
27. vai demora um pouco ou muito mais acho que consigo vou tentar si não
28. de certo tentarei denovo.

Mem 26 V 1

1. A minha experiencia que eu tive as dois anos atras
2. que eu fui fazer uma sociação comuni
3. dade. na praça do Valdemar Henrique que para
4. ajuda os moradores de rua. Isso foi uma facha
5. de dez horas da noite que quando mi deparei
6. com varias situação de morador aquilo me
7. veio uma tristesa tão grande. Que eu não
8. aguentei comecei a chora quando eu vir
9. aquela pessoas na situação que ela ser
10. encontrava. Mas em fim agente ajudou eles
11. dando comida roupas, sapato, nunca vim na minha
12. vida aqueles morador de rua tão feliz, eu me
13. sentir um privilegiado pode ajuda aquele morador
14. hoje eu sei enquanto e bom ajuda as pessoas
15. a pesa de dois anos ter passado eu me lembro
16. como fosse hoje, e eu vou levar isso
17. por resto da minha vida, como ser fosse
18. um filme. Que marcou aminha vida
19. nunca vou mi esquecer desse dia.
20. e vou pode conta essa experiencia pra
21. tanta pessoas até familiar e tambem
22. meu filhos. como e bom. Ajuda o proximo
23. Fim

Mem 28 V03

1. Meu relato é sobre meu irmão nome Edson Dhiego Matos
2. Nasceu em Santa Izabel do Para em 6 de Agosto de 1992.
3. creceu no lugar humilde mas cheio de carinho de amor por sua-
4. Familia era uma pessoa super bondosa carinhoso com os outros.
5. Estudou, se formou, E quando estava com seus 23 anos veio
6. Pra Belém deixando sua cidade natal. Veio morar comigo e
7. A minha mãe, ele morava com a minha avó e meus tios que ficaram
8. Muito triste com sua decisão mudou tudo em sua vida
9. conseguiu um emprego na prestadoura de serviço net de vendedor.
10. Durante três anos. Neste periodo de trabalho conheceu amigos, lugares
11. Ele fazia muitas vendas, foi nomeado. Pegou outro cargo de
12. Estalador estalava aparelho em vários bairro de Belém ele se-
13. Dedicava muito em que fazia cada venda e estalação era-
14. Gloria para ele e para empresa ele era quem mais se destaca-
15. va, ganhou premios de melhor do ano. Mas a sua vida foi inte-
16. rronpida por uma tragédia mas o começo não sabíamos o
17. porque que motivou essa tragédia eu estava em casa eu-
18. E meu irmão, aconteceu no periodo da manha e a tarde ele
19. Recebeu uma mensagem e saiu e eu perguntei aonde ele ia-
20. Ele disse, que ia se encontrar com uma mulher mais não
21. Disse quem era e não me disse pra onde ele iria ai ele-

22. Me deu um beijo na testa e foi embora perguntei se ele ia-
23. Demorar ele disse não mana volto logo depois disso foi embora-
24. Ele sumiu de 6 de outubro do ano passado ele ficou desapare-
25. Cido por 2 dias Todos nós da família procuramos ele em todos-
26. Os lugares, porque ele nunca foi de sumir sempre avisava-
27. Quando ia dormir fora mais dessa vez ele não teve como-
28. Avisar porque ele já havia morrido por conta de uma mulher-
29. Que era a de traficante mais ele nunca soube quando se-
30. Meteu com ela, ele estava andando pra ir se encontrar com-
31. Ela e uns homens pegaram ele e torturaram até a morte, mas ele-
32. Nunca se meteu com coisas erradas isso todos da nossa família
33. Sabem ele tinha muito caráter, então fomos achar o corpo dele.
34. No IML ele foi encontrado no Sábado dia 9 de outo-
35. bro de 2017, mais todos que fizeram isso com ele estão
36. Presos meu tio e da rotam Todos pagaram. então essa-
37. Foi a história mais marcante de toda minha vida-
38. Perder meu irmão do jeito trágico e triste que foi Eramos-
39. Muito próximos isso me afetou demais por isso quis contar-
40. Essa parte da Minha vida.

Mem 30 V 1

1. Aos meus 12 anos de idade, ganhei um cachorrinho
2. Da minha madrinha. Coloquei o nome dele de peludinho,
3. Ele era todo preto e os pelos todo enrolado. Todo dia
4. Eu colocava a ração dele na hora do almoço e todas
5. Eu saía e brincava com ele na rua. Eu dava banho
6. Tirava todo o sujo dele.
7. Um certo dia, eu sair, fui à casa da minha tia.
8. Quando cheguei a casa, tinha iuns amigos meus lá e
9. Começamos a conversar, colocar os papos em dias. Então,
10. Minha tia chegou e disse: “Roberta, tenho uma notícia
11. Para lhe falar”. Eu falei: “É coisa boa ou ruim?” minha tia,
12. Falou que era ruim. Fiquei desesperada.
13. Perguntei logo: “O que aconteceu?” Ela falou: “O seu
14. Cachorro morreu” Eu fiquei em estado de choque.
15. Chorei, chorei e disse: “Acabou meu dia. Meus amigos
16. Falaram: “Não fique assim! Agora seu cachorro
17. Está em um bom lugar. “Fiquei calada. Depois falei:
18. “Nunca mais quero ter cachorro.
19. Meu cachorro era bom, calmo e não fazia mal
20. A ninguém. Ele não merecia morrer atropelado
21. Ainda mais por um carro! “Estou muito triste
22. Mas é assim vida que segue é só uma fase
23. Depois passa!...

APÉNDICE

Apêndice 1 - Bilhetes textual-interativos entregue aos alunos após a leitura da Versão 1, a fim de orientá-los na organização do enredo na produção da Versão 2

Mem 01

Situação inicial

Comece contando como era seu convívio na infância com os pais morando juntos. Fale um pouco dos pais e dos irmãos já nascidos naquela época.

Complicação

Conte como foi a separação, por que se separaram, como sua mãe descobriu.

Fale um pouco da pessoa que estava com seu pai e que foi a causa da separação. Mostre a primeira impressão que teve dela e, depois, a impressão que tem hoje, após morar com ela.

Mostre por que voltou a morar com sua mãe.

Clímax

Crie expectativa no leitor, mostrando a realidade das suas amigas e do bairro. Conte algumas situações que as envolvam (namorar com traficantes, ser presa, ser morta, fugir etc.) e faça o leitor pensar que você vai se envolver em uma dessas situações.

Desfecho

No final, mostre que não se envolveu devido a tudo que aprendeu com a madrasta.

Mem 04

Situação inicial

Nasceu em Diadema, São Paulo, mas veio para Belém, aos três anos de idade, porque a mãe e o pai se separaram. O pai ficou em São Paulo, em uma clínica de recuperação para usuários de drogas. A mãe foi embora para a França.

Complicação

A mãe foi para a França e depois foi para outros países, casou com um homem que era “grande” lá. Ela aprendeu vários idiomas, mas se separou e voltou para Belém.

Quando a mãe voltou, o levou para São Paulo, para procurar o pai.

Chegando lá, foram morar juntos. Mas o pai voltou a usar drogas. Contar como foi que você se sentiu, q que via, o que sentia etc.

Clímax

Conte uma das situações em que o pai fez algo sério porque estava sob efeito de álcool.

Conte de uma forma que cause interesse e tensão no leitor. Não esqueça de que você deve contar como você se sentia vendo aquilo.

Mostre como tudo terminou depois desse fato mostre o que o levou a parar e como vocês vivem hoje

Mem 05

Situação inicial

Inicie se apresentando, fale dos pais e dos irmãos

Conte por que os pais se separaram

Conte que a mãe casou novamente e que o convívio não era bom, explique por que fale do padrasto, do irmão, da ida da mãe para o Marajó.

Conte que ela a deixou com a tia porque essa prometeu lhe dar uma vida de princesa.

Mostre como foi que tudo ficou depois da ida da mãe. Fale também da tia

Mostre o que ela dizia, como lhe tratava, o que você tinha que fazer e como você se sentia.

Conte sobre as ligações de sua mãe

Conte que foi crescendo, foi mudando e começando a enfrentá-la

Fale da ida do seu irmão embora

*Prepare o leitor para o ponto alto da sua narrativa que ocorrerá a seguir

Clímax

Conte o acontecimento da discussão e agressão no dia do círio.

Por que aconteceu, a postura do seu irmão e das pessoas que estavam presentes.

Conte como foi a fuga, quem ajudou e o que ela disse sobre ter fugido com o traficante

*A partir daqui, você encaminhará seu texto para o final da narrativa dessa parte da sua história

Desfecho

Mostre que ela contou uma mentira a sua mãe sobre a fuga

Conte que, por isso, sua mãe voltou e ficou sabendo de toda a verdade, quando os vizinhos contaram tudo.

Mem 06

Situação inicial

Conte por que não morava com sua mãe, que moravam na Terra Firme e por que vieram para o Tenoné

Complicação

Conte como foi a criação pela tia

Conte como foi sua história com o pai do seu filho

Clímax

Conte como foi descobrir que estava grávida e a falta de aceitação da família dele

Desfecho

Conte como é hoje a relação do pai com o filho e do seu filho com a avó

*Se quiser, conte da relação que mantém com o pai do seu filho e por que ele não se separa da pessoa com quem está.

Mem 07

Situação inicial

Mostre que é você, como era seu convívio com a sua avó

Conte por que foi morar com a sua avó

Complicação

Conte como tua avó cuidava de ti

Como foi descobrir que ela estava doente, o que ela fez, como te sentiste

Conte sobre a morte dela, sobre o pedido dela ao seu avô de não entregar você e o que ele fez no velório dela

Mostre o comportamento da sua mãe em relação aos filhos, a bebida e as festas

Clímax

Conte sobre o dia em que ela chegou bêbada e o que lhe disse sobre ela e sua avó não gostarem de você

Mostre o que sentiu e que isso lhe levou a ir para festas e beber

Desfecho

Finalize mostrando como está sua relação hoje com ela

Mem 09

Situação inicial

Contar que nasceu em Abaetetuba e como era composta sua família.

Contar que não veio para Belém com a família. Veio por causa de uma namorada

Complicação

Contar que veio fugido

Mostrar por que

Clímax

Contar sobre o momento em que o pai dela descobriu e o que ela fazia pra vocês estarem juntos

Desfecho

Contar que o tempo passou e hoje quando se encontraram, duas vezes, sorriram e mostrar o que pensou e sentiu

Mem 10

Situação inicial

Contar que foi criada com a avó e que depois foi para o Suriname morar com a mãe

Explique por que foi para lá e com que idade

Complicação

Contar por que a mãe foi morar lá e falar do padrasto, como era o trabalho deles lá

Fale de como era a vida lá com os dois e dos idiomas que precisou aprender

Mostre como eram as escolas de lá, como eram as pessoas e como elas lhe tratavam

*Prepare o leitor, criando nele curiosidade de saber o que vai acontecer a seguir

Clímax

Conte a situação do preconceito que sofreu por parte da professora

Desfecho

Mostre como isso se resolveu

Mem 11

Situação inicial

Conte sobre como era sua infância, suas brincadeiras, o que costuma fazer, mesmo com baixa visão. Conte como aprendeu a andar de bicicleta

Complicação

Conte que perdeu a visão e como foi que isso aconteceu.

Conte que hoje já está plenamente adaptada, mas que no passado já sofreu preconceito

*Prepare o leitor para o momento que você contará a seguir

Clímax

Conte, em detalhes, como foi o momento em que soube que seus colegas a trataram com preconceito, por acharem que a deficiência visual era transmissível

Mostre quem a defendeu e como se sentiu

Desfecho

Mostre como superou isso e melhorou o convívio com seus colegas de sala

Mem 12

Situação inicial

Contar que os pais viviam juntos e tudo que aconteceu até a terceira gravidez.

*Não contar ainda que a gravidez era de você

Complicação

Contar como era seu convívio com seus pais (mas não diga aqui que eram seus tios ou que não eram pais biológicos. Vamos deixar mais para a frente)

Conte sobre seu convívio com suas primas, especialmente com a Marcela

Conte sobre o que sua avó faz no “quartinho de jogo” e sobre o dia em que ela estava lá com o casal e eles perguntaram por vocês duas sem saber que vocês

estavam lá perto brincando e ouvindo tudo, mas ainda não conte a resposta que ela deu

*A partir daqui, conte de forma que prenda a atenção do leitor e em detalhes

Clímax

Diga o que a sua avó respondeu e mostre como vocês duas reagiram ao ouvir isso.

Mostre a que conclusão chegaram, como se sentiram e o que decidiram fazer

Desfecho

Esclareça com que idade teve certeza, como foi que isso aconteceu, do que soube, quem contou, quais as versões do pai e da mãe.

Mem 13

Situação inicial

Conta que nasceu no Maranhão e porque sua mãe veio para cá aos dois anos
Apresente sua mãe e o que ela faz

Conte como era seu pai e por que sua avó não quis que sua mãe ficasse com ele

Complicação

Conte como era a vida de vocês quando chegaram, que sofreram morando em vários locais até sua mãe conhecer o namorado

Conte que foi para o Maranhão e quando voltou eles moravam numa invasão

Clímax

Conte em detalhe o que aconteceu de ver a criança engatinhando e como ficou

Complicação

Conte como foi quando sua mãe chegou

Conte que ela conheceu o outro

Conte sobre as agressões e o que você ouviu

Clímax

Conte sobre a fuga na madrugada

Desfecho

Conte o que aconteceu depois

Conte sobre a compra da casa, com a ajuda da sua mãe

Mem 15

Situação inicial

Conte como foi quando era pequena com sua mãe e seu padrasto francês

Conte por que eles se separaram e por que vocês se mudaram

Complicação

Conte como foi crescer “na favela”, como você disse

Conte sobre como você começou a sair escondido para a festa

Conte sobre a denúncia do vizinho, sobre a DATA e sobre o que eles ameaçaram

Clímax

Conte sobre alguma “social” que foi e que fez, como era, que horas voltou

Desfecho

Conte sobre sua mãe quase descobrir

Mem 16

Situação inicial

Conte que fazia parte da banda e quem a compunha além de você, que tipo de música tocava e como era o público nos shows, quanto tempo durou a banda e quem costumava ir assistir ao show.

Complicação

Conte que o baterista enviou o áudio pelo facebook e que a resposta foi o convite, mas no momento da empolgação, ninguém leu que tipo de festa seria

Conte que vocês chegaram na e foram se arrumar. Como era muito cedo ainda, não havia ninguém e vocês acharam que seria um show como os outros

No entanto, começou a lotar

Clímax

Empolgados, tocaram muito bem, sem olhar para a plateia de tão entusiasmados

Conte como as pessoas reagiram ao final do show

Descreva a forma de se vestir e a camisa do amigo que se vestia com símbolos ocultistas

Fale dos comentários feitos pela mulher que os convidou para ir à igreja

Desfecho

Conte sobre a saída de vocês e a placa

Mem 17

Situação inicial

Comece descrevendo sua amiga da escola sem dizer sobre o que vai contar

Conte como se davam bem

Fale da ida ao banheiro e da mochila

Complicação

Fale do dia 10 de junho de 2014

Mostre o que sentiu nas férias

Fale da volta as aulas

Clímax

Conte do dia do trabalho

Conte sobre o beijo

Desfecho

Conte o que aconteceu depois em relação a diretora e seus pais e com você e ela

Mem 18

Situação inicial

Contar como foi sua infância e com quem morava

Complicação

Contar sobre a viagem para Primavera

Clímax

Contar sobre a aventura do caju e da mordida do cachorro (mostrar em detalhes)

Desfecho

Contar que cresceu, os pais foram embora e você optou por ficar com os avós

Mem 19

Situação inicial

Contar que tinhas sete anos quando o tio foi pedir o carro do pai emprestado para ir a um show com a família

Complicação

Contar que o pai pegou a moto e foi fazer serviço de mototaxista
 Mostrar quem o pai era e que tipo de serviços fazia (como miliciano)

Clímax

Contar, em detalhes, o que sobre pelo amigo dele, sobre o momento em que ele foi morto

Desfecho

Contar como a família ficou depois disso
 Contar o que aconteceu com quem matou seu pai

Mem 21

Início

Conte que morava em Marituba, com a mãe, o padrasto e a irmã. Não esqueça de dizer os nomes de todos e as idades, sua e da sua irmã.

Complicação

Conte como era o convívio entre vocês
 Conte o que aconteceu para que seu padrasto e sua mãe se separassem
 Conte como e por que ele expulsou você e sua irmã

*Prepare o leitor para o momento mais importante e de maior tensão da sua história

Clímax

Conte como você se envolveu com os amigos que não eram boa influência, mostre o que eles faziam, como se comportavam.

Conte em detalhes, o que sentiu e como foi a abordagem da ROTAM e o que eles fizeram com você (não esqueça de falar da foto no celular)

Desfecho

Conte como sua vida mudou hoje e como estão os seus amigos daquele grupo

Mem 22

Início

Fale um pouco sobre quem você é, que idade tem, com quem mora, como foi sua infância

Complicação

Conte sobre o convívio dos seus pais na infância

Conte como e por que se separaram

Clímax

Conte com quem você foi morar e como foi

Conte sobre o ato do seu pai de esfaquear alguém. Como você soube, como se sentiu, onde estava, com que idade

Desfecho

Conte por que ele fez isso, quem era a pessoa, como ela ficou naquele momento e como o seu pai ficou naquela época

Conte como se sente hoje sobre isso

Apêndice 2 – Bilhetes textual-interativos entregues aos alunos após a audição e o mapeamento dos áudios gravados por eles, a fim de orientá-los na produção da Versão 3. Somente dos alunos que realizaram a gravação dos áudios

Mem 1

Seu texto melhorou bastante! Sua história esta mais detalhada, mas que tal se você organizar os fatos em blocos menores, ao invés de um bloco único?! Construa parágrafos, em que os diferentes momentos da sua história fiquem separados.

Observe que você apresentou sua família e, em seguida, já conta o motivo da separação. Sugiro que você separe os momentos de sua história como se fossem cenas a serem “assistidas” pelo leitor. Isso prenderia a atenção e faria o leitor se interessar mais pela sua história.

Outra coisa: você apresentou os elementos da narrativa que estudamos; só não encontrei o espaço. Não dá para saber onde você morava com seus pais e irmãos; para onde foi morar com seu pai e a madrasta e para onde voltou quando veio morar com a mãe. O que você acha de mostrar essas informações para o leitor?!

Os personagens da sua narrativa foram bem apresentados, mas podemos deixá-los ainda melhores, se você descrever com um pouco mais de detalhes os mais importantes, por exemplo você, sua mãe, seu pai e sua madrasta. Aliás, há um momento em que você se refere a madrasta tratando-a pelo nome e, logo em seguida, se refere a ela como tia, mas não fica claro se essa tia é ela. Seria bom se

você explicasse que a chamava de “tia”, para esclarecer que é dela que você está falando.

Bilhete textual-discursivo Mem 2

Seu texto melhorou bastante! Está mais detalhado, com mais fatos e mais claro.

Que tal se, para melhorar ainda mais, você juntar os fatos em blocos, como se fossem cenas que o leitor “assistiria”. Assim, os parágrafos seriam um pouco maiores do que estão e se agrupariam com fatos relacionados. Observe que, do segundo até o sétimo parágrafo, você está contando sobre o local onde trabalhava. Eles poderiam se agrupar em um só. E você pode fazer isso com outros fatos.

Outra coisa: você construiu falas de personagens, os discursos, mas precisa ter cuidado com a maneira adequada de indicar para o leitor que é o personagem quem está dizendo o que quer dizer. Lembre-se do que estudamos sobre os tipos de discurso.

Percebi que você iniciou muitos parágrafos com a palavra “então”. Para não ficar repetitivo, que tal se você escolhesse outras palavras?!

No momento em que você chega a social, você diz que a Sandrinha estava bebendo vinho. Mas observe que você ainda não tinha se apresentado e dito a ela seu nome nem perguntado o nome dela, isso só aconteceu depois. Sugiro que ao recontar, refira-se a ela por outra expressão, porque o leitor ainda não sabe o nome dela.

Também sugiro que você explique o que é uma social, no momento em que diz “fui para uma social”, porque nem todo mundo sabe o que é. Não esqueça de dizer onde aconteceu a social; o bairro, como era a casa, as pessoas e o que você viu lá.

Assim como melhoraria seu texto mostrar para o leitor o que é uma social, também seria muito interessante mostrar como foi a passagem pelo conselho tutelar. Lembre-se de que o leitor pode não conhecer essas duas situações e você poderia explicar a ele. Dessa maneira, o que você acha de mostrar para o leitor de forma que ele consiga imaginar, em detalhes, esses dois ambientes. Por exemplo: mostre como era fisicamente o ambiente, quem estava lá, como você foi tratado, o que as pessoas que lá estavam faziam, como se sentia estando lá.

Bilhete textual-discursivo Mem 3

Seu texto está mais claro e detalhado. É visível que houve empenho da sua parte em compartilhar fatos de sua vida.

Para melhorar um pouco mais seu texto, sugiro que você descreva melhor sua avó. Você não disse o nome dela, nem características físicas ou como ela se comportava. Também apresente sua mãe, seu pai e os amigos com quem você foi a festa no dia em que tudo aconteceu.

Não ficou claro como você saiu daquele quarto. Onde ficava aquele lugar? Outra coisa: você nunca quis denunciar? Por quê? E de que forma se sente quando se lembra daquele dia? O momento em que você se sente mal é o momento de maior tensão na história, o clímax, que estudamos. Que tal se você construir esse momento criando expectativa no leitor, fazendo-o se interessar ainda mais pela sua história e querer saber o que acontecerá depois.

Bilhete textual-discursivo Mem 4

No áudio, você me contou uma história de vida interessante, que serviria de exemplo para muita gente. No entanto, ao produzir a segunda versão do seu texto, você trouxe apenas um resumo da sua vida para Belém, apenas citando fatos, sem construir os detalhes das cenas.

Mostre como e por que os fatos aconteceram; quem são os personagens; descreva os lugares; o que você sentia naquele momento e o que sente agora ao lembrar.

Lembre-se de criar os vários momentos da sua narrativa conforme o objetivo de cada um deles, de acordo com o que estudamos em sala. Lembre-se de construir um momento de tensão que prenderá a atenção do leitor.

Bilhete textual-discursivo Mem 5

Seu texto melhorou muito nessa segunda versão, está mais detalhado e organizado. É visível seu empenho em caprichar para contar a história da sua vida.

E que tal continuar melhorando na terceira versão? Tenho algumas sugestões que vão tornar seu texto ainda mais interessante.

Quando você conta que sua tia lhe tirar os limos da parede, sugiro que, ao invés de usar “etc”, que indica que havia outros serviços que ela lhe mandava fazer, você cite alguns desses outros serviços, como você contou no áudio, como: limpar a casa inteira, que era enorme; aprender a cozinhar muito cedo, porque ela lhe forçou a isso, entre outras tarefas.

No momento em que você conta sobre a festa do círio e a discussão junto com a agressão, seria interessante você narrar os detalhes mostrando e levando o leitor a imaginar a cena e despertar nele algum tipo de sentimento e também fazê-lo perceber como você se sentiu naquele momento. Durante a gravação do áudio, vi e senti, nas suas lágrimas, um pouco do que você sentiu. Que tal mostrar isso para o leitor?!

Há diversos momentos, ao longo da sua história, em que ocorrem fatos que despertam algum tipo de sentimento em quem está lendo. Seria interessante se você pudesse dizer, claramente, que tipo de sentimento essas memórias trazem para você. Um exemplo disso é quando você afirma que nunca esqueceu de quando sua mãe disse que era melhor você ir embora e você veio sozinha para Belém... o que isso te fez sentir naquele momento? E o que sente hoje em relação a isso? Seria interessante mostrar!

Bilhete textual-discursivo Mem 6

Seu texto está mais detalhado, mais ainda há melhorias que podem ser feitas. Por exemplo: organize os fatos em blocos de ideias, ou seja, construa parágrafos, que devem ser divididos conforme os momentos da história.

Sugiro que o primeiro parágrafo seja o de apresentação dos personagens e do início dos fatos. Depois, você vai construindo os outros conforme a progressão dos fatos.

Conte melhor por que seus pais decidiram sair da Terra Firme, como conheceu o Rogério, como ele é fisicamente, como se comporta, o que chamou sua atenção nele, entre outros detalhes que ajudam a compor o personagem e tornar o texto mais interessante para o leitor.

Crie expectativa no leitor para depois contar que descobriu que estava grávida. Mostre o que pensou e sentiu em relação a isso. Como ele reagiu a esse fato.

Que tal mostrar como se sentiu e o que significou para você o nascimento do Francisco?! Penso que isso aproximaria o leitor da sua história de vida.

É importante que haja no texto um momento de tensão para prender a atenção a narrativa.

Bilhete textual-discursivo Mem 7

Você tem uma história de vida que parece muito interessante, pelos fatos contados. Mas em duas partes; uma em cada versão do seu texto. Que tal se você juntar todos os fatos em um só texto?

Para ficar mais clara sua história para quem for ler, organize os fatos em parágrafos. Cada parágrafo pode agrupar os trechos do texto que contam o mesmo fato. Divida os parágrafos como se eles fossem cenas que o leitor vai imaginar acontecendo, conforme for lendo.

Conte um pouco mais sobre sua avó. Como ela era, como cuidava de você, como era sua relação com ela, entre outras lembranças que você tenha dela. Isso vai construir melhor essa personagem.

Há vários fatos resumidos no primeiro texto. Você não construiu as cenas, só criou resumos. Que tal narrar os fatos de forma que se tornem interessantes para o leitor?

O leitor não conhece os personagens da sua história. Seria interessante você mostrar os personagens, não só pelos nomes, mas também mostrando comportamentos.

No áudio, você me contou de forma detalhada sua relação com sua mãe e com a sua avó. Essa parte da sua história antecede os desentendimentos com seu padrasto. Que tal compartilhar com o leitor a sua história com a sua avó e com a sua mãe? Porque todos os fatos que você conta parecem sempre ter alguma relação com a sua avó, mesmo ela não estando mais aqui.

Bilhete textual-discursivo Mem 9

Sem dúvida, nem uma, seu texto está muito melhor do que a primeira versão. O fato narrado nessa versão é bem mais interessante e capaz de prender mais a atenção do leitor.

No entanto, ainda pode melhorar. Por isso, vou fazer algumas sugestões para a sua reescrita, que tornarão seu texto ainda melhor.

Primeiro, que tal se você apresentar as pessoas da sua família e os outros personagens, mostrando seus nomes e contando um pouquinho de como eles são, como se comportam etc. Isso caracterizaria melhor esses personagens para o leitor que não os conhece.

Por que vocês foram morar em Abaetetuba? Dois filhos dos seu pais morreram. Como isso aconteceu? O que você acha de contar para o leitor, mesmo que de forma resumida?!

Boa descrição psicológica da Ana! Mas como ela era fisicamente? Mostre para o leitor! Leve-o a imaginá-la! Outra coisa: não esqueça de contar que ela passava a noite inteira com você e só voltava para casa de manhã bem cedo, como contou no áudio e que isso acontecia todos os dias.

Você diz que “pegaram ela chegando às cinco da manhã”. Quem e como foi? Seria interessante contar isso. Crie expectativa no leitor, pois esse é um momento de tensão na sua história.

Depois da passagem de tempo, você já a viu duas vezes. O que você acha de contar como foi revê-la depois de tanto tempo?! Onde foi, se vocês estavam acompanhados, o que passou pela sua cabeça, que lembranças esse encontro despertou, se se falaram, o que você sentiu, entre outras coisas.

Você termina seu texto dizendo que nunca se esquece. Conte por que nunca esquece!

Bilhete textual-discursivo Mem 10

Seu texto está mais detalhado. Isso é muito bom! Mas ainda há melhorias que podem ser feitas na versão que você vai reescrever, para deixá-lo mais interessante e organizado.

Primeiro, sugiro que você organize os fatos do seu texto dividindo-os em parágrafos. Você pode observar, para isso, a narração de fatos relacionados, em um determinado local e tempo, para agrupá-los ou de fatos diferentes para separá-los. Pense nos parágrafos como se eles fossem cenas, que giram em torno do fato que será contado naquele parágrafo.

Você não disse quem chegou a casa da sua avó dizendo que seu padrasto havia conseguido trabalho em outro lugar.

Quando você for identificar os personagens pelo nome, sugiro que você não use parênteses. Ao invés disso, use palavras, como faria se estivesse contando oralmente sua história.

Que tal se você substituísse a palavra “cidade” por “país”? Ficaria mais adequado, já que o Suriname é um país.

Que tal construir os personagens com mais detalhes? Mostre quem eles são, o que representam para você, como se comportam, entre outras características que você achar importantes para a história.

Não ficou claro como você conseguiu entender o que a professora dizia gritando para você. Ela falava português? Ou falava o idioma do país e você entendia? Essa informação é importante.

O clímax da sua narrativa é o momento em que você conta o que as meninas faziam com você. No 3entanto, você contou esse fato de forma superficial e resumida demais, o que o fez perder toda a tensão. No áudio, você me contou em detalhes o que elas faziam e como você se sentia. A forma como você me contou despertou em mim alguns sentimentos em relação a atitude das meninas e da professora. Você falou de bullying, de racismo, entre outras coisas. Que tal fazer isso com o leitor? Ficaria muito interessante!

Acho que você pode melhorar o desfecho da sua história, porque terminou de repente. Parece que você parou de contar no meio.

Bilhete textual-discursivo Mem 12

Visivelmente seu texto avançou no que diz respeito ao esclarecimento dos fatos. Isso é um bom sinal e mostra seu empenho em melhorar! No entanto, temos ainda muito trabalho a fazer para melhorar ainda mais em alguns aspectos.

A primeira parte da sua história é narrada em terceira pessoa, ou seja, narrador-observador e, a partir do segundo momento, o narrador passa a ser personagem. Isso é diferente e criou um efeito interessante! Vamos pensar no que mais pode ser feito para melhorar. Ainda na voz do narrador-observador, você criou expectativa no leitor com relação a atitude que a mãe tomaria ao receber a notícia da gravidez da filha Wanda, mas, em seguida, no parágrafo a seguir, você conta que

ela teve o primeiro filho e já conta a história do casal. Ou seja, o leitor fica sem saber o que houve, como a mãe dela reagiu. Seria interessante se você contasse.

No segundo parágrafo, você indica uma passagem de tempo. Que tal se, nesse momento, você iniciasse um outro parágrafo? Nesse mesmo parágrafo, ficaria interessante se você dissesse com que idade o Marcos filho já estava. Isso daria ao leitor uma noção mais precisa da passagem de tempo.

Não ficou claro se o casal esteve junto, se se encontrou antes de ela engravidar. Explique melhor isso.

Já que você já se apresentou, dizendo que a terceira filha era você, não é necessário repetir seu nome. Ao invés de “Eu, Larissa...”, que tal simplesmente dizer “Eu estava tão...”? Penso que ficaria melhor.

Criaria um efeito surpresa maior, se você não dissesse logo que você era essa terceira filha. Deixe para esclarecer isso mais adiante da história.

Observe, também, que, como você contou que você era filha deles, fica parecendo que era com eles que você estava quando diz que todos estavam por perto, seu pai, sua mãe, seus irmãos, sua prima.

O quarto parágrafo ficou muito longo. Que tal se você iniciar um novo parágrafo para contar como foi que tudo aconteceu? Por exemplo, você pode iniciar quando diz “Nesse dia estava acontecendo o casamento de um vizinho nosso...”

Explique o que se jogava, naquele momento, nessa mesa de jogo onde sua avó estava. E seria interessante, para o leitor se imaginar na cena, se você construísse discurso direto na conversa que vocês duas ouviram entre sua avó e o casal.

Mostre o que pensou quando ouviu aquela conversa. A que conclusões você e Marcela chegaram? Conte!

Inicie outro parágrafo quando há nova passagem de tempo, quando você diz “Os anos se passaram, crescemos e quando...”

Organize de forma mais clara a noção de tempo, porque você começa o quarto parágrafo dizendo que era a semana em que você iria completar 15 anos, depois volta aos seus sete anos e, depois, retorna aos 15 anos. Sugiro que, no parágrafo em que vai contar sobre a conversa que ouviram, você explique que aquele fato aconteceu uns anos atrás, quando você ainda era criança, só tinha sete anos.

No momento em que você encontra o pai da Marcela na rua, ficaria mais real a conversa se a fala dele fosse construída em forma de discurso direto. Cabe aqui, também, a sua fala. O que você disse? O que pensou? Como se sentiu?

Bilhete textual-discursivo Mem 13

Sua segunda versão já está bem melhor que a primeira. Uma das razões para isso é o fato de você ter organizado seu texto em parágrafos. Só tenha cuidado, ao organizar os fatos em parágrafos, para não separar em parágrafos diferentes ideias que se completam, por exemplo como você fez ao explicar, em um parágrafo, o motivo de você e sua mãe terem vindo para Belém e, em outro, em esclarecer que a verdade não foi bem essa.

Sugiro que você evite usar a expressão “bom” no início dos períodos do seu texto. Ela dá ao leitor a impressão de que você batendo papo com ele e não contando uma história da sua vida. O que você acha de simplesmente iniciar contando o fato? Penso que ficaria melhor.

Também sugiro que evite o uso da expressão “ai” para dar continuidade a narrativa. Você pode escolher uma outra que seja mais adequada a escrita do que a fala. Também evite “tá”.

Não ficou claro se você viajou com sua Dilce ou se ela foi busca-la para morar com ela quando você chegou ao Maranhão. Seria interessante se você explicasse isso, assim como você também poderia explicar o motivo de não poder se aproximar do seu pai.

Você disse que foi para o Maranhão para estudar, mas depois não disse se estudou e, se sim, onde foi? Como era a cidade? E a escola? Aliás, para que cidade do Maranhão você foi? Você não disse.

O Renan, namorado da sua mãe, entrou na história de maneira tão repentina que isso pode deixar o leitor confuso. Que tal se você explicasse em que momento eles começaram a namorar e como ele era, como se comportava, etc. Lembre-se de que o leitor não o conhece. Construa esse personagem, levando o leitor a conhecê-lo. Você também pode levar o leitor a conhecer um pouco da sua mãe, que é uma personagem importante na história da sua vida. Mostre como você a vê; o que ela representa para você.

Na gravação do áudio, ao me contar que ela se mudou para a invasão para morar com ele, você disse que ela havia brigado com a família dela inteira por causa dele. Penso que seria interessante que isso viesse para o seu texto e que você explicasse por que a família não gostava dele.

Também, no áudio, no momento em que você contou sobre o episódio do fantasma, você fez isso de forma que criou, em mim, expectativa para saber o que aconteceria a seguir. Assim você também fez quando narrou que sua mãe e o seu padrasto brigaram e ele bateu nela durante um dia inteiro e, por causa disso, vocês fugiram de madrugada. Sua história ficaria riquíssima esses fatos fossem narrados de forma mais e detalhada e criassem expectativas também em quem lesse. No áudio, a forma como você conta traz detalhes do que eles diziam durante a discussão; de como você, que era criança ainda, se sentia diante daquilo; do comportamento dos vizinhos; da atitude da sua tia e das consequências disso, quando ela ficou sem nada.

No final da sua história, senti falta de dois sentimentos contrários que você fez questão de mostrar ao longo da gravação do áudio e que não apareceram no texto escrito: tristeza, pelo sofrimento de morar de aluguel em vários lugares, e alegria, por vocês terem realizado o sonho de ter a casa própria. Acho que enriqueceria seu texto compartilhar isso com quem ler sua história.

Bilhete textual-discursivo Mem 14

Sua história é diferente e interessante e ficou mais clara depois que você a reescreveu. Mas você pode melhorá-la ainda mais. Para isso, eu gostaria de fazer algumas sugestões.

Você começa contando sua história sem dizer onde ela aconteceu: em que bairro, que escola, com que idade você e o Eduardo estavam, entre outros detalhes. Lembre-se de que o leitor não sabe!

Em seguida, você diz que ele morava perto da sua casa. Onde era sua casa?

Depois, você conta que ele gostava de redes sociais. Mostre mais sobre ele, por exemplo como ele era fisicamente e que tipo de coisas postava nas redes sociais. Isso tornaria o leitor mais familiarizado com o Eduardo e o levaria a imaginar o seu irmão.

Identifique as pessoas da família de por nomes e descreva com mais detalhes os comportamentos deles. Explique por que motivo o pai priorizava o irmão mais velho.

Que tal se você lembrar da conversa da sua mãe com ele quando ela tentou convencê-lo a não roubar porque não era certo?! Você poderia transcrever essa conversa usando discurso direto. O que você acha?!

Explique por que e como ele ficou marcado para morrer depois que a câmera filmou o rosto dele durante o assalto.

Esclareça, na história, quem foi que contou como foi que tudo aconteceu em relação ao assassinato. Como foi que os detalhes foram conhecidos? Como se sabe que foram os milicianos que o mataram?

Quando você explica as razões de não ter ido ao enterro, cita como um dos motivos o fato de estar com preguiça e, em seguida, você diz que lembra de quando ele ia dormir na sua casa porque havia brigado com o pai. Esses dois momentos estabelecem diferentes importância que ele teria para você. Explique isso de forma mais clara.

Bilhete textual-discursivo Mem 16

Não restam dúvidas de que seu texto está muito melhor que a primeira versão dele. Está mais detalhado e claro.

Para a reescrita dele, sugeri mais algumas formas de melhorá-lo e torná-lo ainda mais interessante para o leitor.

Você acha que conseguiria tornar a caligrafia mais legível?! Isso ajudaria o leitor a acompanhar melhor os fatos que você narra.

Na próxima versão, não esqueça de deixar aquele espaço chamado margem no início de cada parágrafo e iniciar com letra maiúscula. Isso ajuda o leitor a se situar sobre o início de cada parágrafo. Também não esqueça de iniciar com letra maiúscula os nomes próprios (pessoas, cidades, bairros, ruas etc.) e após os pontos.

Ao contar que Luiz foi chamado por uma senhora, você usou o discurso direto para mostrar o que ela disse a ele, mas é necessário usar os recursos estudados para a construção desse tipo de discurso.

O tom humorístico usado em algumas passagens da história ficou muito bom!

No momento da descoberta do tipo de festa em que vocês tocaram, também houve discurso direto.

Bilhete textual-discursivo Mem 17

Seu texto está mais longo e, conseqüentemente mais detalhado. Isso é muito bom! Mas ainda pode ficar melhor! Vamos reescrevê-lo para isso?

Sugiro que, na reescrita, você esclareça por que houve o afastamento de vocês durante alguns meses.

Outra coisa: para tornar mais claro os fatos narrados para o leitor, que tal se você organizá-los em blocos menores? Construa parágrafos menores, considerando os momentos da história, como se cada parágrafo fosse uma cena.

Quando você se questiona se estaria gostando dela, sugiro colocar a frase entre aspas, por se tratar de um pensamento.

Inicie os parágrafos com letra maiúscula e deixando margem, aquele espaço em branco no início. Isso ajuda o leitor a identificar melhor os momentos da sua narrativa.

Ficaria mais interessante o momento em que vocês vão para a sala da diretora se você narrar usando o discurso direto. Tente lembrar o que e como ela disse as coisas. Busque reproduzir os sentimentos daquele momento dos envolvidos.

Bilhete textual-discursivo Mem 18

Você melhorou bastante seu texto. Além de mais extenso, com mais fatos, ele está mais claro. Mas ainda podemos melhorá-lo.

Para isso, podemos começar observando a indicação que você não deu para o leitor sobre o início de cada parágrafo. É importante deixar a margem, aquele espaço em branco no início dos parágrafos, indicando onde você começa um novo momento da história.

Quando você apresentou Lorença e Chico, você disse “maternos”, imagino que tenha esquecido a palavra “avós”.

Para dividir os parágrafos, sugiro que você agrupe as ideias relacionadas a um mesmo momento da narrativa, como se estivesse construindo cenas.

Crie uma tensão maior no momento da mordida do cachorro e na sua chegada carregado. Crie expectativa no leitor. Faça-o ficar curioso para saber o que vai acontecer a seguir. Esse é o momento que estudamos como clímax.

Bilhete textual-discursivo Mem 20

Seu texto está mais extenso e mais detalhado. Isso é muito bom! Indica sua disposição em aprender e escrever melhor!

A fim de melhorar ainda mais a sua história na reescrita, sugiro que você organize os fatos em parágrafos, ou seja, em blocos de ideias que separem os momentos da narrativa.

É importante que você situe o leitor no tempo e no espaço, por exemplo mostrando quando e onde os fatos acontecem, que idade você tinha nos diferentes momentos da narrativa.

Descreva melhor os personagens da sua história. Mostre como eles eram, como se comportavam. Explique como e onde conheceu o Joel e que tipo de “coisas erradas” ele fazia.

Explore mais os momentos de tensão do seu enredo, por exemplo o momento em que você começa a fazer coisas que desagradam sua mãe e quando conhece o Joel. Prenda a atenção do leitor!

Observe que, depois que você conta que conheceu o Joel, os demais personagens não aparecem mais. O que aconteceu com eles?

Bilhete textual-discursivo Mem 21

Seu texto realmente está muito melhor, tanto pela clareza na narração dos fatos, como pela escolha e organização dos momentos da sua história que foram contados.

Buscando melhorar ainda mais, vou fazer algumas sugestões, certo?!

Ao invés de colocar o seu nome e os dos outros personagens da sua história, entre parênteses, que tal se você os apresentar ao leitor?! Por exemplo: “Eu me chamo George e morava com a minha mãe, que se chama Marli...” É apenas uma sugestão de como introduzir a identificação dos personagens, mas você pode fazer isso de outra forma, usando as suas palavras. Também seria importante dizer quando isso aconteceu; que idade você tinha na época.

Outra sugestão: para dar continuidade a sua narrativa, que tal se você retirar a palavra “bom”?! Observe que ela aparece no início de muitos parágrafos, o que a torna repetitiva. Você pode simplesmente contar os fatos sem a expressão “bom” ou pode substituí-la por outros que queira.

Seria interessante se você mostrasse como se sentia em relação ao fato de seu padrasto e sua mãe darem mais atenção aos seus irmãos.

Quando você diz que sua mãe era cristã, você fala do marido dela se referindo a ele como “ex padrasto”, no entanto não tem nem uma referência anterior ao fato de eles terem se separado. Seria bom esclarecer.

No momento em que você conta a sua irmã sobre o relacionamento com o Fábio, seria interessante construir discurso direto, a fim de que o leitor se sinta como se estivesse presente ao longo da conversa.

Quando você for especificar que tipo de metalúrgico você era, não precisa ser de outra cor e você pode substituir os parênteses por vírgulas, ficaria mais adequado para a narrativa.

Quando você conta sobre ele ter oferecido a você a arma para bater fotos, você está usando discurso direto, mas é necessário mostrar ao leitor que você enquanto narrador, deu voz ao personagem. Para isso, lembre-se da construção desse tipo de discurso estudado em sala. Não se esqueça de que a explicação sobre o que significa “periquitas”, na fala do Jhon Leno, é sua voz de narrador. Ela se separa da voz dele por travessão.

Seria interessante você iniciar o parágrafo, em que conta que vocês foram a praça, situando o leitor no tempo, por exemplo: “Numa manhã/numa tarde...”. Nesse mesmo parágrafo você cita uma praça e uma ponte em alamedas específicas, mas só diz o número delas. Não se esqueça de que o leitor pode não conhecer o conjunto Maguari. Seria bom se você esclarecesse para o leitor que essas são alamedas que ficam nesse conjunto e onde exatamente ele fica.

Se você lembrar um pouco da conversa entre vocês e os policiais, tente reproduzi-la em discurso direto. Isso poderia tornar a situação mais tensa e real e prender a atenção do leitor.

Esclareça para o leitor onde fica Icoaraci e como foi que ficou sabendo do envolvimento deles no assalto, quem contou e o que exatamente foi contado.